



Departamento de Sociologia

O futuro a quem pertence?  
Abordagens ao futuro e às mudanças climáticas

Maria Manuela Madureira de Carvalho

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Doutor em Sociologia

Doutor José Luís Casanova, Professor Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Março, 2014



Departamento de Sociologia

**O futuro a quem pertence?  
Abordagens ao futuro e às mudanças climáticas**

**Maria Manuela Madureira de Carvalho**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

**Doutor em Sociologia**

Composição do Júri:

Doutor Pedro Vasconcelos, Professor Auxiliar do ISCTE – Instituto  
Universitário de Lisboa

Doutora Maria Luísa de Carvalho de Albuquerque Schmidt, Investigadora Principal do ICS da  
Universidade de Lisboa

Doutor Rafael Jorge Soares Duarte Marques, Professor Auxiliar do ISEG  
Universidade de Lisboa

Doutora Emília Rodrigues Araújo, Professora Auxiliar do ICS da Universidade do Minho

Doutor Renato Miguel Emídio do Carmo, Investigador Auxiliar do CIES  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Doutor José Luís Sanches Casanova, Professor Auxiliar do ISCTE – Instituto  
Universitário de Lisboa

Março de 2014



## Agradecimentos

Ainda hoje duvido que já tenham passado três anos sobre o início desta investigação. Quando algo na nossa vida corre bem dizemos que nem sentimos o tempo passar. Esta impressão de que o tempo literalmente voou deve-se em parte ao apoio incondicional que recebi do meu orientador José Luís Casanova. Agradeço o tempo que gastou comigo corrigindo desatenções, sugerindo novos caminhos e sobretudo acreditando que esta tese poderia ter futuro.

Agradeço especialmente ao Tiago Carvalho a ajuda na análise multivariada e o comprometimento quase diário com o que ainda estava por fazer.

Recordo-me com frequência das pessoas que amavelmente aceitaram responder ao questionário e dos seus comentários e ainda das expressões de entusiasmo e de motivação de sociólogos cujas obras foram determinantes na escolha deste tema e que provavelmente não conhecerei pessoalmente. Destaco Wendell Bell. Agradeço vivamente a uns e a outros.

Durante este percurso encontrei muitas pessoas que me contagiaram com o seu entusiasmo, humor e curiosidade, em especial os colegas da equipa do antigo departamento de planeamento estratégico e da atual equipa da direção municipal de economia e inovação da Câmara Municipal de Lisboa.

À Maria em representação dos meus melhores amigos, como poderei retribuir as pequenas atenções? E o que do dizer ao Manuel que me acompanhou de alma, razão e coração durante estes anos?

Dedico esta tese ao meu filho Rui, aos seus bisnetos e aos netos desses bisnetos, na expectativa que a sua leitura possa ser inspiradora da construção de futuros alternativos.



## Resumo

Trata-se de uma tese de natureza claramente exploratória que aborda uma problemática ainda recente em termos de investigação sociológica. O objetivo principal desta investigação é observar a relação das pessoas com o futuro através dos seus valores, representações sociais e práticas e de acordo com a sua posição social.

Apesar da convicção que o homem pode controlar a natureza e a sua própria vida, o desenvolvimento da ação racional que rege o futuro coletivo foi mínima durante um longo período de tempo. Instituições e movimentos ecológicos assim como algumas iniciativas em defesa do ambiente e da sustentabilidade têm contribuído para mudar este quadro. No entanto, essas tendências continuam frágeis, sem conexão com a população em geral - afinal, a condição necessária para a sua manutenção. Será então legítimo interrogarmo-nos: as pessoas estão preocupadas e empenham-se em controlar o seu futuro e o futuro coletivo? Que fatores explicam o modo de relacionamento das pessoas com o futuro? Quais as posições sociais e disposições que contribuem para uma orientação mais forte para o futuro? Estas questões foram introduzidas na sociologia por autores como Wendell Bell, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Barbara Adam. Em geral sustentam que a relação que as pessoas estabelecem com o futuro depende de características sociais e reflete-se no seu comportamento e na estrutura social.

Para testar empiricamente estes pressupostos, aplicou-se um questionário a uma amostra representativa da população da cidade de Lisboa. Através desse questionário recolheu-se informação sobre práticas de planeamento, de poupança e de consumo sustentável e sobre as preocupações com o futuro da vida na terra, com as mudanças climáticas e com as futuras gerações.

A apreciação dos resultados do questionário permitiu concluir que existem disposições diferenciadas relativamente ao tempo e ao futuro e que estas dependem diretamente das orientações sociais e da reflexividade e indiretamente da idade e da escolaridade destacando-se esta última como uma variável determinante na valorização do problema das mudanças climáticas.

Palavras-chave: tempo, futuro, orientações sociais, reflexividade, pensamento prospetivo sustentabilidade, mudanças climáticas, orientação para o futuro.

## Abstract

This is an exploratory research. This thesis endorses a recent problematic in terms of sociological research. The main objective of this research is to observe the relationship between people and the future based on their values, social representations and practices, according to their social position.

Despite the spread of the belief that man can control nature and its own life, and the development of rational action, governing collective future was minimal for a long time but ecological movements and institutions, as well as some initiatives in environmental protection and sustainability changed this picture. Nevertheless, these trends remain fragile, lacking connection to the population in general – after all, the condition for its maintenance. Then it is relevant to ask: are people worried and working to control their collective future? Which factors explain different relations with the future among persons? Which social positions and dispositions display a stronger orientation to the future?

These questions were introduced in sociology by authors like Wendell Bell, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens and Barbara Adam. In general, they sustain that the cultural relation people develop with the future is connected with their social characteristics, reflecting on their behavior, and consequently on social structure.

To empirically confirm these assumptions, we applied a survey to a representative sample of Lisbon population. Through this survey we collected data concerning practices of future planning, savings, ecologically guided consumption and also about personal concern on the future of life on earth and climate change, and attitudes towards the next generations.

The assessment of the survey results allowed us to conclude that there are different dispositions concerning time and future issues depending directly from social guidelines and social reflexivity, and indirectly on age and school degree. School degree is also as a key variable in the appreciation of climate change issue.

Key Words: time, future, social guidelines, reflexivity, prospective thinking, sustainability, climate change, future guidelines.



Índice	
Agradecimentos .....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice de figuras e quadros .....	vii
INTRODUÇÃO .....	1
Capítulo I TEMPO E FUTURO .....	5
1. Sustentabilidade, futuro e mudanças climáticas.....	5
1.1 Contextualização.....	9
1.2 Índice Dow Jones de Sustentabilidade. E as Mudanças Climáticas?.....	13
1.3 A perspetiva sociológica.....	16
2. Pensar adiante.....Pensar prospectivamente .....	25
2.1 Sociologia e estudos sobre o Futuro .....	28
2.2 Pontos de contacto entre Sociologia e Estudos sobre o futuro .....	32
3. De que se fala quando se fala de Tempo?.....	35
3.1 Há tempo para uma Sociologia do Tempo?.....	37
4. Do segundo ao milénio. Futuro e Sociologia.....	48
4.1 Biografia do futuro .....	49
4.2 No passado era o futuro .....	51
4.3 O futuro num minuto? Práticas sociológicas contemporâneas.....	57
4.4 Futuro, sociólogos e Sociologia do futuro em Portugal .....	70
5. Estratégia de investigação .....	77
5.1 O Futuro a Quem Pertence? .....	77
5.2 Questões de enquadramento teórico.....	78
5.3 Modelo analítico e hipóteses .....	86
5.4 Método e técnicas .....	95
5.5 Operacionalização de conceitos.....	96
Capítulo II ANÁLISE DE DADOS.....	99

1. Caracterização sociocultural da população inquirida.....	99
1.1 Orientações Sociais.....	107
1.2 Reflexividade.....	116
1.3 Posicionamento político e religioso.....	120
1.4 Orientações sociais e posicionamento político e religioso .....	128
2. Características sociais e representações sociais, valores e práticas relativas ao futuro .....	132
2.1 O tempo .....	132
2.2 O futuro .....	143
2.3 A sustentabilidade e as mudanças climáticas.....	182
2.4 Como será Lisboa daqui a 30 anos? .....	202
3. Orientações sociais, reflexividade e futuro .....	207
3.1 O Tempo .....	207
3.2 O Futuro.....	209
3.3 A Sustentabilidade e as mudanças climáticas .....	215
4. Relações com o tempo e com o futuro - índices .....	223
4.1 Índice de orientação prospetiva .....	253
4.2 Índice de sustentabilidade (gerações futuras).....	257
4.3 Índice de sustentabilidade (preservação do ambiente) .....	259
4.4 Índice de sustentabilidade (mudanças climáticas) .....	260
CONCLUSÃO .....	263
Anexos .....	I

# Índice de figuras e quadros

## Figuras

Figura 1.1 Modelo Analítico.....	87
Figura 1.2 Quadro de operacionalização de conceitos.....	87
Figura 1.3 Quadro de Hipóteses.....	91
Figura 1.4 Quadro de índices e de Indicadores.....	98
Figura 1.5 Modalidades do Indicador de orientação social.....	109
Figura 2.1 Análise de Correspondências Múltiplas.....	136

## Quadros

Quadro 2.1 Caracterização socio-demográfica.....	99
Quadro 2.2 Grupo etário e local de nascimento.....	100
Quadro 2.3 Grupo etário e tipo de freguesia onde nasceu.....	100
Quadro 2.4 Escolaridade.....	101
Quadro 2.5 Sexo e grau de escolaridade.....	103
Quadro 2.6 Grupo etário e grau de escolaridade.....	103
Quadro 2.7 Lugar de nascimento e grau de escolaridade.....	104
Quadro 2.8 Caracterização socio-profissional.....	106
Quadro 2.9 Orientação relativa à desigualdade e orientação da ação.....	108
Quadro 2.10 Orientação relativa à desigualdade e orientação da ação.....	109
Quadro 2.11 Índice de orientação social.....	109
Quadro 2.12 Sexo e orientação social.....	110
Quadro 2.13 Grupo etário e orientação social.....	111
Quadro 2.14 Onde nasceu e orientação social.....	112
Quadro 2.15 Situação familiar e orientação social.....	112
Quadro 2.16 Grau de escolaridade e orientação social.....	113
Quadro 2.17 Condição perante o trabalho e orientação social.....	113
Quadro 2.18 Profissão e orientação social.....	114
Quadro 2.19 Situação na profissão e orientação social.....	115
Quadro 2.20 Categoria socio-profissional e orientação social.....	115
Quadro 2.21 Reflexividade.....	116
Quadro 2.22 Sexo e reflexividade.....	117
Quadro 2.23 Grupo etário e reflexividade.....	117
Quadro 2.24 Grau de escolaridade e reflexividade.....	118
Quadro 2.25 Categoria socio-profissional e reflexividade.....	119
Quadro 2.26 Reflexividade e orientações sociais.....	119
Quadro 2.27 Lugar de nascimento e posicionamento político.....	120
Quadro 2.28 Grau de escolaridade e posicionamento político.....	121
Quadro 2.29 Condição perante o trabalho e posicionamento político.....	121
Quadro 2.30 Profissão principal e posicionamento político.....	122
Quadro 2.31 Situação na profissão e posicionamento político.....	123
Quadro 2.32 Posicionamento político.....	123

Quadro 2.33 Grupo etário e posicionamento político.....	124
Quadro 2.34 Sexo e posicionamento político .....	124
Quadro 2.35 Profissão principal e posicionamento político .....	125
Quadro 2.36 Categoria socio-profissional e posicionamento político .....	126
Quadro 2.37 Posicionamento religioso .....	127
Quadro 2.38 Sexo e posicionamento religioso .....	127
Quadro 2.39 Lugar de nascimento e posicionamento religioso .....	128
Quadro 2.40 Orientação social e posicionamento político .....	129
Quadro 2.41 Posicionamento religioso e orientação social .....	130
Quadro 2.42 Reflexividade e posicionamento político .....	131
Quadro 2.43 Com que frequência toma decisões sobre a sua vida e posicionamento religioso .....	131
Quadro 2.44 Relação com o tempo.....	133
Quadro 2.45 Sexo e relação com o tempo .....	133
Quadro 2.46 Grupo etário e relação com o tempo .....	134
Quadro 2.47 Grau de escolaridade e relação com o tempo .....	134
Quadro 2.48 Modos de relação com o tempo.....	137
Quadro 2.49 Tipologia dos modos de relação com o tempo.....	138
Quadro 2.50 Sexo e modos de relação com o tempo.....	138
Quadro 2.51 Grupo etário e modos de relação com o tempo .....	139
Quadro 2.52 Grau de escolaridade e modos de relação com o tempo .....	139
Quadro 2.53 Categoria socio-profissional e modos de relação com o tempo .....	140
Quadro 2.54 Índice de orientações sociais e tipologia dos modos de relação com o tempo.....	141
Quadro 2.55 Reflexividade e modos de relação com o tempo.....	142
Quadro 2.56 Modos de relação com o tempo e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	142
Quadro 2.57 Gosto pelo planeamento do futuro.....	143
Quadro 2.58 Sexo e gosto pelo planeamento do futuro.....	144
Quadro 2.59 Grupo etário e gosto pelo planeamento do futuro .....	145
Quadro 2.60 Grau de escolaridade e gosto pelo planeamento do futuro .....	146
Quadro 2.61 Categoria socio- profissional e gosto pelo planeamento do futuro .....	147
Quadro 2.62 Posicionamento político e gosto pelo planeamento do futuro .....	148
Quadro 2.63 Posicionamento político e gosto pelo planeamento do futuro .....	148
Quadro 2.64 A quem pertence o futuro? .....	150
Quadro 2.65 Sexo /O futuro está nas mãos de Deus .....	151
Quadro 2.66 Local de nascimento e o futuro está nas mãos de Deus? .....	151
Quadro 2.67 Grau de escolaridade e o futuro está nas mãos de Deus? .....	152
Quadro 2.68 Categoria socio-profissional e futuro está nas mãos de Deus? .....	153
Quadro 2.69 Grau de escolaridade e ofuturo depende de nós? .....	154
Quadro 2.70 Categoria socio-profissional e o futuro depende de todos nós? .....	154
Quadro 2.71 Futuro familiar e coletivo.....	156
Quadro 2.72 Grupo etário e futuro familiar e coletivo .....	156
Quadro 2.73 Grau de escolaridade e futuro familiar e coletivo .....	157
Quadro 2.74 Situação na profissão e preocupação com futuro familiar e coletivo .....	158
Quadro 2.75 Categoria socio-profissional e preocupação com futuro familiar	

e coletivo .....	159
Quadro 2.76 Preocupação com o futuro.....	159
Quadro 2.77 Grupo etário e problemas das próximas gerações .....	160
Quadro 2.78 Grau de escolaridade e problemas das próximas gerações .....	161
Quadro 2.79 Possui algum tipo de poupança? .....	162
Quadro 2.80 Tipos de poupança .....	162
Quadro 2.81 Grupo etário e possui algum tipo de poupança? .....	163
Quadro 2.82 Grau de escolaridade e possui algum tipo de poupança? .....	164
Quadro 2.83 Categoria socio-profissional e possui algum tipo de poupança? .....	164
Quadro 2.84 Grupo etário plano de poupança reforma .....	165
Quadro 2.85 Costuma fazer projetos na sua vida?.....	166
Quadro 2.86 Grupo etário e costuma fazer projetos na sua vida? .....	166
Quadro 2.87 Situação familiar e costuma fazer projetos na sua vida? .....	167
Quadro 2.88 Grau de escolaridade e costuma fazer projetos na sua vida? .....	168
Quadro 2.89 Projetos a longo prazo .....	169
Quadro 2.90 Grau de escolaridade e projetos a longo prazo.....	170
Quadro 2.91 Grau de escolaridade e projetos a médio prazo.....	170
Quadro 2.92 Escolaridade e projetos a curto prazo .....	171
Quadro 2.93 Grupo etário e projetos a curto prazo .....	171
Quadro 2.94 Natureza dos projetos .....	172
Quadro 2.95 Grupo etário e natureza dos projetos .....	173
Quadro 2.96 Situação familiar e natureza dos projetos .....	173
Quadro 2.97 Escolaridade e natureza dos projetos .....	174
Quadro 2.98 Preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra .....	175
Quadro 2.99 Grupo etário e preocupa-se com o futuro da vida na terra? .....	176
Quadro 2.100 Grau de escolaridade e preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? .....	176
Quadro 2.101 Análise de correspondências múltiplas .....	177
Quadro 2.102 O futuro está nas mãos de ...e tipologia de relação com o futuro .....	178
Quadro 2.103 Sexo e representações sobre o futuro .....	179
Quadro 2.104 Grupo etário e representações sobre o futuro.....	179
Quadro 2.105 Grau de escolaridade e representações sobre o futuro.....	179
Quadro 2.106 Categoria socio-profissional e representações sobre o futuro.....	180
Quadro 2.107 Reflexividade e representações sobre o futuro .....	181
Quadro 2.108 Orientações sociais e representações sobre o futuro .....	181
Quadro 2.109 Gerações futuras .....	183
Quadro 2.110 Grupo etário e gerações futuras .....	183
Quadro 2.111 Grau de escolaridade e gerações futuras .....	184
Quadro 2.112 Categoria socio-profissional e gerações futuras .....	184
Quadro 2.113 Futuro da vida na Terra .....	185
Quadro 2.114 Grupo etário e futuro da vida na Terra .....	185
Quadro 2.115 Grau de escolaridade e futuro da vida na Terra .....	186
Quadro 2.116 Grau de escolaridade/receia que os recursos do planeta se esgotem? .....	186
Quadro 2.117 Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa .....	187

Quadro 2.118 Grau de escolaridade e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa .....	188
Quadro 2.119 Disponibilidade para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros .....	189
Quadro 2.120 Grupo etário e estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros? .....	189
Quadro 2.121 Situação familiar e costuma comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros? .....	190
Quadro 2.122 Grau de escolaridade e estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros? .....	190
Quadro 2.123 Participação em movimentos de defesa do quadro de vida. ....	191
Quadro 2.124 Grau de escolaridade /participação em movimentos de defesa do quadro de vida .....	191
Quadro 2.125 Está mais preocupado com:.....	193
Quadro 2.126 Grupo etário e está mais preocupado com? .....	193
Quadro 2.127 O clima em Lisboa está a mudar?.....	194
Quadro 2.128 Grau de escolaridade e causas das mudanças climáticas .....	195
Quadro 2.129 Responsabilidade individual e institucional .....	197
Quadro 2.130 Sexo e grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? .....	198
Quadro 2.131 Grupo etário e grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? .....	199
Quadro 2.132 Grau de escolaridade e grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? .....	199
Quadro 2.133 Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	201
Quadro 2.134 Grupo etário e estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	201
Quadro 2.135 Grau de escolaridade e estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	202
Quadro 2.136 Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	203
Quadro 2.137 Grau de escolaridade e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	203
Quadro 2.138 Categoria socio-profissional e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	204
Quadro 2.139 Índice de orientação social e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	205
Quadro 2.140 Gosta de planear o futuro? e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	205
Quadro 2.141 Costuma fazer projetos na sua vida? e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	206
Quadro 2.142 Gerações Futuras?e como acha que será Lisboa	

daqui a 30 anos? .....	206
Quadro 2.143 Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa.....	207
Quadro 2.144 Índice de orientação social e relação com o tempo .....	208
Quadro 2.145 Índice de orientação social e gosto pelo planeamento .....	209
Quadro 2.146 Índice de orientação social e ofuturo está nas mãos de Deus? .....	210
Quadro 2.147 Índice de orientação social e ofuturo depende de nós? .....	211
Quadro 2.148 Índice de orientação Social e o futuro familiar e coletivo .....	211
Quadro 2.149 Índice de orientação Social e problemas das próximas gerações .....	212
Quadro 2.150 Índice de orientação Social e possui algum tipo de poupança? .....	213
Quadro 2.151 Índice de orientação Social e costuma fazer projetos na sua vida?.....	214
Quadro 2.152 Índice de orientação Social e projetos a médio prazo .....	215
Quadro 2.153 Índice de orientação social e preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? .....	216
Quadro 2.154 Índice de orientação social e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa? .....	217
Quadro 2.155 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e relação com o tempo .....	218
Quadro 2.156 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e gosta de planear o futuro? .....	218
Quadro 2.157 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida e o futuro depende de todos nós? .....	219
Quadro 2.158 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e futuro familiar e colectivo? .....	219
Quadro 2.159 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e problemas das próximas gerações .....	220
Quadro 2.160 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e costuma fazer projetos na sua vida? .....	220
Quadro 2.161 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? .....	221
Quadro 2.162 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa?.....	221
Quadro 2.163 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e acha que o clima em Lisboa está a mudar? .....	222
Quadro 2.164 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e de uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? .....	222
Quadro 2.165 Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? e qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter as empresas? .....	223
Quadro 2.166 Posicionamento político e preocupa-se com o futuro do planeta	

e da vida na terra? .....	223
Quadro 2.167 Posicionamento político e receia que os recursos do planeta se esgotem? .....	224
Quadro 2.168 Posicionamento político e estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	224
Quadro 2.169 Posicionamento político e acha que a ação humana é responsável pelas mudanças climáticas? .....	225
Quadro 2.170 Posicionamento político e está mais preocupado com: .....	225
Quadro 2.171 Posicionamento religioso e preocupação com futuro familiar e coletivo .....	226
Quadro 2.172 Relação com o tempo e gosta de planear o futuro? .....	227
Quadro 2.173 Relação com o tempo e preocupação com o futuro familiar e coletivo .....	228
Quadro 2.174 Relação com o tempo e possui algum tipo de poupança? .....	228
Quadro 2.175 Relação com o tempo e costuma fazer projetos na sua vida? .....	229
Quadro 2.176 Relação com o tempo e preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? .....	229
Quadro 2.177 Relação com o tempo e de uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? .....	230
Quadro 2.178 Relação com o tempo e na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão: .....	231
Quadro 2.179 Relação com o tempo e estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	232
Quadro 2.180 Relação com o tempo e qual o grau de responsabilidade na procura soluções para as mudanças climáticas? .....	233
Quadro 2.181 Gosta de planear o futuro? e possui algum tipo de poupança? .....	234
Quadro 2.182 Gosta de planear o futuro? e costuma fazer projetos na sua vida?.....	234
Quadro 2.183 Gosta de planear o futuro? e preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? .....	235
Quadro 2.184 Possui algum tipo de poupança? e problemas das próximas gerações .....	235
Quadro 2.185 Possui algum tipo de poupança? e gerações futuras.....	236
Quadro 2.186 Possui algum tipo de poupança?e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa .....	236
Quadro 2.187 Costuma fazer projetos na sua vida? e futuro familiar e coletivo .....	237
Quadro 2.188 Costuma fazer projetos na sua vida? e futuro da vida na Terra .....	237
Quadro 2.189 Costuma fazer projetos na sua vida? e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa .....	238
Quadro 2.190 Futuro da vida na terra e o futuro está nas mãos de Deus .....	238
Quadro 2.191 Futuro da vida na terra e o futuro depende de todos nós .....	239
Quadro 2.192 Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na	



terra?/ futuro familiar e coletivo .....	240
Quadro 2.193 Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa .....	240
Quadro 2.194 Gerações futuras e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa .....	241
Quadro 2.195 Gosta de planejar o futuro e está mais preocupado com: .....	242
Quadro 2.196 Gosta de planejar o futuro/ e de uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? .....	242
Quadro 2.197 Gosta de planejar o futuro? e estaria disponível para usar transportes públicos andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	243
Quadro 2.198 Gosta de planejar o futuro? e qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? .....	244
Quadro 2.199 De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? e problemas das próximas gerações. ....	245
Quadro 2.200 De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? e preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? .....	245
Quadro 2.201 Problemas das próximas gerações e qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? .....	246
Quadro 2.202 Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? e gerações futuras .....	247
Quadro 2.203 Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? e futuro familiar e coletivo .....	247
Quadro 2.204 Costuma fazer projetos na sua vida? e como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? .....	248
Quadro 2.205 Costuma fazer projetos na sua vida? e estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	248
Quadro 2.206 Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na Terra e acha que o clima em Lisboa está a mudar? .....	249
Quadro 2.207 Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na Terra e na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão:.....	249
Quadro 2.208 Futuro da vida na Terra e qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? .....	250
Quadro 2.209 Preocupa-se com o futuro da vida na Terra? e está mais preocupado com: .....	251
Quadro 2.210 Receia que os recursos do planeta se esgotem? e está mais preocupado com: .....	252
Quadro 2.211 Receia que os recursos do planeta se esgotem? e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a	

melhoria do ambiente em Lisboa .....	252
Quadro 2.212 Gosta de planejar o futuro? e possui algum tipo de poupança?.....	253
Quadro 2.213 Grupo etário e índice de orientação prospetiva .....	254
Quadro 2.214 Escolaridade e índice de orientação prospetiva .....	255
Quadro 2.215 Índice de orientações sociais e índice de orientação prospetiva .....	256
Quadro 2.216 Reflexividade e índice de orientação prospetiva .....	256
Quadro 2.217 Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? e futuras gerações .....	257
Quadro 2.218 Índice de sustentabilidade (gerações futuras) e com que frequência pensa antes de toma decisões sobre a sua vida? .....	258
Quadro 2.219 Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa e estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros? .....	259
Quadro 2.220 Está mais preocupado com e estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? .....	260

“- Acho que vocês podiam passar melhor o tempo em vez de gastá-lo com adivinhas que não têm resposta.  
- Se conhecesses o tempo tão bem como eu, não falarias em gastá-lo.  
- Não percebo o que queres dizer – disse Alice.  
... - Era capaz de apostar que nunca falaste com o tempo!  
- Talvez não – respondeu Alice à cautela. – Mas sei que tenho que bater tempos durante as lições de música.  
- Ora nem mais! – replicou o Chapeleiro. – Ele não suporta que lhe batam. Mas se estiveres de boas relações com ele, deixa-te fazer quase tudo o que quiseres com o relógio. Por exemplo, imagina que são nove horas da manhã, precisamente a altura de começar as lições. Só tens que fazer um sinal ao tempo e o relógio avança num abrir e fechar de olhos! Uma e meia, horas de almoço!  
- Isso seria uma grande coisa, na verdade – disse Alice com um ar pensativo. – Mas, nesse caso ... Eu não teria vontade de almoçar.  
- A princípio talvez não – disse o Chapeleiro. – Mas poderias fazer com que a uma e meia durasse até te apetecer.”

Lewis Carroll in *Alice no País das Maravilhas*.

“The creation of future is what makes us human. It is mark of culture. From earliest burial rituals to megalithic temples and today`s products of technology, futures have been produced as a means to escape our biology”

Barbara Adam, (2004: 298)



# INTRODUÇÃO

Tempo e futuro não são ainda temáticas usuais na tradição sociológica portuguesa nem tão pouco o tema da sustentabilidade e das mudanças climáticas na sua relação com o futuro. Contudo, não será o fenómeno das mudanças climáticas um dos assuntos que mais convidam à reflexão sociológica sobre o futuro?

Estará no âmago da sociologia o estudo da ação humana enquanto processo e enquanto devir? Com recurso a que metodologias? Qual a posição da Sociologia face à problemática do tempo e do futuro? O tempo e o futuro constroem-se enquanto objetos sociológicos? Desde quando? Com que fundamento? Existirá algo genuinamente social na ideia de tempo e de futuro? Porque é que algo tão evidente e fascinante como a construção da ideia de tempo e de futuro é ainda tão marginal no discurso e na prática sociológica?

A estas interrogações que colocámos na fase de conceção inicial da tese, acrescentam-se outras que nos foram colocadas: Os sociólogos são adivinhadores do futuro? Do que se trata afinal nessa tese? Futuro!? Mudanças climáticas? Qual a ligação entre futuro e mudanças climáticas? Pensamento prospetivo, o que é? O tema é aliciante mas como operacionalizar?

Estas questões foram acompanhadas por expressões de estranheza e de ceticismo e sobretudo de muitos silêncios que foram absolutamente cruciais para se afinar o objeto de estudo.

Numa orquestra afinam-se os instrumentos musicais, é um procedimento que tem subjacentes determinadas regras para que no final se produzam sons equivalentes nos instrumentos de cordas, de sopro, e de percussão.

Assim aconteceu ao longo da tese, afinou-se o objeto de estudo a partir de um conjunto de conceitos (instrumentos musicais) intimamente ligados mas com diferentes sonoridades. O que se expõe adiante é o caminho percorrido para se selecionar a perspetiva de análise adequada.

Aprofundar a análise das práticas, valores e representações sociais sobre tempo, e sobre o futuro, tendo como pretexto o fenómeno das mudanças climáticas é o enfoque sociológico que privilegiamos no âmbito desta tese.

Não se trata portanto de desenvolver um objeto de estudo no âmbito da sociologia da sustentabilidade ou das mudanças climáticas, mais centrada nas políticas ambientais e na avaliação de indicadores ambientais, trata-se sim de uma sociologia focada no modo de relacionamento das pessoas com o tempo e com o futuro.

A tese intitula-se: “O Futuro, a quem pertence? Abordagens ao futuro e às mudanças climáticas”. A origem do título prende-se com um pensamento muito corrente na sociedade portuguesa a propósito do devir: “o futuro a Deus pertence”.

O enquadramento teórico prevê a articulação de conceitos tão diversos como o conceito de sustentabilidade, prospetiva, risco, *habitus*, orientações sociais, tempo e futuro. Assim como na orquestra, os diversos instrumentos musicais assumem diferentes timbres, o mesmo ocorre com os conceitos atrás referidos, assumem diversos posicionamentos no âmbito da presente investigação.

A investigação por nós realizada tem um caráter claramente exploratório. O objetivo geral da tese consiste em aprofundar o modo de relacionamento das pessoas com a ideia de tempo e de futuro.

O objeto de estudo delimita-se concretamente às representações e práticas relativamente ao futuro e às mudanças climáticas, circunscrevendo-se o campo de observação à cidade de Lisboa.

Durante o processo de investigação foram encontrados escassos trabalhos de campo, e enquadramentos teóricos e metodológicos centrados no tema que se pretende desenvolver. No entanto, trata-se de um assunto que está presente na agenda de organizações internacionais, governos, políticos, cientistas, jornalistas, cidadãos e de ativistas de movimentos sociais. O tema da sustentabilidade e, em particular, o tema das alterações climáticas está claramente na agenda do conhecimento sociológico nacional e internacional. Nesse sentido, o ISCTE, através do centro de investigação e estudos de sociologia (CIES) e o ICS tem desenvolvido diversas linhas de investigação neste âmbito.

No âmbito da Associação Internacional de Sociologia, o grupo de trabalho dedicado a Pesquisas sobre o Futuro (Future Research), tem vindo a incentivar o desenvolvimento de pesquisas relacionadas com o ambiente nos quais se insere a questão das mudanças climáticas e seu impacto nas cidades.

A nível internacional, a realização do Congresso Internacional de Sociologia na Suécia em 2010 e o Congresso Mundial de Sociologia a realizar em 2014 no Japão deram e voltarão a dar especial relevância aos temas relacionados com o futuro, ambiente, cidadania, sustentabilidade e mudanças climáticas.

A revisão da literatura no presente trabalho incidiu sobre o aprofundamento dos conceitos operatórios de tempo, futuro, *habitus*, orientações sociais, risco, pensamento prospetivo, modernidade, reflexividade, sustentabilidade e mudanças climáticas, e ainda sobre as teorias que suportam esses conceitos.

A estrutura da tese prevê dois grandes capítulos: (I) Tempo e Futuro e (II) Análise de dados.

O primeiro capítulo (Tempo e Futuro) reparte-se por quatro momentos: O primeiro momento incide sobre a identificação do problema da sustentabilidade e das mudanças climáticas, e sua especial relevância para a comunidade científica.

As mudanças climáticas são consideradas um problema de sustentabilidade na medida em que contribuem para alterar a relação entre natureza e humanidade. Este é o motivo fundamental que tem justificado o interesse e empenho de organizações internacionais, governos e associações ambientalistas a debaterem intensamente o problema.

O segundo momento destaca a importância do pensamento prospetivo como um modo de pensar a realidade mais adiante, como uma prerrogativa da ciência e num sentido mais restrito enquanto conjunto de métodos e de técnicas aplicadas a um determinado fenómeno com vista a antecipar as suas consequências. Esta abordagem científica e técnica que tem em conta o devir foi-se desenvolvendo a par do aprofundamento dos conceitos de sustentabilidade e de mudanças climáticas. Existem inclusivamente instituições internacionais e nacionais que se dedicam especialmente a esta temática. Do ponto de vista institucional tornou-se comum o pensamento em termos de longa duração, mas será que as populações partilham a preocupação com o devir? Este aspeto é fulcral na tese: como é que as pessoas se relacionam com o tempo e com o futuro?

No terceiro momento fundamenta-se a necessidade desta “prospetiva social” que tenha em conta a relação das pessoas com o tempo, com o futuro e com as mudanças climáticas, sem as quais não será possível levar a cabo processos de mudança.

No quarto momento apresenta-se e justifica-se a estratégia de investigação utilizada a partir do enquadramento teórico e do modelo analítico que articula essencialmente os conceitos de tempo, futuro, modernidade, risco, reflexividade, *habitus* e orientação social.

A investigação foi desenvolvida à escala local, mais precisamente no âmbito do concelho de Lisboa. Construiu-se e aplicou-se um questionário aos residentes na cidade de Lisboa que teve por objetivo principal recolher informação sobre práticas, valores e representações sociais sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas.

No segundo capítulo procede-se à análise estatística dos resultados do questionário, tendo para o efeito sido realizada análise de natureza univariada, bivariada, e multivariada dos resultados.

A conclusão final centra-se na apreciação e discussão dos resultados referentes à orientação prospetiva e à orientação para a sustentabilidade, aprofundando a relação dos inquiridos com as gerações futuras, com a preservação do ambiente e com as mudanças climáticas.

Espera-se que esta investigação possa contribuir não só para a compreensão e aprofundamento dos conceitos de tempo e de futuro do ponto de vista sociológico, como também para a reflexão sobre a pertinência de estudos desta natureza no quadro do

pensamento sociológico atual. É um propósito de natureza epistemológica que poderá contribuir para o desenvolvimento de futuras investigações sobre esta problemática.

Pretende-se ainda, construir índices de orientação para o futuro que possam vir a ser testados, melhorados ou reformulados no âmbito de outras investigações. Pretende-se assim, contribuir do ponto de vista teórico e empírico para o avanço do conhecimento sociológico nesta área.



# Capítulo I TEMPO E FUTURO

## 1. Sustentabilidade, futuro e mudanças climáticas.

O problema das mudanças climáticas é um problema global, pois as suas consequências refletem-se em todo o planeta. É igualmente um problema à escala local uma vez que os seus impactos variam de região para região e são diversamente sentidos pelas populações.

Os geofísicos entendem que “clima”, num sentido restrito pode ser definido como uma “síntese das condições meteorológicas”, ou mais precisamente, como a descrição estatística das características do estado do tempo durante um determinado período de tempo, desde poucos meses até milhões de anos. Em sentido lato, é o estado do sistema climático, o qual apresenta uma variabilidade interna numa ampla gama de escalas de tempo e depende de forçamentos externos: naturais, tais como erupções vulcânicas, variações solares; e antropogénicos, tais como alterações na composição química da atmosfera e da superfície terrestre”.<sup>1</sup>

Esta definição encerra duas características fundamentais: a primeira prende-se com a natureza do objeto de estudo: “o clima”. Estudar o clima implica lidar com escalas de tempo muito diferenciadas para que seja possível extraírem-se tendências e resultados. Por exemplo, são necessários pelo menos 30 anos de observações para se definir um clima e milhares de anos para se definir uma era (glaciar). A segunda característica prende-se com as causas que originam as mudanças no clima, causas naturais e de tipo antropogénico, quer isto dizer, provocadas pela ação do homem sobre a natureza. A especificidade do estudo do clima leva os cientistas a ter que trabalhar com arcos temporais maiores do que as suas trajetórias de vida e com a imponderabilidade não só dos fenómenos naturais como também das consequências da ação do homem sobre a natureza. Estes fatores justificam a incerteza que paira sobre a construção de cenários futuros para o clima, tais cenários são representações plausíveis e simplificadas de um clima futuro.<sup>2</sup>

Não será excessivo repetir que as mudanças climáticas são indiscutivelmente um dos maiores problemas com que a humanidade se depara. A influência da ação humana sobre o ambiente não é um problema novo, todavia tem vindo a intensificar-se desde a revolução industrial, iniciada em meados do século XVIII. Os efeitos das concentrações na atmosfera de dióxido de carbono proveniente da queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás natural, e metano entre outros gases, têm-se sentido particularmente desde então. Estes gases retêm na atmosfera energia térmica (calor), não permitindo que

---

<sup>1</sup> Atlas Climatológico de Portugal Continental. 2009.

<sup>2</sup> De acordo com o Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC).

esta se liberte para o espaço. Deste modo, a terra irradia menos energia do que aquela que absorve do sol. Este facto origina desequilíbrio de energia, provocando o aquecimento gradual da terra.

As mudanças climáticas têm repercussões nos recursos hídricos, agricultura, ecossistemas e biodiversidade, florestas, zonas costeiras, e sobretudo na saúde humana (Santos, 2006). Provocam ondas de calor e fenómenos atípicos como tempestades e inundações, prejudicam a saúde das pessoas contribuindo para o aumento de doenças tropicais. As mudanças nos padrões pluviais podem levar à redução de alimentos e de reservas de água potável. Na Europa, em consequência das ondas de calor de 2003, morreram 35 mil pessoas (Broome, 2008).

O painel intergovernamental para as mudanças climáticas (IPCC), considerada a maior autoridade no estudo e monitorização das mudanças climáticas e suas implicações, acentua no seu 4º relatório (2007) a inevitabilidade das mudanças climáticas, salientando porém, que a magnitude do problema no futuro depende das escolhas que os homens façam no presente. Segundo este relatório, provavelmente mais de 90% do aquecimento global verificado na segunda metade do século XX é de tipo antropogénico.

Mais recentemente o último relatório do (IPCC)<sup>3</sup> cujo *draft* final data de junho de 2013, reforça a tese de um aumento da temperatura e escassez de precipitação na Europa no decurso do século XXI, especialmente na zona do mediterrâneo.

De acordo com os estudos desenvolvidos no âmbito do projeto ImpactE<sup>4</sup> as consequências das mudanças climáticas já são sentidas na Europa. A região mediterrânea é particularmente vulnerável aos fenómenos climáticos extremos, tais como os extremos térmicos e de precipitação, as mudanças dos padrões de pluviosidade podem originar a redução de alimentos e de reservas de água devido à intensificação das vagas de calor.

Nos projetos SIAM, SIAM\_II e CLIMAAT\_II,<sup>5</sup> os cenários de alterações climáticas para Portugal foram analisados usando simulações de diferentes modelos climáticos. Todos os modelos, em todos os cenários, preveem um aumento significativo da temperatura média em todas as regiões de Portugal até ao fim do século XXI, mais concretamente um aumento da temperatura máxima no verão, no continente, entre 3°C na zona costeira e 7°C no interior, acompanhados por um incremento da frequência e intensidade de ondas de calor e redução da precipitação em Portugal Continental durante a primavera, verão e outono.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> (IPCC) Intergovernmental Panel on Climate Change.

<sup>4</sup> Projeto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, e gerido pela Fundação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

<sup>5</sup> "Climate Change in Portugal. Scenarios, Impacts and Adaptation Measures" (SIAM) iniciou-se em meados de 1999, com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

<sup>6</sup> Fonte: Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas.

Algumas consequências das mudanças climáticas em Portugal apontam para um aumento das taxas de mortalidade por desidratação e doenças do aparelho respiratório e circulatório. No século XX, Portugal foi alvo de duas grandes ondas de calor, a primeira em junho de 1981 com a duração de nove dias em que a mortalidade disparou, tendo a cidade de Lisboa atingido a temperatura de 43 graus.<sup>7</sup>A segunda onda de calor verificou-se precisamente no verão de 2003 confirmando o referido acima a propósito da onda de calor na Europa. À escala local, e mais propriamente em Lisboa, constata-se que as práticas quotidianas contribuem para a intensificação da emissão de gases que provocam efeito de estufa, como por exemplo a condução automóvel ou o uso de ar condicionado.

Os primeiros registos conhecidos no ocidente sobre as consequências da ação do homem sobre o ambiente acompanharam a expansão da modernidade. George Perkins Marsh escreveu *Man and Nature, or Physical Geography as Modified by Human Action* em 1864. A partir dos dados disponíveis à época evidenciou os efeitos negativos que decorrem da ação humana sobre a natureza (Santos, 2012). Também nesta altura surgem as primeiras medições sistemáticas sobre temperatura e precipitação.

Em Portugal, as observações meteorológicas mais antigas datam do século XVIII e foram efetuadas em Lisboa por Jaques Pretorius no período entre 1777 e 1785.

Coincidindo com o advento da pós-modernidade, mais concretamente após a segunda guerra mundial, “em 1955, o geógrafo Carl Sauer, o biólogo Marston Bates e o sociólogo Lewis Mumford organizaram uma conferência na Universidade de Princetown intitulada “Man’s Role in Changing the Face of the Earth em memória de George Perkins Marsh” (Santos, 2012: 29). Esta conferência foi muito relevante por provocar uma discussão científica e crítica sobre a relação homem/natureza e simultaneamente por sugerir uma abordagem multidisciplinar das questões ambientais, através da participação de investigadores de diversas áreas científicas, como as ciências da natureza e as ciências sociais e humanas.

Em 1962, Rachel Carson publicaria a obra *Silent Spring* destacando algumas das consequências da degradação ambiental.

A possibilidade de esgotamento dos recursos naturais, o crescimento demográfico, a poluição e o aquecimento global desencadearam visões críticas sobre o planeta e sobre o futuro da humanidade. Este conjunto de transformações globais terá estado na origem do discurso sobre sustentabilidade evidenciado no final da década de 80 do século XX. Este novo discurso resultou de uma visão crítica dos modelos de crescimento e de

---

<sup>7</sup> Nogueira, Paulo, investigador do Instituto Nacional Ricardo Jorge. Conferência sobre Alterações Climáticas. (Org) Fundação Portuguesa do Pulmão e Fundação Calouste Gulbenkian em 31 de maio de 2010.

desenvolvimento, incorporando porém novas preocupações designadamente com o ambiente.

O problema das mudanças climáticas é sobretudo um problema de sustentabilidade na medida em que altera a relação do homem com a natureza. A palavra “sustentável” tem origem no termo latino *sustentare*, que significa sustentar, apoiar, conservar. Atendendo às preocupações que estiveram na origem da adoção deste conceito, entende-se que tem sido excessivamente banalizado, ao ponto de não existir campanha publicitária ou discurso político que não o refira, existindo até um índice de sustentabilidade cotado na bolsa de valores: Dow Jones Sustainability. Tudo é ou deve ser sustentável, os produtos hortícolas, a dívida pública portuguesa, as taxas de juro, os transportes, o património cultural, o sistema saúde e a segurança social. O termo sustentabilidade foi rapidamente assimilado por pessoas e organizações. E as práticas de sustentabilidade terão acompanhado os respetivos discursos?

O sentido que na presente tese se atribui ao termo “sustentabilidade” prende-se com o estabelecimento de uma relação equilibrada entre a humanidade e o planeta. Neste sentido, as mudanças climáticas, independentemente da sua origem se dever à ação humana, afetam todos os seres vivos. As representações e os valores associados ao conceito de sustentabilidade, como o respeito pela natureza, decorreram da percepção geral que algo não estava a correr bem. Estas representações e valores inscrevem-se em determinados contextos culturais. Por este motivo a presença de movimentos sociais de pendor ambientalista, as posições das famílias, dos cidadãos, empresas e governos face a esta questão não podem ser estranhas à Sociologia e aos sociólogos.

A noção de desenvolvimento sustentável coloca em confronto a necessidade de crescimento económico e a necessidade de conservação dos recursos naturais. Castells considera que foi legitimado o consenso entre essas duas dimensões, originalmente consideradas opostas (Castells, 2007). Subjacente a este consenso está a ideia de um desenvolvimento que não tem em vista exclusivamente as necessidades desta geração mas também das futuras gerações. Este paradigma de desenvolvimento não põe em causa o modelo de crescimento económico capitalista, uma vez que não contraria as causas estruturais da insustentabilidade (Castells, 2007).

O desgaste ambiental é reconhecido como consequência da falta de pensamento a longo prazo nas esferas económica, política e cultural. “Reorganizing economies based on the concept of sustainability would be a modification of society comparable in scale to only two other changes: the agricultural revolution of the late Neolithic and the industrial revolution of the past two centuries (William Ruckelshaus, 1989: 111 *citado por* Narum, 1993: 25).

Em síntese, o problema das mudanças climáticas não é um problema novo na história da humanidade, todavia tem-se agravado substancialmente com o desenvolvimento industrial. A comunidade científica tem-se debruçado sobre este assunto admitindo que se trata de um fenómeno de tipo antropogénico.

É também, e sobretudo, uma questão de sustentabilidade e este facto tem motivado a intervenção de cientistas sociais que têm chamado a atenção para a necessidade de governos, organizações, autarquias e populações desenvolverem estratégias de longo prazo.

No próximo ponto será evidenciado o debate que as instituições internacionais e nacionais desenvolvem sobre a procura de soluções para o problema das mudanças climáticas.

## **1.1 Contextualização**

A questão da sustentabilidade, e em particular o tema das mudanças climáticas, é um assunto que está na agenda das organizações internacionais, governos, políticos, cientistas, empresas, jornalistas e cidadãos. É um problema para a comunidade internacional que iniciou o debate sobre as consequências do desenvolvimento sobre o ambiente na década de oitenta do século passado. Em 1983, a Comissão Brundtland criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) introduziu e divulgou o conceito de sustentabilidade.

Em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento publicou *Our Common Future*, um documento que enumerava os princípios orientadores do desenvolvimento sustentável: a igualdade de acesso aos recursos naturais, o equilíbrio entre consumo, dimensão da população e distribuição dos recursos, e a preservação dos sistemas naturais que sustentam a vida na Terra (a atmosfera, as águas, os solos e os seres vivos). É um documento que chama a atenção para a escassez de recursos não-renováveis, como os combustíveis fósseis e minerais, e para a preservação da diversidade de espécies vegetais e animais. De acordo com Narum (1993) esta declaração acentua a ideia de desenvolvimento sustentável, todavia poderia ir mais longe na extensão deste direito fundamental às futuras gerações. “In essence, sustainable development is a process of change in which the exploitation of resources, the direction of investments, the orientation of technological development and institutional change are all in harmony and enhance both current and future potential to meet human needs and aspirations” (WCED,1987<sup>8</sup>). Esta declaração abriu portas para o desenvolvimento de um discurso sobre a tomada de

---

<sup>8</sup> Report of the World Commission on Environment and Development: *Our Common Future* - 4 August 1987.

consciência de que o que as gerações passadas fizeram afetam a nossa geração e assim sucessivamente. Queremos assegurar o futuro das próximas gerações? Em que condições? E quanto às atuais gerações? Até aonde se estendem os seus direitos no futuro? (Narum, 1993). Não somente as gerações futuras têm direito a um futuro como as gerações presentes. Indo mais longe, poder-se-á questionar sobre a legitimidade das gerações presentes definirem o que é conveniente para os outros que lhes vão suceder? E se as atuais gerações não agirem, que questões de natureza ética poderão ser colocadas?

A Cimeira do Rio (Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento), realizada em 1992, teve como resultado entre vários documentos de trabalho e tratados na área do Ambiente, o documento que informou a Agenda 21 e a Convenção-Quadro para as Alterações Climáticas. Um dos propósitos desta Convenção seria o de estabilizar as concentrações de gases com efeito de estufa reduzindo assim a interferência antropogénica.

A propósito desta cimeira, Adam refere que as democracias liberais apenas revelam alguns vislumbres daquilo a que designa de “temporalização”. Tanto a esquerda como a direita continuam a ter uma conceção linear do tempo que não se coaduna com a complexidade gerada pelos riscos ambientais criados pelo modo de vida ocidental (Adam, 1990). Neste sentido, os cidadãos estão a reformular e a assimilar com mais sucesso uma nova visão do tempo. “Instead, it is citizens who have begun to institute changing temporal attitudes, approaches and visions” (Adam, 1990: 125). Será o caso dos cidadãos que aderem e alimentam os movimentos ecológicos. Esses movimentos que têm vindo a incorporar a perspetiva de longa duração nas suas ações contribuindo assim para reformular a ideia de tempo linear.

Em 1997, o Protocolo de Quioto “foi o primeiro (e até à data, o único) tratado jurídico internacional que explicitamente pretendia limitar as emissões quantificadas de gases com efeito de estufa dos países desenvolvidos”.<sup>9</sup> Como Protocolo à Convenção-Quadro de Alterações Climáticas, herda daquela os princípios fundamentais do regime climático, em particular o princípio das responsabilidades comuns mas diferenciadas.

Propôs-se um calendário para que os países membros reduzissem as emissões de CO<sub>2</sub>. O protocolo defendia um incentivo ao desenvolvimento de fontes energéticas renováveis, a reforma dos setores da energia e dos transportes, e a proteção das florestas.

Em 2002, na África do Sul, foi realizado o terceiro encontro mundial sobre sustentabilidade, donde resultou a declaração de Joanesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável intitulada “Das nossas origens ao futuro”. Foi sublinhado o compromisso com o

---

<sup>9</sup> Agência Portuguesa do Ambiente- <http://www.apambiente.pt/>.

desenvolvimento sustentável, com base nos valores da igualdade, solidariedade e dignidade.

Tratou-se de um plano de intenções que no limite levaria à erradicação da pobreza e à promoção de uma ligação equilibrada entre homem e natureza.

No âmbito da ONU, a temática das mudanças climáticas foi formalmente discutida em 2007, no Plano de Ação de Bali, que criou um plano de negociações sobre mudanças climáticas que deveria conduzir a um acordo internacional pós-2012.

A Organização das Nações Unidas para o Ambiente no âmbito do programa United Nations Environment Programme, anuncia na sua página da internet<sup>10</sup> o seguinte: “Considera-se um governante empenhado na sustentabilidade?” “Um autarca que tenta resolver o problema da poluição urbana?” “Um gestor executivo à procura de soluções para reduzir a fatura energética?” “Ou um voluntário preocupado com a pegada de carbono da sua organização?” “Se a resposta é sim, então o programa Climate Neutral Network é a solução para si”. Trata-se de uma estratégia de *marketing* usada para promover a ação e participação de cidadãos, empresas e políticos em questões de sustentabilidade.

Será que estes protagonistas, individuais ou coletivos, a quem a ONU se dirige estão preocupados em tomar nas suas mãos o seu futuro e o dos outros?

Em 2009, a Conferência de Copenhaga constituiu-se como mais um marco nas negociações internacionais sobre clima. O Acordo de Copenhaga inclui, pela primeira vez, propostas de compromissos de limitação ou redução de emissões para um número significativo de países, e para todas as principais economias, que representam mais de 80% das emissões globais de gases com efeito de estufa.

A conferência de Doha sobre o clima das Nações Unidas, que se realizou no Qatar em 2012, contou com a presença de quase 200 países que adotaram a extensão até 2020 daquele acordo que tem em vista o controlo da emissão de gases com efeito de estufa.

Deste breve apanhado apura-se que as organizações internacionais se apropriaram do discurso sobre sustentabilidade e sobre as mudanças climáticas, discutindo há anos a crise ambiental sem no entanto terem mobilizado consensos quanto à forma mais adequada de lidarem com o problema.

Todas estas ações a nível da comunidade internacional representam tentativas de intervenção dos poderes públicos sobre o futuro do planeta e da vida na terra, mas ao mesmo tempo evidenciam as clivagens entre os países que mais usufruem e exploram os recursos com consequências para o equilíbrio da espécie e os que estão muito aquém do “desenvolvimento” e que legitimamente desejam aceder às mesmas fontes de energia

---

<sup>10</sup> Este programa decorreu entre 2008 e 2011 e foi publicitado em [www.unep.org/newscentre](http://www.unep.org/newscentre).

(petróleo, gás natural) em ordem a promoverem o seu próprio “desenvolvimento”, claro está, também com enormes custos ambientais.

A sustentabilidade e as mudanças climáticas são igualmente um problema para a União Europeia, levando em 2007 e em 2009 à definição de uma estratégia comum no espaço europeu concretizada respetivamente no Livro Verde, e no Livro Branco - Adaptação às Alterações Climáticas: para um Quadro de Ação Europeu. Neste âmbito alguns países europeus têm adotado políticas e ações que contribuem para diminuir a vulnerabilidade às mudanças climáticas.

As mudanças climáticas são um problema para os países e respetivos governos. Países ricos e desenvolvidos que, tendo contribuído grandemente para o aumento de emissões de CO<sub>2</sub> na atmosfera, têm posições diversas em relação à necessidade de diminuírem as respetivas emissões. Países pouco desenvolvidos do ponto de vista industrial que agora estão em franco crescimento económico, que não tendo no passado contribuído para o aumento de emissões de CO<sub>2</sub> alimentam essa perspetiva no presente. Em alguns países, os governos defendem a ideia de que o fenómeno das mudanças climáticas ainda é mal conhecido quanto à sua intensidade e *timing*, e este argumento justificaria a sua inércia (Narum, 1993). Poderemos sempre questionar: um conhecimento mais profundo do fenómeno das mudanças climáticas implicaria outra forma de fazer política? Como é que os políticos lidariam com o impacto económico resultante de uma redução real das emissões de CO<sub>2</sub>?

Retomando as ações de poderes políticos e governos sobre mudanças climáticas, sabe-se que Portugal apresentou formalmente uma Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas e uma Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável, no âmbito da qual promove a Agenda 21 Local. A Agenda 21 Local promove a aplicação a nível local dos princípios adotados na Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento (Cimeira da Terra), realizada no Rio de Janeiro em 1992.

A Agenda 21 Local surge em Portugal a partir de 2003, onze anos após a subscrição política da Agenda 21 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, e nove anos após o primeiro encontro em Aalborg dos governos locais europeus no qual foi definida a Carta de Aalborg, o primeiro documento orientador a nível europeu para a aplicação da sustentabilidade a nível local (Macedo, 2012).

Neste ponto evidenciou-se o intenso debate político sobre as mudanças climáticas nos discursos produzidos ao longo do tempo por organizações internacionais e nacionais desde 1987 até ao presente momento.

Enquadrou-se o problema das mudanças climáticas como um problema de sustentabilidade, tendo-se verificado um distanciamento entre os estudos de natureza



técnica que suportam as tomadas de decisão face ao problema da sustentabilidade e das mudanças climáticas, e a aplicação de medidas práticas com impacto positivo no quadro de vida dos cidadãos.

O debate sobre sustentabilidade e mudanças climáticas não se circunscreve às organizações internacionais. No ponto seguinte serão dados alguns exemplos de iniciativas ao nível da sociedade civil.

## **1.2 Índice Dow Jones de Sustentabilidade. E as Mudanças Climáticas?**

O impacto das mudanças climáticas no quadro de vida é um problema para os políticos e para os governos, para as organizações de defesa do ambiente mas também para os movimentos ecológicos, para as confissões religiosas, para as empresas, famílias e cidadãos. É um problema complexo, com repercussões importantes ao nível dos sistemas económicos e sociais, exigindo necessariamente uma abordagem multidisciplinar.

A título meramente exemplificativo, e porque Portugal é um país onde as pessoas se assumem como predominantemente católicas, refere-se a posição da Igreja Católica através da Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia, e do Conselho das Igrejas Europeias. Face a questões de natureza ambiental, a posição oficial da Igreja caracteriza problemas tais como a poluição ambiental, dos oceanos, a contaminação dos alimentos, o aquecimento global, o esbanjamento das fontes de energia como "questões de direitos humanos e de gerações futuras". Esta posição foi tornada pública antes da realização da Conferência de Copenhaga em finais de 2009.

É um problema para as empresas e para o setor financeiro na medida em que leva estas organizações a fazerem ajustamentos nos seus planos de negócios com vista a garantir altos níveis de rentabilidade. Em 1999, foi mesmo criado o Índice Dow Jones Sustainability para valorizar a capacidade financeira das empresas líderes em sustentabilidade. As empresas que constam deste Índice, indexado à bolsa de Nova Iorque, são consideradas as mais competentes para criar valor para os acionistas, a longo prazo, através de uma gestão dos riscos associados tanto a fatores económicos, como ambientais e sociais.

Voltando ao índice Dow Jones de Sustentabilidade, apurou-se que a empresa BMW lidera, pela oitava vez consecutiva, a lista de classificação do índice de Sustentabilidade Dow Jones, sendo considerada a empresa mais sustentável no setor automóvel. Sabe-se que a cotação destas empresas depende da adoção de boas práticas em termos de sustentabilidade, não será no entanto aparentemente paradoxal a valorização em bolsa de empresas responsáveis pela emissão de enormes quantidades de CO<sub>2</sub> na atmosfera? Em

linguagem de senso comum seríamos levados a pensar: como conciliar o inconciliável? Como compatibilizar os valores ligados à competição, ao lucro e rentabilidade com os valores associados à sustentabilidade, à preservação do ambiente e dos recursos naturais? O conceito de sustentabilidade foi apropriado pelo setor financeiro tornando as práticas de sustentabilidade por parte das empresas como algo lucrativo sem alterar o atual modelo de desenvolvimento. Qual o valor do futuro? A ideia de sustentabilidade serve quase para tudo, porém no quadro da modernidade atual, nem tudo é de sustentar ou manter, como por exemplo a fome, a desigualdade, a iliteracia, ou o desemprego.

O título “Índice Dow Jones de Sustentabilidade e as mudanças climáticas?”, é claramente um convite à reflexão e discussão sobre esta temática que não pode ser estranha aos sociólogos. Por exemplo Sartore (2012) sugere uma sociologia dos índices de sustentabilidade que se interessaria pelas relações entre sociedade e sistema financeiro. No âmbito da categorização dos índices de responsabilidade social, o Índice Dow Jones de Sustentabilidade é considerado um índice de performance por incluir na sua composição aspectos que não são exclusivamente de natureza financeira, como por exemplo ações que implicam melhorias no meio ambiente (Sartore, 2012). Estes indicadores procuram responder a questões éticas prementes numa sociedade, num momento histórico particular. O que tem vindo a mudar é a forma como o sistema financeiro responde a estes apelos éticos por parte da sociedade civil: “os fundos verdes são baseados em investimento crítico positivo - isto é um investimento em empresas que desenvolvem ações para preservar o meio ambiente - e não de exclusão de setores que contrariam determinada postura ética” (Sartore, 2012: 173). Terá sido o caso da reivindicação dos estudantes norte-americanos junto às fundações das universidades para estas não investirem em empresas ligadas à guerra do Vietname (Brito et al 2005 *citado por* Sartore, 2012:172)

Atualmente são as questões ligadas ao ambiente que estão a influenciar o desempenho financeiro das empresas, no entanto não existem ainda estudos conclusivos que justifiquem a preponderância dos indicadores de performance sobre os indicadores de desempenho tradicionais na obtenção de melhores resultados financeiros.

A construção destes índices reflete não só um conjunto de indicadores quantitativos como também um sistema de representações sobre a realidade social (Sartore, 2012). A construção dos índices e a ideologia da sustentabilidade que os suporta podem, e já estão, a ser analisados enquanto objeto de interesse sociológico.

Mas não são só as organizações internacionais, os países e a Igreja Católica a ocuparem-se das consequências geradas pelo atual modelo de desenvolvimento. Este tema proporciona outras utilizações. A este propósito refere-se o desenvolvimento, em 2010 de

um jogo britânico de computador<sup>11</sup> que coloca o futuro da Terra nas mãos dos jogadores. Supostamente, os jogadores dirigem uma organização ambiental internacional que pode salvar o mundo dos efeitos das emissões com efeito de estufa. Através de diferentes cenários, os jogadores podem explorar opções como a geoengenharia e fontes alternativas de energia para salvar o planeta da subida das temperaturas, esgotamento de recursos naturais e crescimento da população nos próximos 200 anos. Segundo os seus criadores este jogo foi desenhado com base em modelos climáticos reais.<sup>12</sup> Nestas circunstâncias fictícias, agir sobre o futuro do planeta e da vida na terra está nas mãos dos jogadores. Trata-se aqui de vivenciar o futuro enquanto ficção. Até que ponto jogos desta natureza podem funcionar como uma aprendizagem sobre como lidar com o futuro e com as questões ambientais? Ou pelo contrário, dão-nos a ilusão de que o controle sobre o futuro é um mero exercício de pensamento contrafactual? À semelhança de alguns jogos eletrónicos, existe uma tentativa de aproximação à realidade. Sabe-se que as regras do jogo são distintas dos normativos sociais, contudo poderão os jogos contribuir para a construção de representações sociais dos jogadores face a esta temática?

A questão da sustentabilidade e das mudanças climáticas é também um problema para as cidades e seu governo.

Em Lisboa, mais concretamente na Câmara Municipal de Lisboa, a presença da informação climática na primeira geração de Planos Diretores Municipais limitava-se à inclusão de alguns valores médios referentes às condições climáticas regionais (2004, Alcoforado) sendo raras as referências às particularidades do clima urbano. Na nova geração de Planos Diretores Municipais é dada maior relevância às questões ambientais se bem que não exista ainda um plano estratégico delineado para as mudanças climáticas.

Se, por um lado, Lisboa não possui um plano estratégico à semelhança dos municípios de Sintra ou Cascais, por outro lado, conta com uma estrutura especialmente vocacionada para o estudo e divulgação das melhores práticas ambientais na cidade. Nesse sentido, a Agência Municipal Lisboa E-Nova - Agência Municipal de Energia-Ambiente de Lisboa, desenvolve ações que contribuem para um melhor aproveitamento dos recursos energéticos, bem como para o alargamento das boas práticas no planeamento, na gestão, na construção e na mobilidade sustentável na cidade de Lisboa. No âmbito das suas atividades, a Lisboa E-Nova foi responsável pelo desenvolvimento da Estratégia Energética-Ambiental para a cidade de Lisboa<sup>13</sup> que fixa metas de desempenho energético-ambiental para Lisboa.

---

<sup>11</sup> O jogo designa-se «Fate of the World».

<sup>12</sup> Fonte: [www.google.pt](http://www.google.pt) dia 28 de setembro de 2010.

<sup>13</sup> Aprovado pela Câmara Municipal de Lisboa em 2008.

No que respeita à participação dos cidadãos, Almeida et. al (2004) constataram que a problemática do ambiente é vista como um assunto de interesse para a sociedade portuguesa, no entanto “contraditoriamente ou não fortes indícios de assumida passividade parecem marcar o quotidiano dos portugueses no que toca à sua participação cívica quer no geral, quer no que particularmente se relaciona com o ambiente” (Almeida, 2004: 267).

Em conclusão, o tema da sustentabilidade e das mudanças climáticas têm sido alvo de interesse não só para a comunidade científica como também para as organizações internacionais, governos, movimentos sociais, empresas e autarquias.

### **1.3 A perspetiva sociológica**

As questões da sustentabilidade e das mudanças climáticas interessam e preocupam a comunidade científica (médicos, biólogos, meteorologistas, geofísicos, engenheiros do ambiente, astrónomos, economistas, politólogos, entre muitos outros). Estão igualmente na agenda do conhecimento dos sociólogos. As circunstâncias que atualmente se colocam às sociedades globais (sistemas de informação/ globalização/ uso dos recursos naturais até à exaustão) são completamente distintas das circunstâncias que prevaleciam aquando do nascimento da Sociologia (industrialização/capital versus trabalho/lucro). Se a Sociologia na sua fase inicial refletiu o desenvolvimento, os impasses, as esperanças e as transformações da sociedade moderna e capitalista, então atualmente a Sociologia retrata criticamente o quê?

As mudanças climáticas alteram o nosso quadro de vida e têm implicações no futuro desta e das próximas gerações. Este é o discurso normativo, dominante, todavia não se sabe com precisão quais as repercussões deste fenómeno e qual a capacidade da Terra se regenerar. Existem ainda muitas questões por aprofundar. Mesmo desconhecendo o impacto das mudanças climáticas no futuro, será oportuno definirem-se políticas e estratégias de redução das emissões de CO<sub>2</sub> a nível internacional, nacional e local? É conveniente persuadir políticos, empresas e cidadãos a abandonarem hábitos tão enraizados no quotidiano como o uso do automóvel, ou o desperdício de água? Hábitos cujo impacto ambiental é conhecido mas não dominado. Como é que as sociedades modernas, essencialmente centradas no futuro, têm tanta dificuldade em lidar com ele? (Giddens, 2009b).

Estas perguntas têm preocupado os sociólogos e contribuído para o desenvolvimento de áreas de conhecimento específicas como a Sociologia do ambiente. A realização em Gotemburgo do Congresso Internacional de Sociologia (julho de 2010) onde a questão da sustentabilidade, e em particular a problemática das mudanças climáticas, foi considerada no âmbito dos cinco grandes temas em discussão, é reveladora do interesse e

importância do tema em questão. Nesse contexto, os sociólogos Ulrich Beck e Tom Burns aprofundaram questões associadas às mudanças climáticas à escala global, bem como as implicações de uma sociologia da sustentabilidade na formulação de políticas públicas. Em 2014, o próximo Congresso Internacional de Sociologia aprofunda no âmbito do grupo de trabalho Futures Research o tema Environmental Futures, onde serão aprofundadas algumas questões como: qual o impacto das mudanças climáticas, poluição ambiental e escassez de recursos naturais na sociedade global e na relação entre as regiões? Como serão construídos os futuros cenários ambientais? Como é que os diferentes atores sociais e os *stakeholder* moldam os debates públicos e as políticas? Como é que as sociedades lidam com a redução das emissões de dióxido de carbono? A organização do Congresso admite que a situação atual coloca diversos riscos à humanidade. "Reducing emissions (mitigation) has been a new global norm since 1992; international negotiations have tried to move toward that goal. But despite these efforts, total global emissions have continued to increase rapidly. This situation poses enormous future risks for all of humanity without exception" (International Sociological Association-Yokohama 2014).

Apesar do IPCC influenciar a reflexão a nível mundial acerca das mudanças climáticas, existem opiniões diferentes no seio da comunidade científica sobre as causas, o impacto e a intensidade do fenómeno das mudanças climáticas. Alguns cientistas põem em causa a influência da ação humana na geofísica da terra, outros desenvolvem correntes de pensamento em que, não pondo em causa a influência da ação humana nas mudanças climáticas, consideram que tem havido algum exagero na abordagem do fenómeno designadamente por parte dos *mass media* e de alguns políticos, por vezes assumindo que todos os fenómenos meteorológicos atípicos seriam explicados pelo aquecimento global (Giddens, 2009b). Do nosso ponto de vista estas questões contribuem para a banalização do fenómeno.

Um dos representantes de outra corrente de pensamento, Bjorn Lomborg questiona: porque é que o risco das mudanças climáticas é mais relevante do que os outros? Lomborg relativiza o risco das mudanças climáticas considerando que é um risco entre muitos outros como as armas nucleares ou a SIDA (Giddens, 2009b).

Os discursos sobre mudanças climáticas, mesmo quando contraditórios, contribuem para a construção de representações sociais sobre o mesmo. A título de exemplo, num inquérito à opinião pública no Reino Unido, em julho de 2009, constatou-se que 60% dos inquiridos concordaram com a afirmação "muitos cientistas ainda questionam a contribuição dos homens para o aquecimento global" e 40% dos inquiridos acreditam que os efeitos das mudanças climáticas talvez não sejam tão maus como se diz (Giddens, 2009b). Estes resultados, refletindo as representações daqueles inquiridos, devem ser objeto de uma

leitura crítica desta problemática. Como é que as questões ambientais são assimiladas e interpretadas e qual a relevância da educação, dos *mass media*, dos grupos ambientalistas e dos partidos políticos na formação da opinião pública?

Os assuntos relacionados com o ambiente, sustentabilidade e mudanças climáticas constituem um objeto de estudo problemático para os sociólogos. Entre vários sociólogos que têm refletido sobre as questões ambientais e seus impactos presentes e futuros destacam-se particularmente Adam (1995, 1998, 2000, 2004c, 2011), Castells (2011), Beck (1992, 1997, 2000) e Giddens (1997, 2009b).

As principais interrogações destes sociólogos prendem-se a nosso ver com o alcance das políticas públicas sobre mudanças climáticas, as relações entre conhecimento científico e mudanças climáticas, a separação entre a percepção dos fenómenos e o seu impacto no tempo, a relação entre observador e observado, o risco como elemento decisivo na compreensão das questões ambientais e como fator diferenciador da modernidade.

Quanto ao primeiro aspeto enunciado, foi recentemente desenvolvido por Giddens na publicação *The Politics of Climate Change*. Trata-se acima de tudo de uma obra de divulgação para políticos e jornalistas, centrada nas consequências das mudanças climáticas e sua relação com as políticas públicas quer a nível nacional quer internacional.

Giddens constata que tanto cidadãos como políticos dificilmente atribuem a mesma importância ao futuro comparativamente ao presente. Isto significa que o presente é para estas pessoas sempre mais valorizado do que o futuro. Ora, as questões ambientais designadamente as que estão associadas ao aquecimento global não têm impacto imediato na vida das pessoas, por esse motivo as suas consequências não são consideradas relevantes. É como se a vida quotidiana se desenrolasse à margem do fenómeno das mudanças climáticas. A esta representação particular sobre o futuro designou de “paradoxo de Giddens” (Giddens, 2009b).

Este sociólogo aconselha e opina sobre as melhores soluções que os políticos podem adotar em matéria de política de mudanças climáticas. É uma matéria que não será aqui aprofundada porém não poderia deixar de ser registada. A título de exemplo, Giddens sugere que os países mais industrializados devem criar economias de baixo carbono e fazer reformas sociais. Considera que no momento não existem políticas relativas às mudanças climáticas, sublinhando a relação das mudanças climáticas com os conceitos de risco e de incerteza. Identifica as difíceis relações entre nações poluidoras e não poluidoras, e afiança que as nações mais pobres, não contribuindo para o aquecimento global, têm o direito de crescer e isso implica um aumento do nível das emissões.

Quanto às práticas sociais protagonizadas pelos cidadãos, acentua a importância das pequenas ações quotidianas como a redução de consumo de eletricidade, andar mais a

pé ou poupar água. “We must create a positive model of a low-carbon future and, moreover, on that connectes with ordinary life in the present” (Giddens, 2009b: 11). A ideia subjacente a estas práticas é que devemos planear as nossas vidas tendo em vista o futuro, atendendo porém que o curto prazo é a chave para o longo prazo.

As pessoas parecem, na opinião de Giddens, estar mais recetivas a medidas concretas, que possam levar à eficiência energética, em vez de serem alvo de ações de sensibilização acerca das consequências das mudanças climáticas.

No que toca ao segundo aspeto, Adam (1995) acentua o desfazamento entre as representações sobre mudanças climáticas dos políticos (que procuram na ciência provas irrefutáveis do impacto destas nos respetivos países, regiões ou cidades) e dos cientistas (que não têm respostas definitivas, satisfatórias e claras sobre o assunto). Como é sabido, estes últimos usam nas suas investigações medições de temperatura e de pluviosidade, analisam dados via satélite e constroem modelos climáticos baseados em valores probabilísticos. O facto de lidarem com a incerteza nem sempre os credibiliza junto de estruturas governamentais centrais e locais, nem tão pouco junto dos cidadãos.

Embora de um modo diverso, também Giddens expõe a importância das interações entre peritos, cientistas e atores sociais como protagonistas de diversos discursos no âmbito da modernidade reflexiva (Giddens, 1997).

Os climatólogos trabalham com medições de temperatura, sondagens por satélite e elaboração de modelos climáticos que representam a realidade em termos probabilísticos. O desenvolvimento dos estudos sobre o clima rompe com as tradicionais visões do conhecimento, abrindo caminho à imprevisibilidade. O fosso entre o conhecimento dos fenómenos e o seu impacto num tempo que ainda não existe, é intensamente vivido pelos cientistas que sabem que as escalas de tempo das suas investigações ultrapassam o tempo disponível para a ação, sabendo que o tempo esgotar-se-á antes que possam fornecer respostas (Adam, 1998). É o caso das atuais problemáticas das mudanças climáticas ou da radiação nuclear, que têm repercussões no quadro de vida das pessoas desconhecendo-se porém qual o momento no tempo em que produzem os seus efeitos. Para além disso não se sabe com segurança qual a intensidade desses efeitos. Estas circunstâncias, envolvendo questões fundamentais como a conservação das espécies, têm levado os sociólogos a recolocarem na agenda sociológica a questão epistemológica da relação entre observador e observado.

Esta questão tem sido partilhada por Adam, Bell e Beck, os quais reconheceram a contemporaneidade dos contributos dos sociológicos clássicos nesta matéria. “Marx’s comment that is not enough merely to study society, but that it must be changed, never seemed more pertinent than when social scientists engage with environmental matters”

(Adam, 1995: 126). Mais uma vez é sublinhada a relação de cumplicidade entre a Sociologia e os assuntos ambientais. À particular relação entre observador/observado, Adam associa o conceito de responsabilidade social. Não basta ser-se observador, mas também participante, reconhecendo que cada ação tem os seus efeitos não necessariamente no mesmo tempo e no mesmo espaço. Uma vez que as mudanças climáticas se projetam no futuro, estudá-lo é admitir o casamento feliz entre ciência e responsabilidade social (Adam, 2011).

O futuro enquanto objeto de estudo obriga à reflexão profunda sobre o que é observado e quem observa. Isto faz do sociólogo um potencial criador de futuros e do próprio futuro? Factos passados, factos presentes e factos que possam vir a ocorrer no futuro podem ser objeto de reflexão. Não sendo possível agir sobre um passado socialmente construído, o domínio da ação situa-se no presente o que possibilita aos sociólogos refletir e agir sobre o futuro, e contribuir para a sua construção. Enquanto objeto de estudo sociológico as mudanças climáticas podem ser pretexto para o exercício da responsabilidade social por parte dos sociólogos face aos processos de investigação em curso e aos resultados daí decorrentes.

Até que ponto a desmistificação de uma visão excessivamente otimista do futuro terá contribuído para que o discurso sobre responsabilidade social seja hoje tão premente?

As anteriores gerações davam pouca importância ao futuro, diferindo todas as consequências do “desenvolvimento económico” para um momento no tempo sobre o qual não se consideravam responsáveis, “as it becomes apparent that our present was our predecessors empty and open future: their dreams, desires and discoveries...their creative innovations and impositions materializing in our present. Our progress and climate change and ...our nuclear waste and corrupt financial systems are their empty, open futures in progress, are their productive imaginations working themselves out as embodied and embedded present” (Adam, 2011: 593). Perante futuros não acautelados, há que usar de responsabilidade no presente. Trata-se agora de uma responsabilidade partilhada não exclusivamente pelos sociólogos, mas por outros cientistas, peritos, cidadãos, famílias e governos.

Os processos de assimilação de determinadas disposições, como a orientação para o futuro, são processos que requerem amadurecimento por parte de estruturas e agentes. A ação sobre o futuro implica responsabilidades. Não se estranha que políticos e economistas não tenham uma perspetiva de futuro nem se importem com as novas gerações, que ainda não têm estatuto de consumidores nem de eleitores (Adam, 2010: 370). Se a este fator se associar a ideia defendida por Adam de que quanto maior for o impacto da ação humana sobre o ambiente, menor é o controlo sobre as repercussões das suas ações sobre este,



então a questão das mudanças climáticas traz novas e importantes responsabilidades a políticos, cidadãos e investigadores.

Atualmente o exercício da responsabilidade social passa pelas questões: “What might be the right thing to do? What could be a just solution?” (Adam, 2010: 370). Trata-se segundo Adam de questões que envolvem valores e como tal pertencem ao domínio público. Competirá aos sociólogos suscitar essas questões não na qualidade de cientistas sociais mas acima de tudo enquanto cidadãos.

Tal como Adam, Wendell Bell também avaliou a importância de se recolocar a relação entre observador e observado a pretexto do enfoque ambiental. A abordagem deste tema traz para o debate sociológico a questão do comprometimento do sociólogo com o objeto de estudo. “The study and fostering of deep caring about the freedom and welfare of future generations are among the most important purpose of futures studies” (Bell, 2003: 88).

Sabe-se que o fenómeno das mudanças climáticas se irá refletir no longo prazo, se bem que atualmente já são verificáveis algumas mudanças. Embora os cientistas tenham, pela natureza do seu *métier*, conhecimento destas implicações no tempo, as pessoas têm dificuldade em projetar o longo prazo, principalmente quando se trata de fenómenos com pouca visibilidade. Se imaginar o futuro familiar e o futuro coletivo não é uma tarefa simples, imaginar ou projetar outras paisagens que não aquelas a que estamos habituados, ainda parece um exercício menos credível. É como se as pessoas fossem tolerantes em relação ao que ainda é incerto e desconhecido se bem que possa contribuir para alterar substancialmente a vida na terra. Estas considerações levam-nos a referenciar o conceito de risco, tão associado às questões ambientais.

O contributo de Beck prende-se com o aprofundamento do conceito de risco a um nível macrossociológico, com destaque para os riscos causados por fatores ambientais. Segundo este sociólogo, as sociedades atuais são sociedades de risco. Isto não significa que o risco seja algo de novo nas nossas sociedades. Beck diferencia o papel do risco nas sociedades industrializadas onde este era considerado residual, e o seu papel nas sociedades atuais onde se generalizou, tornando-se mesmo alvo de debate público.

A característica principal do conceito de risco é a probabilidade de poder ou não ocorrer. Isto significa que o risco assenta em pressupostos contrafactuais, ou seja, pode verificar-se um cenário de risco se certas circunstâncias o propiciarem. O risco é criado no presente e ao mesmo tempo a sua natureza é indissociável de uma ação que pode ocorrer no futuro.

O risco, socialmente construído, tem subjacente a criação de incertezas, e essas incertezas trazem consequências para as instituições e para as pessoas. Compreender a natureza, alcance e intensidade do risco é um processo complexo, pois envolve diversos

intervenientes que valorizam diferentemente o impacto de determinado risco. Por este motivo, Beck considera a sociedade de risco como questionadora e autorreflexiva. “So once again, risks are at the same time “real” and constituted by social perception and construction” (Beck, et. al., 2000:219). Segundo este sociólogo, o conhecimento sobre os riscos está enraizado na história e na cultura, na construção social do conhecimento e na percepção. Na verdade os riscos ambientais existem enquanto realidade autónoma, mas também são percebidos como mais ou menos graves em função do *habitus* desenvolvido pelos agentes.

Assim, na sociedade de risco coexistem diversos discursos, desde os discursos dos técnicos que muitas vezes afirmam não haver riscos, aos discursos das empresas seguradoras que se inibem de fazer determinados seguros por considerarem os riscos demasiado elevados.

As pessoas não sabem como agir face às ameaças da natureza independentemente de elas próprias terem contribuído para aumentar esses mesmos riscos.

Pela sua natureza, o conceito de risco revoluciona o modo de se fazer ciência uma vez que deve ser investigado numa perspetiva que ultrapassa a tradicional dicotomia global/local e natureza/cultura, como se irá observar adiante.

A sociedade de risco também se caracteriza pelo fim da separação entre natureza e cultura, não só devido ao avanço da era industrial mas também porque natureza e cultura estão sujeitos aos mesmos perigos ambientais em consequência dos efeitos da ação humana sobre a natureza. O conceito de risco reverte a relação entre passado, presente e futuro. O passado perde o seu papel preponderante na determinação do presente, sendo o seu lugar substituído pelo futuro, ou seja por algo que não existe. O futuro é algo que pode acontecer. Em especial os riscos ambientais trazem novas interrogações em termos de conhecimento, pois não se limitam no espaço

Tanto para Beck como para Giddens o conceito de risco não só é fundamental para a compreensão das atuais sociedades como também está intensamente associado às preocupações ambientais que assolam estas sociedades. No entanto, revelam posições distintas quando abordam a questão da confiança. Para Beck, o facto de existirem inúmeros fatores de incerteza pode tornar a confiança num aspeto psicologicamente irracional. Apesar de Giddens (1994) reconhecer a existência de inúmeros perigos na modernidade, afirma que uma das únicas formas para tentar coabitar com certos riscos é a confiança depositadas nos sistemas abstratos (Giddens *citado por* Areosa, 2008: 8).

Luhmann (1993) também desenvolveu o conceito de risco, fazendo uma distinção subtil entre este conceito e o de perigo. O risco surge ligado ao futuro que é preciso acautelar. Nesta perspetiva, o risco pode ser “controlado”, melhor dizendo, está na nossa

esfera de ação reduzir os efeitos negativos de uma ação. Quanto ao perigo, resulta de fatores exógenos os quais não podemos controlar.<sup>14</sup>

Como se enquadram as mudanças climáticas nesta ótica? São ao mesmo tempo um risco e um perigo. A perspectiva que importa destacar prende-se com a necessidade de se antecipar/prever o futuro que só por si encerra elevados níveis de incerteza (Luhmann, 1993). A antecipação/prevenção do futuro pode aplicar-se tanto em situações de risco como de perigo. Luhmann realça que em termos políticos, mesmo quando se está na presença de um desastre natural (*tsunami*, seca generalizada, tufões), a omissão da prevenção pode ser vista como um risco. Nestas circunstâncias é possível haver maior distanciamento político dos perigos relativamente aos riscos, mesmo se as repercussões dos primeiros forem mais graves.

O fenómeno das mudanças climáticas pode exemplificar a tese defendida por este sociólogo. Existe uma serie de ocorrências, algumas mais diretamente ligadas do que outras às mudanças climáticas. Essas ocorrências materializam-se em acidentes naturais. Face a estas circunstâncias os decisores políticos respondem com programas de financiamento e ações de solidariedade institucional. No entanto, se nos posicionarmos nos riscos decorrentes das mudanças climáticas, o processo de antecipação/prevenção só parece funcionar ao nível das representações sociais, adiando-se sucessivamente as práticas. As Conferências Internacionais sobre mudanças climáticas são um bom exemplo de preocupação com o perigo em detrimento do risco, de preocupação com as consequências do problema, protelando sucessivamente a ação sobre as causas de tipo antropogénico.

Embora Luhmann não associe expressamente a manipulação política do risco às questões ambientais, é certo que a sua visão oferece uma ferramenta de análise para a compreensão das práticas e representações sociais dos agentes quanto à construção social do risco.

Outro aspeto a evidenciar prende-se com a distinção entre risco e perceção do risco aprofundada por Beck e por Giddens.

Beck considera que o maior perigo não é o risco mas a perceção do risco (Beck, 2002, *citado por Areosa*, 2008: 8). No que respeita ao fenómeno das mudanças climáticas, é possível manipular-se a informação em dois sentidos distintos: criando receios infundados nos cidadãos ou minimizando as suas consequências. Em qualquer das opções, se definimos as situações como reais, elas são reais em suas consequências (Merton, 1968). A

---

<sup>14</sup> Luhmann diferencia risco de perigo dando como exemplo o hábito de fumar. Quando alguém fuma coloca a sua saúde em risco, no entanto pode decidir a qualquer momento deixar de fumar tomando controle da situação. No entanto, as pessoas expostas ao tabaco não podem controlar o perigo a que estão sujeitas, para estas acentua-se o perigo de contraírem cancro. A mesma ação pode ser um risco para uns e um perigo para outros (Luhmann, 1993).

percepção do risco pode ser avaliada de diferentes perspectivas. Na obra *The Politics of Climate Change* Giddens (2009b) refere que têm sido feitas experiências com grupos de pessoas a quem se questiona sobre os riscos do aquecimento global. Mesmo aceitando a ideia de risco, as pessoas afirmam estar saturadas de ouvir falar sobre o assunto. Vacilam entre a tentação de ignorar o problema “Forget about it all - and get on with ordinary life” ou sobredimensioná-lo, caíndo na apatia. “If the situation is as bad as you say we might as well just give up worrying” (Giddens, 2009b: 34).

Em síntese, o problema das mudanças climáticas é relevante para os sociólogos na medida em que estas são em grande parte resultantes de um determinado modelo societal que sobrevaloriza o crescimento económico. É um tema que tem sido objeto de várias observações e interrogações. Sabe-se que as preocupações com as questões ambientais são sentidas nas sociedades globais, principalmente desde os anos 80 do século XX. Verifica-se que os assuntos ambientais estão na agenda de políticos, cientistas e jornalistas, e que existe consenso quanto ao facto do aquecimento global ser um problema global. Porém observa-se que subsistem divergências quanto às causas e potenciais soluções para o problema das mudanças climáticas (Adam, 1995: 125). Estes desacordos desenrolam-se principalmente a nível das organizações internacionais e governos.

Constata-se que as mudanças climáticas são um dos problemas da humanidade que se vão refletir com maior acuidade a longo prazo. Como criar nas pessoas um *habitus* de pensamento a longo prazo? Como adequar o carácter imaterial e abstrato do futuro à crescente necessidade de responsabilização social sobre as ações que afetam o ambiente? É possível conciliar as exigências do crescimento industrial com as exigências de um crescimento sustentável?

A relevância do tema da sustentabilidade e mudanças climáticas tem implicado no plano da ciência o desenvolvimento de abordagens de natureza prospetiva. É o caso não só das ciências da terra, mas também das ciências sociais.

Outras abordagens de natureza mais aplicada como o desenvolvimento de estudos sobre o futuro têm igualmente contribuído para o desenvolvimento de organizações especialmente vocacionadas para o aprofundamento desta temática.

No próximo ponto será abordada a necessidade da ciência integrar o pensamento prospetivo quando estão em causa questões de (in) sustentabilidade que, colocando em risco a vida na terra, nos forçam a equacionar o futuro.

## 2. Pensar adiante.....Pensar prospectivamente

O pensamento prospetivo apresenta-se como uma oportunidade e uma necessidade de avaliar a relação das pessoas com a sustentabilidade, com o tempo e o futuro.

A presente tese adequa-se à temática geral do pensamento prospetivo e da modernidade. O significado etimológico da expressão prospetivo provém do termo latino *prospectivus* e quer dizer “que faz ver longe ou adiante”. A ideia de pensamento prospetivo que aqui se expõe refere-se exatamente ao sentido literal e primeiro do termo “prospetivo”, aqui tomado exatamente como a capacidade de pensar mais além, à frente. Esta capacidade de pensar mais além reflete-se no senso comum, em expressões como: “aquele tipo vê mais longe”, “tem visão”, “é muito à frente!” E também nos provérbios: “candeia que vai à frente alumia duas vezes”; “guarda hoje o que não precisas, que amanhã pode servir-te”.

Pensar mais longe é um atributo partilhado pela ciência. É possível à ciência ir mais além na cadeia temporal? E em particular as ciências humanas e sociais? Se existe uma sociologia “genética” que recorre às fontes documentais da História para situar os fenómenos sociais numa determinada espessura temporal, porque não uma Sociologia de natureza “prospetiva” que contextualize os fenómenos sociais num momento temporal à frente do presente? Onde se situa na história da humanidade a génese do “pensamento prospetivo”? Como surgiram as inquietações com o que irá ocorrer nas vidas das pessoas, famílias, organizações num momento que ainda não existe? De um ponto de vista mais circunscrito, poderão os métodos e as técnicas da Prospetiva servir a Sociologia? São sem dúvida questões fascinantes e complexas acerca das quais se deixam algumas pistas para reflexão e acima de tudo, muitas interrogações.

Porquê “Pensamento Prospetivo e Modernidade?” O desenvolvimento da forma de pensar a realidade prospectivamente é uma condição que tem vindo a ser aperfeiçoada secularmente, tendo atingido uma expressão mais significativa num momento histórico particular, designado de modernidade. Este facto justifica uma exposição sucinta sobre as relações entre Sociologia e Pensamento Prospetivo, tendo como pano de fundo a modernidade.

O que é a modernidade e como se manifesta? O que se entende por pensamento prospetivo? Em que medida o pensamento prospetivo é reflexo da modernidade? Os sociólogos abordam os fenómenos sociais prospectivamente? Porquê? Qual a importância da análise prospetiva para o pensamento sociológico?

Inicialmente, o futuro enquanto ponto de orientação da ação esteve presente nas abordagens dos sociólogos clássicos. Depois, a ideia de futuro generalizou-se aos cidadãos.

Este processo foi maturando no âmbito dos sistemas sociais emergentes ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, designando-se de modernidade.

A modernidade caracteriza-se por um estilo de vida e de organização social que emergiu na Europa no século XVII, objeto de grandes e profundas transformações ao longo do tempo, cuja influência se veio a generalizar à escala global (Giddens, 2000a).

A assimilação da ideia de futuro contribuiu para a diferenciação das sociedades pré-modernas relativamente às modernas. Nas primeiras, o peso do passado é maior do que o do futuro e a reflexividade ainda limitada à reinterpretação da tradição, das sociedades modernas onde “todas as formas de vida social são parcialmente constituídas pelo conhecimento que os atores têm delas” (Giddens; 2000a: 27). Nas segundas, evidencia-se o posicionamento da reflexividade na agenda de indivíduos, famílias e organizações. Trata-se de uma reflexividade orientada para o devir, não se tratando apenas de referenciar o passado ou o presente mas essencialmente o futuro. “A reflexividade da vida social moderna consiste no facto de as práticas sociais serem constantemente examinadas e reformuladas à luz da informação adquirida sobre essas mesmas práticas, alterando assim o seu carácter” (Beck, Giddens, Lash: 1997, 27).

Em suma, a crescente capacidade de reflexão sobre os sistemas sociais tem andado a par com a assimilação da ideia de futuro.<sup>15</sup> Não se trata somente de refletir sobre o presente mas sobretudo de refletir sobre o devir.

Quer isto dizer que nas atuais sociedades modernas, a caminho da pós-modernidade, o pensamento prospetivo pode ser encarado como uma forma particular de reflexividade. Este padrão de pensamento faz hoje parte da utensilagem mental de cientistas, peritos, sociólogos e cidadãos. Todos estes intervenientes refletem e agem sobre as estruturas sociais fazendo recair sobre essas estruturas as suas representações atuais e futuras sobre qualquer aspeto da vida quotidiana. Mais concretamente, não só o discurso científico em geral se norteia pela preocupação com o devir, desenvolvendo métodos e técnicas de investigação que comportam elevado grau de imprevisibilidade no conhecimento dos fenómenos, como também os cidadãos através dos *media* e dos recursos culturais que dispõem desenvolvem os seus próprios discursos sobre diversos assuntos como por exemplo ciência, tecnologia, ética ou ambiente. Nestas circunstâncias, o fenómeno das mudanças climáticas proporciona um exercício da reflexividade social, onde as práticas sociais ora se ajustam ora se contrapõem ao conhecimento científico e às opiniões dos peritos.

---

<sup>15</sup> A título de exemplo, o conceito de desenvolvimento sustentável, popularizado em finais da década de 80 pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, tem um sentido prospetivo ao incentivar a promoção de mudanças no presente (agora) que não ponham em causa o futuro das novas gerações ( Giddens: 2000a).

Vários sociólogos (Eisenstadt, 2001, Bonny, 2004, Giddens, 2000a) defendem o início de uma nova fase em meados do século XX, adjetivando-a como pós-modernidade<sup>16</sup> sociedade pós-industrial, modernidade avançada ou sociedade da informação. Trata-se de um sistema social, económico, político e cultural que se desenvolveu a partir da Europa no século XVII, sedimentou-se e estendeu-se a outras regiões do globo designadamente a Ásia, o continente americano até ao século XX. Segundo Eisenstadt, as teorias sociológicas clássicas assumiam, tacitamente, que o paradigma da modernidade tal como se desenvolveu na Europa acabaria por dominar todas as sociedades modernas. Na realidade, após a 2ª guerra mundial, desenvolveram-se diversas constelações sociais que assumiram padrões de modernização diversos do modelo europeu, dominante até à data. Eisenstadt desenvolveu o conceito de modernidades múltiplas, relativizando a perceção do pensamento sociológico clássico face ao sentido conferido à modernidade. “Uma das implicações mais importantes do termo “modernidades múltiplas” é que modernidade e ocidentalização não são idênticas; os padrões ocidentais de modernidade não constituem as únicas modernidades “autênticas”, apesar de gozarem de precedência histórica e de continuarem a ser um ponto de referência básico para os restantes” (Eisenstadt, 2001: 140).

Independentemente das designações que se atribuem às formas de organização social subsequentes à Revolução Francesa e Revolução Industrial (modernidade) e daquelas que se atribuem às realidades sociais que emergiram na sequência da segunda guerra mundial (pós-modernidade), ambas correspondem, do ponto de vista sociológico, à crescente capacidade de ação dos homens sobre a realidade e sobre o devir.

Giddens defende a ideia de uma modernidade radicalizada, como um segundo momento da modernidade ainda em curso. “Não avançamos para além da modernidade, mas estamos a viver precisamente uma fase da sua radicalização” (Giddens, 2000a: 35). Nesta linha de pensamento, vivem-se plenamente as consequências da modernidade, sendo possível prospectivamente revelar alguns indícios do que caracterizará a pós-modernidade. “ Nós não vivemos ainda num universo social pós-moderno mas podemos (...) ver mais do que meros vislumbres da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem dos que foram promovidos pelas instituições modernas” (Giddens, 2000a: 36). A pós-modernidade pode significar o nascimento de uma nova agenda social e política, de acordo com alguns indicadores como as crescentes preocupações com a ecologia e o surgimento de novos movimentos sociais (Giddens, 2000a).

---

<sup>16</sup> No âmbito desta tese, as novas formas de organização social emergentes nos finais do século XX serão designadas de pós- modernas.

Pelo acima exposto, pode considerar-se que os novos desafios que se apresentam às estruturas sociais vigentes são indiciadores da emergência de um novo sistema social.

O desenvolvimento da modernidade enquanto forma de organização social dominante surge paralelamente à formalização da sociologia enquanto ciência que tem por objeto de estudo os fenômenos sociais. Nesse contexto, os primeiros sociólogos preocuparam-se genuinamente com o "futuro" na dupla condição de objeto de estudo e instrumento de modernidade, como aliás se verificou em Condorcet (1743-1794), Tocqueville (1805-1859), Marx (1818-1883), Pareto (1848-1923), Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920).

Poder-se-á ponderar a existência de um paradigma que associa o surgimento da modernidade à emergência do pensamento sociológico clássico e de outro paradigma que associa o advento da pós-modernidade não só ao desenvolvimento do pensamento sociológico contemporâneo como também à divulgação dos primeiros estudos sobre o futuro (Future Studies, ou Prospective)? Qual o lugar e o papel de uma sociologia de natureza prospectiva na passagem de um paradigma para outro? Serão questões teoricamente pertinentes? O que são Future Studies e que ligações têm com a Sociologia? Existem afinidades entre o pensamento sociológico contemporâneo, o desenvolvimento do pensamento prospectivo, o surgimento dos estudos sobre o futuro e as atuais formas de organização social designadas de pós-modernidade, modernidade avançada, modernidades múltiplas entre muitas outras designações?

O grande desafio com que atualmente pessoas e organizações se debatem prende-se com a capacidade de enfrentar o futuro usando para o efeito os recursos reflexivos disponíveis no contexto dos atuais sistemas sociais. Esses recursos decorrem necessariamente do acesso à educação e à cultura, como se apurará mais à frente.

A capacidade de enfrentar a incerteza, de abertura à imprevisibilidade, de domínio sobre a mudança, o não deixar-se envolver pela rapidez dos acontecimentos, não permitindo que os acontecimentos ocorram sem a nossa interferência, tudo isto representa um exercício de reflexividade (Lasén, 2000). Este exercício difícil terá consequências para as pessoas, famílias, organizações e instituições. Estará no âmbito da Sociologia e dos estudos sobre o futuro aprofundar essa reflexividade?

## **2.1 Sociologia e estudos sobre o Futuro**

Pensamento sociológico e estudos sobre o futuro têm-se caracterizado, desde meados do século XX, por episódios de aproximação e de afastamento. Em 1967 Fred



Charles Iklé escreveu um artigo “Can Social Predictions be Evaluated?” onde retomou a distinção já anteriormente feita por Merton entre profecias que se auto realizam e profecias que se auto destroem (Masini, 2000).

Daniel Bell, sociólogo e responsável pela Academia Americana de Artes e Ciências, publicou no âmbito da Comissão do ano 2000 um documento de trabalho onde defendia não só a importância do conhecimento das alterações estruturais das sociedades como também o impacto a longo prazo, dessas mesmas alterações. Saliu ainda que as decisões tomadas no presente devem ter em conta futuros alternativos. O trabalho desenvolvido por esta comissão evidenciou a importância mútua que a orientação para o futuro tem para a sociologia bem como o contributo desta para o pensamento prospetivo. Este facto representou certamente um momento particular de aproximação entre pensamento prospetivo e pensamento sociológico. Esta iniciativa de Daniel Bell possibilitou incluir na agenda do pensamento sociológico uma visão prospetiva na análise dos fenómenos sociais e ao mesmo tempo admitir a importância de variáveis de natureza sociológica nos estudos sobre o futuro.

Os estudos sobre o futuro são designados na literatura francesa por “Prospective” (Prospetiva) e na literatura norte americana por Future Studies.<sup>17</sup> O seu objetivo principal é descobrir, inventar, examinar, avaliar e propor futuros possíveis, prováveis e preferíveis (Bell, 2003). Por outras palavras, os estudos sobre o futuro, admitindo que o passado é inalterável, analisam o presente, selecionando a partir deste uma série de futuros possíveis (Masini, 2000).

O interesse sistemático pelos estudos sobre o futuro surge em meados do século XX com a institucionalização de algumas publicações e centros de pesquisa nos Estados Unidos da América e na Europa, período genericamente coincidente com o despontar da pós-modernidade. É nas décadas de 50 e 60 deste século XX que se desenvolvem os primeiros estudos sobre o futuro embora com diferentes enfoques. Na Europa os primeiros estudos estavam associados às ciências sociais e ao planeamento, e nos Estados Unidos esses estudos estavam mais diretamente associados ao campo da aeronáutica militar, tendo posteriormente evoluído para o campo tecnológico (Masini, 2000).

A escola francesa do pensamento prospetivo é representada por Gaston Berger<sup>18</sup>, Pierre Massé e Bertrand de Jouvenel.<sup>19</sup> Na década de 70 surge a revista *Futuribles: Analyse*,

---

<sup>17</sup> Em Portugal as duas expressões *Future Studies* e *Prospective* não surgem diferenciadas nos documentos publicados por Alvarenga e Soeiro de Carvalho (2007).

<sup>18</sup> Gaston Berger fundou em 1957 o *Centre International de Prospective*.

<sup>19</sup> Bertrand de Jouvenel fundador da *Association Internationale de Futuribles* em 1960 e do Grupo de Trabalho em *Future Research* da Associação Internacional de Sociologia.

Prevision, Prospective, sob a direção de Huges Jovenel, cujo objetivo era fomentar a discussão pública sobre grandes temas de interesse comum como por exemplo o ambiente, o trabalho ou a proteção social.

Os estudos sobre o futuro desenvolveram-se a partir da aplicação de diferentes métodos e técnicas como o método de Delfos, a técnica de construção de cenários, recorrendo aos contributos da estatística, da economia, da sociologia e da psicologia. Mais recentemente, e dada a complexidade de determinados fenómenos, tem-se verificado um maior envolvimento de cientistas da área das ciências físicas e biológicas na construção de cenários relacionados com questões ambientais.

Para além dos sociólogos clássicos, vários outros sociólogos contemporâneos (Wendell Bell, Masini, Touraine) valorizaram nas suas abordagens a orientação da ação para o futuro, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento prospetivo. Regista-se o contributo do pensamento prospetivo para a Sociologia designadamente como exemplo de boas práticas no que se refere à experiência da transdisciplinaridade, assim como a divulgação de novas metodologias como por exemplo a análise de cenários utilizada por alguns sociólogos em investigação aplicada.

Existem escassos testemunhos sobre o intercâmbio de saberes entre os estudos sobre o futuro e a sociologia. A socióloga Eleonora Masini aprofundou esta questão ao comparar a visão de Giddens sobre a modernidade com o posicionamento de alguns “futuristas”. A posição de Giddens face à modernidade como algo que atingiu os seus limites é partilhada por alguns “futuristas” que chegaram às mesmas conclusões através de diferentes abordagens. Nesse sentido, o conceito de pós-modernidade adotado por Giddens como uma etapa historicamente emergente, possibilita o intercâmbio entre uma análise sociológica profunda e o traçado de futuros possíveis, prováveis e alternativos (Masini, 2000). Estamos face a uma das raras referências até agora encontradas que sublinham explicitamente uma conexão entre o pensamento sociológico contemporâneo fundamental e o pensamento prospetivo de natureza intrinsecamente aplicada e prática.

Pese embora a importância dos fatores de imprevisibilidade, incerteza e relatividade no advento da pós-modernidade, será possível aprofundar a análise dos fenómenos sociais prospectivamente? Ou é precisamente essa condição de imprevisibilidade proporcionada pelo modo de vida das sociedades atuais que impulsiona o desejo de controlo sobre o futuro? Parece ser possível para alguns sociólogos designadamente para Giddens: “Rejeitamos, antes de mais, como indigna de consideração intelectual séria, a ideia de que

não é possível nenhum conhecimento sistemático da ação humana ou das tendências do desenvolvimento social” (Giddens, 2000a: 32).

O pensamento prospetivo faz claramente parte da modernidade, não somente do ponto de vista dos sociólogos, mas também dos futuristas que o elegeram como objeto central de estudo, como também do ponto de vista de todos quantos se interrogam e inquietam sobre os atuais sistemas sociais (cidadãos, especialistas, cientistas, famílias, empresas, organizações governamentais e não governamentais, movimentos sociais).

A prospetiva desenvolveu-se enquanto conjunto de saberes autónomos na sequência das reflexões críticas sobre o modelo de desenvolvimento das sociedades ocidentais que ocorreram na segunda metade do século XX e procurou inspiração na sociologia clássica (Condorcet, Marx, Durkheim, Tocqueville).

De acordo com Willinius, a principal diferença entre estudos sobre o futuro e sociologia prende-se com a focagem dos Futures Studies no tempo futuro, contrariamente à sociologia que se centra no tempo presente. Naturalmente, este facto não impede que a sociologia se interesse por um objeto de estudo não empírico ou seja, não sujeito à experimentação. “The basic difference between the future studies approach and the sociological tradition becomes evident: whereas sociology is founded on observation of present social action and past documentation, futurists draw also from non-empirical reality, i.e, from the future. As an empirical exercise, sociology is labelled a branch of science, whereas futures studies may be labelled as a branch of Knowledge” (Willinius, 1999: 376).

Pensamento prospetivo e pensamento sociológico têm sofrido influências mútuas, todavia para alguns sociólogos permanece a discussão teórica sobre o sentido da ação humana e a sua orientação no tempo presente ou futuro. Pode o futuro ser objeto de investigação sociológica? Em que condições? Com recurso a que ferramentas?

Apesar das questões de natureza teórica e metodológica que se colocam à Sociologia, é certo que o futuro é parte integrante da modernidade e consubstanciando-se em práticas, valores e representações sociais próprias.

Giddens destaca a necessidade de uma nova teoria social para que a Sociologia abarque a complexidade gerada pelos sistemas sociais contemporâneos. Essa teoria deverá ser capaz de responder ao dinamismo da modernidade que resulta da separação do espaço e do tempo, e da sua recombinação para formar uma estrutura de ação e da experiencia de natureza genuinamente histórico-mundial (Giddens, 2000b). Esta posição coloca-nos perante uma reflexão sobre a natureza do tempo enquanto característica essencial da modernidade, e conseqüentemente enquanto objeto de estudo sociológico que integra necessariamente o futuro. Neste contexto, o pensamento prospetivo em geral e os estudos sobre o futuro em particular servem a reflexão sociológica? E a reflexão sociológica requer

novas abordagens? Giddens e Beck evidenciam a importância do pensamento prospetivo pois consideram que a sua natureza contrafactual<sup>20</sup> é um dado fundamental para o exercício da reflexividade nas sociedades modernas. Assim sendo, o pensamento prospetivo torna-se sujeito e objeto de reflexão sociológica.

Por outro lado, Masini e Bell consideram que as recentes transformações sociais colocam um desafio à Sociologia fazendo emergir novas abordagens e ferramentas teóricas. São precisamente as questões do foro ambiental (deflorestação, poluição, mudanças climáticas), que impõem uma reflexão séria sobre o futuro. “Because of vertiginous changes, in these extraordinary times it is fundamental to recognize that prospective is needed, that is, to include the knowledge of the past and the present, the imagination and the will” (Martinez, 1999: 322). Uma vez que não é possível alterar o passado ou mesmo o presente que rapidamente se torna passado, subsiste o futuro. É precisamente porque o futuro ainda não ocorreu que é possível influenciá-lo (Martinez, 1999). Os estudos sobre o futuro propõem à Sociologia uma reflexão sobre os futuros alternativos (possíveis, prováveis e preferíveis). A conceptualização do conceito de futuro, a focalização do conhecimento enquanto motor de intervenção na vida social e a chamada de atenção para a importância de valores fundamentais podem contribuir para um novo posicionamento dos sociólogos, criando espaço para uma sociologia mais crítica.

## **2.2 Pontos de contacto entre Sociologia e Estudos sobre o futuro**

O aprofundamento do conhecimento sobre a modernidade enquanto sistema social dominante implica aceitar o tempo como sujeito e objeto do conhecimento sociológico. Todavia, raramente a dimensão temporal, com destaque particular para o futuro, tem sido valorizada enquanto ponto de orientação da ação pelos sociólogos. Por outro lado, estudos sobre o futuro, sumariamente traduzidos como conjunto de saberes de natureza multidisciplinar orientados para o futuro, nem sempre incorporaram as representações sociais sobre o tempo e a sua influência nos processos de decisão acerca do futuro.

No período entre a 2ª guerra mundial e o final dos anos 70, com algumas exceções adiante mencionadas, os estudos sobre o futuro não integraram o pensamento sociológico. Este aspeto só viria a ser alterado em finais dos anos 70, porém de um modo ainda considerado insuficiente. Sociólogos como Masini, por exemplo, reforçam a ideia de que o desenvolvimento futuro de uma determinada tecnologia não pode ser equacionado de forma

---

<sup>20</sup> A natureza contrafactual refere-se a uma relação condicional entre acontecimentos (se ...,então) e à capacidade de imaginar alternativas à realidade factual.

socialmente descontextualizada, chamando a atenção para o contributo imprescindível da Sociologia (Masini, 2000)

A operacionalização do pensamento prospetivo assenta sobre uma matriz inter e transdisciplinar (Sociologia, Psicologia Social, Teoria dos Jogos, Economia, Gestão), e pondera, nas suas abordagens, as implicações sociais e tecnológicas das mudanças no comportamento humano. Nos EUA os futuristas assumem funções de natureza consultiva (empresas, instituições governamentais, organizações industriais entre outras). A importância dos estudos sobre o futuro tem justificado a criação de estudos graduados e pós graduados nos EUA (Houston e Yale). Presentemente existe em Portugal uma pós graduação nesta área, lecionada no Instituto Superior de Economia e Gestão: Pós Graduação em Prospetiva, Estratégia e Inovação (7ª edição, 2013/2014). O crescente interesse por esta temática, ou o desejo de controlar o futuro refletem-se nas diversas organizações internacionais que se dedicam à realização de estudos sobre o futuro destacando-se o Institute for Alternative Futures, fundado em 1978 por Tofler Dator e Bezold, a World Future Society e a World Futures Studies Federation. Na Europa salienta-se a Finland Futures Academy e a Universidade de Alicante em Espanha como referências fundamentais neste campo. Igualmente se destaca a produção de artigos sobre o tema em publicações próprias como Futures Research Quarterly, Futures Survey, Journal of Futures Studies, The Futurist, World Future Review e a revista Futuribles.<sup>21</sup>

Os estudos sobre o futuro e seus protagonistas, os “futuristas” também podem ser objeto de estudo sociológico. David Brier (2005) partiu das questões: quão longe é o futuro? Qual o horizonte temporal definido pelos estudiosos do futuro? Quando se pensa no futuro, até aonde se vai no tempo? Um ano, 5 anos, uma geração, 10 mil anos? Como se escolhem os intervalos de tempo? Porque não ir além desse tempo? Este conjunto de questões foi proposto a sociólogos que refletem sobre a problemática do tempo e do futuro incluindo-a na agenda sociológica. Referimo-nos a Wendell Bell e Masini, entre os mais emblemáticos. Alguns futuristas como Slaughter e Peter Bishop fizeram parte da pesquisa levada a cabo por Brier.

A investigação levada a cabo por este sociólogo teve por objetivo identificar a variedade de horizontes temporais utilizados pelos futuristas, partindo do princípio que a operacionalização do conceito de futuro é imprescindível para quem o estuda.

Coexistem entre os entrevistados diferentes maneiras de demarcar o futuro. Wendell Bell considera que tudo depende do fenómeno em causa. A espessura temporal varia

---

<sup>21</sup> Estas referências fazem parte integrante de um vasto conjunto de referências bibliográficas cedidas pelo Professor Peter Bishop no âmbito da disciplina Introduction to Strategic Foresight lecionada na Universidade de Houston.

consoante se analisam os movimentos das placas continentais (milhares de anos poderá ser o horizonte apropriado) ou um processo de desenvolvimento social (desde um milénio até centenas de anos ou décadas, dependendo do aspeto que se considera pertinente abordar), ou um processo de mudança geracional numa determinada sociedade (30 a 100 anos) (Brier, 2005).

Alguns futuristas que se especializam no estudo sobre o futuro de pequenas comunidades atribuem o período de 40 anos como adequado para trabalhar com cidadãos pois estes conseguem imaginar o futuro da comunidade a partir das suas vivências familiares ou profissionais (é possível imaginar os percursos de filhos e netos).

Contrariamente à experiência do presente de natureza cognitiva, a experiência do futuro apela para as emoções. Nesse sentido Peter Hayword considera que as pessoas só estabelecem uma ligação com o futuro a partir de um vínculo emocional. Se falarmos sobre o momento em que os filhos saem de casa, ou o momento em que os pais se reformam, então a projeção num tempo futuro concretiza-se. Este aspeto é muito importante por salientar a importância de se ter um ponto de aplicação específica quando se faz investigação sobre tempo e futuro. Talvez por este motivo seja tão difícil às pessoas projetarem as mudanças climáticas num arco temporal de 20 ou 30 anos, a não ser que se associe essa problemática à sobrevivência de seus filhos e netos.

Peter Bishop considera que mais importante do que a quantidade de anos que constituem um horizonte temporal específico, é a capacidade de mudança num determinado período. Kuo-Hua Chen relaciona os horizontes temporais aos papéis sociais.

Brier concluiu que os futuristas trabalham com horizontes temporais que vão desde 1 ano a milhares de anos. Aqueles futuristas que trabalham ligados a empresas ou organizações, definem horizontes temporais menores, pois estão constrangidos pelas solicitações dos clientes, pelo contrário, os futuristas académicos usam horizontes temporais mais largos nas suas pesquisas.

Para Masini a dimensão temporal tem muito a ver com o que se pretende estudar. As suas definições de curto, médio e longo prazo foram aplicadas no questionário no âmbito da presente tese.

Por um lado, os estudos sobre o futuro deram novo fôlego à Sociologia, fazendo emergir questões antigas (futuro enquanto objeto de estudo), introduzindo métodos e técnicas próprios da prospetiva e facultando diversas ferramentas de análise. Nesse sentido, Masini reconhece que a interdisciplinaridade é claramente o grande contributo do pensamento prospetivo para o enriquecimento do pensamento sociológico (Masini, 2000.) Por outro lado, os sociólogos, mesmo os que não acham aceitável a Sociologia debruçar-se sobre um objeto de estudo não empírico, têm dedicado tempo a elogiar, contrapor,

desenvolver e criticar os conceitos desenvolvidos pelos “futuristas” como é o caso de Barbara Adam.

Resumindo, caracterizou-se o pensamento prospetivo em sentido lato e em sentido restrito, ambos indicadores de diferentes níveis de reflexividade nas sociedades contemporâneas. Distinguiram-se dois contextos históricos correspondendo cada um deles a diferentes concepções de tempo e de futuro, e conseqüentemente a diversas problemáticas sociológicas. Depois identificaram-se pontos de contacto e diferenças entre pensamento sociológico e estudos sobre o futuro considerados como uma forma particular de pensamento prospetivo, e por último conferiu-se um olhar sociológico aos estudos sobre o futuro. Tendo em conta que se trata de uma tese com carácter exploratório, permanecem muitas interrogações sobre esta temática.

Como se apurou anteriormente, o pensamento prospetivo revela-se uma ferramenta essencial na abordagem de questões tão prementes e importantes como as mudanças climáticas. Existe tanto a nível internacional como local uma estrutura institucional que se dedica particularmente ao desenvolvimento e cénarização de modelos que projetam futuros alternativos.

De um modo geral, a abordagem institucional ao problema da sustentabilidade e mudanças climáticas está relativamente sedimentada. Trata-se agora de investigar se as pessoas acompanham esta tendência. No ponto seguinte falamos sobre a relação que as pessoas estabelecem com o pensamento prospetivo, com o futuro e com o tempo.

### ***3. De que se fala quando se fala de Tempo?***

Esta tese trata precisamente sobre a relação das pessoas com o tempo e com o futuro. A pertinência deste objetivo prende-se com a ideia de que sem uma relação construtiva do futuro por parte das pessoas, mesmo com abordagens institucionais de cariz prospetivo sólidas, a sustentabilidade e a abordagem às mudanças climáticas será sempre frágil.

A criatividade literária pode ser a importante fonte de inspiração da ciência. Lewis Carroll na obra “Alice no País das Maravilhas” desmontou o conceito de tempo, atribuindo-lhe, a par de uma dimensão mágica e única um profundo significado sociológico. Criando uma boa relação com o tempo, Alice, poderia diferir as suas rotinas menos agradáveis ou pelo contrário prolongar as que lhe dariam mais prazer. O pequeno texto de Carroll em epígrafe revela a natureza social do tempo, conferida pela importância única que este assume na organização das práticas quotidianas entre muitas outras facetas da vida social.

Do que se fala quando se fala de tempo? E porque é importante para os sociólogos? O tempo é medido e contado pelos sinos, ampulhetas, relógios, calendários, almanaques,

despertadores, é sucessão de dias e noites, de estações, de anos e de milénios. É invisível, intrínseco e aparentemente tão trivial que serve de tema de conversa a quem não tem conversa para dar. Por exemplo diz-se: “Tempo é dinheiro”; “Com tempo e perseverança, tudo se alcança”; “É preciso dar tempo ao tempo”; “O tempo que vai, não volta”; “Atrás do tempo, tempo vem”.

O tempo tem a dimensão da vida de um ser humano, de uma árvore, de um partido político, duma tendência demográfica, de uma instituição, ou de um mito.<sup>22</sup> Por ser tão valioso, a sua livre fruição não é permitida a prisioneiros.

O tempo contém várias escalas, desde o infinitamente lato (milhares de milhões de anos), ao infinitamente fugaz (nano segundos), ao tempo vivenciado quotidianamente pelas pessoas do nascimento à morte. É um tempo socialmente controlado com horários apropriados para dormir, trabalhar, fazer refeições, rezar e contestar. É o tempo para a abertura e fecho dos bancos, das bolsas e dos infantários. É o tempo de duração da missa, ou de uma consulta médica, de uma prática desportiva ou de uma aula de yoga. Trata-se de um sem número de factos que ocorrem quotidianamente de forma aparentemente normal e inquestionável. Sobre o tempo os homens constroem as rotinas. Por oposição ao tempo das rotinas, subsiste o tempo das discontinuidades, que é também o tempo das revoluções e dos movimentos sociais.

Refletir sobre o conceito de tempo é um exercício difícil, fascinante e intenso. O tempo é um objeto de estudo único que liga natureza e cultura num único sistema indivisível. A título de exemplo vejam-se as consequências da queda de um meteorito na região dos Montes Urais na Rússia no passado dia 15 de fevereiro de 2013.<sup>23</sup> Este fenómeno é um excelente caso de estudo não só para astrofísicos, como também para os sociólogos pelas questões que suscita. Como é que cientistas e cidadãos lidam com a imprevisibilidade dos fenómenos físicos? Que representações mentais desenvolvem acerca desses mesmos fenómenos? Veja-se a importância do uso das tecnologias da informação nos gestos de centenas de pessoas que fotografaram e filmaram “em tempo real” a entrada do meteorito na atmosfera.

Na verdade, “desde que o tempo é tempo”, melhor dizendo, desde sempre, este esteve no centro das atenções de físicos, matemáticos, biólogos, geólogos, astrónomos, mas igualmente de filósofos, psicólogos, historiadores e sociólogos. Destas abordagens resultam diversas designações para um mesmo conceito tais como, tempo físico, tempo biológico, tempo psicológico ou tempo social.

---

<sup>22</sup> O Rei D. Sebastião regressaria de Alcácer-Quibir numa manhã de nevoeiro.

<sup>23</sup> Fonte: Expresso, 20 de fevereiro de 2013



O tempo não foi apenas objeto de interesse da literatura, da filosofia ou da ciência. Anteriormente já havia tido um papel importante na mitologia europeia, que o valorizou como pertencente ao domínio dos Deuses, enquanto espaço e matéria faziam parte do domínio de ação dos humanos (Adam: 2010).

Um longo processo milenar na história da humanidade, em que se destaca especialmente a viragem do século XIX para o século XX e do século XX para o século XXI, trouxe alterações significativas na relação dos homens com o tempo. A vulgarização do uso do relógio a par da descoberta e uso de tecnologias ao serviço da informação, como o telefone, rádio, televisão, telefone móvel, computadores pessoais, são alguns testemunhos das mudanças ocorridas.

O telefone contribuiu para a eliminação do tempo de espera por oposição ao uso do postal ou das cartas que pressupunham tempos de espera variáveis. Os faxes reduziram o tempo de espera de semanas para segundos e os computadores para nano segundos (Adam, 1990: 140). O futuro torna-se presente pelo carácter instantâneo das informações que se trocam (o futuro é hoje). Esta característica das sociedades contemporâneas que decorre do suposto domínio do homem sobre o tempo, parece não dar espaço para o futuro (Adam, 1990).

### **3.1 Há tempo para uma Sociologia do Tempo?**

Coexistem inúmeras abordagens, autores, terminologias e reflexões sobre a importância de incluir o tempo na teoria social. Na impossibilidade de se enumerarem exaustivamente todas, optou-se por abordar sucintamente os contributos sociológicos mais diretamente relacionados com o tema da presente tese. Em todos estes contributos, reconhece-se a importância da filosofia enquanto fonte de inspiração para o desenvolvimento do pensamento sociológico sobre o tempo.

Entre os clássicos, Durkheim foi o sociólogo que aprofundou mais intensamente a problemática do tempo, sendo reconhecido por Adam (1998) e Castells (2011) como uma referência fundamental no âmbito de uma Sociologia do Tempo. Em *Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim (1912) explora o conceito de tempo como algo marcadamente sociológico. Seguindo uma metodologia idêntica à utilizada em *Regras do Método Sociológico* para a definição dos factos sociais, Durkheim define o tempo como uma categoria objetiva, geral e externa à vontade individual. Tempo e espaço são categorias universais e sociais, melhor dizendo, “são como os quadros sólidos que cingem o pensamento e este não parece poder libertar-se delas sem se destruir, pois não se afigura

que possamos pensar objetos que não existam no tempo ou no espaço, que não sejam mensuráveis” (Durkheim, 2002: 13).

O tempo é um conceito de enorme abrangência, que adquire intenso significado sociológico quando entendido como estruturante da ação humana. Neste sentido, o tempo não só suporta as representações coletivas produto da cooperação humana ao longo de várias gerações, como também contribui para a manutenção e reprodução das práticas sociais (Durkheim, 2002).

Tendo o tempo como pano de fundo, os homens dividem-no em dias, semanas, meses e anos, fazendo corresponder certos acontecimentos sociais a certas datas no calendário. “Um calendário exprime o ritmo da atividade coletiva ao mesmo tempo que tem por função assegurar a sua regularidade” (Durkheim, 2002:14). De facto, é no âmbito da sociedade envolvente que o tempo adquire significado, pois todas as coisas que são temporalmente qualificadas são extraídas, segundo Durkheim, da vida social.

A problemática do tempo em Durkheim trouxe consequências para a Sociologia: a valorização do tempo enquanto facto sociológico fundamental para a compreensão das sociedades, e a sua inclusão enquanto categoria social na teoria do conhecimento. O conceito de tempo em Durkheim é legitimador da ordem social, contribuindo não só para a manutenção do *status quo* e reprodução das práticas sociais, mas também é objeto de representações mentais pelos atores que o vivenciam.

Depois de Durkheim, e no período que decorreu entre as guerras mundiais, a produção sociológica sobre o tema foi reduzida. Porém, a partir da década de cinquenta do século XX vários sociólogos desenvolveram teorias focadas no conceito de tempo. Merton (1996), Mead (1959), Gurvitch (1963), Sorokin (1964), Schutz (1979), Giddens (1997, 2000, 2009a), Adam (1990, 1995, 1998, 2000, 2004, 2010), Luhmann (1978), Castells (2011) Elias (1993) e Bourdieu (1998, 2002), entre muitos outros.

Sorokin e Merton (1937) evidenciaram a distinção entre tempo social e tempo astronómico, apenas valorizando o primeiro enquanto objeto de reflexão sociológica. Esta abordagem centrada na distinção entre “ tempos” veio a ser posteriormente debatida por Elias. Gurvitch (1964) parte do pressuposto de que o tempo social não é homogéneo, e a fim de corroborar a sua reflexão criou uma tipologia, onde identifica oito formas de tempo social. Destas, salientam-se as duas últimas categorias, “Time in Advance of Itself” e “Explosive Time”, que pressupõem a ideia de orientação para o tempo futuro. Esta abordagem teve o mérito de aprofundar o conceito de tempo, atribuindo-lhe maior grau de complexidade em virtude dos diversos contextos sociais em causa.

Schutz estabelece uma ligação estreita entre ação e tempo. É no âmbito da ação que o tempo se revela. Do seu ponto de vista, ação é toda a conduta que é baseada num projeto

preconcebido (Schutz,1979). Assim sendo, a realização de uma ação implica o posicionamento do ator no futuro. Esse “movimento” de projeção no futuro pressupõe antecipação. O processo de construção do futuro é detalhado por este sociólogo que faz uma distinção subtil entre ação e ato: na verdade, o que se antecipa não é a ação futura mas o ato futuro. Por exemplo, quando alguém planeia uma viagem define previamente o destino, neste caso Copenhaga; é esse o local onde pretende ir. Tendo definido o destino, planeia os sítios que pretende visitar. Deste modo, a ação resulta do planeamento da viagem e o ato da ideia inicial, viajar até Copenhaga. Schutz considera que o tempo futuro é ditado pelo ato em si e não pela ação, uma vez que é a sua concretização que dita a conclusão da cadeia temporal.

A diferença que estabelece entre retrospectiva e previsão consolida a ideia de que é no tempo presente que o ator social projeta a ação. A retrospectiva, decorrendo de um evento passado, não se recria ou repete. Porém sempre que o ator posicionado no presente antecipa o futuro, ele recorre a experiências passadas. Pelo contrário, “a previsão é uma retrospectiva” antecipada; deixa em aberto o que só vai ser irrevogavelmente preenchido através do evento antecipado” (Schutz, 1979: 142).

Luhmann desenvolve aprofundadamente a problemática do tempo, partindo da clarificação do conceito: “I propose to define time as the social interpretation of reality with respect to the difference between past and future” (Luhmann, 1982: 274). Coloca em evidência o presente como ponto de partida para a conceptualização do passado e do futuro. Essa conceptualização é consequência das transformações socioculturais que ocorrem a nível societal. O tempo é percebido enquanto relação entre diferentes horizontes temporais donde resultam, por exemplo, conceitos como o presente futuro ou o futuro presente (Luhmann,1982). Segundo Luhmann, esta terminologia é consequência dos “tempos modernos”. Até então, nas sociedades mais antigas, as pessoas coexistiam com uma ideia de tempo menos diferenciada e tal facto não prejudicava a sua compreensão do mundo (Luhmann, 1982). Este aspeto é muito importante pois o autor revela expressamente o seu comprometimento enquanto sociólogo com o espírito do tempo, ou seja com a modernidade.

O tempo surge enquanto representação social “time is the social interpretation of reality with respect to the difference between past and future” (Luhmann, 1982: 274). A sua relevância depende da capacidade de inter-relação entre passado, presente e futuro, sendo certo que esse processo difere consoante os diversos contextos sociais em presença.

Elias aprofundou a sua visão sobre o tempo a partir da crítica da filosofia Kantiana que considerava o tempo como uma categoria “a priori” do conhecimento humano. Quer isto dizer que o tempo era considerado um dado adquirido, imutável, independente do

conhecimento disponível no âmbito de uma determinada sociedade (Elias,1993). Defende a tese de que a construção de conceitos como, por exemplo, o conceito de tempo, resulta do conhecimento e da experiência adquiridos pelos seres humanos ao longo das gerações. A percepção do tempo no homem é algo que decorre de complexos processos civilizacionais de longa duração. Nesse sentido a divisão entre o tempo físico, mensurável e o tempo social, falível e incerto tem vindo a alterar-se. “The difficulty is that “time” does not fit into the conceptual schema of this dualism; like a good many other data, it defies classification as either natural or social, either objective or subjective: it is both rolled into one” (Elias, 1993: 117). Embora a reflexão sobre o conceito de tempo tenha a sua origem nas ciências físicas e no pensamento filosófico, como o autor demonstrou na obra *Time: An Essay* (1993) é preciso ultrapassar a tradicional distinção que resultou desses enfoques teóricos. Dir-se-ia que é preciso aprofundar o conceito de tempo para além de uma visão dualista.

“O modo de conceber e de vivenciar o tempo, não é nem um dado biológico, nem um dado metafísico. Trata-se, antes, de uma dimensão social que muda com a sucessão das gerações, de acordo com seus diferentes *habitus*” (Elias,1993 *citado por* Leccadi, 2005:37). Às ciências físicas compete integrar a dimensão social do tempo. Por outras palavras, abordar o tempo não só como um fenómeno físico próprio da natureza mas também como um fenómeno com significado para aqueles que o vivenciam. Neste sentido, Elias considera que o tempo não é só uma medida mas também uma ferramenta de interação social (Adam: 1990).

A importância de se repensar o conceito de tempo, para além das tradicionais dicotomias entre tempo astronómico e tempo social, assim como a sua contextualização num quadro de longa duração, é claramente exposta por Elias: “perhaps one will remember that the moon - which has almost disappeared as a timing device from the life of urbanized citizens of industrial nation-states, who suffer from the pressure of time without understanding it - was once a messenger which allowed people at more or less regular intervals to institute breaks in their social life” (Elias, 1993: 200).

Diversos sociólogos, designadamente Bourdieu, Giddens, Castells e Adam teorizaram sobre a importância sociológica do conceito de tempo. O contributo teórico de Bourdieu é simultaneamente um contributo prático e intimista. Dir-se-ia prático, considerando que as reflexões teóricas são a cada passo sustentadas por registos empíricos<sup>24</sup>, e intimista uma vez que o tempo experimentado pelos agentes é esmiuçado e aprofundado na sua natureza profundamente social.

Tal como Elias, também Bourdieu critica a noção Kantiana de tempo enquanto realidade pré-estabelecida, propondo em alternativa o ponto de vista do agente onde o

---

<sup>24</sup> Veja-se a abordagem feita por Bourdieu à problemática do tempo em “Meditações Pascalianas”.

tempo não é anterior à prática. Nas palavras de Bourdieu, “a prática faz o tempo, a prática não é no tempo” (Bourdieu,1998:185). Dito por outras palavras, é na prática ditada por distintos referenciais sociais, económicos, políticos e culturais que o tempo adquire um sentido próprio. A prática da temporalização adquire-se na relação com o presente. Esse presente já contém o porvir, “o bom jogador é o que, segundo o exemplo pascaliano, “coloca melhor” a sua bola ou que se coloca a si próprio não onde está a bola mas no lugar onde ela vai cair” (Bourdieu,1998:186). Destaca-se o papel atribuído por Bourdieu aos aspetos de natureza biológica presentes na construção da cadeia temporal dos agentes sociais, melhor dizendo, a disposição para o devir manifesta-se do ponto de vista químico e biológico. Perante uma situação de perigo, os sensores bioquímicos alertam relativamente a algo que poderá ocorrer<sup>25</sup> (Bourdieu,1998). Neste sentido, o processo de antecipação é algo que começa na natureza e se apodera da cultura.

O tempo é, como queria Kant, o produto de um ato de construção, que incumbe, todavia, não à consciência pensante mas às disposições e à prática (Bourdieu, 1998: 191). A experiência do tempo adquire-se na relação entre o *habitus* e o mundo. “Entre as disposições para ser e para fazer, e as regularidades de um cosmo” (Bourdieu, 1998: 187). As práticas e as representações sobre o tempo resultam não só da experiência que o agente adquire quotidianamente como também da estrutura social que condiciona as suas ações. Esta perspetiva é interpretada pelo recurso ao conceito de *habitus* que influencia as perspetivas dos atores sobre o tempo passado, presente e futuro.” O *habitus* é essa presença do passado no presente que torna possível a presença do presente no porvir.” (Bourdieu,1998:188).

O tempo experimentado pelo agente é consequência da diferença entre as suas expectativas e a realidade social. Resulta da relação entre as expectativas sentidas e os constrangimentos das situações dadas ou a acomodação do *habitus* aos campos de prática (Binkley, 2009: 98). Dito de outra forma, existem para Bourdieu duas dimensões constitutivas da experiência temporal: as esperanças subjetivas e as oportunidades objetivas. A ideia de expectativa resulta da distância entre esperanças e oportunidades. Porém, as esperanças e as oportunidades não são idênticas para todos os agentes. Através do *habitus* os agentes ajustam as suas práticas às possibilidades reais. Esse ajustamento decorre não só das condições materiais de existência mas também da influência de instituições como a família, ou a escola, cuja importância é fundamental para se assegurar oportunidades de êxito (Bourdieu,1998).

---

<sup>25</sup> A alteração hormonal sofrida pelo surfista antecipa o medo provocado pela aproximação do tubarão.

O acesso à experiência do tempo é desigual, dependendo a cada momento das condições económicas e sociais que facilitam, ou pelo contrário dificultam esse acesso. Em certas circunstâncias sociológicas (por exemplo, o desemprego), o laço entre passado e futuro parece cortado. Este fenómeno é vivido pelos denominados "homens sem futuro" (Bourdieu,1998). Os pequenos gestos do quotidiano, como cumprir prazos e horários, deixam de fazer parte do universo dos desempregados, bem como a distinção entre semana de trabalho e fim de semana para descanso; aquilo que Bourdieu designa de fins antecipadamente estabelecidos que assumem a forma de pequenas coisas para fazer, o porvir que está contido no presente. Nestas ocasiões, nada havendo para fazer, o tempo pode ser plenamente usufruído, no entanto a ausência de recursos financeiros, sociais e culturais deixa um tempo vazio (*deficit* de bens e excesso de tempo) (Bourdieu,1998). A experiência do futuro é acessível apenas àqueles que detêm algum capital económico e cultural. Por outro lado, quanto maiores os recursos disponíveis dos agentes, menor é o tempo de que dispõem para usufruir desses mesmos recursos (excesso de bens e *deficit* de tempo: Bourdieu,1998).

Porém, não é somente o capital económico ou cultural que condiciona os agentes no uso que fazem do tempo; o capital simbólico é porventura aquele que melhor reflete o tempo enquanto instrumento de poder. A dimensão simbólica do tempo, a forma como é diferentemente apropriado e valorizado pelos grupos socioprofissionais, garante a quem o exerce um poder único sobre os outros. É o poder de se fazer esperar. Certas profissões na área da saúde, ou do direito exercem-no exemplarmente.

Giddens, seguindo a linha de pensamento de Mead, Schutz e Luhmann, parte do presente para justificar a sua abordagem teórica ao conceito de tempo. Trata-se porém de um presente que pressupõe não apenas uma posição do ator no tempo mas também no espaço (Carmo, 2006: 84).

Giddens propõe uma teoria social centrada na contextualização do ator social no espaço e no tempo. "Em sua opinião, a questão fundamental da teoria social consiste em expor como as limitações da "presença " individual são transcendidas pela "extensão das relações sociais através do espaço e do tempo" (Giddens, 2009a: 41).

O contributo mais significativo de Giddens no âmbito da teoria da estruturação prende-se com a valorização do tempo e do espaço enquanto conceitos fundamentais à compreensão da estruturação das práticas sociais. O tempo, enquanto conceito sociológico, é dissecado em três dimensões temporais distintas e complementares: *durée*, *longue durée* e *dasein*. A *durée* surge associada à experiência quotidiana, imediata, a *longue durée* corresponde a uma escala temporal de longa duração, e o *dasein* ao ciclo de vida de uma pessoa, ou instituição (Giddens, 2009a).

Por um lado, a *durée* reflete-se nas atividades que as pessoas desenvolvem ao longo do dia a dia. Essas atividades têm um carácter repetitivo, são rotineiras e reversíveis, e ocorrem independentemente dos percursos individuais. As noções de recursividade e reprodução social referenciadas por Giddens referem-se mesmo a esse carácter repetitivo da vida quotidiana. O suceder das horas, dias e estações do ano, é o pano de fundo sobre o qual ocorrem as rotinas. A vida quotidiana é constituída por uma sucessão de repetições, sendo a sua natureza reversível.

Por outro lado, a vida de um individuo é irreversível (*dasein*), não se repete, não volta a ocorrer. Este facto pressupõe uma dimensão de temporalidade diversa da temporalidade essencial à vida quotidiana (*durée*). O ciclo de vida dos indivíduos é finito, portanto irreversível. Porém, numa perspetiva mais abrangente, o conceito de ciclo de vida pode, segundo o autor, abarcar a sucessão das gerações, remetendo para uma terceira dimensão da temporalidade, a *longue durée* ou *durée* supraindividual das instituições. Todas estas diferentes espessuras temporais coexistem; a *durée* da vida quotidiana (tempo reversível), o tempo de vida de um individuo (tempo irreversível/*dasein*) e a *longue durée* das instituições (tempo reversível): “O tempo reversível das instituições é a condição e o resultado das práticas organizadas na continuidade da vida diária, a principal forma substantiva da dualidade da estrutura” (Giddens, 2009a: 42).

O estudo das representações sociais sobre o tempo, o futuro e mudanças climáticas pode ilustrar bem a interpenetração das diversas temporalidades identificadas por Giddens. Em verdade, trata-se de apreender do ponto de vista sociológico a reversibilidade das práticas quotidianas dos atores (*durée*), os seus percursos de vida irreversíveis (*dasein*), a sua capacidade de reflexão e de ação sobre fenómenos que estão para além das suas vidas, para além do *dasein*, como sejam as mudanças climáticas que se projetam no futuro (*longue durée*). Esse futuro, imaterial para os que vivem o presente, será o presente vivido pelas gerações vindouras.

O tempo assumiu uma importância tão relevante na obra de Giddens que é impossível dissociá-lo da teoria da estruturação. “For Giddens the issue of time is so intimately tied to his theory of stucturation that one could almost think that the problem of time for social theory had simply been the lack of a theory of stucturation” (Adam, 1990:14).

Para além de Giddens<sup>26</sup>, também Lash (1996) e Castells (2011), valorizaram o tempo como elemento diferenciador da modernidade, sendo as sociedades modernas consideradas tendencialmente sociedades em que predomina o tempo cronológico. “Em termos materiais a modernidade pode ser concebida como o domínio do tempo cronológico

---

<sup>26</sup> A conceptualização do tempo em Giddens foi pretexto para a distinção entre sociedades tradicionais e sociedades modernas (Giddens, 2000).

sobre o espaço e a sociedade” (Castells, 2011: 561). Esta ideia tem vindo a ser desenvolvida por Giddens e Lash. Castells vai mais longe, afirmando que o tempo da modernidade, linear e previsível, está a ser fragmentado pela sociedade em rede. Introduce um novo conceito de que designa de tempo atemporal. É um conceito emergente e dominante nas designadas sociedades em rede. O tempo atemporal decorre da indeterminação dos limites do ciclo de vida e suas implicações sociológicas. Em nosso entender, a grande questão para Castells prende-se com as características do modo de vida das atuais sociedades emergentes e a sua influência na representação social do tempo. Estão em causa a emergência de novos estilos de vida que questionam os atuais ciclos de vida das pessoas e das instituições sem os substituir por um modelo alternativo. Estes modos de vida cuja origem remonta à revolução industrial eram pautados por rituais próprios, socialmente previsíveis, ao longo do percurso de vida de pessoas e instituições. Por exemplo, havia um tempo “próprio” para procriar. Presentemente o controlo sobre a reprodução da espécie, a questão do adiamento da idade da reprodução, decorrente das novas tecnologias reprodutivas, tem contribuído para dissociar idade e condição biológica: “caminhamos para a eliminação definitiva do fundamento biológico do conceito de ciclo de vida” (Castells, 2011:580). A este propósito Castells salienta: “A sua consequência direta é outra forma de invalidar o tempo, o tempo biológico humano, o ritmo temporal que regula a nossa espécie desde as origens “poderemos ter que viver sem o relógio que avisava os nossos pais quando nos deviam procriar”; um ritmo biológico secular foi substituído por um momento de decisão existencial” (Castells, 2011: 581).

O mito da eterna juventude, a não-aceitação do envelhecimento e da morte como etapas do processo existencial constituem características destas sociedades emergentes. A matriz deste discurso decorre em parte do desenvolvimento da medicina, da genómica, da biotecnologia, das tecnologias da informação e da comunicação aplicadas à saúde. Viver como se a morte não existisse, apesar de ser a nossa única certeza. É, para Castells, a subversão final do ciclo de vida.

Todos estes aspetos fazem adivinhar alterações nas práticas e representações sobre o tempo nas diferentes esferas de ação humana (trabalho, família, habitação). É neste âmbito que Castells formula o conceito de tempo atemporal. O tempo atemporal afeta todos os domínios da vida social, significando que as regularidades que asseguravam o ciclo de vida de pessoas, famílias, empresas e instituições têm vindo a ser descontinuadas. A interrupção das regularidades ditadas pelo ciclo de nascimento, crescimento e morte, como por exemplo o prolongamento da idade para a reprodução, é um sintoma da distanciação dos ritmos biológicos ancestrais. Concretamente, a ideia de atemporalidade reflete-se em condições tão diversas como transações de capital que se realizam em segundos, negação



da morte pela procura constante da eternidade, guerras instantâneas, cultura do tempo virtual. Estes aspetos são "fenómenos fundamentais, característicos da sociedade em rede, a qual mistura sistematicamente a ocorrência dos tempos" (Castells, 2011: 598). Imprevisibilidade, mudança contínua, transitoriedade, velocidade, rotinas efémeras, são algumas das características destas sociedades industrializadas. Nestas condições o passado não serve de referencial, o presente é vivido ao limite não garantindo espaço para a construção de um futuro que insiste rapidamente em se tornar presente (o futuro é agora!). Este fenómeno característico do tempo atemporal é reconhecido por Castells como um fenómeno localizado em determinadas sociedades ocidentalizadas, não se refletindo à escala mundial.

A ideia desenvolvida por Castells de compressão do tempo até ao limite, fazendo desaparecer a cadeia temporal e em última instância o tempo, também é partilhada por Giddens como um traço distintivo da modernidade. Na obra *Modernidade e Identidade Pessoal* desenvolveu o conceito de colonização do futuro, ou o arrastamento do tempo futuro para o presente (Giddens, 1997).

De volta ao conceito de tempo atemporal e em oposição aos modos de vida que lhe são inerentes, têm surgido novos movimentos com o intuito de trazerem para o tempo presente a preocupação com o tempo futuro. Em 1988, um grupo de cientistas e artistas criaram em S.Francisco a Fundação Long Now com o objetivo de incentivar o pensamento de longo prazo. Para o efeito, levaram a cabo a construção de um relógio gigante programado para 10 mil anos que emitiria um sinal sonoro anualmente, no século e no milénio. Com esta ação pretendia-se contrapor ao conceito de tempo instantâneo, o conceito de longa duração, contribuindo para a responsabilização temporal da humanidade pelas gerações futuras (Castells, 2011). Trata-se de um gesto simbólico que convida à reflexão sobre a importância de projetar o futuro numa escala de milhares de anos. Este é um assunto que está na ordem do dia e que voltará a ser abordado no âmbito da presente tese.

Os discursos sociológicos de Giddens e de Castells sobre o tempo foram sistematizados por Carmo (Carmo, 2006), que distinguiu o tempo enquanto prática e enquanto representação social, fazendo corresponder o primeiro à teoria da estruturação de Giddens e o segundo à emergência da sociedade em rede de Castells.

No primeiro caso, o tempo é algo vivido e experimentado pelos atores recorrentemente; no segundo é destacada a importância que o tempo assume para os atores que o vivenciam. O tempo, em Giddens, resulta de uma sucessão de rotinas, e é nesse sentido que se fala de um tempo contínuo e reversível.

Em Castells a noção de tempo contínuo perde sentido uma vez que a sequência temporal constituída pelo passado, presente e futuro foi interrompida. Porém,

diferentemente de Giddens, é um tempo irreversível. Nestas circunstâncias, o tempo é vivido enquanto representação social, os atores refletem e questionam a qualidade de um tempo que é instantâneo e ao qual se ajustam continuamente (Carmo, 2006).

Luhmann completa as perspectivas de Giddens e Castells ao considerar que o tempo reversível se manifesta ao nível das estruturas enquanto o tempo irreversível se manifesta nos processos que são únicos (Luhmann, 1982).

Apesar das diversas opiniões e pontos de vista sobre a temática do tempo, persiste um elemento comum entre os diversos sociólogos: a aceitação do tempo como um elemento chave na vida social e, conseqüentemente, o reforço da sua centralidade no âmbito da teoria social (Adam, 1990).

Em *Time and Social Theory*, Adam evidencia a importância de incorporar o tempo na teoria social contestando a exclusão mútua de estrutura e mudança em ciências sociais e defendendo a ideia de que as ciências sociais compreendem todo o espectro de tempos, desde o tempo físico, ao “Clock Time”<sup>27</sup>, ao tempo cultural. A este propósito Adam comenta sobre Giddens: “He makes connections and shows the mutual implication of synchronic and diachronic analyses, change and structure of human doing, institutional reproduction and social transformation” (Adam, 1990:16).

O tempo como algo profundamente social, que advém do facto de que só os seres humanos usam, controlam, e vendem o tempo e sobre ele constroem mitos e histórias, é bastante evidenciado por Adam. A ideia de que só os humanos conceptualizam o tempo é o fio condutor da sua obra emblemática *Time and Social Theory* (1990). Esta socióloga aprofunda nas suas obras questões com particular interesse para esta investigação, como a abordagem das mudanças climáticas enquanto produto de uma sociedade industrializada, e fundamentalmente a incorporação da dimensão tempo nos estudos de natureza ambiental.

Os seus pontos de vista sobre o tempo refletem-se em *Time Scapes of Modernity* (1998), *Time and Social Theory* (1990) e *Time Watch* (1995), entre varadíssimos outros livros e artigos. Especialmente em *Time Scapes of Modernity* (1998) é explorada a ideia de que natureza, ambiente e sustentabilidade têm uma temporalidade própria complexa e multidimensional.

A proposta de abordagem de Adam compreende o uso de outras ferramentas teóricas e metodológicas novas, em parte devido à natureza dos fenómenos ambientais. Estes fenómenos têm conseqüências desconhecidas no presente, os seus impactos não

---

<sup>27</sup> “Clock time” é o tempo usado pelos cientistas na medição de eventos.

são visíveis até que os sintomas se materializem algures no tempo.<sup>28</sup> Este será o caso da radiação nuclear cujos impactos a médio e longo prazo não são imediatamente reconhecidos. O mesmo ocorre com as mudanças climáticas cujos impactos não são visíveis aos olhos dos cidadãos. Estes fenómenos, independentemente da discussão sobre a sua origem, afetam indivíduos, grupos, instituições e sociedades globais no presente e principalmente no futuro. Estas particularidades civilizacionais trazem como consequência a necessidade de uma nova abordagem teórica aplicada ao estudo dos produtos das sociedades industrializadas. Tal significa valorizar e contextualizar o contributo de uma Sociologia do Tempo. Neste sentido, Giddens e Adam são unânimes ao considerar a necessidade de se ir além das barreiras teórico-metodológicas da Sociologia na abordagem do tempo, "and for any of the students to ignore physics, the queen of the sciences, would be to ignore the field in which the largest advance has been made so far in the conceptualization of time. All the disciplines will be required to join in the coming unification of the human and natural sciences in the next century (Young, 1988: 246 *citado por* Adam 1990: 18).

O tempo, simultaneamente complexo, discreto, óbvio, plural e oculto está irreversivelmente ligado ao ciclo de vida de pessoas e instituições em todos os contextos sociais. Será porventura o único conceito intrinsecamente multidisciplinar, ponto de encontro das ciências físicas, biológicas, matemáticas, e sociais e humanas.

Tendo a modernidade como pano de fundo, Bourdieu, Giddens Castells e Adam desenvolveram diferentes pontos de vista sobre o tempo. Para estes sociólogos o conceito de tempo social está associado a uma visão da Sociologia que reflete criticamente as inquietações próprias da modernidade. Bourdieu acentuou a natureza profundamente social do tempo e a sua desigual apropriação pelos agentes, tendo para esse efeito convocado o conceito central da sua obra, o *habitus*, através do qual os agentes vivenciam passado, presente e futuro.

Giddens valoriza o tempo, não só como suporte para a teoria da estruturação, mas também como elemento estruturante das práticas quotidianas.

Castells desenvolve o conceito de tempo atemporal associado às características sociológicas da sociedade em rede, onde o controlo sobre o ciclo de vida humana cria maior distanciamento entre natureza e humanidade.

Adam fundamenta a existência de uma temporalidade singular na natureza, no ambiente e nas sociedades globais contemporâneas. Essa temporalidade adquire sentido

---

<sup>28</sup> Os níveis de radiação nas proximidades da central nuclear de Fukushima, no Japão, estão 18 vezes mais altos do que se supunha inicialmente, alertaram neste domingo autoridades locais (BBC Brasil 1-09-2013).

sociológico quando se considera o interesse do conceito de tempo como ferramenta teórica e metodológica.

O conceito de tempo social conforme aqui referenciado é um conceito instrumental, na medida em que tende a legitimar diferentes formas de interpretar a sociedade contemporânea (Carmo, 2006: 76). Este facto foi corroborado pela exposição das diferentes perspectivas sociológicas sobre o assunto. É certo que o recurso à reflexão sobre o conceito de tempo social e o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a sociedade moderna suportaram algumas teorias sociológicas, porém a própria natureza das sociedades contemporâneas e as novas questões que lhe estão associadas exigem novas conceptualizações. Por outras palavras, as recentes abordagens ao conceito de tempo social não só sugerem diversas leituras sociológicas da sociedade moderna como são elas próprias produtos dessa contemporaneidade.

A Sociologia do Tempo oscila, assim, entre um presente cada vez mais contingente e um futuro que urge antecipar. Diz-se que o tempo foge. Os sociólogos afirmam de uma forma mais científica que vivemos a compressão ou o esmagamento do tempo. Face a tais discursos interrogamo-nos: ainda há tempo para uma Sociologia do Tempo?

#### ***4. Do segundo ao milénio. Futuro e Sociologia***

O “futuro”, objeto de estudo fundamental da presente tese, está contido numa categoria conceptual mais abrangente, que é o “tempo”. A consciência do presente e a reflexão sobre o passado constituem pontos de partida para a construção de futuros, como seja o futuro enquanto projeto de vida individual, familiar, ou societal.

Abordar o futuro coloca problemas significativos à Sociologia contemporânea tanto do ponto de vista teórico, como do ponto de vista metodológico e epistemológico. É possível abordar o futuro do ponto de vista sociológico? Poderá aquilo que ainda não ocorreu ser objeto de estudo? Em que circunstâncias? Recorrendo a que metodologias? Com que enquadramento teórico? Os sociólogos abordam os fenómenos sociais prospectivamente? Porquê? Qual a importância do pensamento prospetivo para a Sociologia? Estas são algumas das questões que se pretende abordar ao longo do presente capítulo.

Os sociólogos não se posicionam de forma idêntica relativamente à problemática do tempo e do futuro. Para a maioria, a prática sociológica centra-se no presente com recurso a pequenas incursões no passado com vista a situar e compreender determinados

factos sociais numa fatia temporal mais abrangente. Nestas circunstâncias, o futuro não é declaradamente considerado enquanto objeto de estudo.

Um segundo e reduzido grupo de sociólogos incide a prática sociológica na análise de tendências gerais do desenvolvimento económico e social, a partir do presente, utilizando para o efeito métodos e técnicas próprias da Prospetiva.

Finalmente um terceiro grupo de sociólogos questionam intensamente o conceito de tempo e de futuro do ponto de vista epistemológico e metodológico, e desenvolvem estudos empíricos partindo desses conceitos.

O futuro pode abarcar arcos temporais com maior ou menor espessura consoante a realidade que se quer problematizar. Entre o segundo e o milénio há um leque de possibilidades no tempo ainda por explorar do ponto de vista sociológico.

#### **4.1 Biografia do futuro**

Sendo os processos de antecipação da ação futura inerentes à natureza e à biologia,<sup>29</sup> é certo que a capacidade de imaginar, verbalizar e sonhar com algo que ainda não se concretizou mas que pode concretizar-se num momento imediato ou mais distante é tipicamente humana. Neste sentido, e parafraseando Adam, a capacidade de imaginar o futuro é imemorial na história do homem. Não é demais lembrar que a construção da ideia de porvir foi-se consolidando secularmente como marca diferenciadora da humanidade. Este aspeto é determinante para melhor se compreender os constrangimentos ao desenvolvimento de disposições orientadoras para o futuro nas pessoas e nas organizações.

Os sociólogos que aprofundaram a biografia do futuro nomeadamente Koselleck, Luhmann, Leccardi, Araújo, são unânimes ao considerar que nas sociedades pré-industriais predominava o tempo presente, o “aqui e o agora”. A ideia de futuro estava muito pouco sedimentada. As práticas quotidianas seguiam o curso das estações do ano, dos ritmos da natureza, onde o que já é será novamente (tempo cíclico). Neste contexto, a distinção entre passado, presente e futuro era muito esbatida. Por contraste, na modernidade avançada passado, presente e futuro são claramente diferenciados. O futuro torna-se o centro da *praxis* (Leccardi, 2005).

A influência do Cristianismo permitiu ao longo dos séculos a configuração do tempo linear por oposição ao tempo cíclico. Trata-se de uma representação mental do tempo onde as dimensões do presente, passado e futuro se situam num *continuum*. “É a dimensão vetorial - herdada e transformada pela sociedade industrial - que se torna dominante. Parte-

---

<sup>29</sup> A chita aguarda pacientemente pelo momento mais adequado para capturar a sua vítima. Trata-se de garantir o sucesso de uma ação que irá ocorrer num futuro próximo.

se “de” para chegar “ao” último dia do mundo: a fé garante a riqueza do sentido desse percurso” (Leccardi, 2005: 40).

De acordo com Leccardi (2005), os autores do tempo são em primeiro lugar Deus, em cujas mãos presente, passado e futuro estão confiados, e só depois a comunidade cristã. “A ideia de futuro apenas se torna património da humanidade em virtude de os seres humanos serem criaturas divinas” (Leccardi, 2005: 40). A modernidade laiciza a concepção cristã do tempo. Melhor dizendo, progressivamente o futuro deixa de estar sob o domínio divino passando para o domínio dos homens. Nunca é demais repetir que estes processos levam séculos a constituírem-se como representações mentais dominantes. Assim, a nosso ver, continua a ser pertinente a questão fulcral desta tese, “a quem pertence o futuro?”.

A filosofia iluminista terá contribuído para esta mudança secular nas mentalidades com a propagação da ideia de um futuro aberto, que influenciará a modernidade. A revolução francesa traz os valores da inovação em detrimento da tradição, a novidade em detrimento das recordações. A identidade cultural das sociedades modernas gera-se a partir desta ideia de futuro aberto. Desde o século XVIII até ao século XX prevalece, no ocidente, um profundo optimismo sobre o progresso. O futuro foi interiorizado como algo que estaria sempre ligado a uma melhoria contínua. A ideia de futuro como dimensão separada do presente e do passado, controlável e planificável foi-se construindo entre os séculos XVII e XVIII, com a concepção linear do tempo.

O uso comum do termo “futuro” remonta ao período da Revolução Francesa (Luhmann, 1982). Formulado pela filosofia iluminista, o conceito de futuro aberto exercerá durante dois séculos uma enorme influencia nas mentalidades. A ideia de um plano divino para o futuro ligado às escolhas e decisões do presente, perde protagonismo. O futuro surge então associado aos valores do progresso, inovação, descoberta. O futuro será sempre melhor do que o passado (Leccardi, 2005).

Prevaleceu no ocidente até meados do século XX a ideia de otimismo associada ao futuro. O futuro avançaria no sentido do contínuo melhoramento. A incerteza é ultrapassada. Após a 2ª guerra mundial o futuro deixa de ser visto com tanto otimismo.

Beck distingue duas modernidades: a primeira modernidade, expressão do projeto iluminista com origem no século XVIII e termo no início do século XX, e uma segunda modernidade resultante do processo de globalização, da crise ambiental, do terrorismo, do empobrecimento e dos desastres nucleares. Trata-se de um contexto onde não há lugar para a certeza e segurança. Na primeira modernidade, o risco era valorizado, acreditava-se ser possível tornar previsível o imprevisível. Na segunda modernidade a reflexão sobre os riscos impõe o uso de outros instrumentos conceptuais. Trata-se de riscos imponderáveis

criados pela humanidade (por exemplo as mudanças climáticas). Os cenários de risco podem projetar-se sobre arcos temporais muito abrangentes (Adam, 2000).

## **4.2 No passado era o futuro**

Vários sociólogos clássicos analisaram prospectivamente os fenómenos sociais. Condorcet (1743-1794), Tocqueville (1805 - 1859), Marx (1818 - 1883), Pareto (1848 - 1923), Durkheim (1858 - 1917) e Max Weber (1864 - 1920) têm em comum terem aprofundado a análise da realidade social sob uma perspetiva dinâmica, isto é, perspetivando o futuro como intrínseco à condição humana. Por outro lado, os sociólogos contemporâneos que mais se empenharam em colocar o futuro na agenda sociológica (Wendell Bell, Masini, Adam, Castells e Giddens; em Portugal, especialmente Emília Araújo) têm sublinhado a importância que os clássicos atribuíram a esta problemática. Como a própria afirma, o futuro nas vertentes de utopia e de previsão é um assunto tradicional em Sociologia (Araújo, 2005). A ideia de futuro como uma componente da ação humana está implícita em diversos contributos sociológicos designadamente em Pareto, Tocqueville, Marx, Durkheim e Max Weber.

Do ponto de vista teórico, metodológico e epistemológico, o contributo de Condorcet é a nosso ver, o mais estruturante, inspirador e adequado ao tema desta tese por várias razões. Condorcet foi o último filósofo iluminista e o primeiro dos futuristas (Bell: 2003). O seu pensamento social estava fortemente comprometido com os princípios do iluminismo, destacando-se o primado da razão, o progresso, o acesso à educação e a igualdade. Como se verá mais adiante, é relevante para a pesquisa que se pretende desenvolver, compreender como têm sido assimilados os princípios que subjazem ao nascimento da modernidade aqui interpretada por Condorcet. Por um lado, Condorcet analisou prospectivamente as sociedades, encarando o futuro como passível de ser estudado cientificamente, e por outro lado, tinha a profunda convicção que os homens têm o poder de transformar o devir recorrendo ao uso da razão. “Progress had occurred in the past and it would occur in the future. Images of future progress were real possibilities and they could be hastened into reality, not by will of God, but by the actions of ordinary human beings” (Bell, 2003).

Condorcet não subscrevia a ideia de que o futuro a Deus pertence. A quem pertence o futuro? É uma questão recorrente ao longo desta tese, adiantando-se por agora que tal problemática remonta pelo menos ao século XVIII.

Tendo como referência "Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain", obra publicada postumamente em 1795, Condorcet analisou exaustivamente as sociedades humanas em diferentes épocas, identificou as principais forças e obstáculos à mudança social e inferiu tendências futuras. "Je diviserai en neuf grandes époques l'espace que je me propose parcourir; et j'oserai, dans une dixième, hasarder quelques aperçus sur les destinées futures de l'espace humaine" (Condorcet,1908: 20). Para além da cuidada análise da evolução das sociedades, em nove estágios, Condorcet dedicou um décimo estágio à elaboração de previsões baseadas no conhecimento das tendências de longo prazo e nas causas subjacentes a essas tendências (Bell, 2003). Fez previsões notáveis sobre as mudanças sociais que iriam ocorrer num intervalo de 100 anos, nomeadamente: fim da escravatura, educação pública para todos, direitos iguais para as mulheres e aumento da esperança média de vida entre tantas outras (Bell, 2003).

Na sua obra subsistem até à atualidade desafios de natureza sociológica, como (1) a preocupação com as gerações futuras, (2) a importância da instrução como fator de desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, (3) a reflexividade como motor do desenvolvimento, (4) a valorização do pensamento social (5), e a aplicação de métodos estatísticos em ciências sociais.

(1) A continuidade das futuras gerações é um assunto que está na ordem do dia da sociologia contemporânea. Trata-se, segundo Condorcet, de traçar um quadro das esperanças e do progresso que são reservados às gerações futuras. O que hoje nos parece impossível de concretizar vai ser uma realidade no futuro (Condorcet,1908). Reconhecia que apesar das leis gerais do desenvolvimento da humanidade que conduziriam à progressiva igualdade entre nações, e em cada nação à igualdade de classes, os homens conservariam os seus preconceitos. "Parce que les hommes conservent encore les erreurs de leur enfance, celles de leur pays et de leur siècle, longtemps après avoir reconnu toutes les vérités nécessaires pour les détruire (Condorcet,1908:16).

(2) A instrução surge ao longo da obra como instrumento fundamental de mudança de mentalidades e de correção das desigualdades.

(3) A ideia de reflexividade enquanto capacidade de apreender e reformular práticas em sequência de novas reflexões e informações sobre essas mesmas práticas, já estava presente no pensamento de Condorcet que defendeu a sua importância como meio para se alcançar o conhecimento e a igualdade. "L'habitude de réfléchir sur sa propre conduite, d'interroger et d'écouter sur elle sa raison et sa conscience, celle des sentiments doux qui confondent notre bonheur avec celui des autres, ne sont elles pas une suite nécessaire de l'étude de la morale bien dirigée; d'une plus grande égalité dans les conditions du pacte social?" (Condorcet,1908: 364).



Condorcet analisou do ponto de vista diacrónico os factos presentes e futuros da humanidade, e observou o papel da ação humana sobre as estruturas sociais ao longo dos séculos. "Mais le résultat que chaque instant présente dépend de celui qu' offroient les instans précédents, et influe sur celui des temps qui doivent suivre" (Condorcet, 1908:16).

(4) Sustentou também a existência de uma ciência social com métodos e técnicas apropriados e aprofundou a questão epistemológica da possibilidade do conhecimento em ciências sociais. Considerava que, sendo possível prever-se os desenvolvimentos futuros de fenómenos naturais acerca dos quais se conhecem as leis, então também seria possível prever o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais dos homens (Condorcet:1908). Mais tarde, Weber viria tratar as relações entre as ciências naturais e humanas do mesmo ponto de vista.

(5) E defendeu a aplicação de métodos estatísticos ao estudo científico das sociedades, como por exemplo o cálculo de combinações e de probabilidades. Condorcet pretendia garantir precisão e rigor na análise dos factos para chegar a leis universais, e daí deduzir determinadas regularidades sociais e económicas.

A sua visão do mundo, fruto de um determinado contexto histórico-social, permanece no entanto contemporânea, tendo inspirado o pensamento de Saint Simon e Fourier, e também de Marx e Engels.

A obra de Tocqueville reflete a problemática da mudança social, partindo do estudo comparativo das estruturas sociais francesa e americana. Em particular no volume II de *A Democracia na América*, parte da definição do tipo-ideal de sociedade democrática para deduzir tendências futuras (Aron,1987). Tocqueville analisa os efeitos da sociedade democrática, em diferentes patamares da vida social (sentimentos, costumes), mas também no pensamento político e intelectual. A ideia de antecipação prevalece ao longo da obra tendo como pano de fundo a questão: "Como se poderá desenvolver a sociedade no futuro?". A título de exemplo, Tocqueville anteviu a tendência para a mudança de atitudes face ao trabalho, partindo do exemplo americano: "Os empregados nos Estados Unidos não se consideram degradados porque trabalham, já que à sua volta todos trabalham. Não se sentem diminuídos pela ideia de que recebem um salário, pois o Presidente dos Estados Unidos também recebe um salário (...). Nos Estados Unidos as profissões são penosas ou lucrativas em diferentes graus, mas nunca são elevadas ou baixas. Toda a profissão honesta é honrosa" (Tocqueville citado por Aron,1987: 238). A par da profunda análise que faz da sociedade que lhe era contemporânea Tocqueville expõe claramente algumas preocupações face à orientação futura da sociedade: "Crê-se que as novas sociedades vão mudar cada dia de face, e eu tenho medo que acabem por se fixar invariavelmente nas mesmas instituições, nos mesmos preconceitos, nos mesmos costumes; de tal maneira que

o género humano páre e se limite; que o espírito se dobre e se feche eternamente sobre si mesmo sem produzir ideias novas; que o homem se esgote em pequenos movimentos solitários e estéreis, e que, embora tudo se agite constantemente a humanidade não avance” (Tocqueville *citado por* Cruz, 2008: 282). Tal como Condorcet, também Tocqueville deixou um testemunho que alimenta as grandes questões que atualmente se colocam aos sociólogos: aprofundar o estudo das estruturas sociais modernas não perdendo de vista a sua responsabilidade social enquanto cidadãos face aos efeitos dessas mesmas estruturas no futuro das sociedades.

O pensamento social de Marx é reconhecido por Barbara Adam, Anthony Giddens (Giddens: 2000), Wendell Bell (Bell, 2003) e Emília Araújo (Araújo, 2005) como referência fundamental na reflexão sobre as tendências futuras da humanidade.

Wendell Bell, sociólogo que tem vindo a contribuir intensivamente para a afirmação do futuro enquanto ponto de partida da ação, assegura que Marx criou uma das maiores utopias na história da humanidade (Bell, 2003). Em *Foundations of Futures Studies*, Bell acentua o carácter simultaneamente profético e analítico da obra de Marx com diversas alusões ao fim do capitalismo e ao nascimento de uma sociedade sem classes. Segundo Bell registam-se na obra de Marx três imagens do futuro que ocorrem em períodos distintos: (1) desenvolvimento do capitalismo, (2) transição do capitalismo para uma sociedade sem classes e (3) a futura sociedade sem classes. No primeiro período as imagens do futuro surgem associadas à miséria do proletariado, ao declínio dos meios de subsistência e ao desemprego crescente; no segundo período, as imagens estão relacionadas com a instabilidade económica e a polarização dos conflitos entre proletariado e capitalistas; no terceiro período as imagens estão ligadas à crise económica e à revolução do proletariado como resposta à ineficiência do sistema capitalista. Em contraste com as representações sobre o futuro do capitalismo, a imagem do estágio final do comunismo é uma imagem de uma “boa sociedade” caracterizada pelo fim dos antagonismos de classe, pelo desaparecimento do estado, da propriedade privada, da exploração do homem pelo homem, da redução das horas de trabalho, do fim da alienação e das desigualdades (Bell, 2003). Também na perspetiva de Emília Araújo, Marx coloca-nos perante um devir ideal expurgado dos males da modernidade (Araújo, 2005).

Marx, por um lado, esboça a teoria que explica certos factos decorrentes das relações económicas e sociais (“mais valia”) e por outro lado, a mesma teoria serve de base para um julgamento moral de que a sociedade existente é injusta (Bell, 2003).

A nosso ver, Marx esboçou uma teoria que refletiu uma visão materialista da história ao mesmo tempo que avaliou prospectivamente a sociedade, conferindo-lhe um “futuro justo”. A teoria marxista teria sobrevivido se não estivesse associada a um desejo profundo

de transformação da realidade? Marx poderá ter sido utópico, no sentido em que projetou as suas aspirações quanto ao futuro da humanidade numa teoria que refletiu uma visão materialista da história? Teria sido possível a Marx analisar os factos históricos com um maior grau de objetividade? Será possível abordar determinadas temáticas sem nos deixarmos contaminar pelo seu impacto na natureza humana? Razão e responsabilidade social são imprescindíveis à compreensão dos fenómenos sociais?

Do ponto de vista da teoria sociológica, Marx realçou através do materialismo histórico que a estrutura social condiciona a ação humana, acentuando a importância da ciência como elemento transformador do devir.

Tanto no Manual de Sociologia Geral como no Manual de Economia Política, da autoria de Pareto, está subjacente uma reflexão sociológica que visa a análise de tendências futuras. A este propósito, refere: "L'étude de l'évolution des phénomènes peut ensuite nous être utile en ce qu'elle nous facilite la découverte des uniformités que peut présenter cette évolution, et qu'elle nous met à même de tirer du passé la prévision de l'avenir" (Pareto, 1981:26). Pareto considerava que as ações humanas apresentavam determinadas uniformidades e é precisamente porque as ações têm essas propriedades que se podem tornar objeto de estudo científico. As uniformidades de natureza económica ou social permitem através do conhecimento do passado deduzir o futuro. O futuro só pode ser conhecido se admitirmos implicitamente ou explicitamente essas uniformidades. Reconhece, no entanto, que quanto maior é a cadeia temporal de deduções entre factos passados e futuros, mais incertas são as previsões.

Durkheim, na Divisão do Trabalho Social, registou algumas inquietações com o futuro da sociedade, designadamente com o que designava de "moral". "Diz-se, com razão, que a moral – e por isso deve entender-se não apenas as doutrinas, mas os costumes, – atravessa uma crise terrível" (Durkheim, *citado por* Cruz, 2008: 342). A citação acima referida reflete a preocupação de Durkheim com as mudanças profundas que se operavam na sociedade de então, o modelo de valores vigente havia "regredido" sem que outro lhe subsistisse. "O que é preciso é fazer cessar a anomia, é encontrar os meios de fazer concorrer harmonicamente estes órgãos, que se chocam ainda em movimentos discordantes, é introduzir nas suas relações mais justiça, atenuando cada vez mais as desigualdades exteriores que estão na origem do mal" (Durkheim, *citado por* Cruz, 2008: 342).

A par da conceptualização que fez sobre o conceito de tempo em Formas Elementares da Vida Religiosa, Durkheim, refletiu e preocupou-se com o futuro da sociedade.

Não deixa de ser interessante que, tal como Durkheim, Castells reflita na obra *Sociedade em Rede* a sua preocupação com as sociedades industrializadas enquanto sociedades cujo modelo vigente se está a desintegrar, não existindo ainda nenhum modelo que o substitua (Castells, 2011).

Weber refletiu sobre a natureza prospetiva <sup>30</sup> da ação humana, sendo o seu contributo uma referência imprescindível ao desenvolvimento da sociologia contemporânea, mais concretamente para os sociólogos que valorizam o futuro como objeto de estudo da sociologia. Nos textos de Weber não existem referências ao termo “futuro”, porém a sua presença está latente nos ideais-tipo de ação, racionalidade, progresso e ética. Analisando o legado de Weber sobre esta perspetiva reforça-se a tese de Adam de que o futuro constitui a questão central da sua obra (Adam, 2005). A presença do futuro em Weber pode ser analisada sob diferentes perspetivas: (1) o ser humano é ser orientado para o futuro; (2) o futuro representa um desafio para a Sociologia enquanto ciência; (3) os sociólogos envolvem-se nas questões sociais enquanto seres orientados para o futuro (Adam, 2005).

Em primeiro lugar, Weber considerava que a orientação para o futuro estaria presente em todas as ações, escolhas e valores subjacentes à natureza humana. Esta abordagem está contida nas obras *Economia e Sociedade*, *Ética Protestante e Espírito Capitalista*, e *O Político e o Cientista*. Weber considerava que o que dá valor e inteligibilidade à ação são as visões, sonhos, crenças e motivos e valores. O conceito de ação pressupõe a ideia do devir.

Em segundo lugar, a orientação para o futuro da humanidade é por si só um desafio para a Sociologia enquanto ciência social uma vez que esta lida com ações e decisões que têm um carácter prospetivo. Contrariamente, no âmbito das ciências naturais “as coisas” agem sem orientação para o futuro. Como investigar o futuro recorrendo a métodos utilizados para o estudo de coisas para quem o futuro não faz sentido? Quer isto dizer que o estudo dos fenómenos sociais implica a adoção de uma metodologia diversa daquela que é aplicada em ciências naturais. Não sendo possível observar diretamente o futuro, Weber criou os ideais-tipo admitindo assim a possibilidade de abordar o futuro cientificamente.

Em terceiro lugar, uma questão de natureza epistemológica fundamental muito presente na obra *O Político e o Cientista*: como compatibilizar a atividade do cientista social com as suas opções pessoais enquanto ser humano? Os cientistas sociais não podem fugir da sua condição de seres humanos dotados de orientação para o futuro e guiados por este nas suas ações e escolhas, porém, afirma Weber, “nenhuma ciência poderá dizer aos

---

<sup>30</sup> O ator orienta a sua ação no presente para algo que se irá previsivelmente concretizar no futuro (Adam, 2005).

homens como devem viver ou ensinar às sociedades como se devem organizar. Nenhuma ciência poderá indicar à humanidade, qual o seu futuro (Weber, *citado por Cruz*, 2008: 473).

Os cientistas sociais produzem um conhecimento decorrente das suas escolhas socialmente condicionadas, e esse conhecimento, influenciando a realidade, torna-os responsáveis por essa mesma realidade.

Em síntese, Weber admite que o conceito de futuro não é acessível à observação empírica, a sua abordagem requer o uso de ferramentas conceptuais adequadas. Essas ferramentas são os ideais-tipo. A orientação para o futuro expressa em valores, motivos, propósitos e razões faz parte da natureza humana. Globalmente Weber valorizará a autonomia da ação dos indivíduos relativamente às estruturas; pelo contrário, Durkheim e Marx valorizaram a influência da estrutura enquanto elemento constrangedor da ação dos indivíduos.

Os contributos de Marx, Durkheim e Weber foram entendidos por Giddens como tendo em comum uma visão da modernidade como algo potencialmente positivo do ponto de vista civilizacional. No entanto, acentua a incapacidade destes sociólogos em anteverem as consequências ambientais do desenvolvimento das forças de produção (Giddens, 2000).

Na perspectiva de Adam, e do ponto de vista de uma teleologia do futuro, Durkheim e Weber compreenderam que a explicação científica dos fenómenos sociais era causal. Nesse sentido, o presente e o futuro decorrentes do passado, eram um meio para a compreensão científica das relações temporais (Adam, 2004).

Marx não só apreende as causas dos fenómenos sociais (“como”), tal como Durkheim e Weber, mas também acrescentou à sua análise a questão “porquê”. Segundo Adams, colocar a questão “porquê”, significa reportar-se a planos, fins, objetivos, aos valores e ideais. Sob este ponto de vista, ciência e ação coletiva andam a par. “Karl Marx was the social scientist most explicitly concerned with how the world ought to be, after first having understood the casual relations that brought about a state of affairs he designated socially unjust and in need of change towards more equitable social relations” (Adam , 2004: 307).

### **4.3 O futuro num minuto? Práticas sociológicas contemporâneas**

Como é conhecido, a Sociologia debruça-se sobre os fenómenos sociais que ocorrem no presente, dissecando por vezes uma fatia temporal no passado. Esse recurso ao passado é um instrumento fundamental para a contextualização dos fenómenos sociais no tempo (Sociologia Genética). Porém, o movimento que se faz no sentido do passado pode ser documentado, recriado, enquanto o movimento no sentido do futuro não tem

testemunhos, está por percorrer, é literalmente virtual (Sociologia Prospetiva). Neste contexto surge a questão: estará no âmbito da Sociologia aprofundar a análise dos fenómenos sociais prospectivamente? Os sociólogos clássicos admitiram esta possibilidade refletindo criticamente e esboçando algumas tendências gerais do desenvolvimento da humanidade.

Sociólogos contemporâneos, entre os quais Merton, Wendell Bell, Masini, Daniel Bell, Touraine, Luhmann, Bourdieu, Giddens, Castells e Adam, retomando e inspirando-se na tradição dos clássicos, valorizaram nas suas obras o futuro como objeto de estudo, tendo contribuído vivamente para o aprofundamento de uma Sociologia de natureza prospetiva. O ponto de partida de uma Sociologia Prospetiva é a convicção de que é possível a partir do conhecimento do presente antecipar ações futuras.

Será pertinente fazer do conceito de futuro um conceito operatório em Sociologia? Giddens expressa claramente o seu ponto de vista ao referir: “ Rejeitamos, antes de mais, como indigna de consideração intelectual séria, a ideia de que não é possível nenhum conhecimento sistemático da ação humana ou das tendências do desenvolvimento social” (Giddens, 2000: 32).

No International Handbook of Sociology que dedica um capítulo ao contributo dos sociólogos que abordaram a problemática do futuro, regista-se que a reflexão sobre este nem sempre foi linear. Surgem, no decurso dos anos 30 do século XX, algumas contribuições, designadamente William F. Ogburn, presidente do Research Committee on Social Trends em 1929 nos EUA, cujo contributo se traduziu na elaboração de projeções de longo prazo e análise do impacto das invenções ao nível institucional e individual. Também Harold Lasswell desenvolveu, desde os anos 30, estudos sobre pensamento prospetivo na Universidade de Yale, tendo identificado cinco etapas fundamentais para os “estudos sobre o futuro”. A visão de Lasswell inspirou a elaboração nos anos 70 do relatório Limits to Growth protagonizado pelo Clube de Roma (Masini: 2000). Os anos 30 e 40 do século XX foram escassos de produção sociológica sobre a temática do futuro.

Merton, em *Social Theory and Social Structure*, introduz a ideia que a tarefa fundamental da Sociologia é de explicitar as consequências não previstas das ações humanas. Este aspeto irá ter um enorme impacto na construção do futuro enquanto conceito sociológico. As consequências das ações podem ser observadas na perspetiva do ator e na perspetiva das consequências para as outras pessoas tendo em conta o contexto (estrutura social, cultura e civilização) (Merton, 1968). Nem todas as ações têm subjacente uma racionalidade própria isto é, pode não existir uma intenção explícita, pois nem sempre as pessoas utilizam os meios objetivamente mais adequados para atingir os seus fins. Merton estava interessado em determinar quais os elementos relevantes no afastamento da

racionalidade da ação, apesar de os conceitos de racionalidade ou irracionalidade não estarem necessariamente relacionados com o sucesso ou insucesso da ação. Reforça algumas limitações à antecipação das consequências não esperadas das ações, como seja o conhecimento insuficiente e o erro.

Quanto à primeira limitação, habitualmente agimos não com base no conhecimento científico (episteme) mas com base nas nossas opiniões (doxa). As situações que exigem uma ação imediata normalmente envolvem a ignorância de determinados aspetos da situação, o que conduzirá a resultados não esperados.

A segunda limitação prende-se com o erro. Pode-se errar na avaliação que se faz de uma situação presente; na dedução “do aqui e agora” para a situação objetiva futura; na seleção feita no decurso da ação; na execução da ação escolhida. Assume-se que ações bem sucedidas no passado continuarão a ter o mesmo resultado no futuro. Esta tomada de posição está frequentemente relacionada com o mecanismo do hábito. O hábito, contribuindo para a obtenção de determinados fins, tende a tornar-se automático, repetindo-se continuamente de tal forma que o ator não reconhece que os procedimentos que foram bem sucedidos em determinadas circunstâncias não o serão necessariamente em todas as condições. O erro pode também ocorrer quando o ator apenas tem em conta determinados aspetos de uma situação, tomando a parte pelo todo. Esses aspetos influenciam o resultado da ação.

Verifica-se ainda uma terceira limitação referente às consequências inesperadas da ação, em que a principal preocupação do ator com as consequências imediatas exclui outras possíveis consequências do mesmo ato (Merton, 1996). Merton identificou algumas variáveis que dificultam a previsibilidade das ações e chamou a atenção para as profecias que se cumprem por si mesmo, em especial na obra *Teoria e Estrutura*, a partir da célebre frase do sociólogo Thomas (que Merton designa de Teorema de Thomas). “Se os indivíduos definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências” (Merton, 1968, 515). Para Merton, este princípio adequa-se a quase todos os processos sociais.

A ideia principal prende-se com o facto de os homens reagirem não só aos traços objetivos de uma situação determinada mas também ao sentido que essa situação tem para eles. A partir do exemplo ocorrido em 1932 no Last National Bank, em que se verificou que o lançamento de um boato sobre a insolvência desse banco, que na realidade era próspero, contribuiu para a falência real do banco. As definições públicas de uma situação (profecias), fazem parte integrante da situação e, em consequência, afetam os acontecimentos posteriores, tal como se verificou em centenas de bancos nos EUA na década de 30, e se passa atualmente mas com outros contornos. “A profecia que se cumpre por si mesma, é inicialmente, uma definição falsa da situação que provoca uma nova conduta, a qual por sua

vez converte em verdadeiro o conceito originalmente falso” (Merton,1968, 517). A título de exemplo, Ferreira de Almeida refere a posição do pároco de Rio de Onor, após a publicação do estudo de Jorge Dias sobre esta comunidade. Nesse âmbito, o pároco aconselhava os seus paroquianos a agirem como o «senhor doutor» dizia que eles agiam. Admitindo a influência do sacerdote, os paroquianos adequariam as suas práticas a um novo modelo com o qual se conformariam (Almeida,1984). Este facto é elucidativo de como as profecias e as teses podem contribuir para modular socialmente determinadas situações.

Pode-se, segundo Merton, romper com o círculo vicioso das profecias que se cumprem por si mesmas quando se coloca em dúvida a suposição original e se formula uma nova definição da situação. O autor admite ser possível pôr um fim às profecias que se cumprem por si mesmas através da criação de mecanismos de controlo institucional. A reforma da banca a decorrer atualmente nos EUA em resposta à crise financeira despoletada em outubro de 2008 aquando da falência do banco Lehman Brothers, ilustra o pensamento de Merton. De facto, a criação de uma entidade que irá zelar pelos interesses dos clientes do sistema financeiro, entre outras medidas, poderá ser vista como a criação de mecanismos de controlo institucional defendidos por Merton<sup>31</sup>.

Ao contrário das profecias que se autorrealizam, as profecias que se autodestroem deveriam realizar-se, mas na realidade não se concretizam porque a crença dos indivíduos na profecia modifica o seu comportamento. É o facto de anunciar a profecia que a neutraliza.

A profecia de Marx face à progressiva concentração de riqueza e à crescente miséria das massas populares terá, porventura, influenciado a criação e o desenvolvimento de organizações laborais, reflexo de uma tomada de consciência dos indivíduos face às condições desfavoráveis em que viviam. Deste modo, os desfechos previstos por Marx quanto ao fim da luta de classes não se realizaram (Merton,1968)

O contributo de Merton possibilita, no âmbito desta tese, interpretar do ponto de vista sociológico o sentido que os atores sociais atribuem aos discursos sobre mudanças climáticas veiculados pelos *media* ou pelos políticos ou organizações não-governamentais. Esses sentidos ou explicações, porventura falsos, podem influenciar as ações dos atores. Ou pelo contrário, as “profecias” sobre o impacto das mudanças climáticas no quotidiano podem não se verificar face à crescente tomada de consciência dos atores sobre riscos ecológicos.

---

<sup>31</sup> Fonte: Jornal o Público em 2010/26/06.



As reflexões de Merton contribuíram significativamente para colocar a problemática do futuro na agenda sociológica e para aprofundar a vertente sociológica do pensamento prospetivo emergente nos EUA e na Europa, em meados do século XX.

A sociologia do tempo desenvolve-se a partir da observação das práticas e representações sociais nas sociedades mais industrializadas, mas também pode ser objeto de estudo de sociedades com lógicas pré-capitalistas. Bourdieu, em *Esboço de Uma Teoria da Prática* (Bourdieu, 2002), expõe três estudos de caráter etnológico sobre os Cabila na Argélia. A sociedade Cabila é analisada a partir das representações das práticas quotidianas no espaço e no tempo. Os Cabilas construíram um sistema de tempo social que é hostil ao relógio de tal forma que se referem a este como o “engenho do diabo” (Turner, 2002: 379). Trata-se de uma disposição temporal distinta das disposições dominantes nas sociedades contemporâneas estruturadas em função do tempo ditado pelo relógio. A este propósito Giddens sublinha que o que está em causa no estudo de Bourdieu não são os diferentes meios de medir o tempo mas as formas divergentes de estruturação das atividades diárias (Giddens, 2009a): 156). A título de exemplo, nesta sociedade, o ano corre do outono para o verão e o dia das primeiras horas da noite para o meio-dia (Giddens, 2009a): 156).

A perspetiva que se evidencia na abordagem de Bourdieu a esta sociedade prende-se com a relação entre as práticas económicas e o sistema de disposições temporais. A pretexto do registo etnográfico desta sociedade, Bourdieu aprofunda o sistema de trocas em estreita ligação às representações sociais que os Cabila desenvolvem sobre o tempo e o futuro. Como é que se forma a ideia de futuro nos Cabila? Como está associada a um determinado sistema de trocas? Não existe propriamente um termo nesta sociedade que designe “futuro”, mas expressões equivalentes. Todavia persiste a ideia de guardar ou pôr de reserva alimentos para uso futuro (Bourdieu, 2002: 265). A racionalidade económica do camponês face ao “porvir” funciona a partir da experiência adquirida e não do cálculo antecipado do produto das suas colheitas. Melhor dizendo, a experiência do futuro advém das experiências concretas que ocorrem no presente ou que resultam da tradição. “O camponês compromete-se com as suas despesas em função do rendimento proporcionado pela campanha precedente e não do rendimento antecipadamente calculado” (Bourdieu, 2002: 258). É uma lógica diversa do cálculo económico racional, cuja ideia de futuro está ligada à noção abstrata de lucro. Esta disposição temporal que se estabelece em aspetos muito concretos da vida quotidiana dos Cabila é fundamental para se entender a resistência dos camponeses ao uso da moeda como instrumento de troca. Quando se troca um objeto por outro sabe-se de imediato o que vale e para que serve; ao mediar a troca pelo recurso à moeda, troca-se um bem palpável por um bem imaterial cujo valor e uso futuro se desconhece. Tanto o uso da moeda como valor de troca, como o recurso ao crédito exigem

algum tipo de abstração, e acima de tudo um comprometimento impessoal. Os Cabila não sentem necessidade de estabelecer prazos para o resgate das suas dívidas, pois as questões de honra sobrepõem-se à lógica do lucro. Pede-se emprestado a um familiar ou amigo, é a palavra que conta (Bourdieu, 2002). Mais uma vez o porvir é garantido pela experiência do presente.

Bourdieu analisa no âmbito da sociedade Cabila, as práticas e representações sobre o tempo e sobre o futuro a partir de uma matriz económica. A formação da ideia de lucro tal como o desenvolvimento da ideia de porvir exigem um maior grau de conceptualização. Tal como em qualquer contexto social também entre os Cabila o tempo reflete-se nas práticas quotidianas, moldando e sendo moldado por estas. Como Bourdieu demonstrou, existe uma visão de longo prazo entre os Cabila que decorre da fruição das práticas que ocorrem no quotidiano presente ou que resultam do peso da tradição.

Giddens tem dado vastos contributos para o desenvolvimento de uma Sociologia do tempo e do futuro. Em termos de enquadramento teórico da presente investigação destacam-se especialmente os conceitos de colonização do futuro e de risco, e o pensamento contrafactual como elemento caracterizador da modernidade. Estes conceitos são fundamentais no âmbito da presente investigação.

Giddens identifica o “risco” como uma característica essencial das sociedades contemporâneas. “A noção de risco torna-se central numa sociedade que se está a despedir do passado, dos modos tradicionais de fazer as coisas, e que se está a abrir a um futuro problemático” (Giddens, 1997: 101). O risco está presente em todas as esferas do quotidiano. O cálculo do risco em qualquer esfera do quotidiano envolve imprevisibilidade. Esta propriedade da imprevisibilidade é igualmente verificável no quadro das ações humanas. “Uma parte significativa do pensamento dos peritos e do discurso político de hoje é feita de perfis de risco - analisar o que no corrente estado do conhecimento e nas condições atuais, é a distribuição de riscos em dados meios de ação” (Giddens, 1997: 111). Deste modo, os perfis de risco estão constantemente a ser reanalisados, revistos e atualizados graças à reflexividade caracterizada pela “incorporação rotineira de novos conhecimentos ou informação em ambientes de ação, que assim, são reconstruídos ou reorganizados” (Giddens, 1997: 215).

O conceito de colonização do futuro, ou o arrastamento do tempo futuro para o presente, é observado como uma característica fundamental da modernidade. Este processo tem subjacente a ideia de controlo do tempo através da previsão. Este controlo sobre o tempo reflete-se nas práticas quotidianas e é protagonizado por cientistas, peritos, cidadãos e organizações que recorrem aos saberes acumulados numa tentativa de

controlarem o futuro. Dito de uma forma mais simples, estamos constantemente a antecipar o futuro nas nossas vidas, a torná-lo presente a cada momento.

Risco, colonização do futuro e pensamento contrafactual são conceitos intrínsecos à ideia de modernidade. Giddens descreveu a natureza contrafactual do pensamento orientado para o futuro como um elemento essencial do exercício da reflexividade nas atuais sociedades industrializadas. Neste sentido, a reflexividade pode ser observada como um exercício de aperfeiçoamento constante que é estruturado em termos de cenários. Isto quer dizer que são permitidas diversas configurações para um mesmo problema. Este tipo de pensamento (cenaização) é usado quer em estudos de natureza prospetiva, quer na meteorologia, quer nas práticas quotidianas. Pensa-se e deseja-se de forma contrária à realidade dos factos, esperando que algo possa mudar. Este tipo de pensamento desenvolve-se paralelamente à tomada de consciência dos riscos ecológicos causados pelo homem sobre a natureza. Não só Giddens se refere a este tipo de pensamento como também Beck, para quem o pensamento contrafactual é uma forma de utopia essencial na atual modernidade.

A reflexão sobre a modernidade é indissociável da reflexão sobre o futuro enquanto categoria socialmente construída. A modernidade está intrinsecamente orientada para o futuro e, deste modo, as antecipações do futuro fazem parte do presente e repercutem-se neste (Beck, Giddens e Lash, 1997). A própria questão das mudanças climáticas encerra claramente a ideia de futuro e de risco. As ações do homem sobre a natureza no presente têm certamente impacto nas gerações futuras. Essas ações podem ampliar os riscos ecológicos, tornando em consequência mais difícil prever os seus efeitos.

Nesta perspetiva, a tese defendida por Bell e por Masini de que o futuro é consequência de uma escolha, competindo aos atores selecionar no presente, o futuro mais adequado, aplica-se à problemática em causa (Masini, 2000, Bell, 2004a).

Segundo Adam nós somos os recipientes do futuro aberto dos nossos antecessores. Trata-se da naturalização da ideia de que o futuro é aberto. Deste modo, estaria inteiramente nas nossas mãos construí-lo como se não houvesse uma herança deixada pelos nossos antecessores a restringir a nossa ação (Adam, 2011: 593). No caso das mudanças climáticas, são conhecidos os efeitos do processo de industrialização ocorridos desde o século XVIII até ao tempo presente. Estes processos seculares, determinam a contemporaneidade e condicionam o futuro. É neste sentido que se considera que o futuro não é aberto.

O processo de incorporação de disposições temporais é muito moroso e difícil. A crescente diferenciação das sociedades surge associada a um maior grau de conceptualização do conceito de futuro (Elias, 1993). É fundamental acompanhar o

desenvolvimento do conceito de futuro do ponto de vista diacrônico para se entender o que se quer dizer com maior grau de conceptualização. Schutz (1979) refere-se às sociedades pré-modernas como sociedades onde a distinção entre presente, passado e futuro é bastante ténue.

Luhmann teve em conta as mudanças que tem vindo a ocorrer nas representações mentais sobre tempo e o futuro em ligação com os sistemas sociais envolventes. "Time itself as well as its conceptualization are changed through the mechanisms of sociocultural evolution. This as consequences for the way we see and conceive our future" (Luhmann, 1982: 276). Este sociólogo distinguiu três conceptualizações do futuro: cronológica (o tempo é uma sucessão linear de datas, o futuro começa quando o presente acaba), a teoria das modalidades (pressupõe que os três modos de tempo - passado, presente e futuro - são igualmente importantes) e a análise fenomenológica (futuro e passado são horizontes temporais do presente) (Luhmann, 1982). Parafrazeando Araújo, "o presente é o horizonte mais relevante porque é nele que se realiza o futuro" (Araújo, 2005: 18). Reconhece-se através da abordagem fenomenológica adotada por Luhmann, que não só o presente adquire um estatuto fundamental em virtude do seu posicionamento face ao passado e ao futuro, como também é possível recombinar as dimensões temporais: passado, presente e futuro.

Os conceitos de presente futuro e de futuro presente resultam dessa recombinação que está na origem de duas visões do futuro: uma visão utópica e uma visão tecnológica. O conceito de presente futuro pressupõe uma conceção utópica do tempo. "The prevailing conception of our present future seems to be an utopian one with either optimistic or pessimist overtones" (Luhmann, 1982: 280). O conceito de futuro presente pressupõe que as tecnologias se orientam para futuros que se tornam presentes. "Technology, on other hand, refers to future presents. Indeed it transforms them into a string of anticipated presents" (Luhmann, 1982: 281). É como se "antecipássemos o futuro em cada uma das nossas decisões, e ao antecipá-lo de certo modo o impedíssemos de começar" (Cabral, 1990a).

Luhmann quis responder a um dos desafios que se colocam à Sociologia do Tempo e do Futuro: como conciliar previsão e ação? "Assim preconiza que o futuro só se inicia na ação, isto é quando a tecnologia (ser) e a utopia (dever ser) convergirem no desenvolvimento de posturas que passem, por um lado, pelo adiamento de recompensas e, por outro, pelo adiamento da negação" (Araújo, 2005: 18).

Em síntese, a imagem que se retém sobre presente futuro e futuro presente é a de um leque ora completamente fechado por compressão do futuro, que em virtude do suceder de antecipações "não pode começar", ora completamente aberto a todas as possibilidades.

Entre as duas posições do leque haverá porventura uma que permita uma aproximação ao futuro a partir da ação sem excluir a visão tecnológica e a visão utópica.

A distinção entre presente futuro e futuro presente será retomada e aprofundada por Bell e Adam.

A obra de Wendell Bell é uma referência fundamental para os sociólogos que analisam os fenómenos sociais prospectivamente, como Masini ou Adam. Em *The Sociology of the Future* (1971) e em *Foundations of Futures Studies* (1997), são lançadas as bases para o desenvolvimento de uma “nova” sociologia que incorpora o futuro enquanto objeto de estudo. No prefácio à 3ª edição de *Foundations of Futures Studies*, Bell dedicou os dois volumes às pessoas que querem ser educadas para o futuro, que querem compreender as possíveis alternativas ao futuro que se aproxima e que querem controlar o seu futuro, recusando-se a aceitá-lo passivamente. Dedicou estas obras igualmente aos cientistas sociais que pretendam dedicar algum tempo ao estudo do futuro, trazendo esta problemática para as suas áreas de intervenção (Bell, 2003).

Bell empenhou-se em observar detalhadamente ao longo da história da Humanidade as visões e as utopias sobre o futuro protagonizadas por filósofos, sociólogos, economistas, escritores, ficcionistas e poetas. Defendeu uma visão de longo prazo na abordagem sociológica dos fenómenos, conferindo uma dimensão sociológica às abordagens de natureza “prospetiva”. Identificou quais os campos de aplicação prática da prospetiva e acima de tudo questionou do ponto de vista metodológico e epistemológico a inclusão do futuro enquanto objeto de estudo em Sociologia.

Tal como Schutz (1979), Luhmann (1982) e Bourdieu (1998), Bell considera que é no presente que se antecipam as ações futuras, o futuro constrói-se a partir do presente ou seja, existem no presente certas disposições para o futuro que em seu entender são “real possibilities refer to unrealised but realistic possibilities that lie dormant in the word” (Bell citado por Adam, 2011: 591). Estas disposições no presente podem ocorrer ou não no futuro. O autor exemplifica claramente o que entende por disposições recorrendo à imagem de um copo de vidro que contem em si a possibilidade de se quebrar ou não num futuro. Bell centra a sua análise na relação entre presente e construção de imagens do futuro. Nesse sentido, desenvolveu os conceitos de futuros possíveis, prováveis e preferíveis.<sup>32</sup>

Explorar futuros possíveis significa olhar para o presente de maneira disruptiva imaginando “futuros” alternativos. É um exercício de imaginação e de liberdade. “It involves creative and lateral thinking of present problems as opportunities and present obstacles and limitations as transcendable” (Bell, 2003: 76). O autor faz uma distinção subtil entre as

---

<sup>32</sup> Os Futuros possíveis, prováveis e preferíveis são ferramentas básicas utilizadas pelos “futuristas” na construção de cenários.

disposições gerais acima mencionadas, que podem ou não concretizar-se no futuro, e as disposições que ocorrem da conceptualização de futuros possíveis. Neste caso, as possibilidades para o futuro são reais na medida em que podem ser testadas empiricamente.

Os futuros prováveis têm origem no conhecimento de factos que ocorreram no passado, respondem à questão "what would the most probable future of some specified phenomenon be if things simply continue as they are?" (Bell, 2003: 80). Na realidade, as coisas e as pessoas não permanecem imutáveis. No entanto, é possível identificar o futuro mais provável de ocorrer se esta ou aquela condição se alterarem. Este pensamento está na origem da construção de cenários, onde várias hipóteses são ponderadas a partir de um raciocínio contrafactual<sup>33</sup>.

Subjacentes ao conceito de futuros preferíveis estão as opções, feitas com base em valores. Centrar o pensamento num futuro preferível envolve um questionamento sobre as opções disponíveis com base num determinado sistema de valores, como por exemplo: "Is a sustainable society better than an unsustainable one? Why should present generations care for the well-being of future generations?" (Bell, 2003: 89). Trata-se de saber claramente quais as representações mentais das pessoas face a uma "boa" sociedade.

A forma como nos situamos no tempo influencia a construção das imagens do futuro. Para fundamentar esta tese, Bell retoma e adapta a abordagem fenomenológica desenvolvida por Luhmann que está na origem dos conceitos de presente futuro e futuro presente, associando-os à tipologia de futuros possíveis, prováveis e preferíveis. Deste modo, o conceito de futuro possível pressupõe uma centragem no presente futuro; isto significa que as imagens que se criam a partir do futuro possível são criadas com base na experiência do presente. As imagens que suportam o futuro provável, decorrem da experiência do passado, e as imagens associadas ao futuro preferível ligam passado e futuro num presente onde as escolhas são feitas com base em valores (Adam, 2011: 592).

Bell defende que estas imagens do futuro ou possibilidades para o futuro são reais na medida em que proporcionam condições para a ação sobre a realidade.

Adam reflete algumas preocupações apontadas por Bell, que, inspirando-se na sua abordagem ao futuro, definiu uma tipologia distinta da tipologia criada por Bell, acrescentando e criticando alguns aspetos como mais adiante se constatará. Assim, Adam amplia a visão de Bell sobre futuros possíveis, prováveis e preferíveis, adicionando o conceito de "produção de "futuros".

---

<sup>33</sup> Este tipo de abordagem foi trabalhado pelos clássicos sempre que faziam projeções veja-se o caso de Condorcet, Tocqueville, Marx ou Pareto.

A tipologia desenvolvida por Adam contextualiza os conceitos de futuro/destino, futuro/fortuna, futuro/ficção, e futuro/facto num determinado momento histórico. Assim como em Bell, estes conceitos são intersetados pelas abordagens passadas e presentes do futuro. O futuro enquanto destino surge associado às culturas tradicionais. O acesso ao futuro não é algo que possa estar nas mãos de qualquer ser humano, supõe a intervenção de *experts* (feiticeiros) que ditam profecias cuja função é ajudar as pessoas a prepararem-se para o devir. Nestas circunstâncias, o futuro estava nas mãos dos deuses. Estamos a falar de uma ideia de futuro ainda pouco conceptualizada, de um futuro enquanto sucessão de eventos longínquos.

A ideia de futuro/fortuna surge com a modernidade e pressupõe uma concepção de futuro diferente. Um futuro que não é pré-determinado, dependendo exclusivamente da vontade das pessoas. O futuro mudou de dono, passou dos deuses para as pessoas, o domínio do destino passou a ser o domínio da ação potencial (Adam: 2010b). As pessoas são fazedoras do futuro, o conhecimento do futuro assenta no passado. Os factos do passado são projetados enquanto tendências gerais. O futuro passa a ser projetado com base em dados de natureza coletiva do passado e do presente. É um futuro aberto a tendências gerais. Esta concepção do futuro que se prolonga até aos dias de hoje é encarada por Adam como resultante da naturalização da ideia de que o futuro é aberto. Isto significa que o futuro continua a não ser relevante, permanece como uma espécie de armazém para onde são lançadas as questões para as quais não temos solução hoje, esperando que num futuro mais ou menos longínquo alguém as possa resolver. Referimo-nos, por exemplo, às consequências das mudanças climáticas para o futuro do planeta e da vida na terra. De acordo com Adam, as questões que se colocam na atualidade com maior premência, designadamente as ligadas ao ambiente, resultam da visão que os nossos antecessores tinham do futuro. Essa visão prendia-se com a ideia de que o futuro estava em aberto, o efeito das ações sobre o homem e sobre a natureza no presente não eram alvo de reflexão crítica face às consequências futuras.

Sendo o futuro consequência das ações e escolhas tomadas no presente, especialmente no domínio da inovação tecnológica e científica, verifica-se que os conhecimentos e práticas acumuladas no passado deixam de ser referência para o futuro pela rapidez com que são substituídas por outras. Nestas condições, Adam considera que o conceito de “futuros prováveis” da autoria de Bell está comprometido enquanto ferramenta conceptual uma vez que o recurso ao passado já não é suficiente para se fazerem predições.

Adam propõe ainda na sua tipologia, o conceito de futuro/ficção. É uma concepção de futuro que se desenvolve a par das tecnologias da informação e da comunicação e tem

como principal característica dar a ilusão a todos aqueles que consideravam que o futuro estava nas mãos dos deuses tornarem-se eles próprios detentores do tempo e do espaço. Futuros prováveis e futuros possíveis já não são ferramentas suficientes para se aceder ao futuro/ficção e para investigar a teia de relações sociais que lhe estão associadas, e no que respeita aos futuros preferíveis é preciso desmontar as crenças que os sustentam.

Surge, por último, o conceito de futuro produzido como aquele que a nosso ver tem uma natureza marcadamente sociológica. O futuro produzido é algo que está latente e invisível até se materializar num facto num espaço e num tempo, o futuro presente. Com isto quer-se referir as consequências da radiação nuclear ou do aquecimento global. É um futuro presente, latente mas real e essa é a nossa realidade (Adam, 2011), não é pré-determinado, difere de todos os outros futuros. Esta conceção de futuro é consequência da modernidade, não poderia ter sido pensada noutra época histórica, pressupõe uma utensilagem mental própria e procura responder aos grandes problemas que se colocam às sociedades contemporâneas. Como operacionalizar então o conceito de futuro produzido? Adam considera que não existem ainda ferramentas teóricas para se lidar com a “produção de futuros”. Não sendo acessível à investigação empírica, é um futuro mais determinante do que determinado, tem uma natureza diversa do futuro visto como um destino a cumprir na época pré-moderna. Este futuro é intrínseco às vivências das sociedades industrializadas, onde a ideia de responsabilização dos cidadãos pelas ações presentes e futuras como fazendo parte de um projeto de cidadania ganha importância.

Estas diferentes conceções de futuro (futuro/destino, futuro/fortuna, futuro/ficção e futuro/facto) são tratados por Adam enquanto ideais-tipo que coexistem na realidade, muitas vezes sobrepondo-se. O seu reconhecimento depende do contexto sociológico e histórico em causa, dos percursos de vida das pessoas e das instituições.

Finalmente Adam retoma os conceitos de presente futuro e futuro presente adotados por Luhmann e amplia o seu significado. Quer isto dizer que presente futuro e futuro presente caracterizam-se pelo posicionamento distinto das atuais gerações face às consequências das suas ações nas gerações futuras. Nesta perspetiva, o presente futuro centra-se na questão: “What can the future do for us?” É como se pedíssemos um empréstimo ao futuro para usarmos no presente (Adam, 2010b: 369). Na medida em que o futuro ainda não aconteceu, os efeitos das ações no presente podem ser deferidas. O futuro não é considerado tão importante quanto o presente, não se vislumbra qualquer inquietação face às novas gerações.

O futuro presente atende à questão: “What are we doing to the future?” (Adam, 2010b). O que faremos em prol do futuro? Este posicionamento face ao futuro reflete a preocupação das atuais gerações com os efeitos das ações nas próximas gerações. Ao



reconhecer-se a importância do futuro para os que nos sucedem,” “What might be the right thing to do?” entra-se em linha de conta com os valores subjacentes a estas opções “ these are questions of values, morals and ethics that neither science nor: economics can arbitrate. Instead, they belong in the public domain where they have to be addressed by us, not as academic experts but as citizens” (Adam, 2010b: 370). A posição que assumimos face ao futuro indicia na perspetiva de Adam o maior ou menor interesse pelas futuras gerações. Neste contexto, os valores suportam as opções tomadas pelas pessoas quanto ao futuro, podendo os sociólogos na sua qualidade de cidadãos suscitar questões que contribuam para promover uma relação positiva com o futuro.

Face à constatação de que o futuro é um objeto de estudo virtual, inserido num horizonte temporal onde só o presente é “momentaneamente” visível e tangível, nunca é demais voltar a questionar: que ferramentas estão disponíveis para se estudar o futuro?

A nosso ver é uma questão que continua em aberto. Como abordar a imaterialidade do tempo e do futuro, como avaliar o impacto das ações de natureza política e económica que afetarão o planeta no futuro?

Subsistem algumas pistas para reflexão com origem no conceito de cronopolitismo considerado como uma ferramenta simultaneamente conceptual e ética (Adam, 2004). É um conceito desenvolvido por Cwerner (2000) que visa não só o conhecimento das visões passadas do futuro como também acompanhar os seus efeitos no futuro (Adam: 2004). “It is a move that has the explicit aim of extending social and political responsibilities to past, present, and future generations, as well as to the diversity of histories and rhythms of life that coexist in the global present” (Cwerner, 2000). Quer isto significar que a reflexão sobre o futuro não se foca nem se esgota exclusivamente nessa categoria temporal, necessita de recorrer às experiências passadas do futuro, aquilo a que Adam designa de “memórias dos futuros passados”. Trata-se de um conceito que convida à reflexão sobre as consequências de um futuro que já sobreveio.

A abordagem de Cwerner resulta da crescente conceptualização do conceito de tempo na comunidade científica, e em especial do elevado grau de reflexividade desenvolvido por Cwerner ao “viajar” em diferentes horizontes temporais. Será prudente analisar o impacto das mudanças climáticas sob este ponto de vista? Poderemos olhar para o (s) passado (s) futuro (s) avaliando as consequências das ações do homem que não foram acauteladas tendo em vista as consequências posteriores?

Tal como Carmo (2006) observou, o conceito de tempo foi instrumentalizado por parte dos sociólogos para criticarem um determinado modelo de sociedade. O mesmo ocorre com as abordagens ao futuro aqui apresentadas. Estas refletem uma visão crítica do mundo.

#### 4.4 Futuro, sociólogos e Sociologia do futuro em Portugal

Desde quando o futuro é objeto de interesse sociológico em Portugal? A resposta a esta questão prende-se com a própria génese da Sociologia em Portugal. No contexto internacional a Sociologia surge como disciplina autónoma nas universidades no início do século XX. Em Portugal, a Sociologia nasce de modo efetivo mais tardiamente no final dos anos 70 do século XX com a criação das primeiras licenciaturas (Machado, 2012), no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa-Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE/IUL) e Universidade Nova de Lisboa (UNL).

A problemática do futuro, inicialmente refletida no pensamento de alguns sociólogos clássicos no século XIX, apenas foi retomada na Europa e nos EUA após a 2ª guerra mundial. Em Portugal, as primeiras referências à temática do tempo e do futuro enquanto objeto de interesse sociológico surgem nos anos 90 do século XX.

Observando as fontes documentais e institucionais disponíveis verifica-se que esta temática ainda é bastante residual no contexto da produção sociológica como um todo. A análise de algumas revistas de sociologia (Análise Social, Revista Crítica de Ciências Sociais, e Sociologia Problemas e Práticas) permite clarificar algumas questões. Qual a natureza da produção sociológica sobre o tempo e sobre o futuro? Que relação existe entre as etapas do desenvolvimento da sociologia em Portugal e a produção sociológica sobre a temática do futuro? Das três revistas mencionadas, alguma se destaca particularmente quanto ao tratamento deste assunto? Qual o balanço da produção sociológica nesta área?

As quatro etapas do desenvolvimento da sociologia em Portugal definidas por Machado (2012), origens próximas da sociologia (1962-1973), institucionalização inicial da Sociologia (1974-1985), consolidação institucional (1986-1995), e institucionalização avançada da Sociologia (a partir de 1996), são o pano de fundo sobre o qual recaem as observações sobre futuro e sociologia do futuro.

A pesquisa documental aqui refletida incide em valores e representações sociais sobre tempo, futuro e ambiente na sua ligação com as mudanças climáticas.<sup>34</sup> Pretende-se seguir o rasto às primeiras investigações desta natureza e identificar, tanto quanto possível, literatura que esteja na área de interseção destes conceitos.

A produção sociológica nestas áreas situa-se no limite do período que corresponde às fases de consolidação institucional da Sociologia (1986-1995) e de institucionalização avançada da Sociologia (a partir de 1996).

---

<sup>34</sup> Foram pesquisados artigos desde o primeiro número publicado em cada uma das 3 revistas até 30 de setembro de 2013.

A revista *Análise Social* iniciou as primeiras publicações em 1963, numa fase de pré-institucionalização da Sociologia em Portugal. Neste período a produção sociológica sobre tempo e futuro é inexistente. No limite do período correspondente às origens próximas da sociologia (1962-1973), mais concretamente em 1973, surge uma recensão crítica elaborada por Ferreira de Almeida ao livro *Libertar o Futuro*, de Ivan Illich.

Somente no período de institucionalização avançada da Sociologia (a partir de 1996), é que aparecem os primeiros artigos incidindo sobre ambiente, se bem que desligados de qualquer referência à problemática do tempo ou do futuro. A problemática do ambiente surge pela primeira vez em 1994 através da publicação de um artigo de Luísa Schmidt, "A emergência do ambiente nas ciências sociais: análise de um inventário bibliográfico" em coautoria com Maria Inês Mansinho, seguido de mais um artigo em coautoria com Aida Valadas Lima, "Questões ambientais – conhecimentos, preocupações e sensibilidades" em 1996. Em 1999, Luísa Schmidt publica "Sociologia do ambiente: genealogia de uma dupla emergência", e em 2000 em coautoria com Soromenho Marques, "Portugal Ambiental, Casos & Causas".

É particularmente relevante a publicação em 2000 do estudo "A Baixa Pombalina Diagnóstico, Prospetiva e Estratégia de Atores", onde Isabel Guerra aplica em Sociologia Urbana os métodos e as técnicas próprias da análise prospetiva.

Desde 2000 até outubro de 2013 não se publicou na revista *Análise Social* qualquer artigo sobre ambiente, ou sobre tempo e futuro. Em conclusão, no decorrer de meio século de publicações nesta revista apenas foram publicados quatro artigos, três dos quais reportando ao tema ambiente e cidades, e um sobre métodos e técnicas de análise prospetiva aplicados à Sociologia Urbana.

O primeiro número da Revista Crítica de Ciências Sociais foi publicado há 35 anos (1978). À semelhança da revista *Análise Social* é no período correspondente à consolidação institucional da Sociologia (1986-1995) que surge com um número especialmente dedicado ao ambiente e cidadania. Nesse número (1993), é publicado um artigo, "O problema da decisão em política de ambiente" escrito por Soromenho Marques, que faz parte da obra *Regressar à Terra – Consciência Ecológica e Política de Ambiente*. É sem dúvida uma obra estruturante e clarificadora sobre o estado da arte do ambiente em Portugal.

Dez anos depois surgem dois artigos, "Controvérsia científica e conflitos ambientais em Portugal: "O caso da coincineração de resíduos industriais perigosos" de João Arriscado Nunes e Marisa Matias, e "No meu quintal, não!" Contributos para uma análise dos movimentos ambientais de raiz popular em Portugal (1974-1994) de Elisabete Figueiredo e Teresa Fidélis.

Destaca-se ainda o artigo de Vítor Matias Ferreira “Observatório Prospetivo da Metrópole de Lisboa: Notas para a Criação de um Dispositivo de Observação Prospetiva” publicado em 1992. Neste artigo o autor fundamentou a premência em se criar um laboratório cujo objetivo se prendia “com a criação de uma instância permanente de análise e de avaliação da dinâmica de transformação sócio- económica e urbanística da cidade metrópole de Lisboa (Ferreira, Vítor 1992: 181). “Conhecer “o que existe” e avaliar “o que está surgindo” para prospectivar “ o que pode vir a acontecer”. (Ferreira, Vítor 1992: 182). Neste contexto foi aprofundada a metodologia de natureza prospetiva centrada em contextos específicos da cidade com a colaboração de Casanova.

Em 2001, é publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais o artigo “El Regreso del Futuro y las Questiones del Conocimiento” de Anibal Quijano. É uma reflexão sobre o desaparecimento da dimensão do futuro nas últimas décadas do século XX.

Contrariamente à revista *Análise Social*, a Revista Crítica de Ciências Sociais publica, após o ano 2000, dois artigos sobre ambiente e um artigo sobre conhecimento e futuro. Em 2011, surge um número temático dedicado à problemática do Risco, Vulnerabilidade Social e Cidadania.

O primeiro número da Revista Sociologia, Problemas e Práticas data de 1986. A primeira publicação sobre a temática que nos propusemos analisar, surge nesta revista, à semelhança das anteriores, no período que ocorre entre 1986-1995, período conotado com a consolidação institucional da Sociologia.

Quanto aos protagonistas salientamos João Ferreira de Almeida com duas publicações: “Valores nos anos 90: romantismo ou pragmatismo?” publicado em 1990, artigo que resultou de um debate entre diversos sociólogos em que é a florada a questão do futuro não só por Ferreira de Almeida como também por Juan Mozzicafreddo, Villaverde Cabral e Machado Pais. Ainda o artigo “Representações Sociais: Os próximos 20 Anos”, publicado em 1992, onde Casanova faz uma recensão crítica à obra coordenada por Ferreira de Almeida, Portugal - Os Próximos 20 anos.

No mesmo ano, e na mesma revista, a publicação de um artigo da autoria de Louis Roussel “O futuro da família”. Neste artigo são apresentados cenários que têm em conta a evolução dos modelos familiares nas próximas décadas. Em 1994 surge um artigo sobre ambiente, “Ambiente urbano: desigualdades e constrangimentos na cidade de Lisboa” de João Lutas Craveiro. O autor aprofunda as relações entre estratificação social e estratificação ambiental no âmbito da cidade de Lisboa.

Dois anos depois, em 1996, “Estratégias de atores: prospetiva e avaliação” de Margarida Perestrelo e José Maria Castro Caldas. Neste artigo apresenta-se uma metodologia prospetiva - o Método dos Cenários - com um estudo de caso da Baixa

Pombalina, em Lisboa. Em 2002, “Futuros prováveis: um olhar sociológico sobre os projetos de futuro no 9.º ano”, de Sandra Mateus é uma aplicação do conceito de futuro. O artigo visa analisar as opções escolares e profissionais constitutivas dos projetos de futuro de alunos do 9.º ano de escolaridade. Fatores como os recursos socioeconómicos, a escola e as redes de sociabilidade, formam um quadro cuja abordagem permite ultrapassar a perspetiva individual e de livre arbítrio que se tende genericamente a atribuir às escolhas escolares, bem como aos projetos de futuro (Mateus, 2002). E em 2009, “Tecnologia, complexidade, e risco: análise social sistémica de sistemas sociotécnicos de risco e da probabilidade de acidentes” de Tom R. Burns e Nora Machado.

O que têm em comum estas três publicações? Em primeiro lugar, o período de consolidação institucional da Sociologia em Portugal (1986-1995) coincide de facto com as primeiras publicações sobre ambiente e sobre futuro. Do ponto de vista quantitativo, a revista *Análise Social*, em 50 anos de existência, apenas publicou 5 artigos, a *Revista Crítica de Ciências Sociais*, em 35 anos, publicou 5 artigos e finalmente a revista de Sociologia, *Problemas e Práticas* (a revista de sociologia por excelência, porque especificamente dedicada ao domínio da sociologia), publicou 6 artigos em 27 anos. Embora nesta última revista se verifique alguma regularidade nas publicações de temas desta natureza, a produção continua a ser escassa. Apenas a *Revista Crítica de Ciências Sociais* dedicou um número especial à temática do risco que está intimamente relacionada com as questões ambientais e com as mudanças climáticas.

Verifica-se que a produção científica refletida nas três revistas mencionadas é escassa. A maioria dos artigos científicos publicados nestas revistas são muito circunscritos do ponto de vista do seu objeto de estudo, não sendo por enquanto possível identificar uma orientação quanto às tendências do desenvolvimento da investigação sociológica sobre tempo, futuro e ambiente.

Desenvolvimentos teóricos e conceptuais sobre tempo e futuro requerem uma abordagem macro-sociológica. Nesse sentido a participação de investigadores portugueses nos inquéritos sociológicos à escala internacional, identificando e comparando padrões de valores e características sociais das populações em distintos países ou regiões e compreendendo como podem os valores influenciar políticas e práticas sociais é fundamental para alicerçar as bases de uma sociologia do tempo e do futuro. Poder-se-á considerar que algumas questões relacionadas com o tempo, o futuro e o ambiente estão presentes nas três revistas mas não de uma forma significativa, regular e contínua.

Por outro lado, o domínio de investigação centrado na abordagem aos valores e representações nos quais se incluem os conceitos de tempo, futuro e ambiente, numa perspetiva metodológica extensiva e comparativa, tem contribuído significativamente para

uma estratégia de internacionalização da sociologia. Sociólogos como Ferreira de Almeida, Villaverde Cabral e Machado Pais têm produzido investigação no âmbito deste domínio integrando os projetos internacionais European Values Study ou European Social Survey, fator que evidencia a importância deste domínio sociológico na compreensão dos diversos modelos sociais.

A título meramente ilustrativo da diminuta produção sociológica sobre a temática desta tese, efetuou-se uma breve pesquisa no site da Biblioteca Nacional com base nas palavras-chave “Sociologia do Tempo e do Futuro”, “Sociologia e Prospetiva”, “Futuro e Mudanças Climáticas”. Assinala-se a inexistência de registos para essas “palavras-chave”. O termo “Mudanças Climáticas” surge em cinco registos porém nenhum reporta a qualquer obra afim à Sociologia. Para os termos “Sociologia e Sustentabilidade”, surge a tese de Doutoramento: Municípios, Participação e Sustentabilidade: dinâmicas sociais e imperativos globais, da autoria de João Guerra (2011). “Sustentabilidade e Futuro” surge com um único registo sem conexão com obras de natureza sociológica. Subsiste um registo sobre “Pensamento Prospetivo” no âmbito de uma investigação de natureza filosófica.

Algumas instituições têm dado especial atenção aos estudos que envolvem um pensamento orientado para o futuro, como é o caso da Fundação Calouste Gulbenkian na divulgação e promoção de estudos de natureza prospetiva, do contributo do Centro de Estudos Territoriais do ISCTE-IUL, formado por uma equipa multidisciplinar de investigadores que, entre outras ações, tem contribuído para o desenvolvimento de estudos de natureza prospetiva, e a Universidade do Minho, ao explorar e problematizar através do Departamento de Sociologia o conceito de “futuro”, reforçando-lhe o estatuto de objeto de interesse sociológico.

Regista-se o desempenho do núcleo de investigação que se reúne em torno do Observatório do Ambiente (Observa) constituído por sociólogos do ICS-UL e do ISCTE. O dinamismo do Observa numa certa fase deu origem a dois inquéritos nacionais sobre a relação dos portugueses com o ambiente, ambos coordenados por João Ferreira de Almeida, e a vários trabalhos de pesquisa aplicada (Machado, 2012).

O primeiro Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente, mais conhecido como Inquérito OBSERVA I, foi lançado em outubro de 1997. O Inquérito teve por objetivo caracterizar os portugueses do ponto de vista socio-demográfico, socioeducacional e socioprofissional e explorar as suas práticas e representações sobre o ambiente comparativamente a outros cidadãos europeus.

O Núcleo de Ecologia Social, situado no Laboratório Nacional de Engenharia Civil desde 1985, de natureza predominantemente sociológica, tem desenvolvido projetos em

articulação com outras áreas de conhecimento (saúde, ciência, imigração e etnicidade, ambiente) (Machado, 2012).

Outras instituições de natureza não universitária, como o extinto departamento de planeamento e prospetiva do Ministério do Ambiente, atualmente Agência Portuguesa do Ambiente, foram pioneiras no desenvolvimento de estudos a nível nacional de natureza prospetiva. No âmbito desses estudos foi elaborado pelo Departamento de Prospetiva e Planeamento, em 2011, um documento de trabalho designado “Cenários, reflexões e planos estratégicos de longo prazo em Portugal – uma compilação”. Desse repositório fazem parte diversos documentos, destacando-se “Climate Change: Mitigation Strategies In Portugal; Modelo de Prospetiva para Emissões de Gases com Efeito de Estufa em Portugal”, e “Incorporação Crescente das Preocupações Ambientais e de Sustentabilidade no Planeamento e Gestão Urbanas”.

Considera-se “Portugal, Os Próximos 20 anos” a obra de referência emblemática nacional com incidência no tema desta investigação. A Fundação Calouste Gulbenkian lançou, em 1990, a uma serie de investigadores, o desafio de pensarem prospectivamente a sociedade portuguesa. A relevância desta iniciativa e propósitos é claramente justificada no Prefácio aos oito volumes que compõem a obra. Diversos temas como, por exemplo, a demografia, os valores sociais, espaço, educação, relações internacionais, serviram de base para a cenarização de possíveis futuros para Portugal. A aplicação da metodologia de construção de cenários neste conjunto de obras foi muito relevante e inovadora, na medida em que permitiu aos investigadores uma abordagem ao futuro menos usual em meios académicos.

Neste trabalho, colaboraram ativamente João Ferreira de Almeida, Jorge Gaspar, Manuel Nazareth, Medeiros Ferreira, Roberto Carneiro entre outros cientistas sociais.

No âmbito do Centro de Estudos Territoriais, salientamos a obra coordenada por Isabel Guerra, publicada em 1999, “A Baixa Pombalina. Diagnóstico, Prospetiva e Estratégia de Atores”, que articulou a vertente da análise sociológica, ou seja, um conhecimento aprofundado da realidade passada e presente, com a “técnica de construção de cenários”, ferramenta por excelência da prospetiva. Como já referido acima, o Núcleo de Estudos de Sociologia da Universidade do Minho organizou um Seminário sobre o tema “O futuro não pode começar”. A própria designação do seminário remete para uma expressão criada por Luhmann a propósito da abordagem fenomenológica ao conceito de futuro. Neste seminário foram aprofundadas as ligações da Sociologia à problemática do tempo e do futuro. Terá sido o primeiro e único evento inteiramente dedicado à Sociologia do Tempo e do Futuro em Portugal.

Evidenciam-se ainda estudos e reflexões incidindo sobre as questões da modernidade com interesse direto para o nosso projeto onde se inclui a obra “Portugal que Modernidade?”, datada de 1998 e de organização conjunta de António Firmino da Costa, Ana Almeida e José Manuel Leite Viegas, que questiona a relação da sociedade portuguesa com a modernidade em diversos domínios de interesse sociológico. Destaca-se o capítulo sobre Estado, Modernidade e Cidadania, de Juan Mozzicafredo, onde é salientada a importância da reflexividade no desenvolvimento da sociedade portuguesa contemporânea.

Em 2000 surge a primeira tese de doutoramento sobre ambiente da autoria de Joaquim Nave, “The Politics of Environmental Groups in Portugal: a Case-Study on Institutional Contexts and Communication Processes of Environmental Collective Action”.

Salienta-se ainda a publicação em 2003 dos resultados de uma pesquisa sobre a problemática das alterações climáticas, coordenada por Luísa Schmidt no âmbito do programa de investigação OBSERVA: “As Alterações Climáticas no Quotidiano. Estudo Comportamental de Curta Duração”. Esta pesquisa evidencia duas preocupações: aprofundar e problematizar as políticas públicas para as alterações climáticas em Portugal bem como conhecer a natureza da informação que os portugueses dispõem sobre o fenómeno das alterações climáticas.

Constata-se que têm sido desenvolvidos inúmeros projetos de investigação de natureza multidisciplinar sobre a problemática ambiental no âmbito do Programa de investigação OBSERVA. Estes programas têm sido desenvolvidos por equipas de sociólogos do ICS-UL e do ISCTE.

Na obra Exclusão Social: Fatores e Tipos de Pobreza em Portugal (1994) coordenada por Ferreira de Almeida (com a colaboração de Natália Alves e José Luís Casanova) define-se uma tipologia da pobreza em Portugal, relacionando cada uma das categorias consideradas a determinadas representações sobre o passado, presente e futuro.

Renato Carmo, em Contributos para Uma Sociologia do Espaço – Tempo (2006) faz uma revisão crítica a algumas abordagens sociológicas que incidem sobre o conceito de espaço e de tempo social. Destaca-se a preocupação do autor em fazer uma “sociologia da sociologia” quando aponta a instrumentalização do conceito de tempo por parte dos sociólogos visando uma crítica à sociedade contemporânea (Carmo, 2006:76).

Carmo propõe uma forma diferente de abordar o tempo, que segundo o autor está demasiado preso a lógicas binárias e lineares. Propõe uma visão que contemple a coexistência das diferentes perspetivas que integram não só o carácter rotineiro do tempo como também o carácter efémero do mesmo, que até podem ser contraditórias. Sugere uma perspetiva de análise mais aberta que pode abranger outras perspetivas, uma visão que não



se limite a engrenar no eixo da rotina, ou que se perca no carácter efémero do tempo. “Algo mais se produz e se reproduz para além da repetição e do instantâneo” (Carmo, 2006: 109). Faz apelo ao contributo das diversas ciências sociais e não sociais para um conhecimento mais abrangente do tempo enquanto fenómeno social.

Mais recentemente surgiu a tese de Doutoramento de José Saragoça (2010) “Governo Eletrónico Local: Diagnóstico Sociológico, Estratégia de Atores e Futuros Possíveis para o Distrito de Évora”. Quais as dinâmicas do passado e do presente do sistema do governo eletrónico local, as estratégias dos seus principais atores e os “futuros possíveis” mais prováveis para o distrito de Évora, em 2013, neste domínio? (Saragoça, 2010: 29). Esta é a grande questão de partida, explorada com recurso aos métodos e técnicas utilizadas na abordagem prospetiva em sentido restrito.

As pesquisas sociológicas sobre a problemática do tempo, do futuro e das mudanças climáticas estão ainda em fase de consolidação a nível internacional. O percurso da Sociologia em Portugal ainda é recente e a produção nacional nestas áreas não é preponderante, todavia os estudos já desenvolvidos destacam-se pela diversidade temática como se pode apurar.

No próximo capítulo serão assinaladas as escolhas dos percursos metodológicos e teóricos considerados mais adequados à abordagem do objeto de estudo.

## ***5. Estratégia de investigação***

### **5.1 O Futuro a Quem Pertence?**

No capítulo anterior foram expostos alguns pontos de vista teóricos e epistemológicos que informam a problemática do tempo e do futuro, da modernidade e do pensamento prospetivo, e da sustentabilidade e das mudanças climáticas. Trata-se agora de explicitar quais as perspetivas pertinentes à abordagem do nosso objeto de estudo, que são as representações e práticas sociais sobre o futuro e as mudanças climáticas. Qual o enquadramento teórico mais adequado? Que tipo de dados recolher, como tratá-los e com que propósito?

Conforme já evidenciado, a estratégia de investigação foi delineada a partir de um conjunto de interrogações que derivaram da questão fundamental: “o futuro a quem pertence?” Julga-se que esta questão é demasiado abrangente, porém justificável num contexto de investigação de natureza sobretudo exploratória. Esta interrogação foi o ponto

de partida para outras: quais as disposições que as pessoas desenvolvem em relação ao futuro? O que diferencia as pessoas que mais refletem sobre o futuro das pessoas que não o fazem? Posição social? Educação? Orientação política? Quem reflete e age sobre o futuro e porquê? Como é que as pessoas se relacionam com o futuro? Quais os fatores que predispõem umas pessoas a pensar mais no futuro do que as outras? As posições sociais poderão explicar estas diferenças? Que posições sociais apontam para uma orientação mais forte para o futuro? Qual a preocupação preponderante face ao futuro: o futuro individual? O futuro coletivo? O que poderá explicar a diferença? Até que ponto o objetivo da sustentabilidade se traduz nas práticas quotidianas dos indivíduos?

## **5.2 Questões de enquadramento teórico**

Embora se possa afirmar que os conceitos de tempo e de futuro não são frequentes nas abordagens sociológicas atuais, é certo que desde a década de noventa do século passado surgiram, como vimos, novas teorias, algumas ainda pouco testadas. Foi igualmente a partir da última década do século XX que emergiram os discursos sobre sustentabilidade e mudanças climáticas ao nível das sociedades globais, concorrendo para que se aprofundassem os estudos sobre o futuro e o pensamento prospetivo.

É no âmbito deste pano de fundo que se distinguem alguns contributos epistemológicos e teóricos que informam o presente modelo analítico.

Em termos de um enquadramento teórico geral, a questão inicial prende-se com a valorização do problema das mudanças climáticas pela comunidade científica internacional e a influência deste fenómeno no nosso quadro de vida futuro.

Conforme já foi referido, a comunidade científica internacional tem vindo a chamar a atenção para as elevadas concentrações na atmosfera de dióxido de carbono (proveniente da queima de combustíveis fósseis tais como carvão, petróleo e gás natural) e metano, entre outros gases, devidas à ação humana sobre o ambiente.

Vários organismos internacionais, designadamente o painel intergovernamental para as mudanças climáticas (IPCC), têm acentuado a inevitabilidade do fenómeno das mudanças climáticas. Na Europa, especialmente nos países do sul têm-se registado alterações nos padrões de pluviosidade e intensificação das vagas de calor. À escala local da cidade de Lisboa sabe-se que as práticas quotidianas têm contribuído para a intensificação da emissão de gases que provocam efeito de estufa, como por exemplo a condução automóvel ou o uso de ar condicionado.

A segunda questão prende-se com o tipo de estudos que incidem sobre questões ambientais. Estes estudos não preveem uma delimitação espaço-temporal, devido à natureza dos problemas ambientais.

O fenómeno das mudanças climáticas manifesta-se em todas as sociedades, com variações quanto às consequências do mesmo e quanto aos valores, práticas e representações sociais que este suscita. Daqui decorre a necessidade de articular duas abordagens: contextualizar as mudanças climáticas num determinado espaço geográfico e sociológico, e integrá-las no plano da ação política nacional e internacional. As políticas e programas internacionais, nacionais e locais para as mudanças climáticas estão no nosso horizonte mesmo quando o objeto de estudo se circunscreve à escala local, mais precisamente à cidade de Lisboa, que será aqui privilegiada enquanto objeto de observação.

As preocupações locais e nacionais com as mudanças climáticas são igualmente questões da sociedade global (Adam, 1995), pois os riscos ambientais não conhecem fronteiras por não se limitarem ao espaço territorial nacional, nem de tempo pois as suas consequências projetam-se num horizonte por vezes indeterminado.

Espaço e tempo são dois conceitos fundamentais nesta abordagem. O tempo enquanto construção social é um foco pertinente e imprescindível nos estudos ambientais. O fenómeno das mudanças climáticas vivenciado no presente afeta o futuro da espécie humana, requerendo por parte de pessoas e instituições a construção de uma visão de longo prazo.

O aprofundamento do estudo das mudanças climáticas pressupõe que os cientistas lidem com escalas de tempo muito variáveis. Este aspeto não é de fácil assimilação pelos cidadãos. A este nível, as representações sociais são vivenciadas distintamente por políticos e organizações de defesa do ambiente e comunidade científica. Os primeiros convocam o curto prazo para a “solução” do problema, os segundos apostam no longo prazo pois diminuir as emissões de gases na atmosfera é trabalho para várias gerações.

Em consequência do grave problema das mudanças climáticas resultante em parte de um determinado modelo de sociedade, surge a terceira questão que reflete a ligação entre as consequências da modernidade e a emergência de saberes prospetivos e de organizações que lhes são especialmente dedicadas.

O questionamento sobre o crescimento económico e as suas consequências para o futuro da humanidade, designadamente na vertente ambiental, foi precisamente pretexto para o desenvolvimento dos estudos sobre o futuro nos EUA e na Europa. Em Portugal, surgiram muito recentemente as primeiras organizações governamentais dedicadas aos estudos de natureza prospetiva e ainda a primeira pós-graduação em prospetiva. São pequenos sintomas de modernidade que revelam a nível institucional a importância do pensamento a longo prazo.

A quarta questão prende-se com o modo como a (s) modernidade (s) afeta (m) a nossa relação com o tempo e com o futuro. A perspetiva que se pretende aprofundar do ponto de vista teórico e conceptual associa modernidade e orientação para o futuro.

Conforme já exposto, Luhmann situa o futuro enquanto categoria temporal autónoma, passível de ser planeado e controlado, a partir do século XVIII na Europa, mais concretamente em França no período da revolução francesa.

Ao conceito de futuro têm sido associadas diversas imagens que refletem o espírito do tempo. Deste modo, a ideia de primeira e segunda modernidade desenvolvida por Beck é clarificadora relativamente à transformação do significado de “futuro”. A primeira modernidade coincide com o advento da revolução francesa e da revolução industrial, e está associada à ideia de um “futuro aberto” relacionado com os valores da descoberta, controlo do homem sobre a natureza e melhoria contínua, em detrimento dos valores do costume e da tradição. Esta conceção otimista do futuro persistiu até meados do século XX.

A segunda modernidade surge a partir da segunda metade do século XX em consequência de um conjunto de factos como a globalização, as crises ambientais, o terrorismo internacional, as crises económicas, os desastres nucleares, entre outros. Estes acontecimentos, provocados pela ação humana, são indutores de riscos. O risco é outro conceito operativo fundamental, indissociável do conceito de futuro. Trata-se de um futuro onde não há espaço para a certeza e para a segurança. Contrastando com a ideia de um futuro aberto, emerge na segunda modernidade o “futuro indeterminado”, onde o risco assume uma importância crucial (Beck, 1992). Tal como Beck, Luhmann sublinha a importância do risco associando-o ao futuro. O futuro em si é um risco, porque desconhecido, incontrolável, enigmático... mas se não o anteciparmos é uma catástrofe; não antecipar o futuro é também um risco (Luhmann, 1993).

A operacionalização do conceito de orientação para o futuro, no âmbito do modelo analítico a apresentar de seguida, assume algumas características acima apontadas como caracterizadoras da segunda modernidade. É o caso das recentes preocupações com as questões ecológicas que têm preenchido a agenda de políticos, associações de defesa do ambiente, autarquias e cidadãos. Neste sentido será legítima a interrogação: até que ponto as questões ligadas à sustentabilidade e ao ambiente integram as relações das pessoas com o futuro?

O enquadramento teórico específico deste trabalho centra-se, assim, nestas relações das pessoas com o futuro, enquanto objeto de pesquisa, e no modo como estas relações podem contribuir para a sustentabilidade. A relação positiva com o futuro, ou seja, a importância do futuro nas representações, valores e práticas dos indivíduos, aqui definida como orientação para o futuro, será então analisada diretamente, e também de modo

agregado enquanto orientação prospetiva, orientação para a sustentabilidade e orientação relativa às mudanças climáticas. Por orientação prospetiva, que aqui se refere aos indivíduos, entender-se-á fundamentalmente a valorização genérica da preparação do futuro. A orientação para a sustentabilidade envolve valorizações e práticas convergentes com a sustentabilidade entendida operativamente como a promoção quer da longevidade da espécie humana, quer da defesa da natureza e da qualidade ambiental. A orientação relativa às mudanças climáticas corresponde a uma especificação do problema da sustentabilidade.

Mas falar de futuro pressupõe falar-se de tempo. E, como vimos, são diversos os contributos na sociologia sobre este tema. Durkheim analisou o conceito de tempo enquanto prática social que contribui para a manutenção e reprodução dos sistemas sociais e enquanto representação social na medida em que os homens apreendem a ideia de tempo e reportam-na coletivamente (Durkheim, 2002). Elias (1993) defendeu a tese de que o tempo tem uma dimensão social que se vai alterando não só com o passar das gerações mas também de acordo com os seus diferentes *habitus*. Bourdieu (1998) considerou que a experiência do tempo, suas práticas e representações resultam não somente da experiência mas também são condicionadas pela estrutura social.

O tempo é, pois, reconhecidamente um conceito de natureza social. O que dizer especificamente do futuro? Luhmann (1982), Koselleck (2004) e Giddens (2000a) observaram a noção de futuro como resultante de diversas transformações a nível societal. Segundo estes sociólogos, nas sociedades pré-industriais a ideia de futuro era bastante rudimentar em contraste com a diferenciação entre passado, presente e futuro usual nas sociedades industrializadas. Giddens (2000a) refere que nas sociedades pré-modernas é atribuído muito mais peso ao passado do que ao futuro, sendo a reflexividade circunscrita à reinterpretação da tradição. Adam reforça o pensamento dos sociólogos acima enunciados definindo uma tipologia em que a noção de futuro surge como produto de um determinado momento histórico (Adam (2010b), sendo possível atribuir-lhe diferentes propriedades de acordo com os contextos. A título de exemplo, o futuro vivenciado enquanto destino predomina nas culturas tradicionais e o futuro vivenciado como fortuna/sorte prenuncia o advento da modernidade.

Para explicar e compreender as representações, valores e práticas das pessoas no que concerne ao tempo e ao futuro, e as orientações referidas, considera-se, como Bárbara Adam, que o tempo e o futuro são noções de natureza intrinsecamente social (Adam, 1990, 2004, 2010), e recorre-se essencialmente aos conceitos de *habitus*, reflexividade, e orientações sociais, convocando-se os contributos de Bourdieu, Giddens e Casanova.

O conceito de *habitus* é um conceito central na compreensão do uso que os atores sociais fazem do tempo. Bourdieu entendeu o *habitus* como modelador dos usos do tempo e do grau de orientação dos atores em relação ao presente, passado e futuro (Bourdieu, 1998; Araújo, 2005).

Mas não são exclusivamente as disposições “automáticas” inscritas nos processos de socialização que influenciam a noção e o uso do tempo. Atores e instituições estão permanentemente a assimilar novas práticas e a desenvolver níveis de reflexividade que importa ter em conta. Neste sentido o recurso à teoria da estruturação desenvolvida por Giddens (2009a), acentuando a capacidade dos atores agirem conscientemente sobre as estruturas sociais, completa a perspectiva de Bourdieu mais centrada nas disposições e nas condições sociais de existência.

As pessoas agem sobre as estruturas fazendo incidir sobre elas os seus valores e representações sociais, sobretudo através das práticas, sendo simultaneamente influenciadas por condicionamentos e oportunidades inscritos nas estruturas. O conceito de reflexividade traduz-se, então, na capacidade de controlar as mudanças não permitindo que estas se desenvolvam independentemente da nossa ação (Lasén, 2000). A reflexividade faz parte do atual sistema social de uma forma tão intensa que, nas palavras de Giddens, “É introduzida na própria base da reprodução do sistema, de tal modo que pensamento e ação são constantemente refratados um sobre o outro” (Giddens, 2000a: 27). Esta ideia fundamenta a operacionalização do conceito de reflexividade e justifica a nossa opção de comparar as práticas sociais com as representações sociais.

No âmbito do nosso modelo analítico, o conceito de reflexividade incorpora a consideração do futuro, e nesse sentido o pensamento prospetivo pode ser analisado enquanto uma forma particular de reflexividade.

Esta problemática não é recente. Condorcet (1795) já tinha considerado a capacidade de questionamento sobre a realidade como algo que contribuiria para que as pessoas alcançassem o conhecimento e a igualdade, valorizando assim a educação como agente estruturante do pensamento reflexivo.

Recentemente, Margaret Archer (2003) também analisa o conceito de reflexividade conferindo-lhe outra propriedade que designou de “internal conversation” na obra *Structure, Agency and Internal Conversation*. As conversas internas estão na origem da reflexividade e funcionam como uma ligação entre o sujeito e a realidade. Esta mediação processa-se através de diálogos internos em que o sujeito define os seus propósitos para a vida. Esta socióloga desmontou o conceito de reflexividade questionando-se essencialmente “como” é que os agentes refletem a realidade e em que circunstâncias.

Casanova (2004) na obra *Naturezas Sociais - Diversidade e Orientações Sociais na Sociedade Portuguesa* aprofundou e apreciou criticamente o conceito de *habitus* em Bourdieu tendo proposto um novo conceito, que designou por “orientações sociais”. Este conceito envolve tanto disposições de cariz mais automático como diversos níveis de reflexividade social, conforme demonstrado empiricamente por este sociólogo, e permite uma operacionalização básica a partir de dois indicadores. Pretende-se com recurso a este conceito de “orientação social”, traduzido em duas dimensões (orientação relativa à desigualdade e orientação da ação), verificar em que medida disposições e reflexividade são estruturantes de práticas, valores e representações sociais respeitantes ao tempo, ao futuro e às mudanças climáticas.

Estes contributos irão permitir avaliar em que medida a relação com o tempo e o futuro constitui um aspeto cultural relevante e diferenciado.

Mas o acesso à experiência do tempo, e particularmente à experiência do futuro também não é socialmente uniforme. Bourdieu (*citado por Araújo, 2005*) verificou que grupos sociais com reduzidos níveis de capital cultural não desenvolvem perspetivas de longo prazo. Também Adam (1990) fundamenta a ideia de que grupos sociais mais favorecidos desenvolvem com maior acuidade perspetivas de longo prazo (orientação para o futuro), face a grupos sociais menos favorecidos cujos padrões de socialização raramente consideram o adiamento do prazer no momento atual como uma aprendizagem para a obtenção de recompensas no futuro.

Em *Meditações Pascalianas*, Bourdieu desenvolve uma profunda reflexão sobre o tempo e o futuro. E considera que a apropriação da ideia de futuro a partir do deferimento do desejo surge em sequência do processo de socialização. Este processo evidencia a ligação entre os padrões de gratificação diferida e a classe social (Bourdieu: 1998). A importância da desigual apropriação social do tempo foi igualmente sugerida por Adam em *Time and Social Theory* (1990). Posteriormente em “*History of the future: Paradoxes and challenges*” (2010b), Adam reforça a ideia de que a responsabilidade sobre o futuro era privilégio de alguns *experts* (feiticeiros, oráculos) que procuravam respostas para questões concretas que lhes eram colocadas. Será que este modo de relação com o futuro ainda se verifica nos dias de hoje? Atualmente a responsabilidade sobre o futuro será menos mediada por um pequeno grupo social, tendendo a “democratizar-se”, passando para as mãos de todos nós? Apesar de uma eventual democratização da orientação para o futuro, defende-se que as disposições para a reflexão e ação sobre o mesmo não são uniformes, dependendo de constrangimentos educacionais, culturais, sociais e políticos. Poder-se-á adiantar que existem grupos sociais que desenvolvem mais facilmente disposições para o futuro do que outros?

A relação com o tempo e o futuro variará, portanto, com a estrutura cultural (o *habitus*, a reflexividade ou as orientações sociais), e com a estrutura social, esta última de resto associada à estrutura cultural de acordo com o sentido do trabalho e os conceitos aqui mobilizados de Bourdieu e Casanova. E considerando ainda que a reflexão sobre o futuro é intrínseca ao conceito de reflexividade nas sociedades modernas, quais os recursos de que as pessoas dispõem para agir sobre a realidade? Assumindo que o exercício da reflexividade faz intrinsecamente parte do nosso cotidiano, o que diferencia os padrões de reflexividade entre as pessoas? Idade, gênero, educação, profissão, religião?

Resta introduzir aqui as contribuições teóricas e metodológicas para abordar os temas da orientação prospetiva, orientação da sustentabilidade e orientação relativa às mudanças climáticas.

A orientação para o futuro quando vista à luz da problemática ambiental conta com uma componente particular: a relação com as futuras gerações (Adam 2010b). Atualmente as questões ambientais repercutindo-se no longo prazo, forçam a reflexão prospetiva. Como vai ser o futuro dos nossos descendentes? Poderemos e devemos no presente minimizar alguns danos ambientais? O conceito de futuro ligado à preocupação com as novas gerações começa a interessar os sociólogos e é particularmente relevante nesta pesquisa em que se consideram as disposições das pessoas para a sustentabilidade, não exclusivamente na perspectiva da preservação do ambiente ou das mudanças climáticas, mas também das gerações futuras.<sup>35</sup>

Justin Karol e Trevor Gale (2005) inspirando-se no conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu introduziram o conceito de “capital ambiental”, desenvolvendo a partir da teoria social de Bourdieu o conceito de *habitus* de sustentabilidade.

Os autores partem de três pressupostos: (1) o *habitus* de preservação do ambiente ainda não faz parte das rotinas dos agentes; (2) a construção da ideia de sustentabilidade requer mudanças profundas na educação dos agentes; (3) a mudança para uma sociedade ecologicamente sustentável implica uma revolução nas instituições, estilos de vida e valores. Neste contexto, os valores associados à acumulação de riqueza, ao reforço da competição e ao controle da natureza seriam reformulados em consequência da aquisição de novos conhecimentos e de mudanças ao nível societal. “We have, however, realized that without the increased valuing of environmental capital to inform a *habitus* of sustainability, the values, attitudes and skills, and the political, social and cultural choices necessary for the sustainability of Earth will never be reached” (Karol, Trevor Gale, 2005: 14).

---

<sup>35</sup> Conforme registado no terceiro bloco de variáveis apresentado no modelo analítico.



O capital ambiental surge como um conhecimento passível de ser interiorizado e o *habitus* como uma disposição que pode ser alimentada e reforçada pela educação. “Environmental capital is primarily knowledge about the environment. The *habitus*, then, is not static and can change or be influenced through education, new information and an awakening of consciousness (Karol, Trevor Gale, 2005).

O *habitus* da sustentabilidade implica uma alteração nas disposições, mais centradas no médio e longo prazo do que no curto prazo, mais centradas na sustentabilidade e menos na riqueza ou no prestígio. As mudanças climáticas ilustram exemplarmente as preocupações com o curto prazo *versus* longo prazo. “Global warming involves issues of wealth creation and distribution, of immediate gratification *versus* long-term gain, of traditional assumptions and modes of living *versus* newer realities” (Kennedy, 1994:118 citado por Karol e Trevor Gale, 2005: 2).

Sendo as trajetórias sociais dos agentes num determinado campo marcadas pela família, escola e pela interação social, Karol e Trevor defendem a tese de que a valorização do capital ambiental faz-se com recurso à educação logo no primeiro ciclo do ensino básico. A concretização deste propósito envolve o desenvolvimento de disposições para a sustentabilidade também nos professores.

O atual sistema de ensino legitima a separação entre natureza e cultura, entre sociedade e ambiente. As ciências biológicas, as ciências sociais e as ciências físicas são unidades de conhecimento que se excluem mutuamente. Estas práticas, no ensino, não ajudam a formar a ideia de que somos seres biológicos e simultaneamente seres socioculturais. Natureza e cultura, homem e sociedade ainda se constituem como opostos. Apesar das atuais limitações no sistema de ensino, Karol e Trevor (2005) defendem que quanto mais importância os professores atribuírem ao ensino de temas relacionados com sustentabilidade, maior probabilidade as crianças terão de desenvolver o *habitus* de sustentabilidade. Será realmente a educação a variável que mais contribui para diferenciar as disposições para a sustentabilidade? Esta é uma das questões a aprofundar no âmbito da componente empírica desta investigação.

A ideia de que o *habitus* de sustentabilidade incorpora a preocupação com as futuras gerações está presente na abordagem de Karol e Trevor (2005). A reflexão sobre as “futuras gerações” é indissociável da problemática ambiental e da orientação para o futuro. A crescente preocupação com o futuro dos nossos filhos, netos e bisnetos tem vindo a ser ponderada em consequência do aprofundamento de investigações em diversas áreas do conhecimento. Essas investigações têm em comum reconhecerem as consequências da ação humana nos sistemas naturais, como o desvio de cursos de água, a extração de

minerais, a emissão de CO<sub>2</sub> na atmosfera ou a manipulação genética. Estas intervenções afetam presentemente o planeta e a vida na terra e afetarão o nosso futuro.

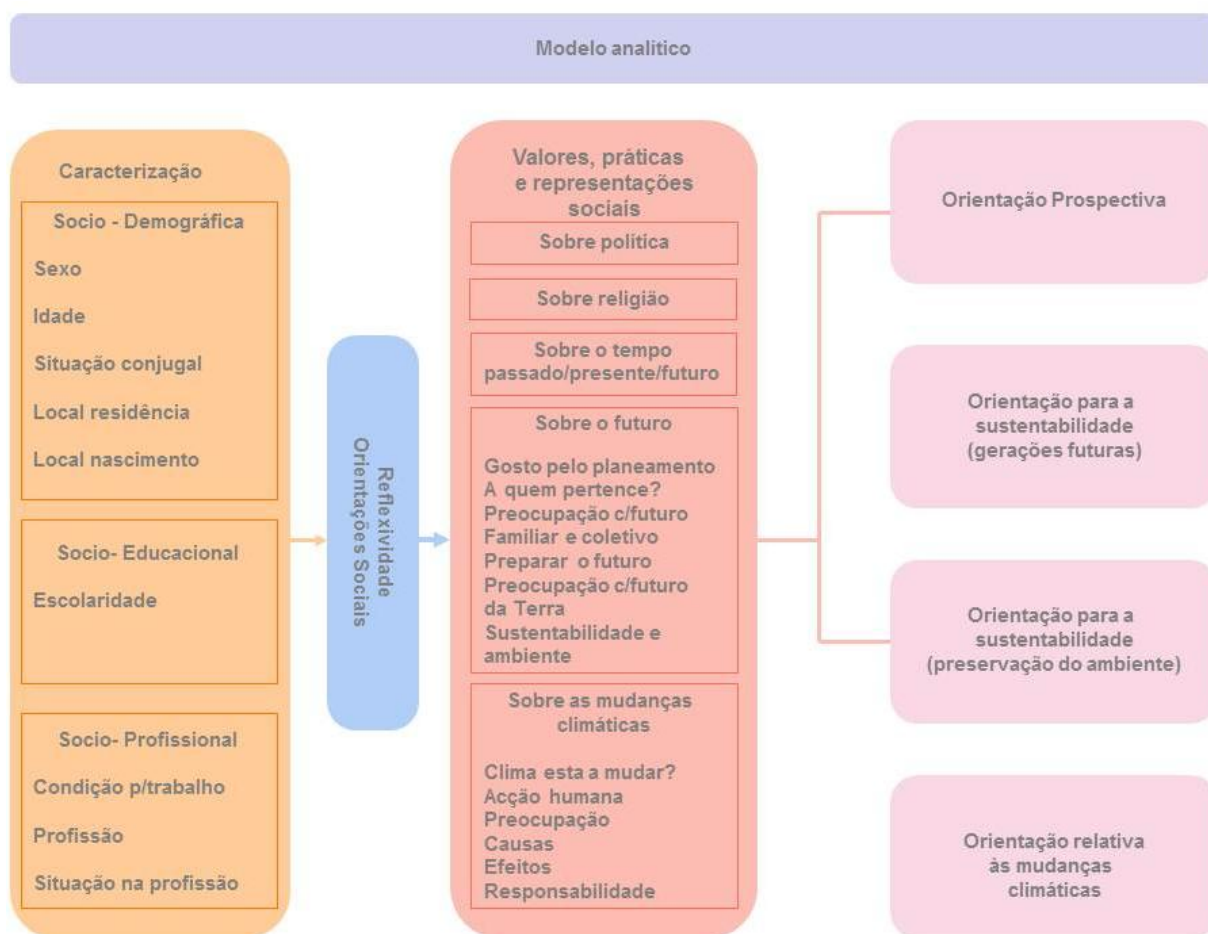
O equilíbrio dos sistemas que sustentam a vida na terra (atmosfera, águas, solo e seres vivos) depende das ações que forem tomadas no presente. A preservação da vida na Terra envolve uma gestão equilibrada dos recursos tendo em conta o devir das próximas gerações. A própria ideia de futuras gerações tem vindo a ser alterada. Alguns futuristas como Slaughter consideram que este conceito incorpora não só os nossos descendentes diretos como também aqueles que ainda não nasceram, os que não são da nossa família, e cuja vida resultará do nosso estilo de vida presente. Segundo o autor, as futuras gerações não nos conhecerão por isso não nos poderão agradecer ou criticar pelo legado deixado (mundo). As próximas gerações são “The future people who will come after us. Those who presently have no voice but are directly affected by our actions or lack of actions” (Slaughter, 1996 *citado por* Brier, 2005: 835).

Em síntese, salientaram-se alguns conceitos-chave a partir dos quais se irá desenhar o modelo analítico.

### **5.3 Modelo analítico e hipóteses**

O modelo de análise aqui proposto visa operacionalizar os contributos teóricos e conceptuais subjacentes à presente investigação, que foram apresentados no ponto anterior, organizando-os de modo sistemático e adequado à pesquisa empírica.

**Figura 1.1** Modelo Analítico



**Figura 1.2** Quadro de operacionalização de conceitos

Conceito	Dimensão	Indicadores
Caracterização	Sociodemográfica	Sexo, idade, situação conjugal, local de nascimento e local de residência.
	Socioeducacional	Escolaridade
	Socioprofissional	Condição perante o trabalho. Profissão Situação na Profissão Organização onde trabalha?

Conceito	Dimensão	Indicadores
Orientações Sociais	Orientação relativa à desigualdade	<p>“É certo que as pessoas são diferentes umas das outras. Mas é sempre possível diminuir as desigualdades entre elas”</p> <p>“É certo que as pessoas são diferentes umas das outras e as desigualdades sociais entre elas são inevitáveis”.</p>
	Orientação da ação	<p>“A nossa posição na sociedade depende sobretudo de termos objetivos de vida e de nos esforçarmos por os atingir”.</p> <p>“Por mais que façamos, a nossa posição na sociedade depende sobretudo de coisas que não podemos controlar”.</p>
Reflexividade		<p>“ Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida”?</p>
Práticas, valores e representações sociais	Sobre política	<p>“ Como se posiciona politicamente?”</p>
	Sobre religião	<p>“ Como se classifica em relação à religião?”</p>
	Sobre o tempo	<p>“ Recordar é viver e viver é recordar”.</p> <p>“ Nascemos para viver intensamente o dia a dia.</p> <p>“Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”.</p>
	Sobre o futuro	<p>“ Em que medida gosta de planear o futuro?”.</p> <p>“Possui algum tipo de poupança?”</p> <p>“ Costuma fazer projetos na sua vida?”</p> <p>“ Se sim, com que frequência faz projetos”? (longo prazo, médio prazo e curto prazo)</p> <p>“ Esses projetos são: projetos sobretudo individuais Projetos envolvendo familiares”.</p>
Orientação prospetiva		<p>“ Em que medida gosta de planear o futuro?”.</p> <p>“Possui algum tipo de poupança?”</p>

Conceito	Dimensão	Indicadores
Orientação para a sustentabilidade	Gerações futuras	O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas? Ou O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas? Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?
	Preservação do ambiente	Estaria disponível para fazer mudanças difíceis na sua vida se elas contribuíssem para a melhoria do ambiente na cidade de Lisboa? Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?
Orientação relativa às mudanças climáticas	Mudanças climáticas	Está mais preocupado com: O tempo que vai fazer no próximo verão? As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro? Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controlo das mudanças climáticas?

O modelo analítico é constituído por três grupos de macro-variáveis, subdivididos em dimensões e indicadores.

Lendo o modelo da esquerda para a direita observa-se que o primeiro grupo é formado pelo conjunto de variáveis de caracterização geral subdivididas em três dimensões: caracterização sociodemográfica, caracterização socioeducacional e caracterização socioprofissional. Estas dimensões são o pano de fundo na explicação, em termos de estrutura social, das representações e práticas relativas ao futuro e às mudanças climáticas.

O segundo grupo é constituído pelo conjunto de variáveis dependentes: valores, práticas e representações sociais relativas à política, à religião, ao tempo, ao futuro e às mudanças climáticas.

Do terceiro grupo consta um conjunto de variáveis dependentes organizadas em índices a partir das variáveis constantes no segundo grupo: orientação prospetiva, orientação para a sustentabilidade, esta traduzida em duas dimensões (orientação para as gerações futuras e orientação para a preservação do ambiente), e orientação relativa às

mudanças climáticas. A orientação relativas às mudanças climáticas foi autonomizada da orientação para a sustentabilidade por se tratar de um problema específico e concreto de sustentabilidade.

A influência das características sociodemográficas, socioeducacionais e socioprofissionais em valores, práticas e representações sociais é mediada pelo conceito de orientações sociais, desenvolvido por Casanova (2004), que conjuga as disposições conceptualizadas no *habitus* e a reflexividade (capacidade dos atores refletirem sobre os seus comportamentos).

A orientação para o futuro, central nesta investigação, traduz-se em dois índices: a orientação prospetiva, que representa a capacidade dos atores valorizarem o futuro e de agirem sobre ele. À orientação prospetiva está associado um valor, neste caso, a importância de se ter projetos para a vida a longo prazo, e uma prática que se traduz na posse de algum tipo de poupança. A segunda dimensão é a orientação para a sustentabilidade, que representa a valorização e a ação de preservação da espécie humana e da qualidade ambiental. Pretende-se, assim, avaliar a tendência para a defesa da relação equilibrada entre a espécie humana e a natureza. Naturalmente, trata-se de uma versão simplificada e parcial do conceito de sustentabilidade, que tem vindo a ser definido integrando outras preocupações e dimensões, nomeadamente as que se referem à esfera económica, e, na esfera social, a questão das desigualdades. Mas esta versão parece-nos suficiente para abordar o objeto de estudo em causa. Considera-se, então, que o futuro é produzido sobretudo por quem pensa prospectivamente e por quem detém orientação para a sustentabilidade.

Por fim a orientação relativa às mudanças climáticas, que significa valorizar o problema das mudanças climáticas e agir para o minorar.

Os indicadores utilizados na construção destes índices constam da figura 1.2.

A construção do modelo analítico baseia-se na questão de partida da investigação: “o futuro a quem pertence?”. Decorrente desta questão de partida, e de acordo com o modelo de análise, foram formuladas duas hipóteses gerais.

A primeira é a de que a orientação para o futuro (orientação prospetiva e orientação para a sustentabilidade) é diretamente influenciada pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas.

Na segunda hipótese estabelece-se que a orientação para o futuro varia com as posições sociais, nas suas dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional. Esta variação pode considerar-se indireta com base nos pressupostos teóricos de que as orientações sociais e a reflexividade constituem mediação entre estrutura social e valores, práticas e representações.

A partir do enquadramento teórico produzido, estas hipóteses gerais foram decompostas em várias hipóteses mais operativas, que estão organizadas na figura 1.3.

**Figura 1.3** Quadro de Hipóteses

H1 A orientação para o futuro (orientação prospetiva e orientação para a sustentabilidade) é diretamente influenciada pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas.

H1.1 Os valores, práticas e representações sociais sobre política e sobre religião são diretamente influenciados pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas.

H1.2 Os valores, práticas e representações sociais sobre o tempo são diretamente influenciados pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas.

H1.3 Os valores, práticas e representações sociais sobre o futuro são diretamente influenciados pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas.

H1.4 Os valores, práticas e representações sociais sobre as mudanças climáticas são diretamente influenciados pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas.

H2 A orientação para o futuro varia com as posições sociais, nas suas dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional.

H2.1 A orientação prospetiva é independente do género.

H2.2 Quanto mais avançado for o nível etário maior a propensão para o pensamento prospetivo.

H 2.3 A orientação prospetiva é mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade.

H 2.4 A orientação prospetiva depende das categorias socioprofissionais.

H.2.5 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação das gerações futuras é independente do género.

H2.6 Quanto mais avançado for o nível etário maior a orientação para a a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação das gerações futuras.

H.2.7 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação das gerações futuras é mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade.

H2.8 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação das gerações futuras depende das categorias socioprofissionais.

H2.9 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação do ambiente é independente do género.

H2.10 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação do ambiente depende do nível etário.

H2.11 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação do ambiente, é mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade.

H2.12 A orientação para a sustentabilidade, quando relacionada com a preservação do ambiente depende das categorias socioprofissionais.

H2.13 A orientação para as mudanças climáticas, é independente do género.

H2.14 A orientação para as mudanças climáticas, depende do nível etário.

H2.15 A orientação para as mudanças climáticas, é mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade.

H2.16 A orientação para as mudanças climáticas depende das categorias socioprofissionais.

H3 As dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional são estruturantes na formação das orientações sociais e da reflexividade.

H4 Os valores, práticas e representações sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas são estruturantes da orientação prospetiva, da orientação para a sustentabilidade e da orientação relativa às mudanças climáticas.



A primeira hipótese formulada nestes termos: a orientação para o futuro (orientação prospetiva e orientação para a sustentabilidade) é diretamente influenciada pelo grau de reflexividade e pelas orientações sociais das pessoas, foi teoricamente suportada pelos conceitos de habitus, reflexividade, e orientações sociais, a partir dos contributos de Bourdieu, Giddens e Casanova.

Se o *habitus* operacionalizado através do conceito de orientação social (orientação relativa à desigualdade e orientação da ação) é estruturante das disposições das pessoas face ao tempo e se efetivamente as pessoas possuem capacidade de reflexão e de ação sobre as estruturas sociais importa agora saber como é que estas duas componentes influenciam a orientação para o futuro. Melhor dizendo, a capacidade para se enfrentar o futuro depende essencialmente das orientações sociais e dos recursos reflexivos de que as pessoas dispõem.

Assim sendo, a orientação para o futuro (orientação prospetiva e orientação para a sustentabilidade) decorre não só do binómio orientações sociais/reflexividade mas é também resultante das práticas, valores e representações sociais sobre política, religião, tempo, futuro e mudanças climáticas. Neste caso, as orientações sociais e a reflexividade situam-se entre a estrutura social e os valores, práticas e representações. Foi o que Casanova demonstrou ao explorar o carácter estruturante das orientações sociais nas práticas, valores e representações sociais.

A hipótese que se baseia na relação entre práticas, valores e representações sociais sobre religião e a orientação para o futuro (H1.1) tem o seu fundamento nos contributos de Machado Pais (2001) e de Casanova (2004). Partindo do pressuposto que “as crenças no *além* condicionam as práticas do aquém” (Pais, 2001: 230) e vice-versa, este sociólogo estabeleceu uma relação entre padrões de religiosidade, representações sobre o futuro e modernidade. Neste sentido, conhecer o perfil das pessoas que professam determinada religião pode ser determinante para a compreensão dos processos de modernização.

Casanova relacionou as orientações sociais com posicionamento religioso tendo concluído que “as variações entre orientação social e posicionamento relativo à religião não são muito expressivas, apesar do cruzamento entre as duas variáveis ser estatisticamente significativo. (Casanova, 2004: 139). Com base nos contributos referidos, pretende-se comprovar até que ponto os valores, práticas e representações sobre religião são influenciados pelas orientações sociais e pela reflexividade, agora num contexto geográfico circunscrito à cidade de Lisboa.

Mas as orientações sociais e a reflexividade não só estruturam as práticas, valores e representações sobre religião e política conforme demonstrado por Casanova como também

estruturam as práticas, valores e representações sociais sobre o tempo, o futuro e sobre as mudanças climáticas.

Novamente se recorre ao contributo teórico de Bourdieu, pois segundo este sociólogo o *habitus* regula as disposições das pessoas face às diferentes categorias temporais: passado, presente e futuro (Bourdieu, 1998).

A segunda hipótese assim enunciada: A orientação para o futuro varia com as posições sociais, nas suas dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional fundamenta-se no contributo teórico de Bourdieu. Parte-se do pressuposto que o acesso à experiência do tempo assim como a capacidade para se lidar com o futuro é desigual dependendo a sua fruição do capital económico e cultural adquirido.

As hipóteses secundárias, que decorrem da acima enunciada, inspiram-se também no princípio de que as representações sobre o tempo se alteram com a sucessão das gerações e de acordo com os diferentes *habitus* (Elias). A ideia de que os jovens são um grupo muito orientado para a presente tem sido defendida por Pais (2006)<sup>36</sup>. O que coloca a possibilidade da idade ser um fator diferenciador das práticas, valores e representações, mas não só, o contexto socioeducacional e profissional foi igualmente sugerido por Adam (1990) como estruturante. Deste modo os grupos sociais mais favorecidos têm maior propensão para desenvolverem perspetivas de longo prazo. Ainda a ligação entre tipos de pobreza e sua relação com o passado, presente e futuro foi verificada por Almeida (1994).

Sabe-se que as orientações sociais e a reflexividade são estruturantes das práticas, valores e representações. A posição estratégica das orientações sociais entre a estrutura social e as práticas, valores e representações sugerem uma terceira hipótese: As dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional contribuem para a formação das orientações sociais. Quer isto dizer que as orientações sociais e a reflexividade são estruturadas pelas dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional e são estruturantes dos valores, práticas e representações.

Por sua vez, os valores, práticas e representações sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas são estruturantes da orientação prospetiva, da orientação para a sustentabilidade e da orientação relativa às mudanças climáticas.

---

<sup>36</sup> Referimo-nos ao Prefácio: Buscas de si: expressividades e identidades juvenis, constante da obra de Almeida, 2006.

## 5.4 Método e técnicas

Esta investigação constitui uma abordagem extensiva aos valores, práticas e representações sociais sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas do ponto de vista dos cidadãos. Para o efeito, foi elaborado um questionário que teve como finalidade caracterizar sociologicamente uma amostra representativa dos cidadãos residentes na cidade de Lisboa (Anexo A).

Este instrumento de recolha de dados foi considerado adequado tendo em vista os objetivos da pesquisa acima mencionados. O inquérito por questionário permite, com elevado grau de fiabilidade, observar valores, representações e práticas de uma população, e potencia a análise estatística e a indução com base no estudo de uma amostra dessa população.

Naturalmente, “O questionário pressupõe todo um conjunto de exclusões: para saber estabelecer um questionário e saber o que fazer dos factos por ele produzidos é necessário conhecer o que o questionário produz, isto é, entre outros casos, aquilo que ele não pode alcançar” (Bourdieu, Chamboredom e Passeron *citados por* Lima, 1972: 568). Sabemos de antemão que a opção pelo inquérito por questionário tem limitações como seja a superficialidade de algumas perguntas que requeriam tratamento mais aprofundado, tendo em conta a problemática relacionada com o tempo e com o futuro. Considerámos igualmente que em certas respostas as pessoas respondem de acordo com o que consideram dever ser respondido. “Estaremos, assim perante mais uma das razões pelas quais se afirma que o inquérito por questionário capta a reprodução, mas não a transgressão da “normalidade” social” (Santos Silva, Pinto, Madureira 1986: 183). Apesar destas restrições, este procedimento de investigação empírica irá permitir descrever aspetos relevantes dos comportamentos dos inquiridos e testar o conjunto de hipóteses atrás formulado.

Para estudar o universo dos residentes na cidade de Lisboa foi construída uma amostra.

A dimensão da amostra foi calculada a partir dos dados facultados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes à população residente na cidade de Lisboa em 2011, tendo sido apurado o valor de 384 para uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%.

Trata-se de uma amostra por quotas, definidas a partir da distribuição percentual por género (52% de mulheres para 48% de homens) e por grupos etários. Assumiu-se que a distribuição percentual de homens e mulheres seria idêntica em todos os grupos etários, uma vez que o INE não dispunha à altura de dados detalhados que permitissem identificar por sexo e grupo etário o número de residentes em Lisboa.

A determinação do peso dos grupos etários no total da população residente fundamentou-se no documento de trabalho “Projeções demográficas no âmbito da revisão do Plano Diretor Municipal de Lisboa” elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML, 2011). Foram propostos quatro cenários para Lisboa: cenário (1) - evolução demográfica muito desfavorável; cenário (2) - evolução demográfica desfavorável; cenário (3) - estabilização da população; e cenário (4) - crescimento moderado da população. Neste âmbito optou-se pelas projeções constantes do cenário (3), considerado o mais provável de ocorrer pelos autores do documento. Este cenário prediz a estabilização da população residente em Lisboa.

A tipologia de referência para a identificação das freguesias nesta amostra foi a utilizada pelo INE, que distingue três níveis: áreas predominantemente urbanas (APU), áreas mediantemente urbanas (AMU) e áreas predominantemente rurais (APR). As freguesias integram-se nestas áreas de acordo com uma tipologia que tem por base a densidade populacional.<sup>37</sup>

Os questionários foram aplicados presencialmente no período de 21 de novembro a 16 de dezembro de 2011, em diversos espaços da cidade, como por exemplo jardins, centros de dia, áreas comerciais, sociedades recreativas e empresas.

O facto de este questionário ter sido aplicado diretamente deu-nos a perceção das suas dúvidas e hesitações, críticas, inflexões de voz e comentários sempre enriquecedores quando se fazem abordagens em extensividade.

## **5.5 Operacionalização de conceitos**

Seguindo a orientação geral do modelo analítico, o questionário aplicado a esta amostra (ver guião em anexo) divide-se em sete grandes blocos: caracterização sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional, orientações sociais, reflexividade, relação com o tempo e com o futuro, sustentabilidade e ambiente, e mudanças climáticas. O questionário é composto por 42 perguntas fechadas. Algumas questões ligadas às mudanças climáticas foram inspiradas no questionário lançado por Schmidt em 2003, e constante da publicação *As alterações Climáticas no Quotidiano. Estudo Comportamental*

---

<sup>37</sup> Consideram-se freguesias urbanas, aquelas que possuem densidade populacional superior a 500 hab./Km<sup>2</sup> ou que integrem um lugar com população residente superior ou igual a 5000 habitantes e as freguesias não urbanas as que possuam densidade populacional superior a 100hab./Km<sup>2</sup> e inferior ou igual a 500 hab./Km<sup>2</sup>, ou que integrem um lugar com população residente superior ou igual a 2000 habitantes e inferior a 5000 habitantes. As restantes freguesias são consideradas rurais.

de Curta Duração. A formulação das mesmas questões, agora ao nível da cidade de Lisboa, possibilitou adotar um padrão de referência a nível nacional ao nível das representações sociais sobre mudanças climáticas.

Na fase de tratamento de dados optou-se pela construção de índices dadas as vantagens em concentrar vários indicadores numa só medida. No nosso caso, procurou-se associar um indicador relacionado com uma prática social (o que se faz) e um indicador relacionado com um valor (o que se deve fazer) em cada índice, tendo por objetivo reforçar a sua consistência. Esta metodologia permite evitar enviesamentos decorrentes das diferenças entre o que se faz e o que se valoriza (2004: Almeida et al), e foi já testada no estudo sobre as atitudes ambientais dos portugueses (2004, Casanova, Almeida et al).

A construção dos índices foi efetuada a partir de uma série de variáveis traduzidas em questões ou afirmações que em nosso entender poderiam refletir o conceito de orientação para o futuro. Neste âmbito, foram adotados 4 índices: índice de orientação prospetiva, índice de orientação para a sustentabilidade na relação com as gerações futuras, índice de sustentabilidade relativamente à preservação do ambiente e índice de orientação para as mudanças climáticas.

Para cada um dos índices foram definidos indicadores de medida que se traduzem cada um deles num valor e numa prática, porém, na impossibilidade de observação direta das práticas sociais, estas foram avaliadas a partir das declarações dos inquiridos.

Através do índice de orientação prospetiva pretende-se estimar a capacidade dos atores sociais em valorizar a agir sobre o futuro. É um índice bastante genérico para o qual foi difícil encontrar indicadores que refletissem o seu significado.

Na tabela 1.4 apresentam-se os índices e respetivos indicadores, nalguns casos os mesmos índices assumem mais de uma opção, ou seja selecionaram-se conjuntos de índices distintos referentes a um mesmo indicador. Esta opção é justificável pelo facto de se tratar de uma tese de natureza predominantemente exploratória. É claro que podemos sempre questionar porque utilizamos estes índices e não outros? “ Não existe atualmente uma teoria formalizada que permita resolver o problema com rigor” (Lima, 1972: 605) porém é possível verificar se indicadores distintos permitem chegar aos mesmos resultados.

O índice de orientação para a sustentabilidade representa a preservação da relação equilibrada entre a espécie humana e a natureza. Traduz-se na ação de preservação da espécie humana e do ambiente.

Por abrangerem conteúdos distintos, distinguiu-se o índice de orientação para a sustentabilidade na sua relação com as gerações futuras e o índice de orientação para a sustentabilidade no sentido da preservação ambiental.

Por fim, o índice de orientação em relação às mudanças climáticas pressupõe a valorização do problema das mudanças climáticas e a ação para minorar o problema.

**Tabela 1.4** Quadro de índices e de Indicadores

Índices	Valores Sociais	Práticas Sociais
Índice de Orientação Prospetiva	Gosta de planejar o futuro?	Possui algum tipo de poupança?
Índice de sustentabilidade (gerações futuras)	O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas? Ou O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas?	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?
Índice de sustentabilidade (preservação do ambiente)	Estaria disponível para fazer mudanças difíceis na sua vida se elas contribuíssem para a melhoria do ambiente na cidade de Lisboa?	Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?

O desenho da estratégia de investigação iniciou-se pela formulação das questões de partida, que surgiram em consequência do processo de pesquisa documental, que por sua vez sustentou o enquadramento teórico geral e específico. A construção do modelo analítico, e das hipóteses de trabalho contribuiu para a consolidação da abordagem ao objeto de estudo. A operacionalização traduziu-se na construção do questionário, cuja aplicação abriu caminho para o posterior tratamento de análise de dados, com recurso aos métodos estatísticos de análise univariada, bivariada, trivariada e multivariada.

## Capítulo II ANÁLISE DE DADOS

### 1. Caracterização sociocultural da população inquirida

Este capítulo é dedicado à análise e tratamento estatístico dos resultados do inquérito realizado à amostra representativa dos cidadãos residentes em Lisboa.

Os dados foram recolhidos através de um questionário por inquérito efetuado nos meses de novembro e dezembro de 2011, sendo expostos e analisados nos quadros que seguidamente se apresentam.

Seguindo a lógica do modelo analítico que se elaborou, a análise de dados parte de uma breve caracterização sociológica da amostra.

Os questionados válidos referem-se a 384 pessoas, das quais 185 homens e 199 mulheres. As mulheres representam 51,8% da amostra e os homens 48,2%, estando aquelas maioritariamente representadas em todos os grupos etários (quadro 2.1).

As idades dos inquiridos apresentam uma grande amplitude de valores entre os 18 e os 92 anos, situando-se o seu valor médio nos 50 anos.

No que se refere à situação familiar, apurou-se que 56% dos inquiridos vivem em situação conjugal, sendo idênticas as percentagens das pessoas que não vivem atualmente ou nunca viveram em situação conjugal, aproximadamente de 22%.

**Quadro 2.1** - Caracterização socio – demográfica

		N	%
Sexo	Masculino	185	48,2
	Feminino	199	51,8
	Total	384	100
Grupo etário	15-29	64	16,7
	30-44	88	22,9
	45-64	118	30,7
	> 65	114	29,7
	Total	384	100
Situação familiar	Vive em situação conjugal	215	56
	Não vive em situação conjugal	83	21,6
	Nunca viveu em situação conjugal	86	22,4
	Total	384	100
Caracterização socio - espacial			
Onde nasceu	Nasceu em Lisboa	219	57
	Nasceu fora de Lisboa	165	43
	Total	384	100
Tipo de Freguesia (Local de nascimento)	Freguesia urbana	302	83
	Freguesia semiurbana	22	6,1
	Freguesia rural	37	10,2
	Total	361	100

Mais de metade da amostra é constituída por pessoas que nasceram na cidade de Lisboa (57%) repartindo-se entre 30,7% de mulheres e 26,3% de homens. As restantes 43% nasceram fora de Lisboa sendo a sua distribuição igualmente repartida por homens e mulheres (cerca de 21%) (Anexo C, quadro 01).

A maioria dos jovens entrevistados (64,1%) nasceram em Lisboa enquanto os mais velhos nasceram fora da cidade (62,3%). Cerca de 98% de jovens e jovens adultos, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, são oriundos de freguesias urbanas e nos restantes grupos etários, essa expressão vai diminuindo. São os mais velhos (maiores de 65 anos) quem apresenta aqui valores percentuais mais baixos (81,1% são provenientes de freguesias urbanas)

**Quadro 2.2** Grupo etário e Local de nascimento (frequência, percentagem em linha)

Grupo etário	Nasceu em Lisboa	Nasceu fora de Lisboa
15-29	41	23
	64,1	35,9
30-44	60	28
	68,2	31,8
45-64	75	43
	63,6	36,4
> 65	43	71
	37,7	62,3

Nota:  $\chi^2 = 25,158$ ;  $p=0,000$ ; V de Cramer= $0,256$

**Quadro 2.3** Grupo etário e tipo de freguesia onde nasceu (frequência, percentagem em linha)

Grupo etário	Freguesia Urbana	Freguesia Rural
15-29	57	1
	98,3	1,7
30-44	77	4
	95,1	4,9
45-64	100	11
	90,1	9,9
Mais de 65	90	21
	81,1	18,9

Nota:  $\chi^2 = 16,150$ ;  $p=0,001$ ; V de Cramer= $0,212$



O nível de escolaridade é uma variável extremamente importante que condiciona e diferencia os indivíduos quanto às escolhas profissionais futuras com repercussões inevitáveis no posicionamento social.

Os resultados do recenseamento de 2011, apurados pelo INE e trabalhados pela PORDATA sobre o grau de escolarização a nível nacional, apontam para uma quase duplicação da população com nível de escolaridade superior face ao recenseamento da população em 2001 (516,3 pessoas em 2001 para 1.001,5 pessoas em 2011).<sup>38</sup>

Porém, continua a verificar-se uma considerável percentagem de portugueses sem instrução, atingindo 10,6% da população a nível nacional e 15% da população em Lisboa.<sup>39</sup> A amostra trabalhada por nós reconhece 2,3% de pessoas sem grau de escolaridade e 13% com o 1º ciclo do ensino básico, totalizando estas categorias 15,4%. Estas duas categorias foram agregadas em virtude dos valores da primeira categoria serem residuais. Com esta opção não se pretende minimizar o problema do analfabetismo e a sua importância sociológica, mas apenas melhorar a análise dos resultados, eliminando categorias residuais como o caso da categoria sem instrução.

#### Quadro 2.4 Escolaridade

Grau de escolaridade	N	%
Até 1.º Ciclo do ensino básico	59	15,4
2.º Ciclo do ensino básico	27	7,0
3.º Ciclo do ensino básico	47	12,2
Secundário	111	28,9
Superior	140	36,5
Total	384	100,0

Decompondo os dados do último recenseamento geral da população referentes a 2011, regista-se que 25,5% da população possui o 1º ciclo do ensino básico, 13% o 2º ciclo do ensino básico, 20,7% possui o 3º ciclo do ensino básico, 16,8% o nível secundário, e 13,4% possuem um curso superior.

A percentagem de mulheres que completaram o nível de instrução superior (15,1%) é superior à média do país. Em Lisboa, há 148 413 pessoas com ensino superior completo existindo uma diferença percentual entre as mulheres e homens, cerca de 55,5% face a 44,5% de homens.

<sup>38</sup> [www.pordata.pt/Portugal/Populacao+ativa+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo-1008](http://www.pordata.pt/Portugal/Populacao+ativa+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo-1008)

<sup>39</sup> [www.pordata.pt/Portugal/Populacao+residente+com+15+e+mais+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+e+mais+elevado+\(percentagem\)-884](http://www.pordata.pt/Portugal/Populacao+residente+com+15+e+mais+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+e+mais+elevado+(percentagem)-884)

No ensino secundário homens e mulheres apresentam valores equivalentes (50%). Porém ao nível do 2º e 3º ciclo do ensino básico, a percentagem de homens é mais elevada face à percentagem de mulheres. Nas categorias sem instrução e ensino básico volta a aumentar a percentagem de mulheres (respetivamente 57,3% e 57,9% em cada uma destas categorias).<sup>40</sup>. Observando os mesmos resultados para a população residente em Lisboa por sexo e grau de instrução, mantêm-se as percentagens mais elevadas de mulheres nas categorias sem instrução e com o 1º ciclo do ensino básico relativamente aos homens (8,58% e 11,33% face a 6,39% e 8,23%). No 3º ciclo, e secundário há um ponto de viragem constatando-se um ligeiro aumento percentual de mulheres que frequentam esses níveis de ensino face aos homens. Esta tendência consolida-se no ensino superior onde as mulheres representam 15,03% relativamente a 12,07% de homens, acompanhando deste modo a tendência nacional (Anexo B).

Na amostra que serviu de base à presente investigação regista-se maior incidência de pessoas com nível de escolaridade superior (36,5%). Este valor é mais elevado relativamente ao valor identificado pelo INE para o País (11,78%) e para Lisboa (27,10%) pelo que se pode afirmar que a amostra estará sobredimensionada nesta categoria.

De entre as pessoas que possuem nível de escolaridade superior (36,5%) a percentagem de mulheres acompanha a tendência nacional e da cidade (19,8 % de mulheres face a 16,7% de homens) (quadro 2.5). Apreciando a distribuição ao nível do ensino superior observa-se diferença equivalente na amplitude percentual entre mulheres e homens (54% de mulheres relativamente a 46% de homens). Estes resultados tanto a nível nacional como na cidade de Lisboa são provavelmente indiciador de um maior investimento das mulheres na sua educação ao longo da vida.

No que toca aos outros graus de ensino, as mulheres também apresentam valores percentuais relativamente mais elevados no ensino básico (51,5% de mulheres face a 48,5% de homens). Mas no ensino secundário os homens apresentam valores ligeiramente superiores aos das mulheres (50,5% e 49,5% respetivamente).

---

<sup>40</sup> População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Nível de escolaridade mais elevado completo; Decenal. Quadro extraído em 15 de janeiro de 2013 (14:29:49) <http://www.ine.pt>.

**Quadro 2.5** Sexo e Grau de escolaridade (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Sexo	Grau de Escolaridade.		
	Básico	Secundário	Superior
Masculino	65	56	64
	35,1	30,3	34,6
	48,5	50,5	46,0
Feminino	69	55	75
	34,7	27,6	37,7
	51,5	49,5	54,0

Nota:  $\chi^2 = 9,855$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,160

Na nossa amostra, cerca de 63% das pessoas que possuem o ensino secundário são jovens. Por outro lado, entre as pessoas que possuem mais de 65 anos, 64% não tem escolaridade ou só completaram o 1º ciclo do ensino básico.

**Quadro 2.6** Grupo etário e grau de escolaridade (frequência e percentagem em linha)

Grupo etário	Básico	Secundário	Superior
15-29	9	40	15
	14,1	62,5	23,4
30-44	17	18	53
	19,3	20,5	60,2
45-64	35	31	52
	29,7	26,3	44,1
Mais de 65	73	22	19
	64	19,3	16,7

Nota:  $\chi^2 = 104,779$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,369

As pessoas que nasceram fora de Lisboa possuem níveis de escolaridade distintos das que nasceram nesta cidade em praticamente todos os graus de ensino (quadro 2.7)

salienta-se no entanto, a prevalência de maior número de pessoas com instrução de nível superior nascidas fora de Lisboa. Observando a freguesia de nascimento, apuram-se níveis de escolaridade mais elevados nas pessoas que nasceram em freguesias urbanas relativamente às freguesias semiurbanas e rurais (Anexo C, quadro 02).

**Quadro 2.7-** Lugar de nascimento e Grau de escolaridade (frequência, percentagem em linha)

Lugar de nascimento	Grau de escolaridade				
	Até 1.º Ciclo do ensino básico	2.º Ciclo do ensino básico	3.º Ciclo do ensino básico	Secundário	Superior
Nasceu em Lisboa	24	16	31	71	77
	11	7,3	14,2	32,4	35,2
Nasceu fora de Lisboa	35	11	16	40	63
	21,2	6,7	9,7	24,2	38,2

Nota:  $\chi^2_{(4)}=10,434$ ;  $p<0,05$ ; V de Cramer=0,165

Praticamente 60% dos reformados possuem o 1º ciclo do ensino básico. Quanto aos que exercem uma profissão, mais de 50% tem um curso superior. Cerca de 60% dos desempregados possuem o nível básico de escolaridade.

Verifica-se ainda que mais de metade (54,7%) dos residentes em Lisboa exercem uma profissão, cerca de 30% são reformados, 8,3% são estudantes e 3,4% estão desempregados (Quadro 2.8). A percentagem das pessoas que se ocupam das tarefas do lar é residual (1,6%) estando a esta categoria exclusivamente associadas mulheres com mais de 65 anos, à exceção de uma cuja idade se situa entre os 30 e os 44 anos (Anexo C, quadro 03 e 04).

As profissões com maior representatividade nesta amostra estão incluídas na categoria especialistas das profissões intelectuais e científicas com 25,8% de inquiridos (quadro 2.8). Analisando a distribuição por sexo verifica-se que as mulheres prevalecem entre os especialistas das profissões intelectuais e científicas (27,6%) mas também entre o pessoal administrativo (22,6%), o mesmo ocorrendo com os homens, 23,8% são especialistas das profissões intelectuais e científicas e 18,4% situam-se entre o pessoal administrativo. (Anexo C, quadro 05). Grande parte dos especialistas das profissões intelectuais e científicas situam-se entre as pessoas com idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos (42%) e cerca de 50% têm nível de escolaridade superior (Anexo C, quadro 06).

São diminutas as percentagens de trabalhadores que exercem uma profissão por conta própria (6,5%) e de patrões (3,4%). (Anexo C, quadro 07) Os níveis secundário e superior de escolaridade apresentam frequências mais elevadas entre os trabalhadores por conta de outrem relativamente às restantes categorias. Entre os patrões, os níveis de escolaridade oscilam entre a escolaridade básica e a superior. Os trabalhadores por conta de outrem são dominantes em todos os grupos etários. Os trabalhadores por conta própria situam-se preferencialmente entre os mais jovens (12,1%). Em ambas as categorias predominam as pessoas com mais de 65 anos e os homens apresentam valores percentuais mais elevados do que as mulheres (Anexo C, quadro 08).

Cerca de 90% das mulheres que exercem uma profissão, fazem-no por conta de outrem, diminuindo o valor percentual nessa categoria para 85,8% nos homens. Nas categorias patrão e trabalhadores por conta própria os valores são mais expressivos entre os homens. Cerca de 50% dos inquiridos trabalham em empresas do setor privado e 29,4% trabalham para o governo central ou local. As mulheres apresentam valores percentuais mais elevados nas empresas do estado e no governo central e local (54%) e os homens apresentam valores percentuais mais elevados no setor privado (52,7%) (Anexo C, quadro 09 e 10).

A identificação das principais variáveis que definem a categoria socio-profissional (profissão e situação na profissão) decorreu da classificação criada por Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Machado (Costa, 1999: 230). Trata-se de uma classificação bastante abrangente que tem como vantagem principal comparar resultados no âmbito da realidade social portuguesa.

A análise das categorias socioprofissionais pressupõe sete categorias: empresários, dirigentes e profissionais liberais (EDL), profissionais técnicos e de enquadramento (PTE), trabalhadores independentes (TI) agricultores independentes (AI), empregados executantes (EE), operários (OP) e assalariados agrícolas (AA).

Observando as categorias socioprofissionais evidencia-se a predominância de empregados executantes (35,2%), e imediatamente a seguir surgem os profissionais técnicos de enquadramento, com 34,4%. A amostra evidencia ainda a existência em 10,9% de operários, 7% de empresários, dirigentes e profissionais liberais, e apenas 2,9% de trabalhadores independentes.

**Quadro 2.8** – Caracterização socio -profissional (frequência e percentagem)

Condição perante o trabalho	N	%
Exerce uma profissão	210	54,7
Ocupa-se das tarefas do lar	6	1,6
Estudante	32	8,3
Reformado ou pré-reformado	123	32,0
Desempregado	13	3,4
Total	384	100
<b>Profissão principal</b>		
Forças Armadas	3	0,8
Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas	10	2,6
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	99	25,8
Técnicos e profissionais de nível intermédio	47	12,2
Pessoal administrativo	79	20,6
Pessoal dos serviços e vendedores	38	9,9
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1	0,3
Operários e artífices e trabalhadores similares	30	7,8
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	12	3,1
Trabalhadores não qualificados	28	7,3
Não aplicável	37	9,6
Total	384	100
<b>Situação na profissão</b>		
Patrão	13	3,4
Trabalhador por conta de outrem	309	80,5
Trabalhador por conta própria	25	6,5
Não aplicável	37	9,6
Total	384	100
<b>Categoria socio profissional</b>		
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	27	7,0
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	132	34,4
Trabalhadores Independentes	11	2,9
Empregados Executantes	135	35,2
Operários	42	10,9
Não aplicável	37	9,6
Total	384	100

Em síntese, a amostra é constituída por pessoas com uma média de idades que se situa nos 50 anos e as mulheres representam 51,8%. Mais de metade dos inquiridos vive em situação conjugal e aproximadamente 60% nasceram em Lisboa. A maioria dos jovens e jovens adultos entrevistados nasceram em Lisboa, por contraste com os mais velhos. Cerca

de 36,5% possuem nível de escolaridade superior, persistindo 15,4% de pessoas com escolaridade até ao 1º Ciclo do ensino básico principalmente entre os mais velhos. À altura, 54,7% dos inquiridos exerciam uma profissão, sendo os especialistas das profissões intelectuais e científicas e o pessoal administrativo as profissões mais representativas. Cerca de 80% dos inquiridos trabalham por conta de outrem em especial no setor privado, predominado as categorias socioprofissionais dos empregados executantes e dos profissionais técnicos de enquadramento.

Temos, portanto, uma amostra tipicamente urbana, quer no que diz respeito aos graus de escolaridade, quer às profissões e situações na profissão e categorias socioprofissionais dominantes.

## 1.1 Orientações Sociais

O conceito sociológico de orientação social foi desenvolvido por Casanova a partir da análise crítica ao conceito de *habitus*. As orientações sociais são definidas na esfera sociocultural enquanto crenças sobre as condições sociais de vida, socialmente estruturadas e estruturantes de valores, representações e práticas sociais (Casanova, 2004: 5). Este conceito é decomposto em duas dimensões distintas e complementares: orientação relativa à desigualdade e orientação da ação. As dimensões refletem dois traços distintivos das sociedades modernas, a igualdade e a liberdade. De acordo com o autor, as orientações sociais permitem aferir até que ponto esses valores foram “naturalizados” pelos indivíduos.

Preende-se, no quadro da presente investigação, partir da importância das orientações sociais na estruturação de valores, representações sociais e práticas, aferindo a sua influência na orientação para o futuro. Considera-se que estas orientações podem indiciar novas abordagens ao conceito de modernidade.

Na operacionalização do conceito de orientação social a orientação relativa à desigualdade resulta da escolha dos inquiridos entre duas afirmações: “É certo que as pessoas são diferentes umas das outras mas é sempre possível diminuir as desigualdades sociais entre elas”, ou, “É certo que as pessoas são diferentes umas das outras e as desigualdades sociais entre elas são inevitáveis”. As pessoas que se identificam com a primeira afirmação são consideradas na categoria “igualitárias” e as que se identificam com a segunda afirmação são consideradas na categoria “não igualitárias”.

A orientação da ação decorre da escolha dos inquiridos em outras duas afirmações: “A nossa posição na sociedade depende sobretudo de termos objetivos na vida e de nos esforçarmos por os atingir” ou, “Por mais que façamos, a nossa posição na sociedade

depende sobretudo de coisas que não podemos controlar”. As pessoas que se identificam com a primeira afirmação inserem-se na categoria “proativas” e as que se identificam mais com a segunda afirmação inserem-se na categoria “não-proativas”. Este conceito formulado por Casanova já foi aplicado em diversos contextos de investigação com o objetivo de apurar níveis de conformidade relativamente às desigualdades sociais bem como níveis de proactividade social. Em particular e no âmbito desta investigação pretende-se, numa primeira fase, apreciar a sua expressão à escala local (cidade de Lisboa).

No que se refere à orientação relativa à desigualdade, constata-se que o peso das pessoas que consideram ser possível diminuir as desigualdades sociais (igualitários) é bastante superior (71,6 %) relativamente aqueles que consideram não ser possível diminuir as desigualdades (não igualitários) (26%). Já relativamente à orientação da ação, a percentagem de próativos (69,5%) é superior à de não-próativos (28,4%), (e é sensivelmente inferior à percentagem de igualitários).

**Quadro 2.9** – Orientação relativa à desigualdade e orientação da ação

		N	%
Orientação relativa à desigualdade	Igualitária	275	71,6
	Não Igualitária	100	26,0
	NS/NR	9	2,4
	Total	384	100
Orientação da ação	Próativa	267	69,5
	Não próactiva	109	28,4
	NS/NR	8	2,1
	Total	384	100

O número de não-respostas é residual, cerca de 2% do total da amostra. Por este motivo optou-se por não as incluir em análises posteriores de forma a garantir-se uma menor dispersão de dados na aplicação de testes estatísticos.

O índice de orientação social, resultante da composição dos indicadores de orientação relativa à desigualdade social e de orientação da ação, testado nesta investigação, apresentou resultados estatisticamente significativos, conforme se pode apreciar no quadro nº 2.10.



**Quadro 2.10** - Orientação relativa à desigualdade e orientação da ação (frequência e percentagem em linha)

Orientação relativa à desigualdade	Orientação da ação	
	Pró-ativa	Não pró-ativa
Igualitária	210 56,9	61 16,5
Não Igualitária	53 14,4	45 12,2

Nota:  $\chi^2 = 19,263$ ;  $p=0,000$ ; V de Cramer=0,228

As orientações sociais decorrentes do cruzamento da orientação relativa à desigualdade social com a orientação da ação, em número de quatro, foram designadas por Casanova (2004: 264), depois de uma análise compreensiva, conforme o indicado na figura 2.1. Os seus pesos relativos na amostra constam do quadro 2.11.

**Figura 2.1** Modalidades do Indicador de Orientação Social

Igualitária - Pró-ativa	Autonomia
Não Igualitária - Pró-ativa	Independência
Igualitária - Não Pró-ativa	Resistência
Não Igualitária - Não Pró-ativa	Heteronomia

**Quadro 2.11** Índice de Orientação social (percentagem em linha)

Índice de Orientação social			
Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
210	53	61	45
56,9	14,4	16,5	12,2

**Quadro 2.12** - Sexo e orientação social (frequência e percentagem em linha)<sup>41</sup>

Sexo	Orientação social			
	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Masculino	102	31	20	27
	56,7	17,2	11,1	15
Feminino	108	30	33	18
	57,1	15,9	17,5	9,5

As orientações sociais consubstanciam naturezas sociais diversas. A orientação resultante do cruzamento da categoria dos pró-ativos com os igualitários traduz-se na orientação da autonomia. A orientação da autonomia pressupõe maior ação dos indivíduos sobre a estrutura social. No extremo oposto encontra-se a orientação da heteronomia, resultante do cruzamento entre não-pró-ativos e não-igualitários, representando o menor grau de ação do indivíduo sobre a estrutura. Subsistem orientações sociais intermédias que representam os não-igualitários pró-ativos (orientação da independência) e os igualitários não-proactivos (orientação da resistência).

Os dados que aqui se apresentam permitem corroborar, ao nível da cidade de Lisboa, os resultados apurados por Casanova a partir do questionário realizado a nível nacional em 2000 (Casanova, 2004). Analisando os resultados do índice de orientação social, verifica-se que 56,9 % das pessoas consideram não só ser possível diminuir as desigualdades sociais como também agir sobre a realidade (orientação da autonomia). As pessoas que admitem ser possível diminuir as desigualdades e simultaneamente não consideram possível agir sobre a realidade representam 16,5%, a orientação da independência representa 14,4 % e as pessoas que evidenciam orientação para a heteronomia representam 12,2 %.

Na investigação realizada por Casanova, o grupo preponderante é também constituído por pessoas com orientação para a autonomia (37,1%), seguido pelo grupo dos resistentes (18,7%), dos que têm orientação para a heteronomia (15,9%) e por fim as pessoas com orientação para a independência (10%). Os resultados que agora se apresentam, revelam um perfil relativamente distinto, ou seja, há coincidência quanto à preponderância da orientação da autonomia à escala nacional e da cidade de Lisboa, porém nos dados trabalhados por nós, constata-se que à categoria acima mencionada segue-se a

---

<sup>41</sup> Neste quadro não foram assinalados o valor do Qui-quadrado nem do V de Cramer. Isto significa que a relação entre variáveis não é estatisticamente significativa. Este procedimento mantém-se ao longo de todo o texto restante.

orientação da independência, diferentemente dos resultados apresentados por Casanova (2004). O peso bastante mais elevado da autonomia na nossa amostra poderá dever-se ao facto desta investigação se centrar exclusivamente em meio urbano. Em Lisboa verificam-se níveis de escolaridade superiores, relativamente ao total nacional e aos meios não urbanos em particular. A posse de níveis superiores de escolaridade é uma variável fundamental nos processos de ascensão social. Este facto poderá contribuir para acentuar a crença de que é possível reduzir as desigualdades sociais. Porventura outros fatores ligados ao modo de vida urbano como por exemplo o acesso aos *mass media*, a maior proximidade com as organizações governamentais e a participação dos cidadãos em associações de defesa do quadro de vida, contribuirão para esta particularidade.

Ao aprofundar-se um pouco mais a análise, constata-se que na orientação da autonomia, as mulheres apresentam valores percentuais ligeiramente mais elevados do que os homens (comparando em coluna a distribuição por sexo).<sup>42</sup> Relativamente à idade, verifica-se uma associação estatisticamente significativa entre grupo etário e orientação social. Se a autonomia é dominante em todos os escalões etários, facto que se repetirá noutras análises e que se deve à evidente predominância desta modalidade na amostra, o seu valor percentual relativo (comparando em coluna as percentagens em linha) é superior nos inquiridos com idades entre os 45 e os 64 anos e entre os mais jovens. É no grupo etário dos 45 aos 64 anos, que claramente se destacam as pessoas com orientação da autonomia.

**Quadro 2.13** - Grupo etário e orientação social (frequência e percentagem em linha)

Grupo etário	Orientação Social			
	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
15-29	36	7	10	8
	59,0	11,5	16,4	13,1
30-44	50	8	21	9
	56,8	9,1	23,9	10,2
45-64	80	17	8	8
	70,8	15,0	7,1	7,1
Mais de 65	44	29	14	20
	41,1	27,1	13,1	18,7

Nota:  $\chi^2_{(12)} = 36,288$ ;  $p = 0,000$  de Cramer=0,181

<sup>42</sup> À semelhança do demonstrado por Casanova (2004 : 98). A comparação em coluna de percentagens em linha, e a comparação em linha de percentagens em coluna permitem descortinar tendências nos resultados além de uma leitura básica, sendo particularmente relevante quando temos distribuições sem grandes variações aparentes. Este procedimento analítico será utilizado frequentemente neste texto.

A orientação da heteronomia está maioritariamente representada, ainda nestes termos comparativos, no grupo correspondente às pessoas com mais de 65 anos.

**Quadro 2.14** – Onde nasceu e orientação social (frequência e percentagem em linha)

Onde nasceu	Índice de orientações sociais			
	Autonomia	Resistência	Independência	Heteronomia
Nasceu em Lisboa	127	31	28	27
	59,6	14,6	13,1	12,7
Nasceu fora de Lisboa	83	30	25	18
	53,2	19,2	16	11,5

**Quadro 2.15** – Situação familiar e orientação social (frequência e percentagem em linha)

Situação Familiar	Índice de orientações sociais			
	Autonomia	Resistência	Independência	Heteronomia
Vive em situação conjugal	118	35	27	29
	56,5	16,7	12,9	13,9
Não vive em situação conjugal	41	17	9	10
	53,2	22,1	11,7	13
Nunca viveu em situação conjugal	51	9	17	6
	61,4	10,8	20,5	7,2

De um modo geral, as pessoas que nasceram em Lisboa (59,6%) e as que nunca viveram em situação conjugal que têm maior representação na orientação da autonomia (61,4%).

O grau de escolaridade foi recodificado tendo em vista a aplicação do teste de Qui-quadrado. Deste modo, identificaram-se três graus de escolaridade: básico, secundário e superior. À medida que se vai avançando nos graus de escolaridade (do nível mais baixo para o mais alto), as percentagens de pessoas com orientação da autonomia vai aumentando, predominando mesmo em pessoas com o nível de escolaridade básico. Das pessoas que possuem nível de instrução superior, apenas 5,2% se identifica com a orientação da heteronomia. Salienta-se as consideráveis percentagens de pessoas com orientação da independência (27,8 %) e da heteronomia (23%) entre as pessoas que

possuem instrução até ao 1º ciclo do ensino básico. Estes resultados são coerentes com os resultados apurados no questionário aplicado por Casanova a nível nacional.

**Quadro 2.16** – Grau de escolaridade e orientação social (frequência, percentagem em linha)

Orientação Social				
Grau de Escolaridade	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Básico	50	35	12	29
	39,7	27,8	9,5	23,0
Secundário	66	11	22	9
	61,1	10,2	20,4	8,3
Superior	94	15	19	7
	69,6	11,1	14,1	5,2

Nota:  $\chi^2_{(12)} = 49,048$ ;  $p = 0,000$  de Cramer=0,258

As pessoas com a orientação da autonomia estão percentualmente em maioria entre aqueles que exercem uma profissão e entre os estudantes (quadro 2.17). Em ambos os casos atingindo valores superiores a 60%. Por serem diminutos os valores referentes às pessoas que se ocupam do lar ou que estão desempregadas não é aconselhável inferir sobre a condição perante o trabalho e a predominância de uma orientação social em particular.<sup>43</sup>

**Quadro 2.17** Condição perante o trabalho e orientação social (frequência e percentagem em linha)

Condição perante o trabalho	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Exerce uma profissão	134	22	29	19
	65,7	10,8	14,2	9,3
Ocupa-se das tarefas do lar	0	2	3	0
	0	40,0	60,0	0
Estudante	19	5	6	0
	63,3	16,7	20,0	0
Reformado ou pré-reformado	51	31	12	23
	43,6	26,5	10,3	19,7
Desempregado	6	1	3	3
	46,2	7,7	23,1	23,1

<sup>43</sup> Existem valores residuais em diversas células, o que fragiliza o sentido destes resultados.

A orientação da autonomia também é preponderante entre os especialistas das profissões intelectuais e científicas, quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas, bem como entre os técnicos e profissionais de nível intermédio (quadro 2.18). A orientação da heteronomia apresenta valores mais significativos entre os operadores de instalações e de máquinas, os trabalhadores de montagem e os trabalhadores não qualificados.

**Quadro 2.18** Profissão e orientação social (frequência e percentagem em linha)

Orientação Social				
Profissão principal	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Forças Armadas	1	2	0	0
	33,3	66,7	0	0
Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas	7	0	3	0
	70	0	30	0
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	74	9	11	4
	75,5	9,2	11,2	4,1
Técnicos e profissionais de nível intermédio	26	6	7	5
	59,1	13,6	15,9	11,4
Pessoal administrativo	38	12	17	10
	49,4	15,6	22,1	13
Pessoal dos serviços e vendedores	21	5	3	6
	60	14,3	8,6	17,1
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1	0	0	0
	100	0	0	0
Operários e artífices e trabalhadores similares	11	9	2	8
	36,7	30,0	6,7	26,7
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	2	4	1	4
	18,2	36,4	9,1	36,4
Trabalhadores não qualificados	10	7	1	8
	38,5	26,9	3,8	30,8

A orientação da autonomia expressa-se, ainda, com maior frequência entre os trabalhadores por conta própria (62,5%) e os trabalhadores por conta de outrem (57,2%), relativamente à categoria dos patrões (quadro 2.19).

**Quadro 2.19** Situação na profissão e orientação social (frequência e percentagem em linha)

Orientação Social				
Situação na Profissão	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Patrão	5	2	4	1
	41,7	16,7	33,3	8,3
Trabalhador por conta de outrem	171	51	36	41
	57,2	17,1	12	13,7
Trabalhador por conta própria	15	1	5	3
	62,5	4,2	20,8	12,5

A orientação da autonomia continua a predominar em todas as categorias socioprofissionais, mas situa-se maioritariamente entre os profissionais técnicos e de enquadramento e os trabalhadores independentes (cujos valores são numericamente pouco significativos) e os empresários, dirigentes e profissionais liberais. Por outro lado, a orientação da heteronomia verifica-se mais intensamente, sempre em termos comparativos, entre os operários e empregados executantes.<sup>44</sup>

**Quadro 2.20** Categoria socio- profissional e orientação social (frequência, percentagem em linha e em relação ao total).

Orientação Social				
Categoria Socio – Profissional	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	14	1	9	2
	53,8	3,8	34,6	7,7
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	94	15	12	7
	73,4	11,7	9,4	5,5
Trabalhadores Independentes	8	1	1	1
	72,7	9,1	9,1	9,1
Empregados Executantes	62	25	20	23
	47,7	19,2	15,4	17,7
Operários	13	12	3	12
	32,5	30	7,5	30

Em conclusão, é entre as pessoas que exercem uma profissão e os estudantes que tem maior peso a orientação social da autonomia. Esta orientação social é preponderante entre

<sup>44</sup> Não se verificam associações significativas relativamente à situação familiar, socioespacial, condição perante o trabalho, profissão, situação na profissão e categoria socioprofissional face às orientações sociais.

os quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas ou entre os profissionais técnicos e de enquadramento, associações, de resto relacionadas com o seu grau escolar elevado.

## 1.2 Reflexividade

No âmbito do modelo analítico proposto, a orientação social é uma variável mediadora, simultaneamente influenciada pelas características sociais, e estruturante das práticas, valores e representações sociais sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas. De acordo com a conceptualização das orientações sociais, estas integram diferentes níveis de reflexividade (Casanova, 2004). De modo a apreender variações específicas na orientação para o futuro com esses níveis de reflexividade, optou-se neste trabalho por operacionalizar este conceito através de um indicador particular.

As pessoas não se limitam a integrar informação e a desenvolver novas práticas, valores e representações sem as questionarem. A intensidade com que se questionam os modos de vida pode precisamente ser um indicador relevante do nível de reflexividade desenvolvido por um determinado grupo ou organização.

No âmbito do questionário lançado aos residentes em Lisboa, para avaliar a sua reflexividade indagou-se sobre a intensidade com que as pessoas afirmam pensar antes de tomarem decisões sobre as suas vidas. O conceito de reflexividade foi operacionalizado a partir da questão: “Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?”.

**Quadro 2.21** Reflexividade

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	N	%
Sempre	146	38,2
Muitas vezes	160	41,9
Algumas vezes	67	17,5
Raramente ou nunca	9	2,4
Total	382	100,0
Total	384	

Apurou-se que a maioria (41,9% das pessoas) afirma pensar muitas vezes antes de tomar decisões. Se a esta categoria for adicionada a percentagem de pessoas que optaram pela categoria “sempre” totaliza-se 80,1% de respostas indiciadoras, à primeira vista, de elevados níveis de reflexividade. Adianta-se a hipótese de que algumas pessoas possam ter dado as respostas que consideram socialmente mais convenientes.



Aprofundando um pouco mais a análise verifica-se uma diferença percentual nas respostas dadas por homens e por mulheres, com preponderância para as mulheres que optam mais pelas categorias “penso sempre” e “penso muitas vezes” do que os homens (quadro 2.20). Os grupos etários dos 30 aos 44 anos e dos 45 aos 64 também apresentam valores mais elevados nas categorias “ sempre” e “muitas vezes” face aos restantes grupos. Por outro lado, as pessoas maiores de 65 anos e os jovens (15 aos 29 anos) afirmam mais vezes, em termos relativos, que raramente ou poucas vezes pensam antes de tomarem decisões (quadro 2.23).

Dir-se-ia que a reflexividade avaliada pela questão aqui colocada vai aumentando de intensidade à medida que as pessoas entram plenamente no mercado de trabalho e assumem responsabilidades familiares, tendendo a diminuir com o advento de uma fase menos ativa do ponto de vista profissional e social.

**Quadro 2.22** Sexo e Reflexividade (frequência e percentagem em linha)

Sexo	Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	
	Sempre/muitas vezes	Algumas vezes/ raramente ou nunca
Masculino	139	45
	75,5	24,5
Feminino	167	31
	84,3	15,7

Nota:  $\chi^2 = 4634$ ;  $p < 0,05$ , V de Cramer=0,110

**Quadro 2.23** Grupo etário e reflexividade (frequência e percentagem em linha).

Grupo etário	Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	
	Sempre/muitas vezes	Algumas vezes/ raramente ou nunca
15-29	50	14
	78,1	21,9
30-44	76	11
	87,4	12,6
45-64	99	18
	84,6	15,4
Mais de 65	81	33
	71,1	28,9

Nota:  $\chi^2 = 10,383$ ;  $p < 0,05$ , V de Cramer=0,165

O grau de escolaridade revelou-se uma variável de extrema importância na ponderação aquando da tomada de decisões sobre a vida. Verifica-se que as pessoas que afirmam tomarem decisões com maior frequência possuem nível de escolaridade superior, cerca de 88%. Aqueles que referem tomar decisões sobre a vida com menor frequência situam-se, em termos comparativos, mais entre aqueles que possuem o ensino básico (cerca de 28 %).

Observando o quadro 2.24 verifica-se uma progressão direta das percentagens no sentido crescente à medida que o nível de escolaridade vai aumentando, maiores são as percentagens de respostas nas categorias que refletem maior reflexividade.

**Quadro 2.24** Grau de escolaridade e reflexividade (frequência e percentagem em linha)

Grau de Escolaridade	Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	
	Sempre/muitas vezes	Algumas vezes/ raramente ou nunca
Básico	95	37
	72	28
Secundário	89	22
	80,2	19,8
Superior	122	17
	87,8	12,2

Nota:  $\chi^2 = 10,606$ ;  $p < 0,01$  V de Cramer = 0,167

Quanto à distribuição por categorias socioprofissionais, salientam-se os trabalhadores independentes e os profissionais técnicos e de enquadramento entre as pessoas que afirmam pensar mais frequentemente antes de tomarem decisões sobre a vida. Nos operários e empregados executantes são significativas as percentagens dos que afirmam raramente tomarem decisões. Mas, no geral, a reflexão frequente antes de decidir é maioritária qualquer que seja a categoria profissional.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Aplicando o teste de significância do qui quadrado não é possível ajuizar com segurança a existência de uma relação estatisticamente significativa em virtude dos valores apresentados serem diminutos.

**Quadro 2.25** Categoria socio- profissional e reflexividade e (frequência e percentagem em linha)

Categoria socioprofissional	Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	
	Sempre/muitas vezes	Algumas vezes/ raramente ou nunca
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	23 85,2	4 14,8
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	114 86,4	18 13,6
Trabalhadores Independentes	10 90,9	1 9,1
Empregados Executantes	106 79,1	28 20,9
Operários	27 65,9	14 34,1

Nota:  $\chi^2 = 9,960$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,170<sup>46</sup>

Embora não haja relação estatisticamente significativa entre reflexividade e orientações sociais, a reflexão sobre a tomada de decisões sobre a vida é mais intensa na orientação da autonomia, enquanto a menor frequência deste comportamento é menos expressiva, em termos relativos, na orientação da heteronomia, corroborando resultados anteriores (Casanova, 2004).

**Quadro 2.26** Reflexividade e Orientações Sociais (frequência e percentagem em linha)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Autonomia	Independência	Resistência	Heteronomia
Sempre/muitas vezes	176 59,3	48 16,2	43 14,5	30 10,1
Algumas vezes/ raramente ou nunca	34 48,6	12 17,1	9 12,9	15 21,4

Em síntese, os resultados apontam para elevados níveis de reflexividade expressos por mais de 80% dos inquiridos, com ligeira predominância das mulheres face aos homens e de pessoas em idade ativa (dos 30 aos 64 anos). A escolaridade revelou-se

<sup>46</sup> Duas células têm valores inferiores a 5

uma variável muito importante, destacando-se que a um aumento sucessivo dos níveis de escolaridade corresponde maior intensidade de reflexão sobre as decisões na vida. Esta prática de maior reflexividade também sobressai na orientação da autonomia.

### 1.3 Posicionamento político e religioso

A modernidade pode em determinados contextos sociais ser observada a partir do exercício dos direitos de cidadania entre os quais se destaca o envolvimento e a participação na vida política. Pretendeu-se aqui analisar de um modo rudimentar o comprometimento dos inquiridos em particular com a orientação política.

Para a avaliação das opções políticas foi usada uma escala que integrava seis itens: extrema-direita, direita, centro-direita, centro-esquerda, esquerda e extrema-esquerda.<sup>47</sup>

A questão “Diga-nos por favor como se posiciona politicamente?” suscitou uma considerável percentagem de não respostas (27,3%) face às restantes perguntas do questionário. Este facto foi empiricamente constatado pela resistência e críticas expressas pelas pessoas que responderam ao questionário proposto. Essas críticas foram oralmente expostas no momento em que as pessoas eram inquiridas sobre este item em particular. Parte destas pessoas afirmavam que dificilmente se reviam na escala apresentada contestando nalguns casos o significado da esquerda e direita no atual contexto político e económico nacional e internacional.

**Quadro 2.27** Lugar de nascimento e posicionamento político (frequência e percentagem em linha)

Lugar de nascimento	Posicionamento político				
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita	NS/NR
Nasceu em Lisboa	52	53	23	23	68
	23,7	24,2	10,5	10,5	31,1
Nasceu fora de Lisboa	46	42	22	18	37
	27,9	25,5	13,3	10,9	22,4

<sup>47</sup> Escala utilizada nos questionários elaborados no âmbito do European Social Survey.

**Quadro 2.28** Grau de escolaridade e posicionamento político (frequência, e percentagem em linha)

Grau de escolaridade	Posicionamento político				
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita	NS/NR
Básico	34	21	16	16	46
	23,7	16,9	11,9	13,6	33,9
Secundário	28	30	11	12	30
	25,2	27,0	9,9	10,8	27,0
Superior	36	44	18	13	29
	25,7	31,4	12,9	9,3	20,7

Deste modo, entendeu-se necessário aprofundar o perfil das pessoas que não responderam a esta questão, tendo-se observado o seguinte: a percentagem de não-respostas é a categoria mais escolhida pelos que nasceram em Lisboa (31,1%) e pelos que têm no máximo o ensino secundário.

**Quadro 2.29** Condição perante o trabalho, profissão e posicionamento político (frequência e percentagem em linha)

Condição perante o trabalho	Posicionamento político				
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita	NS/NR
Exerce uma profissão	42	53	24	24	67
	20,0	25,2	11,4	11,4	31,9
Ocupa-se das tarefas do lar	0	2	1	1	2
	0	33,3	16,7	16,7	33,3
Estudante	5	8	3	5	11
	15,6	25,0	9,4	15,6	34,4
Reformado ou pré-reformado	48	31	17	10	17
	39,0	25,2	13,8	8,1	13,8
Desempregado	3	1	0	1	8
	23,1	7,7	,0	7,7	61,5

**Quadro 2.30** Profissão principal e posicionamento político (frequência e percentagem em linha)

Profissão Principal	Posicionamento Político				
	Esquerda	Centro Esquerda	Centro Direita	Direita	NS/NR
Forças Armadas	0	1	0	2	0
	0	33,3	0	66,7	0
Quadros Sup.Adm.Pública dirigentes e quadros sup. das empresas	2	3	3	1	1
	20,0	30,0	30,0	10,0	10,0
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	29	31	12	7	20
	29,3	31,3	12,1	7,1	20,2
Técnicos e profissionais de nível intermédio	14	11	6	6	10
	29,8	23,4	12,8	12,8	21,3
Pessoal administrativo	23	20	10	5	21
	29,1	25,3	12,7	6,3	26,6
Pessoal dos serviços e vendedores	5	7	2	10	14
	13,2	18,4	5,3	26,3	36,8
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1	0	0	0	0
	100,0	0	0	0	0
Operários e artífices e trabalhadores similares	8	7	4	2	9
	26,7	23,3	13,3	6,7	30,0
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	5	0	1	0	6
	41,7	,0	8,3	0	50,0
Trabalhadores não qualificados	6	5	3	3	11
	21,4	17,9	10,7	10,7	39,3

Mais de metade dos inquiridos desempregados (61,5%) não responderam a esta questão.<sup>48</sup> As restantes não-respostas estão distribuídas de modo idêntico entre estudantes (34,4%) e pessoas que se ocupam das tarefas do lar (33,3%), e são ainda significativas no caso dos que estão a trabalhar (31,9%). Os reformados e pré-reformados apresentam percentagens inferiores de não-respostas (13,8).

<sup>48</sup> Este valor circunscreve-se apenas a 13 inquiridos.

**Quadro 2.31** Situação na profissão e posicionamento político (frequência e percentagem em linha)

Situação na profissão	Posicionamento político				
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita	NS/NR
Patrão	2	1	4	3	3
	15,4	7,7	30,8	23,1	23,1
Trabalhador por conta de outrem	86	80	32	31	80
	27,8	25,9	10,4	10,0	25,9
Trabalhador por conta própria	5	4	5	2	9
	20,0	16,0	20,0	8,0	36,0

Quando se analisa a distribuição de não-respostas por profissão, verifica-se que estas se destacam entre os operadores de instalações e máquinas, e trabalhadores de montagem (50%) e entre o pessoal dos serviços e vendedores (37%). Relativamente à situação na profissão, é entre os trabalhadores por conta própria que se verificam valores mais elevados de não respostas (36%).

Pode então adiantar-se que entre as pessoas que não se pronunciaram sobre o seu posicionamento político predominam as que nasceram em Lisboa, as que possuem nível básico de escolaridade, os estudantes e os desempregados.

**Quadro 2.32–** Posicionamento político (frequência e percentagem)

Posicionamento político	N	%
Extrema-esquerda	5	1,3
Esquerda	93	24,2
Centro esquerda	95	24,7
Centro direita	45	11,7
Direita	37	9,6
Extrema-direita	4	1,0
NS/NR	105	27,3
Total	384	100

Quanto às 72,7% de pessoas que responderam à questão constata-se que 48,9% destas se situam nas categorias centro-esquerda e esquerda e 21,3% situam-se na direita e centro-direita. No âmbito desta amostra, verificou-se que o número de respostas referentes

respetivamente à extrema-direita e extrema-esquerda eram residuais (1% e 1,3%). Por este motivo, optou-se por agregar estes valores às categorias direita e esquerda para efeitos de análise estatística, e, mais adiante por dicotomizar as variáveis constantes das categorias esquerda e direita, e centro/não centro.

**Quadro 2.33** – Grupo etário e posicionamento político (frequência, percentagem em linha)

Grupo etário	Posicionamento político			
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita
15-29	7	17	7	8
	11	27	11	13
30-44	19	20	8	14
	22	23	9	16
45-64	30	29	15	9
	25	25	13	8
> 65	42	29	15	10
	37	25	13	9

Nota:  $\chi^2 = 25,940$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,150

Os homens situam-se preferencialmente na esquerda (38,7%) e centro esquerda (32,1%) ao inverso as mulheres posicionam-se no centro-esquerda (35,9%) e seguidamente na esquerda (31,7%).

**Quadro 2.34** Sexo e posicionamento político (frequência, percentagem em linha)

Sexo	Posicionamento político			
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita
Masculino	53	44	23	17
	38,7	32,1	16,8	12,4
Feminino	45	51	22	24
	31,7	35,9	15,5	16,9

No que toca à distribuição do posicionamento político por profissões, mais de 60% dos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas situam-se no centro-esquerda e centro-direita. Os especialistas das profissões



intelectuais e científicas situam-se maioritariamente na esquerda e centro-esquerda. Os quadros das forças armadas embora numericamente pouco significativos, posicionam-se preferencialmente na direita assim como o pessoal dos serviços e vendedores. Operários, artífices e trabalhadores similares e operadores de instalações e máquinas, e trabalhadores de montagem repartem-se entre a esquerda e o centro-esquerda respetivamente.

**Quadro 2.35 Profissão** principal e posicionamento político (frequência, percentagem em linha)

Qual a sua profissão principal	Posicionamento político			
	Esquerda	Centro esquerda	Centro direita	Direita
Forças Armadas	0	1	0	2
	0	33,3	0	66,7
Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas	2	3	3	1
	22,2	33,3	33,3	11,1
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	29	31	12	7
	36,7	39,2	15,2	8,9
Técnicos e profissionais de nível intermédio	14	11	6	6
	37,8	29,7	16,2	16,2
Pessoal administrativo	23	20	10	5
	39,7	34,5	17,2	8,6
Pessoal dos serviços e vendedores	5	7	2	10
	20,8	29,2	8,3	41,7
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1	0	0	0
	100	0	0	0
Operários e artífices e trabalhadores similares	8	7	4	2
	38,1	33,3	19	9,5
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	5	0	1	0
	83,3	0	16,7	0
Trabalhadores não qualificados	6	5	3	3
	35,3	29,4	17,6	17,6

As pessoas que se situam no centro-esquerda encontram maior expressão relativa no grupo etário dos 15 aos 29 anos com cerca de 27%, sendo a sua predominância apenas quebrada no caso da esquerda entre as pessoas com mais de 65 anos (quadro 2.31).

Partindo da análise da variável do posicionamento político, agora dicotomizada nas categorias esquerda/direita, e da sua distribuição por categorias socioprofissionais, observa-

se que empresários, dirigentes e profissionais liberais dispõem-se maioritariamente à direita (57,9%) contrariamente ao verificado nas restantes categorias especialmente entre os operários (com 84% posicionando-se à esquerda).<sup>49</sup>

**Quadro 2.36** Categoria socio -profissional e posicionamento político (frequência e percentagem em linha)

Posicionamento político		
Categoria socioprofissional	Esquerda	Direita
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	8 42,1	11 57,9
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	82 77,4	24 22,6
Trabalhadores Independentes	5 55,6	4 44,4
Empregados Executantes	61 64,2	34 35,8
Operários	22 84,6	4 15,4

Nota:  $\chi^2 = 14,769$ ;  $p = 0,05$ ; V de Cramer=0,241<sup>50</sup>

Em contexto internacional e europeu, os portugueses continuam a distinguir-se por serem intensamente socializados do ponto de vista religioso. A adesão ao catolicismo é dominante, porém as práticas e representações sociais dos católicos não são homogêneas, conforme observado por Machado Pais que elaborou uma tipologia da religiosidade dos portugueses (Pais, 2001).

A dimensão religiosa compreende o estabelecimento de uma ligação entre natureza humana e divindade com o intuito de superação ou de aceitação das adversidades que ocorrem quotidianamente. A perspetiva que se pretende aprofundar tem como pano de fundo a assimilação dos valores fundamentais da modernidade e prende-se com o questionamento sobre as convicções religiosas e a forma como influenciam as representações sobre o quadro de vida em geral e o futuro em particular. "As crenças no além condicionam as práticas do aquém" (Pais, 2001: 231). Até que ponto crenças condicionam práticas e vice-versa? A própria Igreja Católica admite que para a mentalidade iluminista, o mundo não tem necessidade de amar a Deus. O mundo é autossuficiente (João

49 Existe relação estatisticamente significativa entre as variáveis categoria socio- profissional e posicionamento político

<sup>50</sup> Duas células têm valores inferiores a 5.

Paulo II citado por Pais, 2001: 235). Estas interrogações serão esmiuçadas ao longo do processo de investigação.

Mais de metade das pessoas inquiridas consideram-se católicos não-praticantes (57,6 %), os católicos praticantes são aproximadamente 17% e os agnósticos e ateus totalizam aproximadamente 9%. Os restantes 4% professam outra religião. Cinquenta pessoas não responderam a esta questão, ou seja 13% relativamente ao total da amostra.

**Quadro 2.37** Posicionamento religioso (frequência e percentagem em linha)

Posicionamento religioso	N	%
Católico praticante	65	16,9
Católico não praticante	221	57,6
Agnóstico/ Ateu	33	8,6
Outra religião	15	3,9
NS/NR	50	13
Total	384	100

As mulheres apresentam valores superiores aos dos homens quer entre os católicos não-praticantes quer nos católicos praticantes. Já entre os agnósticos verificam-se valores percentuais mais elevados nos homens, sendo as percentagens idênticas em ambos os sexos no que se refere a professar outra religião.

**Quadro 2.38** Sexo e posicionamento religioso (frequência e percentagem em linha)

Sexo	Católico praticante	Católico não praticante	Agnóstico/ Ateu	Outra religião
Masculino	27	102	25	7
	14,6	55,1	13,5	3,8
Feminino	38	119	8	8
	19,1	59,8	4	4

Nota:  $\chi^2 = 11,577$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,186

Entre os inquiridos nascidos em Lisboa, 62,1% são católicos não-praticantes. Quanto aos inquiridos nascidos fora de cidade verifica-se que a percentagem de católicos não-praticantes é inferior (51,5%).

Os católicos praticantes que nasceram fora de Lisboa totalizam 26,1% e esta percentagem diminui para 10% nos que nasceram em Lisboa. Das pessoas que nasceram em Lisboa, 5% professam diferentes religiões, valor sensivelmente mais elevado relativamente a quem nasceu fora da capital. Quanto aos agnósticos e ateus não se

verificam diferenças percentuais significativas, entre os que nasceram em Lisboa ou fora de Lisboa.

Estas observações ainda que circunscritas à cidade de Lisboa reforçam o quadro religioso do país, onde em traços gerais se verifica que os católicos praticantes são maioritariamente provenientes de zonas rurais e semiurbanas, e os não católicos provenientes de meios urbanos (Cabral, 2001).

**Quadro 2.39** Lugar de nascimento e Posicionamento religioso (frequência e percentagem em linha)

Onde nasceu	Católico praticante	Católico não praticante	Agnóstico/ Ateu	Outra religião
Nasceu em Lisboa	22	136	18	11
	10	62,1	8,2	5
Nasceu fora de Lisboa	43	85	15	4
	26,1	51,5	9,1	2,4

Nota:  $\chi^2 = 17,555$ ;  $p = 0,001$ ; V de Cramer = 0,229

Em conclusão, a idade e a categoria socioprofissional surgiram como as variáveis com maior peso sociológico quando cruzadas com o posicionamento político.

No que toca ao posicionamento religioso são as variáveis sexo e lugar de nascimento que assumem maior importância.

## 1.4 Orientações sociais e posicionamento político e religioso

Até que ponto as orientações sociais estruturam as opções políticas dos inquiridos? Um menor potencial de ação sobre a realidade significa necessariamente a identificação dos inquiridos com um modelo mais conservador da economia e da sociedade? A convicção de que é possível diminuir as diferenças sociais reflete-se no modo como as pessoas se identificam do ponto de vista político?

Observando os dados referentes ao posicionamento político verifica-se que em todas as orientações sociais predomina a esquerda, assumindo porém valores distintos. Analisando as percentagens em coluna verifica-se que a orientação da autonomia é maioritária tanto na esquerda como na direita. Mas os valores mais elevados em linha e em coluna situam-se na associação da autonomia com a esquerda. Na direita tem maior expressão relativa sobretudo a orientação da independência.

**Quadro 2.40** Orientação social e posicionamento político (frequência, percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientações sociais	Posicionamento Político	
	Esquerda	Direita
Autonomia	123	37
	76,9	23,1
	64,7	44,6
Resistência	29	14
	67,4	32,6
	15,3	16,9
Independência	21	20
	51,2	48,8
	11,1	24,1
Heteronomia	17	12
	58,6	41,4
	8,9	14,5

Sendo os católicos não-praticantes majoritários na amostra, não surpreende que predominem em todas as orientações sociais. E porque a autonomia tem também o maior peso entre os inquiridos, tem maioria em todos os posicionamentos religiosos. Mas comparando em linha as percentagens em coluna, e em coluna as percentagens em linha, ou seja, em termos relativos, verificam-se associações importantes entre a independência e os católicos não-praticantes, a resistência e os católicos praticantes, a autonomia e os agnósticos e ateus, e a heteronomia e outra religião.

Uma só questão formulada no questionário não permite naturalmente aprofundar se estamos perante católicos ritualistas, moralistas e tradicionais ou católicos nominais, individualistas e tolerantes de acordo com a tipologia de Pais (Pais, 2001). Este é sem dúvida um aspeto fulcral, uma vez que as representações sobre o futuro podem diferenciar-se consoante se trate de católicos ritualistas ou de católicos nominais. De um modo sucinto poder-se-á dizer que, para os primeiros, o futuro pertence a Deus e para os segundos, o homem constrói o próprio futuro (Pais, 2001).

**Quadro 2.41** Posicionamento Religioso e Orientação Social (frequência. percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientações sociais	Posicionamento religioso			
	Católico praticante	Católico não praticante	Agnóstico/ Ateu	Outra religião
Autonomia	33	118	24	7
	18,1	64,8	13,2	3,8
	53,2	54,6	75,0	50
Resistência	13	39	2	1
	23,6	70,9	3,6	1,8
	21	18,1	6,3	7,1
Independência	9	36	3	1
	18,4	73,5	6,1	2
	14,5	16,7	9,4	7,1
Heteronomia	7	23	3	5
	18,4	60,5	7,9	13,2
	11,3	10,6	9,4	35,7

De que forma poderá o exercício da reflexividade influenciar o posicionamento político? A pergunta “Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?” foi cruzada com o posicionamento político tendo colhido nas categorias “pensa sempre” e “pensa muitas vezes antes de tomar decisões sobre a sua vida” maior valor percentual à direita (83,7%).

Quanto às pessoas com um padrão de reflexividade menos intenso o seu peso no âmbito da esquerda política atinge valores mais elevados (74,1%).<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Os dados apresentados não permitem assegurar qualquer tendência ou associação estatística entre reflexividade e posicionamento político, julga-se que em parte devido ao elevado número de não respostas obtidas na questão referente ao posicionamento político.

**Quadro 2.42** Reflexividade e posicionamento político (frequência e percentagem em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Posicionamento Político	
	Esquerda	Direita
Sempre/muitas vezes	152	72
	67,9	32,1
	79,2	83,7
Algumas vezes/ raramente ou nunca	40	14
	74,1	25,9
	20,8	16,3

E em relação ao posicionamento religioso? A intensidade com que se reflete sobre o quotidiano pode influenciá-lo? À semelhança da análise que se fez para o posicionamento político, trata-se aqui de cruzar os resultados da pergunta “Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?” com o posicionamento religioso.

**Quadro 2.43** Com que frequência toma decisões sobre a sua vida e os posicionamento religioso (frequência, percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Posicionamento religioso			
	Católico praticante	Católico não praticante	Agnóstico/ Ateu	Outra religião
Sempre/muitas vezes	54	173	24	13
	20,5	65,5	9,1	4,9
	83,1	79	72,7	86,7
Algumas vezes/ raramente ou nunca	11	46	9	2
	16,2	67,6	13,2	2,9
	16,9	21	27,3	13,3

A preponderância na amostra da orientação da autonomia e dos católicos não-praticantes também se reflete neste cruzamento, não sendo óbvias correlações. Apesar de tudo, as associações aparentemente mais relevantes, em termos relativos, são as que existem entre reflexividade elevada e outra religião, e entre reflexividade mais baixa e agnósticos e ateus.

Tal como o verificado para o posicionamento político, não é possível tirar qualquer conclusão definitiva sobre a importância da reflexividade como estruturante do pensamento religioso.

## **2. Características sociais e representações sociais, valores e práticas relativas ao futuro**

### **2.1 O tempo**

As práticas, valores e representações sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas constituem o foco da presente investigação. O conjunto de variáveis que refletem este tema assume uma posição central no modelo analítico.

Conforme se explanou no enquadramento teórico, o tempo é um conceito extremamente complexo e abrangente que pode ser objeto de interesse para diversas áreas científicas.

Neste caso faz-se uma abordagem deste conceito do ponto de vista da Sociologia. O nosso ponto de partida consiste primeiramente em observar as práticas, representações e valores sobre o tempo e depois focarmos a análise numa característica muito particular do tempo: o futuro.

Deste modo, apreciaram-se as disposições das pessoas face ao passado, presente e futuro. A concretização desta intenção passou por se elaborar três afirmações através das quais fosse possível apreciar a forma como as pessoas se relacionam com o tempo.

O passado compreende uma experiência irrepitível, podendo apenas ser recordado enquanto representação mental e o tempo futuro é o tempo que ainda não ocorreu e sobre o qual é possível projetar desejos e inquietações. Contrariamente ao passado e ao futuro que são vividos enquanto representações, o tempo presente é uma prática, que é experimentada e vivenciada.

A questão que se formulou no questionário pressupõe que o tempo assume as propriedades acima referidas e traduziu-se num conjunto de três afirmações que se excluem mutuamente.

Cada uma das três afirmações se centrou num aspeto distinto do tempo: passado, presente e futuro. Estas afirmações foram o mote para a seguinte questão: Diga-nos por favor com que frase se identifica mais: “ Recordar é viver e viver é recordar”; “Nascemos para viver intensamente o dia a dia”; “Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”.

Partindo desta questão, foi solicitado aos inquiridos que escolhessem a frase com que mais se identificavam, tendo-se verificado que 48,2% optaram pela frase “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. A segunda resposta mais frequente foi a correspondente à frase “nascemos para viver intensamente o dia a dia” com cerca de 34% de respostas. Por fim a frase “recordar é viver e viver é recordar” com 17,5% de respostas.



**Quadro 2.44** Relação com o tempo (frequência e percentagem)

Relação com o tempo	N	%
Recordar é viver e viver é recordar	65	17,5
Nascemos para viver intensamente o dia-a-dia	127	34,2
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	179	48,2

É no grupo etário dos 45 aos 64 anos que a valorização do tempo futuro apresenta maior expressão percentual (59,1 %), seguindo-se o grupo mais de 65 anos (51,4%). O grupo etário que mais valoriza o presente situa-se entre os 30 e os 44 anos e representa mais de metade dos inquiridos nessa faixa etária. Os jovens valorizam mais o tempo presente embora o peso percentual de respostas no âmbito deste grupo seja de 46,8%, valor inferior ao verificado no grupo etário dos 30 aos 44 anos. Comparando em coluna as percentagens em linha, é no grupo etário referente aos maiores de 65 anos que se encontra maior percentagem de respostas na categoria centrada no tempo passado; cerca de 34,9%, seguida do grupo dos jovens e jovens adultos com 16,1%.

**Quadro 2.45** Sexo e relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Sexo	Relação com o tempo		
	Recordar é viver	Nascemos para viver intensamente o dia a dia	Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido
Masculino	33	58	84
	18,9	33,1	48
Feminino	32	69	95
	16,3	35,2	48,5

Tal como na categoria associada ao tempo futuro, também na categoria tempo presente se verifica uma ligeira diferença percentual entre mulheres (35,2%) e homens (33,1%). Já na categoria temporal mais centrada no passado, que foi a opção de 16,9% das pessoas, a tendência percentual inverte-se ou seja, é maior a percentagem de respostas de homens (18,9%) relativamente às mulheres (16,3%).

**Quadro 2.46** Grupo etário e relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Relação com o tempo			
Grupo etário	Recordar é viver	Nascemos para viver intensamente o dia a dia	Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido
15-29	10	29	23
	16,1	46,8	37,1
30-44	10	43	32
	11,8	50,6	37,6
45-64	7	40	68
	6,1	34,8	59,1
Mais de 65	38	15	56
	34,9	13,8	51,4

Nota:  $\chi^2 = 58,433$ ;  $p = 0,000$  de Cramer=0,281

Se o nível de escolaridade for tido em conta, constata-se que a categoria ensino básico é a que apresenta maior percentagem de opções pela frase “recordar é viver e viver é recordar” (31,3%) (análise em coluna das percentagens em linha), apesar da maioria destes inquiridos ter escolhido a frase em que se valoriza o futuro (48,1%). Por outro lado, as pessoas com formação superior representam 53,8 % das respostas na categoria “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. A categoria “nascemos para viver intensamente o dia a dia” é mais valorizada entre as pessoas que possuem nível de escolaridade secundário. Reconhece-se que quanto maior o nível de escolaridade, maior a tendência para a valorização do futuro.

**Quadro 2.47** Grau de escolaridade e relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Relação com o Tempo			
Grau de Escolaridade	Recordar é viver	Nascemos para viver intensamente o dia a dia	Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido
Básico	41	27	63
	31,3	20,6	48,1
Secundário	13	49	45
	12,1	45,8	42,1
Superior	11	51	71
	8,3	38,3	53,4

Nota:  $\chi^2 = 35,964$ ;  $p = 0,000$  de Cramer=0,220

Sucintamente conclui-se que cerca de metade dos inquiridos estão convictos que “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. Nesta opção, constata-se uma ligeira predominância do sexo feminino, do grupo etário situado entre os 45 e os 64 anos bem como a predominância de indivíduos com escolaridade superior.

Abordou-se a relação das pessoas com o passado, com o presente e com o futuro e também a sua orientação prospetiva recorrendo às variáveis “gosto pelo planeamento do futuro”, “prática de poupança” e “natureza dos projetos”. Da análise univariada e bivariada efetuada concluiu-se que cerca de metade das pessoas consideram que “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido” e esta condição revela-se mais intensamente entre as pessoas com idades entre os 45 e os 64 anos e que possuem níveis de escolaridade mais elevados. Apurou-se ainda que a preferência pelo planeamento do futuro é partilhada pelas pessoas que têm entre 45 e 64 anos, pelos jovens, pelas pessoas que detêm maior nível de escolaridade e pelos empresários, dirigentes e liberais, e por pessoas que se situam no centro político.

Trata-se agora de complementar esta análise explorando através de análise multivariada a relação das pessoas com o tempo e a sua orientação para o futuro, identificando diferentes dimensões de relação com o tempo.

A partir de uma análise de correspondência múltiplas (Carvalho, 2008) procurou-se relacionar três variáveis na análise do “modo de relação com o tempo”: a orientação prospetiva (que cruza o gosto pelo planeamento do futuro e a prática da poupança), a relação com o tempo, e a natureza dos projetos, sendo que nesta última variável se incluiu para além dos projetos de natureza individual e familiar, aqueles que mencionaram não ter qualquer tipo de projetos.

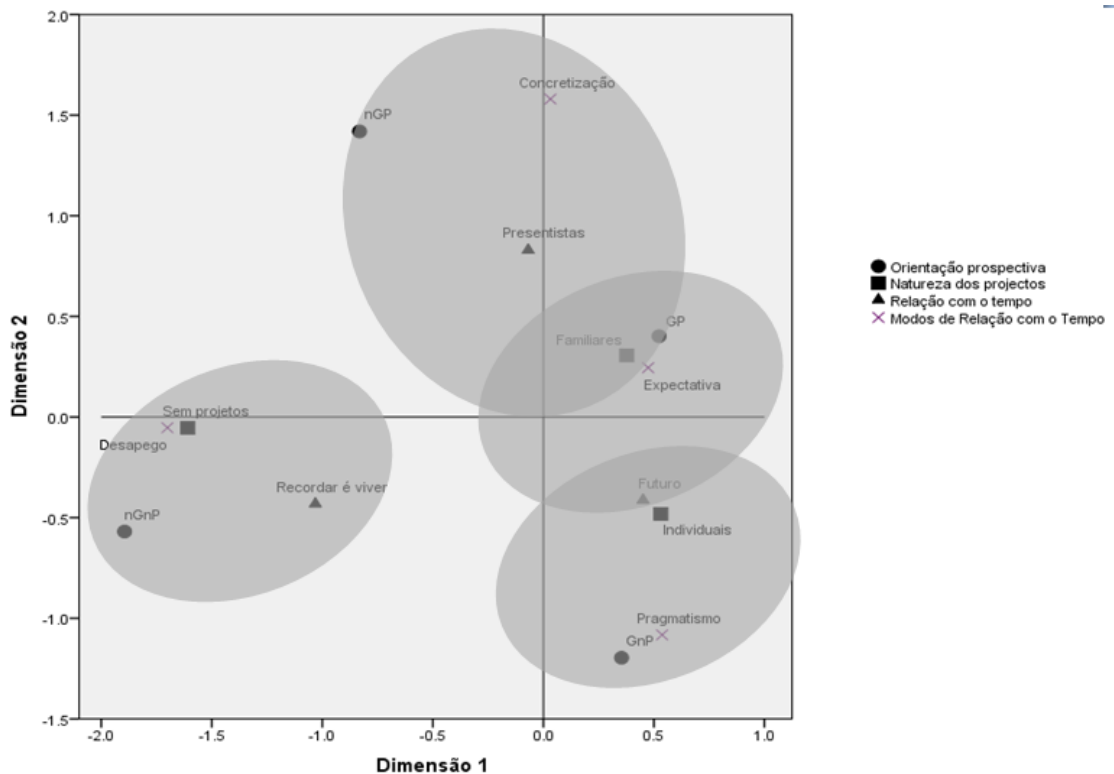
Esta análise tem uma natureza essencialmente exploratória se bem que suportada indiretamente pelas abordagens teóricas de Bourdieu à problemática do tempo já anteriormente desenvolvida.

Da análise de correspondências múltiplas<sup>52</sup> pode-se observar a associação predominante de algumas categorias de variáveis no espaço dos “modos de relação com o tempo”, isto é, proximidade entre categorias das variáveis em análise.

---

<sup>52</sup> A análise de correspondências múltiplas foi aplicada com um total de 3 variáveis que resultaram em duas dimensões distintas. A primeira com um Eigenvalue de 1,719 e a segunda com 1,134, num total de 2,853. De seguida, através dos *object scores* resultantes desta análise utilizou-se o método de clusterização Ward para construir a variável “modos de relação com o tempo”. Na representação gráfica a variável “modos de relação com o tempo” tem um cariz suplementar.

**Figura 2.1** Análise de Correspondências Múltiplas



À primeira associação de categorias das variáveis incluídas na análise (situada no quadrante superior da tabela) designámos “concretização”, significando uma relação de construção efetiva do futuro. Esta dimensão é constituída por pessoas que valorizam o futuro, desenvolvem projetos de vida a nível familiar, têm gosto pelo planeamento do futuro e capacidade de poupança.

A segunda associação intersesta em parte a primeira dimensão e é formada por pessoas que têm uma relação de “expectativa” face ao futuro. Valorizam o futuro, e desenvolvem projetos de vida de natureza individual porém o gosto pelo planeamento do futuro não é acompanhado pela prática da poupança.

A terceira associação (situada no quadrante inferior direito) corresponde o modo de relação com o tempo que designámos de “pragmatismo” e é constituída por pessoas que valorizam o presente, desenvolvem projetos de vida com os seus familiares e revelam coerência entre a prática da poupança e o gosto pelo planeamento do futuro.

A quarta associação (localizada no quadrante inferior esquerdo) corresponde ao modo de relação com o tempo que designámos de “desapego” ao futuro. As pessoas que desenvolvem este tipo de relação com o tempo, valorizam sobretudo o passado, não fazem projetos de vida, nem gostam de planear o futuro e não têm poupanças.

Partindo das associações acima descritas analisámos mais aprofundadamente a tipologia de relação das pessoas com o tempo, assim numeradas: relação de expectativa

(1), pragmatismo (2), desapego (3) e de concretização (4). Observa-se agora com mais detalhe alguns dados relevantes.

As pessoas que desenvolvem uma relação de expectativa (1) com o tempo consideram que “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido” (78,7%), gostam de planejar o futuro (67,6%), assim como de fazer projetos individuais (63,3%).

As pessoas que desenvolvem uma posição pragmática (2), identificam-se sobretudo com a frase “nascemos para viver intensamente o dia-a-dia” (91,1%). Estas pessoas desenvolvem projetos sobretudo individuais (85,7%) e apresentam consistência entre a prática de poupança (40,4%) e o gosto pelo planeamento do futuro (59,6%).

**Quadro 2.48** Modos de relação com o tempo

Modos de relação com o tempo		1 Expectativa	2 Pragmatismo	3 Desapêgo	4 Concretização
Relação com o tempo	Recordar é viver	11.1	0	45.8	14.8
	Nascemos para viver intensamente o dia a dia	10.2	91.1	36.1	28.9
	Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	78.7	8.9	18.1	56.3
Natureza dos projetos	Sobretudo individuais	63.3	1.8	3.9	26.9
	Envolvendo familiares	31.2	85.7	16.9	67.2
	Não fazem projetos	5.5	12.5	79.2	6.0
Poupança e gosto por planeamento	Poupa e gosta de planejar	28.8	59.6	13.3	86.8
	Gosto pelo planeamento do futuro	67.6	0	4.0	9.6
	Poupança	0	40.4	20.0	2.2
	Nem uma coisa nem outra	3.6	0	62.7	1.5

A relação de desapego (3) é partilhada por pessoas (45,8%) que se identificam com a frase “recordar é viver e viver é recordar”, que não fazem projetos de vida (79,2%) e maioritariamente não gostam de planejar o futuro e não têm práticas de poupança (62,7%).

Finalmente, as pessoas (4) que apreciam o futuro (56,3%), que fazem projetos envolvendo familiares (67,2%), poupam e gostam de planejar mais do que qualquer outro grupo (86,8%).

**Quadro 2.49** Tipologia de modos de relação com o tempo

Formas de relação com o tempo	N	%
Pragmatismo	112	29.2
Concretização	57	14.8
Desapego	77	20.1
Expectativa	138	35.9
Total	384	100.0

Apura-se agora a distribuição da variável “modos de relação com o tempo”. A relação de expectativa relativamente ao futuro (35,9%) deixa em aberto a fragilidade entre o gosto pelo planeamento do futuro, a apetência por fazer projetos para o futuro e a prática da poupança. O pragmatismo, pelo contrário resulta da coerência entre o gosto pelo planeamento e a prática da poupança. Seguem-se as duas categorias intermédias, o desapego (20,1%) e finalmente a concretização (14,8%), indicando uma oscilação entre a ausência de interesse pelo futuro e a capacidade de o projetar em termos de práticas e de representações.

**Quadro 2.50** Sexo e modos de relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Sexo	Modos de relação com o Tempo			
	Pragmatismo	Concretização	Desapego	Expectativa
Masculino	53	28	37	67
	28,6	15,1	20	36,2
Feminino	59	29	40	71
	29,6	14,6	20,1	35,7

**Quadro 2.51** Grupo etário e modos de relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Grupo etário	Modos de relação com o Tempo			
	Pragmatismo	Concretização	Desapego	Expectativa
15-29	29	8	4	23
	45,3	12,5	6,3	35,9
30-44	21	20	12	35
	23,9	22,7	13,6	39,8
45-64	27	19	20	52
	22,9	16,1	16,9	44,1
mais de 65	35	10	41	28
	30,7	8,8	36,0	24,6

Nota:  $\chi^2 = 44,623$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer=0,19

**Quadro 2.52** Escolaridade e modos de relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Grau de Escolaridade	Modos de Relação com o Tempo			
	Pragmatismo	Concretização	Desapego	Expectativa
Básico	42	13	50	29
	31,3	9,7	37,3	21,6
Secundário	30	21	16	44
	27	18,9	14,4	39,6
Superior	40	23	11	65
	28,8	16,5	7,9	46,8

Nota:  $\chi^2 = 48,760$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer=0,252

**Quadro 2.53** Categoria socioprofissional e modos de relação com o tempo

Categoria socio - profissional	Modos de relação com o tempo			
	Pragmatismo	Concretização	Desapego	Expectativa
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	10	6	1	10
	37	22,2	3,7	37
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	35	20	12	65
	26,5	15,2	9,1	49,2
Trabalhadores Independentes	3	1	4	3
	27,3	9,1	36,4	27,3
Empregados Executantes	32	20	43	40
	23,7	14,8	31,9	29,6
Operários	15	6	15	6
	35,7	14,3	35,7	14,3

Aprofundando um pouco mais a caracterização dos modos de relação com o tempo, observa-se que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres.

Os jovens oscilam entre o “pragmatismo” (45,3%), e a “expectativa” (35,9), e a relação de expectativa é dominante nas faixas etárias entre os 30 e os 44 anos (39,8%) e entre os 45 e os 64 anos (44,1%). O “desapego” é dominante entre os maiores de 65 anos (36%). Tanto a “expectativa”, como o “desapego” aumentam com o avançar da idade. O “pragmatismo” e a “concretização” não têm um desenvolvimento linear no que toca à idade.

A distribuição por níveis de escolaridade sugere uma ligação mais forte entre “desapego” e frequência do ensino básico. A “expectativa” é mais frequente entre pessoas com nível secundário e superior. A escolaridade aparece assim como elemento impulsionador do gosto pelo planeamento do futuro e do desejo de desenvolver projetos de vida. Em sentido contrário vai o “desapego” que diminui sempre em termos relativos, à medida que a escolarização aumenta.

A relação de “desapego” é ainda dominante entre os trabalhadores independentes, empregados executantes e operários, enquanto nos profissionais técnicos e de enquadramento tem maior peso a “expectativa”. Os empresários, dirigentes e liberais dividem-se entre o “pragmatismo” e a “expectativa”.



**Quadro 2.54** Índice de orientações sociais e tipologia dos modos de relação com o tempo ( frequência e percentagens em linha)

Índice de orientações sociais	Tipologia modos de relação com o tempo			
	Pragmatismo	Concretização	Desapego	Expectativa
Autonomia	61	29	32	88
	29	13,6	15,2	41,9
Resistência	21	4	14	22
	34,4	6,6	23	36,1
Independência	14	12	9	18
	26,4	22,6	17	34
Heteronomia	9	10	18	8
	20	22,2	40	17,8

Nota:  $\chi^2 = 26,801$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,156

Até que ponto as orientações sociais podem ser estruturantes dos modos de relação com o tempo? Na orientação da autonomia (41,9%), tal como na da independência, ainda que aqui por valor inferior (34%), predomina claramente uma relação de expectativa face ao futuro. Já a orientação da resistência quase se divide igualmente entre a “expectativa” (36,1%) e o “pragmatismo” (34,4%). A orientação da heteronomia é a única em que surge entre as pessoas que prevalece uma relação de desapego (40%).

E quanto à reflexividade? Será que o indicador por nós criado aponta para modos específicos de relação com o tempo? Na verdade, as pessoas que refletem mais intensamente antes de tomarem decisões desenvolvem com maior frequência modos de relação com o tempo próximos da expectativa (38,6%) e do pragmatismo (31,4%), contrariamente às pessoas que apresentam menores índices de reflexividade que estão mais próximas do modo de relação de desapego (39,5%).

Orientações sociais e reflexividade surgem como estruturantes dos modos de relação com o tempo.

**Quadro 2.55** Reflexividade e modos de relação com o tempo (frequência e percentagens em linha)

Com que frequência pensa antes de toma decisões sobre a sua vida?	Modos de relação com o tempo			
	Pragmatismo	Concretização	Desapego	Expectativa
Sempre/muitas vezes	96	46	46	118
	31,4	15	15	38,6
Algumas vezes/ raramente ou nunca	15	11	30	20
	19,7	14,5	39,5	26,3

Nota:  $\chi^2 = 23,656$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,249

Ainda a título meramente exploratório analisaram-se os modos de relação com o tempo e as perspetivas sobre o ambiente em Lisboa num horizonte temporal de 30 anos. Prevalece um certo otimismo quanto ao futuro entre as pessoas que detêm modos de relação com o tempo próximos da concretização, expectativa e pragmatismo, e uma visão mais pessimista junto das pessoas que desenvolvem uma atitude de desapego.

**Quadro 2.56** Modos de relação com o tempo/ Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagens em linha)

Tipologia de modos de relação com o tempo	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Pragmatismo	60	35
	63,2	36,8
Concretização	33	15
	68,8	31,3
Desapego	24	39
	38,1	61,9
Expectativa	78	39
	66,7	33,3

Nota:  $\chi^2 = 16,722$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,228

De um modo geral, esta análise está em consonância com o conceito de diferenciação temporal defendido por Luhmann. Passado, presente e futuro são categorias distintas nas sociedades modernas onde se inclui a sociedade portuguesa. O presente é experimentado no plano das práticas sociais e passado e futuro vivenciados no campo das representações. O pressuposto defendido por Bourdieu (1998) que o tempo adquire sentido na prática, e a prática é ditada pelos diferentes contextos sociais e culturais, é aqui

verificável pois a experiência do tempo varia conforme as características sociodemográficas, socioeducacionais e profissionais. Igualmente, as distintas experiências que as pessoas adquirem ao longo do seu percurso de vida traduzidas em diversos modos de relação com o tempo são estruturadas pelas orientações sociais e pela reflexividade.

## 2.2 O futuro

Quando alguém fala de futuro, a que se refere exatamente? Amanhã? Daqui a 5 dias? Um ano? Trinta anos? Um século? Milhares de séculos? Até onde se pode estender o futuro? Esta é uma questão essencial nesta investigação. Como definir a espessura temporal adequada? Questionar alguém sobre o futuro pode ser uma tarefa absolutamente estéril se esse futuro não estiver ancorado em algo.

O nosso ponto de partida consistiu em elaborar um conjunto de perguntas inicialmente de natureza mais objetiva avançando depois para perguntas de natureza menos óbvia. Neste sentido elaborámos primeiramente questões mais centradas no futuro individual, familiar e colectivo, uma vez que estão mais próximas das vivências imediatas dos inquiridos e seguidamente dedicámos algumas questões sobre futuro da vida na terra, temática mais longínqua e abstrata do ponto de vista das representações sociais.

Quando se questionam as pessoas sobre o gosto pelo planeamento do futuro, grande parte das respostas são favoráveis centrando-se 46,9% na categoria “gosto medianamente”. Logo a seguir a categoria gosto muito com 28,3% de respostas. Subsistem 16% de pessoas que têm uma apetência reduzida pelo planeamento do futuro e ainda 8,6% de pessoas que não gostam de todo de o planear.

Globalmente cerca de 75 % das respostas revelam gosto pelo planeamento do futuro.

**Quadro 2.57** Gosto pelo planeamento do futuro (frequência e percentagem)

Gosta de planear o futuro?	N	%
Gosto muito	108	28,3
Gosto medianamente	179	46,9
Gosto pouco	62	16,2
Não gosto	33	8,6
Não sabe/não responde	2	0,5
Total	384	

O gosto pelo planeamento do futuro assume diferenças significativas entre homens e mulheres? Observando os dados nota-se que em ambos sexos predomina o gosto mediano pelo planeamento. Mas na categoria “gosto muito de planear o futuro” os homens obtêm valores percentuais relativamente mais elevados. De entre as pessoas que pouco gostam de planear o futuro contam-se 58,1% de mulheres face a 41,9% de homens. Já na categoria “não gosto”, os homens apresentam valores mais elevados. Estas variações não justificam a existência de diferenças significativas entre homens e mulheres.

**Quadro 2.58** Sexo e gosto pelo planeamento do futuro (frequência e percentagem em linha e em coluna)

Sexo	Gosta de planear o futuro			
	Gosto muito	Gosto medianamente	Gosto pouco	Não gosto
Masculino	60	77	26	21
	32,6	41,8	14,1	11,4
	55,6	43,0	41,9	63,6
Feminino	48	102	36	12
	24,2	51,5	18,2	6,1
	44,4	57,0	58,1	36,4

Em virtude da pequena dimensão que algumas categorias assumem ao longo da análise, optou-se por dicotomizar a variável “gosto pelo planeamento do futuro” repartindo as respostas pelas modalidades “gosto muito ou gosto medianamente” e “gosto pouco ou não gosto”.

Observando o comportamento desta variável agora dicotomizada, verifica-se que os valores percentuais na categoria “gosto muito, gosto medianamente” são bastante elevados nos jovens e jovens adultos (81,3%). Este valor percentual é idêntico entre as pessoas que se situam entre os 45 e os 64 anos.

Analisando estes resultados em coluna, reforça-se a importância que o planeamento tem para o grupo etário dos 45 aos 64 anos, onde prevalece a maior percentagem de pessoas que gostam muito ou medianamente de planear o futuro (33,1%). Comparando os diversos grupos etários, evidencia-se o grupo referente aos maiores de 65 anos com maior percentagem de pessoas que têm menos apetência pelo planeamento do futuro (45,3%), face aos restantes grupos.

**Quadro 2.59** Grupo etário e gosto pelo planeamento do futuro (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Gosta de planear o futuro?	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
15-29	52	12
	81,3	18,8
	18,1	12,6
30-44	70	18
	79,5	20,5
	24,4	18,9
45-64	95	22
	81,2	18,8
	33,1	23,2
Mais de 65	70	43
	61,9	38,1
	24,4	45,3

Nota:  $\chi^2 = 15,017$ ;  $p < 0,05$  de Cramer = 0,198

O gosto pelo planeamento do futuro está claramente associado à escolaridade, e é no nível de escolaridade superior que se situam praticamente 90% das pessoas que gostam de planear o futuro. Nas pessoas com nível de ensino básico a maioria também gosta de planear, mas é aqui que a proporção dos que menos gostam de planear o futuro é maior em termos comparativos (40,6%).

Mesmo quando se observam as percentagens em coluna reconhece-se igualmente que o gosto pelo planeamento do futuro é maior quanto maior for o grau de escolaridade. Verifica-se também que a uma menor apetência pelo planeamento do futuro correspondem valores percentuais mais elevados nas categorias onde a escolaridade é menor.

**Quadro 2.60** Grau de escolaridade e gosto pelo planeamento do futuro (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Gosta de planear o futuro?	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Básico	79	54
	59,4	40,6
	27,5	56,8
Secundário	84	27
	75,7	24,3
	29,3	28,4
Superior	124	14
	89,9	10,1
	43,2	14,7

Nota:  $\chi^2 = 33,649$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,297

Entrando em linha de conta com as categorias socioprofissionais, salientam-se os empresários, dirigentes e profissionais liberais e os profissionais técnicos e de enquadramento com maior preferência pelo planeamento do futuro. Operários, trabalhadores independentes e empregados executantes de um modo geral gostam menos de planear o futuro.

Apreciando estes resultados em coluna, verifica-se que entre os que mais gostam de planear o futuro a maioria são profissionais técnicos de enquadramento (43,1%) entre os que têm menor apetência estão os empregados executantes (50%).

**Quadro 2.61** Categoria socio- profissional e gosto pelo planeamento do futuro (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Categoria socio - profissional	Gosta de planear o futuro	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	26	1
	96,3	3,7
	10,2	1,1
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	110	20
	84,6	15,4
	43,1	22,2
Trabalhadores Independentes	7	4
	63,6	36,4
	2,7	4,4
Empregados Executantes	90	45
	66,7	33,3
	35,3	50
Operários	22	20
	52,4	47,6
	8,6	22,2

Apreciando a distribuição das opções políticas verifica-se uma ligeira tendência entre as pessoas que se identificam com o centro político pelo planeamento do futuro. E, apesar de não significativa, também se vislumbra, em termos relativos, associação entre o gosto pelo planeamento e a esquerda política (quadro 2.63).<sup>53</sup>

<sup>53</sup> Não existe associação estatisticamente significativa entre o posicionamento político à esquerda e à direita e o gosto pelo planeamento do futuro, contrariamente ao que sucede quando se cruza posicionamento político ao centro ou não centro e gosto pelo planeamento do futuro.

**Quadro 2.62** Posicionamento político e gosto pelo planeamento do futuro (frequência, percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento Político	Gosta de planear o futuro	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Não centro	97	40
	70,8	29,2
	46	60,6
Centro	114	26
	81,4	18,6
	54	39,4

Nota:  $\chi^2 = 4,3$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,125

**Quadro 2.63** Posicionamento político e gosto pelo planeamento do futuro (frequência, percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento Político	Gosta de planear o futuro	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Esquerda	147	44
	77	23
	69,7	66,7
Direita	64	22
	74,4	25,6
	30,3	33,3

Em síntese, a maioria dos inquiridos afirmam gostar de planear o futuro, não se verificando discrepâncias relevantes entre homens e mulheres. Subsiste um valor de 8,6% de pessoas que não apreciam de todo planear o futuro. A preferência pelo planeamento do futuro, é partilhada sobretudo pelos inquiridos com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos e os jovens, assim como por aqueles que têm um nível de escolaridade mais elevado. Empresários, dirigentes e liberais revelam ligeira preferência pelo planeamento face a empregados executantes e operários, assim como as pessoas que se situam no centro político.

O grupo etário, a escolaridade e o posicionamento político estão claramente associados ao gosto pelo planeamento do futuro.

A questão “A quem pertence o futuro?” foi inspirada na expressão “O futuro a Deus pertence” que é uma ideia ainda muito enraizada no pensamento ocidental. Com o avançar da modernidade, entendida como, “modos de vida e de organização social que emergiram



na Europa a partir do século XVII e que adquiriram, subsequentemente, uma influência mais ou menos universal” (Giddens, 2000:1), esta ideia tem vindo a perder importância em parte devido à crescente autonomização do estado e dos cidadãos face à religião.

A modernidade, proporcionando maior confiança no desenvolvimento científico (herança do iluminismo), tem contribuído para relegar a religião para a esfera privada e assim lentamente foi-se consolidando a ideia de futuro como algo que já não pertence a Deus mas que resulta das escolhas feitas pelos atores no presente (Leccardi, 2005).

Sendo Portugal um país tradicionalmente católico foi inevitável questionar as pessoas sobre o papel da religião na construção do futuro, mas não só. Procurámos outro tipo de respostas: estará o futuro inteiramente nas mãos de todos nós? Ou pelo contrário existem atores institucionais e crenças que aqui se sobrepõem à ação individual?

A questão formulada no questionário faz referência a sete itens distintos: o futuro está nas mãos dos cientistas, das instituições financeiras, de Deus, dos políticos, de todos nós, das grandes empresas ou depende das leis da natureza. As respostas foram dadas tendo como base uma escala que variava entre concordo totalmente e discordo totalmente.

Verificou-se que as pessoas valorizaram primeiramente o item “o futuro está nas mãos de todos nós” (90,9% concordam e concordam totalmente). Em segundo lugar, o futuro depende das leis da natureza. Em terceiro lugar o futuro está nas mãos das instituições financeiras. A crença de que o futuro está nas mãos dos cientistas distribui-se entre 51,7% de pessoas que concordam e 39,3% que discordam. A importância das grandes empresas e dos políticos agrega uma percentagem idêntica: cerca de 50% das pessoas concordam com estes dois pressupostos, se bem que relativamente às grandes empresas a discordância é de 40% e em relação aos políticos é de 35,5%.

Por fim, a importância de Deus para a construção do futuro apresenta valores percentuais idênticos nas categorias “concordo” e “discordo” (32,8%). A percentagem de pessoas que discordam totalmente com a ideia de que o futuro está nas mãos de Deus apresenta valores consideravelmente mais elevados (20,5%) relativamente às respostas alternativas.

**Quadro 2.64** A quem pertence o futuro? (frequência e percentagem)

O futuro está nas mãos dos cientistas	N	%
Concordo totalmente	17	4,8
Concordo	183	51,7
Discordo	139	39,3
Discordo totalmente	15	4,2
Total	354	100,0
Não sabe/ não responde	30	
O futuro está nas mãos das instituições financeiras		
Concordo totalmente	33	9,2
Concordo	199	55,7
Discordo	99	27,7
Discordo totalmente	26	7,3
Total	357	100,0
Não sabe/ não responde	27	
O futuro está nas mãos de Deus		
Concordo totalmente	49	14,0
Concordo	115	32,8
Discordo	115	32,8
Discordo totalmente	72	20,5
Total	351	100,0
Não sabe/ não responde	33	
O futuro está nas mãos dos políticos		
Concordo totalmente	23	6,4
Concordo	179	50,0
Discordo	127	35,5
Discordo totalmente	29	8,1
Total	358	100,0
Não sabe/ não responde	26	
O futuro está nas mãos de todos nós		
Concordo totalmente	135	36,1
Concordo	205	54,8
Discordo	32	8,6
Discordo totalmente	2	0,5
Total	374	100,0
Não sabe/ não responde	10	
O futuro está nas mãos das grandes empresas		
Concordo totalmente	17	4,8
Concordo	179	50,4
Discordo	143	40,3
Discordo totalmente	16	4,5
Total	355	100,0
Não sabe/ não responde	29	
O futuro depende das leis da natureza		
Concordo totalmente	58	16,1
Concordo	213	59,0
Discordo	76	21,1
Discordo totalmente	14	3,9
Total	361	100,0
Não sabe/ não responde	23	

A afirmação “o futuro está nas mãos de Deus” apresenta resultados com alguma relevância sociológica quando cruzada com as variáveis sexo, local de nascimento, escolaridade e categoria socioprofissional.

Optou-se nesta análise pela junção das modalidades “concordo totalmente” e “concordo”, por um lado, e “discordo totalmente” e “discordo”, por outro lado, a fim de se obterem resultados com alguma expressão estatística.

Os homens discordam mais do que as mulheres da afirmação de que “o futuro está nas mãos de Deus” (60,5%). Verifica-se também que as pessoas que nasceram em Lisboa discordam mais dessa ideia (58%) do que as que são provenientes de outras regiões do país (47%).

**Quadro 2.65** Sexo/O futuro está nas mãos de Deus (frequência e percentagens em linha)

O futuro está nas mãos de Deus?		
Sexo	Concordo totalmente/Concordo	Discordo/Discordo totalmente
Masculino	66	101
	39,5	60,5
Feminino	98	86
	53,3	46,7

Nota:  $\chi^2 = 6,639$ ;  $p < 0,05$  de Cramer=0,13

**Quadro 2.66** Local de nascimento/O futuro está nas mãos de Deus (frequência e percentagem em linha)

O futuro está nas mãos de Deus?		
Local de nascimento	Concordo totalmente/ Concordo	Discordo/ Discordo totalmente
Nasceu em Lisboa	84	116
	42	58
Nasceu fora de Lisboa	80	71
	53	47

Nota:  $\chi^2 = 4,167$ ;  $p < 0,05$  de Cramer=0,109

A crença de que o futuro está nas mãos de Deus surge igualmente com maior intensidade entre as pessoas que possuem menor escolaridade. Os resultados distribuem-se entre 61,5% das pessoas que possuem o ensino básico e concordam com a afirmação “o futuro está nas mãos de Deus” e 38,5% de pessoas que discordam.

Entre os detentores do nível de escolaridade superior, surgem valores percentuais mais elevados na categoria “discordo totalmente e discordo” abrangendo 61,3% de respostas. Estes valores distribuem-se de modo diametralmente oposto aos analisados para o nível de escolaridade básica. O padrão de distribuição das respostas entre as pessoas que detêm o nível secundário é idêntico ao das pessoas que detêm o nível de escolaridade superior.

É no âmbito das categorias profissionais dos operários e dos empregados executantes que se verifica maior aceitação da expressão “o futuro está nas mãos de Deus” em oposição aos profissionais técnicos e de enquadramento, e aos empresários, dirigentes e profissionais liberais que sugerem maiores níveis de discordância.

**Quadro 2.67** Grau de escolaridade/O futuro está nas mãos de Deus (frequência e percentagem em linha)

Grau de Escolaridade	O futuro está nas mãos de Deus	
	Concordo totalmente/ Concordo	Discordo/ Discordo totalmente
Básico	80	50
	61,5	38,5
Secundário	38	64
	37,3	62,7
Superior	46	73
	38,7	61,3

Nota:  $\chi^2 = 18,248$ ;  $p = 0,000$ , V de Cramer = 0,228

**Quadro 2.68** Categoria socioprofissional e o futuro está nas mãos de Deus (frequência e percentagem em linha)

O futuro está nas mãos de Deus?		
Categoria socio profissional	Concordo totalmente/ Concordo	Discordo/ Discordo totalmente
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	10	14
	41,7	58,3
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	45	69
	39,5	60,5
Trabalhadores Independentes	6	4
	60	40,0
Empregados Executantes	64	63
	50,4	49,6
Operários	28	13
	68,3	31,7

Nota:  $\chi^2 = 11,310$ ;  $p < 0,05$ , V de Cramer = 0,189<sup>54</sup>

Quando se confrontaram as pessoas com a ideia de que “o futuro está nas mãos de todos nós”, a resposta foi esmagadora: cerca de 91% das pessoas concordam, considerando que traçar o futuro depende da ação humana. Parece-nos prudente relativizar este resultado pelo facto de ser socialmente mais aceitável concordar e acreditar que o futuro depende da nossa vontade.

Os níveis de discordância face a esta questão acompanham o grau de escolaridade, ou seja quanto maior é a discordância relativa à capacidade de ação sobre o futuro maior o nível de escolaridade. Relativamente ao nível de concordância, acontece precisamente o inverso, as pessoas que possuem nível de escolaridade básico (83,5%) são quem mais concorda, descendo progressivamente o valor percentual para 74,5% ao nível do secundário e para 67,4% no nível superior.

Operários (87,5) e trabalhadores independentes (80%), estão maioritariamente de acordo com esta afirmação, e empresários, dirigentes e profissionais liberais (54,2%) estão sobretudo em desacordo.

---

<sup>54</sup> (Há uma célula com valor inferior a 5)

**Quadro 2.69** Grau de escolaridade/ O futuro depende de nós (frequência e percentagem em linha)

O futuro depende de todos nós		
Grau de Escolaridade	Concordo totalmente/Concordo	Discordo/Discordo totalmente
Básico	106	21
	83,5	16,5
Secundário	76	26
	74,5	25,5
Superior	89	43
	67,4	32,6

Nota:  $\chi^2 = 8,922$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,157

**Quadro 2.70** Categoria socioprofissional / O futuro depende de todos nós (frequência e percentagem em linha)

Categoria socio- profissional	O futuro depende de todos nós	
	Concordo totalmente/Concordo	Discordo/Discordo totalmente
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	11	13
	45,8	54,2
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	95	30
	76	24
Trabalhadores Independentes	8	2
	80	20
Empregados Executantes	95	30
	76	24
Operários	35	5
	87,5	12,5

Nota:  $\chi^2 = 14,593$ ;  $p < 0,01$ , V de Cramer = 0,212<sup>55</sup>

De uma maneira geral as pessoas consideram que o futuro depende em primeiro lugar delas próprias (90,9%), em segundo lugar das leis da natureza (75,1%) e em terceiro das instituições financeiras (64,9%). Quer isto dizer que primeiramente e apesar das reservas atrás apontadas, as pessoas atribuem a si próprias a responsabilidade pelo devir. Depois surge a importância dada a fatores externos que estão fora do nosso domínio, como as forças da natureza, e a seguir atores coletivos que se sobrepõem à vontade individual como o caso das instituições financeiras.

<sup>55</sup> (Há uma célula com valor inferior a 5)

Apesar da categoria “o futuro está nas mãos de Deus” não ser considerada prioritária para os inquiridos, é certo que se verificaram associações estatisticamente significativas entre esta e as variáveis de natureza sociodemográfica (sexo, local de nascimento), escolaridade e categoria socioprofissional.

No âmbito desta amostra, as pessoas que concordam com a expressão “o futuro está nas mãos de Deus” situam-se preferencialmente entre o sexo feminino, as pessoas que nasceram fora de Lisboa, as que possuem o ensino básico e os operários e empregados executantes.

O expressão “o futuro depende de todos nós”, colhe maior adesão entre pessoas com nível de escolaridade básico, e entre operários e trabalhadores independentes.

Alguns sociólogos designadamente Hayword defendem que o envolvimento das pessoas com a problemática do futuro passa por estabelecer um vínculo emocional entre elas e um aspeto das suas vidas que seja visível. “My experience is that present is cognitive and past and future largely felt. I can talk about future but it is not real to people unless I relate him to an emotional link (Hayword *citado por* Brier, 2005: 841).

O conjunto de perguntas que elaborámos acerca do futuro familiar e coletivo teve em conta as observações de Hayword.

A relação com o futuro familiar e coletivo foi avaliado a partir de duas questões: a primeira incidindo sobre a preocupação com o futuro dos nossos familiares e com o futuro de outras pessoas, e a segunda incidindo sobre preocupação com os problemas das próximas gerações. O indicador foi construído a partir das seguintes afirmações: “devemos preocupar-nos com o futuro dos nossos filhos e netos e deixar que os outros cuidem dos seus” ou “devemos preocupar-nos com o futuro dos nossos filhos e netos e com os das outras pessoas”.

Globalmente, 76,7% das pessoas mencionam que devemos preocupar-nos com o futuro dos nossos familiares e com os das outras pessoas. As restantes pessoas (23,3%) evidenciam uma preocupação exclusivamente com os seus familiares.

**Quadro 2.71** Futuro familiar e coletivo

Futuro familiar e coletivo	N	%
Preocupação com futuro dos nossos	88	23,3
Preocupação com futuro dos nossos e dos outros	289	76,7
Total	377	100
Não sabe/ não responde	7	
Total	384	

Estas afirmações, agora traduzidas numa variável, apresentaram associações estatisticamente significativas quando cruzadas com o grupo etário, a escolaridade, a situação na profissão e a categoria socioprofissional.

Apesar de em todos os escalões etários prevalecer a preocupação com o futuro global de familiares e de outras pessoas, o grupo etário dos 45 aos 64 anos é o que mais se destaca nesta resposta (82,8%). O grupo dos maiores de 65 anos é quem menos valoriza, em termos relativos, a preocupação com o futuro dos outros.

Observando os resultados em coluna, continuam a ser as pessoas com mais de 65 anos que no âmbito do seu grupo etário valorizam mais a preocupação exclusiva com o futuro dos seus (44,3%) face aos restantes grupos etários.

E mantêm-se as pessoas com idades entre os 45 e os 64 anos como aquelas que mais se preocupam com o futuro dos seus e dos outros (33,2%), relativamente a todos os outros grupos etários.

**Quadro 2.72** Grupo etário e futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
15-29	12	50
	19,4	80,6
	13,6	17,3
30-44	17	68
	20,0	80
	19,3	23,5
45-64	20	96
	17,2	82,8
	22,7	33,2
Mais de 65	39	75
	34,2	65,8
	44,3	26

Nota:  $\chi^2 = 11,020$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,171

Quando se apreciam os resultados relativamente aos níveis de escolaridade, verifica-se que é ao nível do ensino secundário que ocorrem valores mais elevados na preocupação com o futuro dos nossos familiares e das outras pessoas (84,1%), a que se segue o ensino superior (81,9 %). Na preocupação exclusiva com o futuro dos nossos, os valores percentuais mais elevados situam-se no nível básico de escolaridade. Estes valores são reforçados quando se faz a apreciação em coluna: a preocupação apenas com o futuro dos nossos surge com mais intensidade entre pessoas com escolaridade básica (52,3%). A



preocupação com o futuro dos nossos e dos outros surge com maior peso entre pessoas com nível de escolaridade superior (39,1%) e vai diminuindo gradualmente à medida que decresce a escolaridade.

**Quadro 2.73** Grau de escolaridade/futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Básico	46	86
	34,8	65,2
	52,3	29,8
Secundário	17	90
	15,9	84,1
	19,3	31,1
Superior	25	113
	18,1	81,9
	28,4	39,1

Nota:  $\chi^2 = 15,196$ ;  $p = 0,001$ , V de Cramer=0,201

Quase 80% dos trabalhadores por conta de outrem revelam preocupação não só com o futuro dos seus familiares como também com as outras pessoas. Os trabalhadores por conta própria partilham a mesma tendência, ainda que por valores inferiores. Entre os patrões, que apresentam um valor residual na amostra considerada, mais de metade preocupam-se sobretudo com o futuro dos seus. A preocupação com o futuro dos seus e dos outros é dominante em todas as categorias sócio-profissionais, mas é no conjunto dos profissionais técnicos e de enquadramento que esta atitude surge com maior acuidade (84,8%). Esta preocupação é menos acentuada nos operários (54,8%) face às restantes modalidades socioprofissionais.

Observando os resultados em coluna, verifica-se que é nos empregados executantes que predomina a preocupação com os seus (36%). Os operários apresentam um valor

inferior (cerca de 23%) face aos empregados executantes. Por outro lado, esta análise permite evidenciar a preponderância de pessoas que se preocupam com o seu futuro e com o futuro dos outros na categoria socioprofissional (42,9 %) dos profissionais técnicos e de enquadramento.

**Quadro 2.74** Situação na profissão/preocupação com futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Situação na profissão	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Patrão	7	6
	53,8	46,2
	8,8	2,3
Trabalhador por conta de outrem	64	239
	21,1	78,9
	80	91,6
Trabalhador por conta própria	9	16
	36	64
	11,3	6,1

Nota:  $\chi^2 = 9,796$ ;  $p < 0,05$ ,  $V$  de Cramer = 0,169<sup>56</sup>

<sup>56</sup> (Há uma célula com valor inferior a 5)

**Quadro 2.75** Categoria socioprofissional/preocupação com futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Categoria socio- profissional	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	9	18
	33,3	66,7
	11,3	6,9
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	20	112
	15,2	84,8
	25	42,9
Trabalhadores Independentes	3	8
	27,3	72,7
	3,8	3,1
Empregados Executantes	29	100
	22,5	77,5
	36,3	38,3
Operários	19	23
	45,2	54,8
	23,8	8,8

Nota:  $\chi^2 = 17,792$ ;  $p = 0,001$ ,  $V$  de Cramer = 0,228<sup>57</sup>

Quando confrontados com as afirmações "devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações" *versus* "cada geração tem os seus problemas e deve ser ela a resolvê-los", 83,1% das pessoas identificam-se com a primeira e 16,9 % consideram que cada geração tem os seus problemas e deve ser ela a resolvê-los.

**Quadro 2.76** Preocupação com o futuro

Preocupação com o futuro	N	%
Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	314	83,1
Cada geração tem os seus problemas e deve ser ela a resolvê-los	64	16,9
Total	378	100,0
Não sabe/ não responde	6	
Total	384	

<sup>57</sup> (Há uma célula com valor inferior a 5)

A preocupação com os problemas das próximas gerações é maioritária em todos os grupos etários, destacando-se os que têm até 64 anos. Em cada um dos três grupos etários aqui incluídos o valor percentual de respostas é de 87%, confirmando o anteriormente declarado envolvimento dos inquiridos com o futuro dos seus descendentes. As pessoas com mais de 65 anos configuram um menor envolvimento relativo perante as próximas gerações (73,5%).

Observando em as percentagens em coluna, confirma-se que o grupo de pessoas com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos é o que reúne maior número de pessoas que se preocupam com os problemas das próximas gerações. E os mais jovens apresentam menor propensão relativa para se preocuparem com o futuro das gerações vindouras. Os mais velhos mantêm a convicção dominante de que cada geração tem os seus problemas e deve ser ela a resolvê-los, e esta tendência vai diminuindo à medida que a idade decresce.

**Quadro 2.77** Grupo etário /problemas das próximas gerações (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Problemas das próximas gerações	
	Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	Cada geração tem os seus problemas
15-29	55	8
	87,3	12,7
	17,5	12,5
30-44	76	11
	87,4	12,6
	24,2	17,2
45-64	100	15
	87	13
	31,8	23,4
Mais de 65	83	30
	73,5	26,5
	26,4	46,9

Nota:  $\chi^2 = 10,607$ ;  $p < 0,05$  de Cramer = 0,168

A variável escolaridade é determinante na análise das representações sobre o futuro familiar e coletivo, quer no que respeita ao indicador imediatamente anterior, quer na preocupação com os problemas das próximas gerações. À medida que se prossegue do ensino básico para o ensino secundário e superior, aumenta o número de pessoas que

demonstram interesse pelos problemas das próximas gerações. Acontece exatamente o oposto quando se analisa a percentagem de respostas referente à modalidade “cada geração tem os seus próprios problemas”: os valores percentuais mais elevados estão associados às pessoas que têm nível de escolaridade básico.

Analisando em linha as percentagens em coluna apura-se que a percentagem de pessoas que consideram que nos devemos preocupar com os problemas das próximas gerações é idêntica no âmbito do ensino básico e secundário (30,6%), aumentando (38,9%) no ensino superior.

As pessoas que consideram que cada geração tem os seus próprios problemas apresentam claramente um maior peso no ensino básico (57,8%) face ao total da amostra.

**Quadro 2.78** Grau de escolaridade/problemas das próximas gerações (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Problemas das próximas gerações	
	Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	Cada geração tem os seus problemas
Básico	96	37
	72,2	27,8
	30,6	57,8
Secundário	96	14
	87,3	12,7
	30,6	21,9
Superior	122	13
	90,4	9,6
	38,9	20,3

Nota:  $\chi^2 = 17,711$ ;  $p = 0,000$ ,  $V$  de Cramer = 0,216

Em conclusão, mais de 70% dos inquiridos afirmam preocupar-se com o futuro familiar e coletivo. Esta preocupação é maioritariamente partilhada por pessoas com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos. A escolaridade revelou-se uma variável determinante na medida em que a maior valorização do futuro familiar e coletivo está associada a níveis de escolaridade mais elevados. Trabalhadores por conta de outrem e profissionais técnicos de enquadramento encontram-se entre aqueles que mais valorizam o futuro familiar e coletivo.

No que respeita à preocupação com as novas gerações, idade e escolaridade têm um comportamento semelhante ao verificado relativamente à preocupação com o futuro familiar e coletivo. Mantêm-se o grupo etário dos 45 aos 64 anos e as pessoas com maior nível de escolaridade com maior envolvimento não só com o seu futuro como também com o futuro das próximas gerações.

Como é possível analisar objetivamente o modo como as pessoas dizem preparar-se para o futuro? Esta questão levou-nos à reflexão sobre a natureza dos indicadores a utilizar por forma a contribuir para o aprofundamento da relação das pessoas com o futuro.

Optou-se por considerar a capacidade de possuir ou não poupanças como um indicador de orientação prospetiva.<sup>58</sup> Pretendia-se apurar até que ponto as pessoas tinham algum tipo de poupança, pedindo em seguida que fosse detalhado o tipo de poupança de acordo com um leque de opções previamente definido.

Cerca de 62% dos inquiridos afirmaram ter poupanças, possuindo todos conta bancária. Destes, 30,6% têm planos poupança-reforma. Cerca de 11,1% possuem propriedades e 5,1% detêm fundos de pensões privadas, sendo residuais os valores referentes à posse de investimentos (1,3%) e fundos de pensões do estado (1,3%).

**Quadro 2.79** Possui algum tipo de poupança?

Possui algum tipo de poupança?	N	%
Sim	235	61,7
Não	146	38,3
Total	381	100,0
Não sabe/não responde	3	
Total	384	

**Quadro 2.80** Tipos de poupança

	Conta bancária		Planos Poupança Reforma		Propriedades		Fundos de pensões privadas		Investimentos		Fundos de pensões do estado	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	235		72	30,6	26	11,1	12	5,1	3	1,3	3	1,3
Não	-		163	69,4	209	88,9	223	94,1	232	98,7	232	98,7

<sup>58</sup> A questão da poupança e sua relação com as representações sobre o futuro foi aprofundada por Bourdieu (1998, 2002).

Ter algum tipo de poupança é uma prática que se verifica em todos os grupos etários com ligeira predominância do grupo dos 30 aos 44 anos (69%). São as pessoas com mais de 65 anos que apresentam menor poupança (50%).

Quando se tem em consideração a escolaridade, verifica-se que à medida que se avança do ensino básico, para o secundário e para o superior, vai aumentando progressivamente a percentagem de respostas (ensino básico 42,5%, ensino secundário 63,2% e ensino superior 78,8%) dos que dizem possuir algum tipo de poupança.

Apreciando-se agora os resultados por categoria socioprofissional, predominam valores mais elevados dos que possuem algum tipo de poupança entre os empresários, dirigentes e profissionais liberais, seguidos pelos profissionais técnicos e de enquadramento. No extremo oposto estão os operários; destes apenas 33,3% referem ter poupanças.

Ao analisar estes dados em coluna, verifica-se que entre os que poupam predominam os profissionais técnicos de enquadramento, relegando os empresários, dirigentes e profissionais liberais para uma posição bastante inferior. No conjunto dos que não poupam, destacam-se os empregados executantes, afastando os operários para uma posição mais favorável.

Em conclusão, entre as pessoas que afirmam possuir menos poupanças ou mesmo não possuir, destacam-se os maiores de 65 anos, as pessoas com nível de instrução básico e os empregados executantes.

**Quadro 2.81** Grupo etário/possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Possui algum tipo de poupança?	
	Sim	Não
15-29	41	22
	65,1	34,9
	17,4	15,1
30-44	60	27
	69	31
	25,5	18,5
45-64	77	40
	65,8	34,2
	32,8	27,4
Mais de 65	57	57
	50	50
	24,3	39

Nota:  $\chi^2 = 9,687$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,159

**Quadro 2.82** Grau de escolaridade/possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Possui algum tipo de poupança	
	Sim	Não
Básico	57	77
	42,5	57,5
	24,3	52,7
Secundário	70	40
	63,6	36,4
	29,8	27,4
Superior	108	29
	78,8	21,2
	46	19,9

Nota:  $\chi^2 = 38,305$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,316

**Quadro 2.83** Categoria socioprofissional/possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna<sup>59</sup>)

Categoria socio - profissional	Possui algum tipo de poupança	
	Sim	Não
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	21	6
	77,8	22,2
	10	4,5
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	97	33
	74,6	25,4
	46	24,8
Trabalhadores Independentes	6	5
	54,5	45,5
	2,8	3,8
Empregados Executantes	73	61
	54,5	45
	34,6	45,9
Operários	14	28
	33,3	66,7
	6,6	21,1

Nota:  $\chi^2 = 29,504$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,293

<sup>59</sup> (Existe uma célula com valor inferior a 5)



A concretização de poupança através de um plano de poupança reforma surge tardiamente, ou seja sobretudo entre os 45 e os 64 anos, para 42,9% de casos, diminuindo para 28,8% entre os maiores de 65 anos. No grupo etário entre os 30 e os 44 anos apenas 35% das pessoas afirmam ter um plano poupança reforma.

Dados os resultados expostos poder-se-á questionar se existirá alguma relutância por parte dos inquiridos em responder a questões de natureza financeira ou na verdade a capacidade de poupança é uma impossibilidade real? Se não se verificassem os atuais constrangimentos económicos, a tendência para a poupança seria uma prática usual? Os obstáculos à poupança estarão relacionados com o modo de vida urbano?

**Quadro 2.84** Grupo etário/plano de poupança reforma (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Plano Poupança Reforma	
	Sim	Não
15-29	1	40
	2,4	97,6
	1,4	24,5
30-44	21	39
	35	65
	29,2	23,9
45-64	33	44
	42,9	57,1
	45,8	27
Mais de 65	17	40
	29,8	70,2
	23,6	24,5

Nota:  $\chi^2 = 21,306$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,301

Outro indicador usado para se conhecer o modo como as pessoas se relacionam com o futuro prende-se com a questão: “Costuma fazer projetos na sua vida? Com que periodicidade?” Praticamente 79% dos inquiridos declararam claramente o hábito de fazerem projetos para a vida. E esta característica é mais visível entre os jovens (89,1%) e jovens adultos (87,5%). Esta tendência vai diminuindo à medida que se avança na idade, representando 66,7% de respostas afirmativas entre os seniores.

A situação familiar também parece afetar a predisposição para fazer projetos de vida. As pessoas que não vivem em situação conjugal são as que apresentam valores percentuais mais baixos nesta prática.

**Quadro 2.85** Costuma fazer projetos na sua vida?

Costuma fazer projetos na sua vida?	N	%
Sim	302	78,6
Não	82	21,4

**Quadro 2.86** Grupo etário/costuma fazer projetos na sua vida (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Costuma fazer projetos na sua vida?	
	Sim	Não
15-29	57	7
	89,1	10,9
	18,9	8,5
30-44	77	11
	87,5	12,5
	25,5	13,4
45-64	92	26
	78	22
	30,5	31,7
Mais de 65	76	38
	66,7	33,3
	25,2	46,3

Nota:  $\chi^2 = 18,016$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,217

**Quadro 2.87** Situação familiar/costuma fazer projetos na sua vida? (frequência e percentagem em linha)

Situação familiar	Costuma fazer projetos na sua vida	
	Sim	Não
Vive em situação conjugal	180	35
	83,7	16,3
	59,6	42,7
Não vive em situação conjugal	51	32
	61,4	38,6
	16,9	39
Nunca viveu em situação conjugal	71	15
	82,6	17,4
	23,5	18,3

Nota:  $\chi^2 = 18,702$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,221

São ainda as pessoas que possuem nível escolaridade superior que afirmam mais intensamente o propósito de fazerem projetos nas suas vidas (89,2%).

Analisando as percentagens em coluna, é reforçado o peso da escolaridade no gosto pela realização de projetos. Entre as respostas afirmativas, 41,1% detêm nível de escolaridade superior, diminuindo o valor percentual à medida que decresce o nível de escolaridade. Na categoria “não costuma fazer projetos na sua vida”, 58,5% das respostas situam-se no nível de escolaridade básico, diminuindo os valores percentuais à medida que a escolaridade aumenta.

**Quadro 2.88** Grau de escolaridade/Costuma fazer projetos na sua vida? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Costuma fazer projetos na sua vida	
	Sim	Não
Básico	86	48
	64,2	35,8
	28,5	58,5
Secundário	92	19
	82,9	17,1
	30,5	23,2
Superior	124	15
	89,2	10,8
	41,1	18,3

Nota:  $\chi^2 = 27,120$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,266

À pergunta “costuma fazer projetos na sua vida?”, foi acrescentada uma escala, diferenciando as categorias longo prazo, médio prazo e curto prazo.

Estas categorias foram inspiradas nos trabalhos desenvolvidos por sociólogos que têm desenvolvido estudos sobre o futuro, designadamente Masini que defende o curto prazo como o intervalo entre o presente até 5 anos. O médio prazo entre 5 a 20 anos e o longo prazo de 20 a 50 anos (Masini citada por Brier, 2005:834).

Quando se questionam as pessoas sobre a realização de projetos a longo prazo (20/30 anos), verifica-se que a categoria com maiores frequências corresponde à opção de resposta “nunca” (41,9%). dos inquiridos que na pergunta anterior haviam afirmado que faziam projetos para a vida. Fazer projetos de longo prazo com pouca frequência, obteve 33,9 % de respostas. Se forem somadas as categorias “nunca” e “pouca frequência” totaliza 75,8% de pessoas que não fazem projetos a longo prazo ou fazem-nos com pouca frequência.

A realização de projetos a médio prazo, ou seja a cinco anos, com alguma frequência é declarada por 48,3%% das pessoas, seguindo-se os que assumem pouca frequência desta prática, que reúne 24,2% das respostas. Há, pois, uma ligeira tendência para o planeamento a médio prazo. Porém, é na realização de projetos a curto prazo que os inquiridos melhor se revêm. Os que dizem que o fazem com muita frequência são 48,3%, e os que declaram fazê-lo com alguma frequência atinge 40,1% de respostas. Neste caso, 88,4% das respostas apontam para a prática do planeamento a curto prazo.

**Quadro 2.89** Projetos a longo prazo

Costuma realizar projetos a longo prazo?	N	%
Muita frequência	15	5,0
Alguma frequência	58	19,3
Pouca frequência	102	33,9
Nunca	126	41,9
Não aplicável	82	
Não sabe/não responde	1	
Costuma realizar projetos a médio prazo?	N	%
Muita frequência	56	18,5
Alguma frequência	146	48,3
Pouca frequência	73	24,2
Nunca	27	8,9
Não aplicável	82	
Costuma realizar projetos a curto prazo?	N	%
Muita frequência	146	48,3
Alguma frequência	121	40,1
Pouca frequência	28	9,3
Nunca	7	2,3
Não aplicável	82	

Distingue-se a importância da variável escolaridade na forma como as pessoas se relacionam com as dimensões temporais: longo, médio e curto prazo.

Verifica-se uma proporcionalidade direta entre o nível de escolaridade e a realização de projetos a longo prazo. Cerca de 30% dos inquiridos que possuem um grau de escolaridade superior declaram fazer com alguma frequência planos a longo prazo.

O comportamento da variável escolaridade é idêntico quer se trate de apreciar a realização de projetos a longo, médio ou curto prazo. Em todos eles se constata uma ligação estreita entre a escolaridade e a apetência pela concretização de planos para o futuro. Comparando o valor percentual dos inquiridos que possuem um grau de escolaridade superior e que declaram fazer com frequência projetos a longo prazo (30,9%), com as respostas obtidas na mesma categoria escolar mas agora para os projetos a médio ou curto prazo, temos um aumento exponencial, respetivamente para 75% (médio prazo) e 95,2% (curto prazo) de respostas.

**Quadro 2.90** Grau de escolaridade/projetos a longo prazo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Frequência de projetos a longo prazo	
	Muita/Alguma	Pouca/Nunca
Básico	11	75
	12,8	87,2
	15,1	32,9
Secundário	24	68
	26,1	73,9
	32,9	29,8
Superior	38	85
	30,9	69,1
	52,1	37,3

Nota:  $\chi^2 = 9,272$ ;  $p = 0,01$  V de Cramer = 0,176

**Quadro 2.91** Grau de escolaridade/projetos a médio prazo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Frequência de projetos a médio prazo	
	Muita/Alguma	Pouca/Nunca
Básico	46	40
	53,5	46,5
	22,8	40,0
Secundário	63	29
	68,5	31,5
	31,2	29,0
Superior	93	31
	75,0	25,0
	46,0	31,0

Nota:  $\chi^2 = 10,761$ ;  $p = 0,05$  V de Cramer = 0,189

**Quadro 2.92** Grau de escolaridade/projetos a curto prazo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Frequência de projetos a curto prazo	
	Muita/Alguma	Pouca/Nunca
Básico	68	18
	79,1	20,9
	25,5	51,4
Secundário	81	11
	88	12
	30,3	31,4
Superior	118	6
	95,2	4,8
	44,2	17,1

Nota:  $\chi^2 = 12,850$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,206

O interesse pelos projetos a médio prazo é mais intenso no grupo etário dos 30 aos 44 anos (75,3%) e entre as pessoas que têm 45 a 64 anos (72,8%). Analisando estes dados em coluna confirma-se a preponderância deste último grupo (33,2%) bem como o grupo etário compreendido entre os 30 e 44 anos (28,7%). As respostas nas pessoas com mais de 65 anos (19,8%) são menos expressivas no que toca a projetos de médio prazo. Os mais jovens constituem o grupo que revela menor apetência pela concretização de projetos a médio prazo (18,3%) relativamente aos outros grupos etários.

**Quadro 2.93** Grupo etário/projetos a curto prazo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Frequência de projetos a médio prazo	
	Muita/Alguma	Pouca/Nunca
15-29	37	20
	64,9	35,1
	18,3	20
30-44	58	19
	75,3	24,7
	28,7	19
45-64	67	25
	72,8	27,2
	33,2	25
Mais de 65	40	36
	52,6	47,4
	19,8	36

Nota:  $\chi^2 = 11,014$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,191

No que pensam concretamente as pessoas quando inquiridas sobre a sua apetência para fazer projetos? Qual a natureza desses projetos? Para além da espessura temporal inerente aos projetos de vida, foi ainda considerada a sua natureza individual ou familiar. A esta pergunta responderam exclusivamente as pessoas que afirmaram na pergunta anterior fazerem projetos para as suas vidas. Das pessoas que reuniam condições para responder, os que envolvem os familiares nos seus projetos são quase o dobro dos que fazem projetos sobretudo individuais (quadro 2.80).

Ao nível das características sociodemográficas salienta-se o grupo etário dos 45 aos 64 anos com 76,9% a responder que fazem projetos envolvendo familiares. Os jovens e jovens adultos têm sobretudo projetos individuais (72,7%).

Através da análise em coluna verifica-se que à medida que se avança na idade diminui o interesse pelos projetos de natureza individual.

Existe uma clara ligação entre o contexto familiar e a natureza dos projetos, pois 81,3% das pessoas que vivem em situação conjugal fazem projetos envolvendo familiares; quem nunca viveu em situação conjugal tem em 80,6% dos casos projetos de vida sobretudo individuais. Os inquiridos que possuem nível de escolaridade básico, destacam-se nos projetos de vida envolvendo familiares (77,4%).

A opção pelos projetos sobretudo individuais é mais intensa à medida que se vai avançando na escolaridade, abrangendo 45% de pessoas com ensino superior.<sup>60</sup>

**Quadro 2.94** Natureza dos projetos

Natureza dos projetos	N	%
Sobretudo individuais	109	29,0
Envolvendo familiares	185	49,2
Não aplicável	82	21,8
Não sabe/não responde	8	

<sup>60</sup> Não se verificam associações entre o longo, médio e curto prazo, natureza dos projetos e características socioprofissionais na maior parte dos casos pela dispersão de valores residuais designadamente na condição perante o trabalho em algumas profissões e categorias profissionais.



**Quadro 2.95** Grupo etário e natureza dos projetos (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Natureza dos projetos	
	Sobretudo individuais	Envolvendo familiares
15-29	40	15
	72,7	27,3
	36,7	8,1
30-44	27	48
	36	64
	24,8	25,9
45-64	21	70
	23,1	76,9
	19,3	37,8
Mais de 65	21	52
	28,8	71,2
	3	28,1

Nota:  $\chi^2 = 39,806$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,368

**Quadro 2.96** Situação familiar e natureza dos projetos (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Situação familiar	Natureza dos projetos	
	Sobretudo individuais	Envolvendo familiares
Vive em situação conjugal	33	143
	18,8	81,3
	30,3	77,3
Não vive em situação conjugal	22	29
	43,1	56,9
	20,2	15,7
Nunca viveu em situação conjugal	54	13
	80,6	19,4
	49,5	7

Nota:  $\chi^2 = 80,536$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,52

**Quadro 2.97** Escolaridade e natureza dos projetos (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Natureza dos projetos	
	Sobretudo individuais	Envolvendo familiares
Básico	19	65
	22,6	77,4
	17,4	35,1
Secundário	41	48
	46,1	53,9
	37,6	25,9
Superior	49	72
	40,5	59,5
	45	38,9

Nota:  $\chi^2 = 11,216$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,195

Concluindo, mais de metade dos inquiridos afirmam possuir algum tipo de poupança, sendo o mais usual terem planos poupança-reforma. Esta prática de poupança observa-se em todos os grupos etários, especialmente entre as pessoas que têm entre 30 e 44 anos de idade. A escolaridade é determinante quando se apuram as respostas relativamente à capacidade de poupar.

Os inquiridos que mais poupam situam-se entre os profissionais técnicos de enquadramento, e os que menos poupam encontram-se entre aqueles que têm mais de 65 anos, baixo nível de instrução e que se situam preferencialmente na categoria sócio-profissional dos empregados executantes.

Após apreciação dos resultados acerca das práticas, valores e representações sobre futuro individual, familiar e coletivo, conclui-se este ponto com a análise dos dados referentes à preocupação com o futuro da Terra.

Pensar o futuro do planeta ainda é um exercício de abstração considerável. O futuro da vida na terra pressupõe um arco temporal bastante longínquo, poderemos por exemplo estar a falar de 10 mil anos quando estão em causa fenómenos de natureza geofísica como as mudanças climáticas, cujos impactos não são imediatamente sentidos (Brier, 2005).

Quando questionados sobre a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra, a maioria das pessoas assegura que se preocupa com o problema.

As respostas com maior expressão percentual correspondem às categorias “muitas vezes” (44,5%) e “algumas vezes” (43,8%). Crê-se que os resultados relativos à primeira

categoria devem ser relativizados dada a tendência dos inquiridos em responder conforme o que deles se espera.

Cerca de 12% das pessoas demonstram menor inquietação relativamente a este assunto (7% preocupam-se “poucas vezes” e 4,7% preocupam-se “raramente ou nunca”).

**Quadro 2.98** Preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	N	%
Muitas vezes	171	44,5
Algumas vezes	168	43,8
Poucas vezes	27	7,0
Raramente ou nunca	18	4,7

A preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra é partilhada por todos os grupos etários, com maior incidência entre as pessoas que têm entre 45 e 64 anos de idade.<sup>61</sup> As maiorias nas respostas “raramente” ou “nunca pensam no futuro do planeta”, distribuem-se preferencialmente entre maiores de 65 anos (21,9%) e entre o grupo dos jovens adultos (15,6%).

Observando os dados em coluna verifica-se que o grupo etário dos 45 aos 64 anos não só apresenta maior peso de respostas na categoria “muitas vezes/algumas vezes” como também é o grupo com maior valor percentual de respostas nesta categoria (33%) face aos restantes grupos. E relativiza-se ainda o peso dos maiores de 65 anos que reúnem cerca de 26% de respostas na maior frequência de preocupação com o planeta.

A variável escolaridade revela um comportamento quase linear ou seja quanto maior é o grau de escolaridade, maior a intensidade com que as pessoas afirmam preocupar-se com este assunto. Por exemplo, das pessoas que detêm formação superior, 92,8% situam-se na categoria “preocupa-se muitas vezes/algumas vezes”, valor que vai decrescendo enquanto diminui a escolaridade (20% das pessoas que detêm o ensino básico situam-se na categoria “preocupa-se raramente/nunca”).

---

<sup>61</sup> A variável preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra foi dicotomizada em virtude de existirem nas categorias extremas valores residuais que impediam a aplicação de testes estatísticos.

**Quadro 2.99** Grupo etário/Preocupa-se com o futuro da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
15-29	54	10
	84,4	15,6
	15,9	22,2
30-44	84	4
	95,5	4,5
	24,8	8,9
45-64	112	6
	94,9	5,1
	33,0	13,3
Mais de 65	89	25
	78,1	21,9
	26,3	55,6

Nota:  $\chi^2 = 21,830$ ;  $p < 0,01$  de Cramer=0,23

**Quadro 2.100** Grau de escolaridade/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade.	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Básico	108	26
	80,6	19,4
	31,9	57,8
Secundário	102	9
	91,9	8,1
	30,1	20,0
Superior	129	10
	92,8	7,2
	38,1	22,2

Nota:  $\chi^2 = 11,797$ ;  $p < 0,05$ , V de Cramer=0,175

Em síntese, a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra é partilhada pela maioria dos inquiridos com maior incidência no grupo etário dos 45 aos 64 anos. A

níveis mais elevados de escolaridade corresponde maior preocupação com o futuro do planeta.

Na sequência da análise univariada concluiu-se que a questão “a quem pertence o futuro?” reunia maiores números na resposta “o futuro está nas nossas mãos”, atribuindo os inquiridos, deste modo, essa responsabilidade a si próprios. Segue-se uma análise das modalidades de resposta que valorizam os fatores externos na construção do futuro, que estão fora do nosso domínio de ação, como por exemplo as leis da natureza, e as instituições financeiras.

Trata-se, agora, de recorrer aos procedimentos da análise multivariada para compreender se existem padrões associados à nossa questão “a quem pertence o futuro?” Às variáveis aqui referidas aplicou-se uma análise de correspondências múltiplas por forma a retirar os *object scores* que foram utilizados no processo de clusterização (método Ward).<sup>62</sup> Os quatro *clusters* no quadro abaixo correspondem a modalidades de representação social do futuro.

**Quadro 101** Análise de correspondências múltiplas

		Cluster 4 grupos (%)			
		1	2	3	4
O futuro está nas mãos dos cientistas	Concordo totalmente/ Concordo	68.9	47.7	100	7.5
	Discordo/ Discordo totalmente	31.1	52.3	0	92.5
O futuro está nas mãos das instituições financeiras	Concordo totalmente / Concordo	80.1	58.6	100	13.2
	Discordo /Discordo totalmente	19.9	41.4	0	86.8
O futuro está nas mãos de Deus	Concordo totalmente/ Concordo	9.9	100	100	11.9
	Discordo/ Discordo totalmente	90.1	0	0	88.1
O futuro está nas mãos dos políticos	Concordo totalmente/Concordo	77.5	34.4	100	4.5
	Discordo/ Discordo totalmente	22.5	65.6	0	95.5
O futuro está nas mãos de todos nós	Concordo totalmente/Concordo	90	89.1	96.2	91.3
	Discordo/Discordo totalmente	10	10.9	3.8	8.7
O futuro está nas mãos das grandes empresas	Concordo totalmente/Concordo	70.7	39.5	100	7.4
	Discordo/Discordo totalmente	29.3	60.5	0	92.6
O futuro depende de todos nós	Concordo totalmente/Concordo	62	98.9	100	52.2
	Discordo/Discordo totalmente	38	1.1	0	47.8

<sup>62</sup> As respostas foram dicotomizadas, não se incluindo a resposta “o futuro está nas mãos de todos nós” por ser consensual e não apresentar variação.

Ao primeiro *cluster* estão associadas as pessoas que mais discordam com a frase “o futuro está nas mãos de Deus” e que mais concordam com a frase “o futuro está nas mãos das instituições financeiras”. O segundo *cluster* é constituído por pessoas que concordam com as frases “o futuro está nas mãos de Deus” e “o futuro depende das leis da natureza”. Do terceiro *cluster* fazem parte pessoas que não expressam uma opinião diferenciadora sobre qualquer das modalidades de resposta. O quarto *cluster* é composto por pessoas que discordam com praticamente todos os tipos de resposta com exceção das modalidades “o futuro está nas mãos de todos nós” e “o futuro depende das leis da natureza”

**Quadro 102** O futuro está nas mãos de....e tipologia de relação com o futuro

O futuro está nas mãos...	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
Dos cientistas	68.9	47.7	100	7.5
Das instituições financeiras	80.1	58.6	100	13.2
De Deus	9.9	100	100	11.9
Dos políticos	77.5	34.4	100	4.5
De todos nós	90.0	89.1	96.2	91.3
Das grandes empresas	70.7	39.5	100	7.4
Das leis da natureza	62.0	98.9	100	52.2

A partir da análise comparativa dos *clusters* definiu-se uma tipologia com o objetivo de se estruturar as representações sobre o futuro. Ao primeiro *cluster* correspondem os “sociocentrados” ou seja as pessoas para quem o futuro depende de circunstâncias concretas ditadas pelo contexto social, incluindo-se aqui a ação das instituições financeiras (80,1%), dos políticos (77,5%) e das grandes empresas (70,7%). Ao segundo *cluster* correspondem os “providencialistas”: para estas pessoas o futuro é explicado por fatores de natureza extrassocial como Deus (100%) ou as leis da natureza (98,9%). O terceiro *cluster* é formado por pessoas para quem esta questão é indiferente (“passivos”) estando aparentemente de acordo com todas as modalidades de resposta (100%). Por último, os “disruptivos” estão em desacordo com quase todos os pressupostos à exceção de “o futuro depende das leis da natureza” (52,2%).

**Quadro 103** Sexo e representações sobre o futuro (frequência e percentagem em linha).

Sexo	Representações sobre o futuro			
	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
Masculino	73	41	20	51
	39,5	22,2	10,8	27,6
Feminino	93	55	33	18
	46,7	27,6	16,6	9,0

Nota:  $\chi^2 = 22,943$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer=0,244

**Quadro 104** Grupo etário e representações sobre o futuro (frequência e percentagem em linha).

Grupo etário	Representações sobre o futuro			
	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
15-29	40	13	6	5
	62,5	20,3	9,4	7,8
30-44	41	19	10	18
	46,6	21,6	11,4	20,5
45-64	47	30	16	25
	39,8	25,4	13,6	21,2
mais de 65	38	34	21	21
	33,3	29,8	18,4	18,4

Nota:  $\chi^2 = 18,392$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,126

**Quadro 105** Grau de escolaridade e representações sobre o futuro (frequência e percentagem em linha).

Grau de Escolaridade	Representações sobre o futuro			
	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
Básico	38	51	23	22
	28,4	38,1	17,2	16,4
Secundário	54	21	15	21
	48,6	18,9	13,5	18,9
Superior	74	24	15	26
	53,2	17,3	10,8	18,7

Nota:  $\chi^2 = 27,233$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer=0,188

**Quadro106** Categoria socio- profissional e representações sobre o futuro (frequência e percentagem em linha).

Categoria socioprofissional	Representações sobre o futuro			
	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	12	4	3	8
	44,4	14,8	11,1	29,6
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	64	24	18	26
	48,5	18,2	13,6	19,7
Trabalhadores Independentes	4	4	1	2
	36,4	36,4	9,1	18,2
Empregados Executantes	54	36	21	24
	40	26,7	15,6	17,8
Operários	11	19	7	5
	26,2	45,2	16,7	11,9

Focando agora a análise nas características sociodemográficas, socioeducacionais e socioprofissionais das pessoas que constituem os quatro *clusters*, verifica-se, por um lado, que os “sociocentrados”, predominando em ambos os sexos, têm maior expressão entre as mulheres. Por outro lado, enquanto os homens se repartem entre “sociocentrados” e “disruptivos”, as mulheres distribuem-se preferencialmente entre “sociocentrados” e “providencialistas”.

Os “sociocentrados” têm um peso relativo maior entre os mais jovens e as pessoas que têm entre 30 e os 44 anos. É igualmente ao nível do ensino superior que se situam grande parte dos “sociocentrados”. Digamos que existe uma progressão direta entre a escolarização e a prevalência de pessoas que consideram que o futuro depende de uma série de instituições que se inscrevem na estrutura social (28,4%, 48,6% e 53,2%). Verifica-se ainda uma correlação inversa relativamente aos “providencialistas” (20,3%, 18,9% e 17,3%) e aos “passivos” (17,2%, 13,5% e 10,8%). Isto significa que as pessoas com menor escolaridade desenvolvem com mais frequência a perspectiva que o futuro depende de fatores que escapam à ação humana. Os “disruptivos” estão praticamente distribuídos de igual forma pelos diversos níveis de escolaridade com ligeira vantagem para as pessoas com nível de escolaridade superior (37,7%).

Observando agora a distribuição destas representações por categorias socioprofissionais, constata-se que os “sociocentrados” são preponderantes em todas as categorias à exceção dos operários onde predominam os “providencialistas” e dos



trabalhadores independentes que se dividem entre sócio-centrados e “providencialistas”. Os “disruptivos” têm maior peso comparativo nos empresários, dirigentes e profissionais liberais. Para estas pessoas o futuro oscila entre a dependência das leis da natureza e o estar inteiramente nas “nossas mãos”. Os “passivos” surgem também em todas as categorias socioprofissionais, porém com maior incidência entre operários e empregados executantes.

**Quadro 107** Reflexividade e representações sobre o futuro (frequência e percentagem em linha).

Com que frequência pensa antes de toma decisões sobre a sua vida?	Representações sobre o futuro			
	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
Sempre/muitas vezes	140	67	40	59
	45,8	21,9	13,1	19,3
Algumas vezes/ raramente ou nunca	26	28	12	10
	34,2	36,8	15,8	13,2

Nota:  $\chi^2 = 8,929$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,153

**Quadro 108** Orientações sociais e representações sobre o futuro (frequência e percentagem em linha).

Índice de orientações sociais	Representações sobre o futuro			
	Sociocentrados	Providencialistas	Passivos	Disruptivos
Autonomia	100	43	26	41
	47,6	20,5	12,4	19,5
Resistência	22	21	9	9
	36,1	34,4	14,8	14,8
Independência	24	11	8	10
	45,3	20,8	15,1	18,9
Heteronomia	15	17	7	6
	33,3	37,8	15,6	17,9

Até que ponto as orientações sociais e a reflexividade influenciam as nossas representações sobre o futuro?

Embora não exista associação estatística significativa entre orientações sociais e representações sobre o futuro aqui traduzidas por esta tipologia, consideramos relevante analisar os resultados com que nos deparamos. A orientação da autonomia é aquela em que tem maior peso absoluto e relativo a representação sócio-centrada do futuro (47,6%),

sucedendo o mesmo na orientação da independência, ainda que por valor um pouco inferior (45,3%). Na orientação da resistência continua a predominar esta representação, seguida de perto pelos “providencialistas”. E é só na orientação da heteronomia que prevalecem os “providencialistas” (37,8%).

Observa-se, ainda, que as pessoas que asseguram pensar mais antes de tomarem decisões estão mais associadas aos “sociocentros”. As pessoas que menos refletem antes de tomar uma decisão situam-se mais frequentemente entre os “providencialistas”.

Em conclusão, podemos confirmar que coexistem diversas concepções sobre o futuro podendo a sua natureza variar com o sexo, a idade, a escolaridade e o estatuto socioprofissional. As representações sobre o futuro serão eventualmente estruturadas pelas orientações sociais e pela reflexividade. Julga-se porém que os pressupostos teóricos de Adam (2001) quanto à coexistência de diversos “futuros” se comprova. Diversos fatores entre os quais os percursos de vida individuais e o contexto sociológico contribuem para a diversidade de olhares sobre o devir.

### **2.3 A sustentabilidade e as mudanças climáticas**

As práticas, valores e representações sobre sustentabilidade e mudanças climáticas são entendidas no contexto desta investigação no quadro do estabelecimento de uma relação de equilíbrio entre homem e natureza. Neste âmbito o conceito de sustentabilidade assume duas propriedades: preservação da espécie humana e preservação do ambiente. A cada uma destas propriedades correspondem um conjunto de perguntas que serão enunciadas à medida que se prossegue com a análise dos dados.

A preservação da espécie humana foi operacionalizada através de duas afirmações antagónicas, cabendo aos inquiridos identificar-se com uma delas: “Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa” *versus* “Devemos apreciar o que conquistámos em qualidade de vida e deixar que as próximas gerações possam também conquistar a sua qualidade de vida”.

À primeira afirmação correspondem aproximadamente 70% de respostas, por contraste com cerca de 30% de respostas que validam a segunda preferência.

**Quadro 2.109** Gerações futuras

Com que frase melhor se identifica:	N	%
Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa.	259	69,6
Devemos apreciar o que conquistamos em Qualidade de Vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua Qualidade de Vida	113	30,4
Não sabe/não responde	12	

O grupo etário mais com maior peso de respostas na primeira modalidade corresponde às pessoas com idades compreendidas entre os 45 e aos 64 anos (33,2%). No que respeita à escolaridade, verifica-se que o maior peso de respostas nesta mesma modalidade ocorre no ensino superior (41,3%). É no ensino básico que temos menores expressões desta atitude, quer analisando em linha, quer em coluna.

**Quadro 2.110** Grupo etário/gerações futuras (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Gerações Futuras	
	Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	Devemos apreciar o que conquistamos em qualidade de vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua qualidade de vida
15-29	44	19
	69,8	30,2
	17	16,8
30-44	65	22
	74,7	25,3
	25,1	19,5
45-64	86	27
	76,1	23,9
	33,2	23,9
Mais de 65	64	45
	58,7	41,3
	24,7	39,8

Nota:  $\chi^2 = 9,444$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,159

A disponibilidade para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa é também preferencialmente partilhada pelos profissionais técnicos de enquadramento, e pelos empresários, dirigentes e profissionais liberais. Esta disposição é menos evidente, em termos comparativos, entre os empregados executantes e os operários.

**Quadro 2.111** Grau de escolaridade/Gerações futuras (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Gerações Futuras	
	Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	Devemos apreciar o que conquistamos em Qualidade de Vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua Qualidade de Vida.
Básico	76	54
	58,5	41,5
	29,3	47,8
Secundário	76	30
	71,7	28,3
	29,3	26,5
Superior	107	29
	78,7	21,3
	41,3	25,7

Nota:  $\chi^2 = 13,144$ ;  $p = 0,01$  V de Cramer = 0,188

**Quadro 2.112** Categoria socio - profissional/ gerações futuras (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Categoria socio - profissional	Gerações Futuras	
	Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	Devemos apreciar o que conquistamos em Qualidade de Vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua Qualidade de Vida.
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	20	6
	76,9	23,1
	8,7	5,7
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	101	28
	78,3	21,7
	43,9	26,4
Trabalhadores Independentes	7	3
	70	30
	3	2,8
Empregados Executantes	81	48
	62,8	37,2
	35,2	45,3
Operários	21	21
	50	50
	9,1	19,8

Nota:  $\chi^2 = 15,198$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,21363

<sup>63</sup> (Uma célula tem valor inferior a 5)

A sustentabilidade na sua dimensão de preservação da espécie humana foi ainda operacionalizada a partir da escolha entre as duas frases: “O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas” contra “O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas”.

**Quadro 2.113** Futuro da vida na Terra

Com que frase melhor se identifica:	N	%
O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	41	10,8
O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas	340	89,2
Não sabe/não responde	3	

O futuro da vida na terra é globalmente considerado tanto um problema da nossa geração como um problema das gerações mais novas, com maior incidência nos grupos etários dos 45 aos 64, e dos 15 aos 29 anos (quadro 2.114). Os seniores são aqueles onde esta atitude tem menor peso relativo. Esta disposição é também sempre maioritária qualquer que seja o grau escolar, mas é menos intensa no ensino básico (quadro 2.115).

**Quadro 2.114** Grupo etário/ futuro da vida na Terra (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Futuro da vida na Terra	
	O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas
15-29	3	60
	4,8	95,2
	7,3	17,6
30-44	4	84
	4,5	95,5
	9,8	24,7
45-64	8	110
	6,8	93,2
	19,5	32,4
Mais de 65	26	86
	23,2	76,8
	63,4	25,3

Nota:  $\chi^2 = 25,936$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,261

**Quadro 2.115** Escolaridade/Futuro da Vida na Terra (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Futuro da Vida na Terra	
	O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas
Básico	24	109
	18	82
	58,5	32,1
Secundário	6	103
	5,5	94,5
	14,6	30,3
Superior	11	128
	7,9	92,1
	26,8	37,6

Nota:  $\chi^2 = 11,658$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,175

A preocupação com a escassez dos recursos naturais no planeta está muito próxima da questão da sobrevivência das próximas gerações. Para se avaliar este item foi colocada às pessoas a seguinte pergunta: “receia que os recursos naturais do planeta se esgotem?” Cerca de 90% das pessoas que possuem o nível secundário de escolaridade afirmam recear que os recursos do planeta se esgotem. Este valor é sensivelmente menor nas pessoas que tem o nível ensino básico de escolaridade e nas que possuem nível superior.

**Quadro 2.116** Grau de escolaridade/receia que os recursos do planeta se esgotem? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Receia que os recursos do planeta se esgotem?	
	Sim	Não
Básico	99	24
	80,5	19,5
	32,7	36,4
Secundário	98	11
	89,9	10,1
	32,3	16,7
Superior	106	31
	77,4	22,6
	35	47

Nota:  $\chi^2 = 6,827$ ;  $p > 0,05$ ; V de Cramer=0,136

A sustentabilidade na sua relação com a preservação do ambiente foi, à escala da cidade de Lisboa, operacionalizada através das seguintes questões? “Qual o seu grau de disponibilidade para fazer mudanças difíceis na sua vida se elas contribuírem para a melhoria do ambiente na cidade de Lisboa?”, “Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia, embora um pouco mais caros?”, e ainda “É membro de algum grupo cujo objetivo principal seja preservar ou proteger o ambiente?”

As pessoas estão disponíveis para fazerem mudanças difíceis nas suas vidas se elas contribuírem para a melhoria do ambiente na cidade de Lisboa? Esta questão teve a seguinte distribuição: 60,2% estariam disponíveis em parte, 27,3% estariam totalmente disponíveis, 9,3% estariam indisponíveis em parte, e 3,2% estão totalmente indisponíveis.

**Quadro 2.117** Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa

Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	N	%
Totalmente disponível	103	27,3
Disponível em parte	227	60,2
Indisponível em parte	35	9,3
Totalmente indisponível	12	3,2
Não sabe/não responde	7	

A disponibilidade para se fazer mudanças difíceis, sabendo que podem contribuir para a melhoria do ambiente na cidade de Lisboa é tanto maior quanto mais elevado for o grau de escolaridade. No âmbito do nível de escolaridade superior, 92,7% das pessoas encontram-se disponíveis para procederem a mudanças difíceis. Esta disponibilidade para se fazerem certos sacrifícios diminui em cerca de 15% no grupo de inquiridos que detêm o nível básico de escolaridade.

Verifica-se uma diferença clara entre o nível básico de escolaridade com maiores percentagens de indisponibilidade (21,2%) para a mudança, e os níveis secundário e superior com respetivamente 8,3% e 7,3% de respostas nessa categoria.

As observações em coluna permitem confirmar duas tendências, que confirmam o anterior: por um lado, do total de inquiridos que demonstram maior indisponibilidade para fazerem mudanças difíceis, cerca de 60%, possuem escolaridade básica, e por outro, nos inquiridos que demonstram maior disponibilidade para proceder a mudanças, 38,5% possuem escolaridade superior.

**Quadro 2.118** Grau de escolaridade e disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna).

Grau de escolaridade	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/totalmente indisponível
Básico	104	28
	78,8	21,2
	31,5	59,6
Secundário	99	9
	91,7	8,3
	30	19,1
Superior	127	10
	92,7	7,3
	38,5	21,3

Nota:  $\chi^2 = 14,294$ ;  $p = 0,01$  V de Cramer = 0,195

Parte das representações sociais sobre sustentabilidade foram abordadas a partir de práticas de consumo, que foram operacionalizadas a partir da pergunta “Costuma comprar eletrodomésticos que consomem menos energia, embora um pouco mais caros”? As respostas recaíram maioritariamente nas categorias “já o fazem” (51,1%) e “estaria disposto” (41,9 %). São as idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos e entre os 45 e os 64 anos que a categoria “já o faz” é mais representativa, com respetivamente 63,2% e 59,8% de indivíduos a confirmarem essa prática. A categoria “não estaria disposto” colheu maior expressão percentual entre os seniores (14,8%).

Salienta-se que no âmbito do grupo dos 30 aos 44 anos, apenas 1% das pessoas não estariam dispostas a comprar eletrodomésticos mais caros. Aparentemente este grupo interiorizou a ideia de antecipação do futuro a partir de pequenas práticas quotidianas como por exemplo comprar hoje mais caro para poupar amanhã.

Como poderá a situação familiar influenciar estas práticas? De facto, entre as pessoas que vivem em situação conjugal encontram-se valores mais elevados (57,5%) na categoria “já o faz”. As pessoas que nunca viveram em situação conjugal evidenciam grande disponibilidade para o consumo de eletrodomésticos mais dispendiosos (62,8%).



Pode ainda adiantar-se que das pessoas que nunca viveram em situação conjugal, a percentagem de respostas na categoria “não estaria disposto” é residual (3,8%) face às categorias “estaria disposto” e “já o faz”.

**Quadro 2.119** Disponibilidade (para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros

Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?	N	%
Estaria disposto	155	41,9
Já o faz	189	51,1
Não estaria disposto	26	7

**Quadro 2.120** Grupo etário/estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia/ mais caros (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
15-29	36	19	3
	62,1	32,8	5,2
	23,2	10,1	11,5
30-44	31	55	1
	35,6	63,2	1,1
	20	29,1	3,8
45-64	41	70	6
	35	59,8	5,1
	26,5	37	23,1
Mais de 65	47	45	16
	43,5	41,7	14,8
	30,3	23,8	61,5

Nota:  $\chi^2 = 32,259$   $p = 0,000$   $V$  de Cramer = 0,209

**Quadro 2.121** Situação familiar/costuma comprar eletrodomésticos que consomem menos energia/mais caros (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Situação familiar	Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Vive em situação conjugal	77	122	13
	36,3	57,5	6,1
	49,7	64,6	50
Não vive em situação conjugal	29	41	10
	36,3	51,3	12,5
	18,7	21,7	38,5
Nunca viveu em situação conjugal	49	26	3
	62,8	33,3	3,8
	31,6	13,8	11,5

Nota:  $\chi^2 = 21,654$  p = 0,000 V de Cramer = 0,17

A disponibilidade para a compra de eletrodomésticos mais caros, embora dependendo menos energia é estatisticamente significativa quando associada ao nível de escolaridade dos inquiridos. Constata-se, no quadro abaixo, que na categoria “não estaria disposto a comprar eletrodomésticos”, 80,8% das respostas são procedentes de pessoas com grau de escolaridade básico. Por outro lado, 45% das pessoas que já compram eletrodomésticos mais caros possuem grau de escolaridade superior. Entre as pessoas que estariam na disposição de comprar eletrodomésticos mais caros mas ainda não o fizeram, 36,1% tem o grau de escolaridade secundário.

**Quadro 2.122** Grau de Escolaridade/Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros (frequência e percentagem em linha), em coluna e em relação ao total)

Grau de Escolaridade	Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Básico	46	59	21
	36,5	46,8	16,7
	29,7	31,2	80,8
Secundário	56	45	4
	53,3	42,9	3,8
	36,1	23,8	15,4
Superior	53	85	1
	38,1	61,2	0,7
	34,2	45	3,8

Nota:  $\chi^2 = 35,298$ : p = 0,000 V de Cramer = 0,218

A preocupação com as questões do ambiente e da sustentabilidade foi ainda observada à luz da participação dos residentes de Lisboa em grupos ou associações de natureza ambientalista. Resultou da aplicação deste questionário que apenas 5,2% dos inquiridos são membros de grupos cujo objetivo principal é preservar ou proteger o ambiente. Desse grupo restrito de pessoas, verificou-se que a maioria tem escolaridade superior (75%).

**Quadro 2.123** Participação em movimentos de defesa do quadro de vida (frequência e percentagem em linha)

É membro de algum grupo cujo objetivo principal seja preservar ou proteger o ambiente?	N	%
Sim	20	5,2
Não	363	94,8
Não sabe/não responde	1	

**Quadro 2.124** Grau de escolaridade/participação em movimentos de defesa do quadro de vida (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	É membro de algum grupo cujo objetivo principal seja preservar ou proteger o ambiente?	
	Sim	Não
Básico	0	134
	0	100
	0	36,9
Secundário	5	106
	4,5	95,5
	25	29,2
Superior	15	123
	10,9	89,1
	75	33,9

Nota:  $\chi^2 = 16,392$  p = 0,000 V de Cramer = 0,207

Como vimos, a sustentabilidade na dimensão de preservação da espécie humana foi operacionalizada a partir de três questões. Conclui-se que em relação à primeira a maioria das pessoas afirmam estar disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa. Quanto à segunda consideram que o futuro da vida na terra é não só um problema da nossa geração como das gerações mais novas. Relativamente à terceira afirmam recear que os recursos do planeta se esgotem. De

um modo geral, as pessoas que responderam a estas questões nas modalidades aqui referidas, situam-se fundamentalmente no grupo etário dos 45 aos 64 anos, possuem escolaridade superior e são profissionais técnicos de enquadramento.

A sustentabilidade na relação com o meio ambiente foi igualmente operacionalizada a partir de três questões atrás analisadas. No que respeita à primeira questão verificou-se que a escolaridade tem um papel decisivo na disponibilidade para se fazerem mudanças difíceis em benefício da melhoria do ambiente.

Quanto à segunda questão, mais de metade das pessoas afirmam já comprar eletrodomésticos mais caros. Esta prática é mais comum entre pessoas com idades compreendidas entre os 30 aos 44 anos, que vivem em situação conjugal e possuem grau de escolaridade superior.

A terceira questão, mais centrada nas práticas de associativismo, permitiu apurar que apenas 5% dos inquiridos participam em associações de defesa do ambiente.

Entende-se que a orientação para o futuro e para a sustentabilidade pode ainda ser analisada a partir da preocupação que as pessoas inquiridas têm relativamente ao futuro às mudanças climáticas. Para este efeito elaboraram-se algumas perguntas relativas à sustentabilidade na sua relação com o problema das mudanças climáticas, com o intuito de se conhecer as práticas, valores e representações sociais dos inquiridos face a este assunto. Essas perguntas tiveram por objetivo apurar as causas e efeitos das mudanças climáticas na perspetiva dos inquiridos, assim como as suas representações sobre a responsabilidade individual e institucional na abordagem desta problemática.

Nesse sentido, formulou-se a questão; Está mais preocupado com o tempo que vai fazer no próximo verão ou com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro? Constatou-se que 84,3% das pessoas que dizem estar mais preocupadas com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro longínquo, e, portanto 15,7% estão mais preocupados com o futuro imediato, o que ocorre no próximo verão (quadro 2.125).

Quanto àqueles que dizem estar mais preocupados com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro, cerca de 95,3 % situam-se no grupo etário dos 30 aos 44 anos. A preocupação com o tempo imediato (próximo verão) surge com maior frequência entre os mais velhos (48,2%) relativamente aos outros grupos de idade.

**Quadro 2.125** Está mais preocupado com:

Está mais preocupado com:	N	%
As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro	300	84,3
O tempo que vai fazer no próximo verão	56	15,7

**Quadro 2.126** Grupo etário/Está mais preocupado com... (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão?	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro?
15-29	11	49
	18,3	81,7
	19,6	16,3
30-44	4	81
	4,7	95,3
	7,1	27
45-64	14	98
	12,5	87,5
	25	32,7
Mais de 65	27	72
	27,3	72,7
	48,2	24

Nota:  $\chi^2 = 18,932$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,231

No que se refere a representação geral sobre o sentido do clima, 82% dos inquiridos são da opinião que está a mudar, e 95,4% acham que a ação humana é responsável por essa mudança (quadro 2.127).

Cerca de 62% afirma que devemos estar muito preocupados com este facto, e 33,7% consideram que devemos estar moderadamente preocupados. Estas duas categorias atingem 95,5% das respostas. Os valores referentes às pessoas que acham que devemos estar pouco ou nada preocupados são residuais (2,9% e 1,6%).

**Quadro 2.127** O Clima em Lisboa está a mudar?

Acha que o clima em Lisboa está a mudar?	N	%
Sim	295	82,2
Não	64	17,8
Não sabe/ não responde	25	
Acha que a ação humana é responsável pelas mudanças climáticas?		
Sim	354	95,4
Não	17	4,6
Não sabe/não responde	13	
De uma forma geral considera que:		
Devemos estar muito preocupados com as mudanças climáticas	235	61,8
Devemos estar moderadamente preocupados	128	33,7
Devemos estar pouco preocupados com as mudanças climáticas	11	2,9
Não devemos estar preocupados com as mudanças climáticas	6	1,6
Não sabe/não responde	4	
Na sua opinião, qual lhe parece ser a causa mais direta das mudanças climáticas?		
Diminuição da camada de ozono na atmosfera	181	52,5
Alterações na atividade solar	25	7,2
Aumento da quantidade de dióxido de carbono na atmosfera	133	38,6
Grandes erupções vulcânicas	6	1,7
Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão:		
Muito negativos	231	62,4
Moderadamente negativos	117	31,6
Pouco negativos	19	5,1
Não serão negativos	3	0,8
Não sabe/não responde	14	

Estas questões já haviam sido colocadas pela equipa de projeto OBSERVA em 2002, num inquérito realizado em Portugal Continental, tendo 82,9% dos inquiridos considerado que o clima está a mudar e 94,5% que devemos estar muito preocupados com as mudanças climáticas. Estes resultados confirmam essa abordagem nalguns aspetos se bem que ao nível da cidade de Lisboa.

Para se conhecer qual a causa mais direta que provoca as mudanças climáticas foi elaborada uma pergunta com 4 opções de resposta. Duas opções estavam ligadas a fatores antropogénicos e as outras duas mais ligadas a fatores naturais como por exemplo as tempestades solares e a ocorrência de grandes erupções vulcânicas. Cerca de 91,1% das pessoas atribuem as causas das mudanças climáticas a fatores relacionados com a atividade humana.

A resposta com maior valor percentual foi a diminuição da camada de ozono na atmosfera (52,5%), porém a resposta correta do ponto de vista científico é o aumento da quantidade de dióxido de carbono na atmosfera (39,6%). Isto aponta para um défice grave de informação sobre o assunto na maioria da população residente em Lisboa.

A maior percentagem de respostas corretas recaiu sobre as pessoas que possuem um grau de escolaridade superior (quadro 2.128). À medida que a escolaridade vai diminuindo, a percentagem de respostas incorretas aumenta (cerca de 70% das pessoas com escolaridade básica deram respostas incorretas). Observa-se pois uma proporcionalidade direta entre o aumento de respostas corretas e o aumento do grau de escolaridade.

**Quadro 2.128** Grau de escolaridade/Causas das mudanças climáticas e (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Na sua opinião, qual lhe parece ser a causa mais direta das mudanças climáticas?	
	Resposta incorreta	Resposta correta
Básico	79	31
	71,8	28,2
	37,3	23,3
Secundário	62	42
	59,6	40,4
	29,2	31,6
Superior	71	60
	54,2	45,8
	33,5	45,1

Nota:  $\chi^2 = 8,047$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,153

Quando se apuram os resultados das opiniões que as pessoas formaram sobre os efeitos das mudanças climáticas, confrontamo-nos com uma considerável percentagem de respostas que apontam para o facto desses efeitos poderem ser muito negativos (62,4%) ou moderadamente negativos (31,6%) (quadro 2.127).

A questão referente à responsabilidade individual e institucional na procura de soluções para o problema das mudanças climáticas já havia sido tratado por Luísa Schmidt aquando da elaboração do estudo “As Alterações Climáticas no Quotidiano. Estudo Comportamental de Curta Duração” (2003). Esta questão foi agora retomada e aplicada neste questionário com ligeiras adaptações.

A pergunta proposta foi: “Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter...” diversas entidades (conforme quadro 2.129).

Do ponto de vista de 80% dos inquiridos, a União Europeia e a Secretaria de Estado do Ambiente em Portugal terão o maior grau de responsabilidade na resolução do problema. Para 77%, a responsabilidade deve ser sobretudo imputada às organizações internacionais, seguindo-se as empresas com 72% de respostas. As universidades e centros de investigação são vistos por 69% das pessoas como devendo contribuir para a procura de soluções, bem como as associações ambientalistas (67%). Finalmente a Câmara Municipal de Lisboa (63% de respostas) e os cidadãos em geral com 56%.

As mudanças climáticas sugerem não só aos cientistas mas também aos cidadãos e organizações novas formas de reflexão sobre os conceitos de tempo (perceção de diferentes escalas temporais) e espaço (envolvendo o planeta). Estes dois motivos só por si justificam uma pergunta com um alcance tão abrangente quando afinal o estudo em causa se aplica à cidade de Lisboa. Qual o grau de responsabilidade de entidades diversas na procura de soluções para as mudanças climáticas (organismos internacionais e nacionais, governos nacionais e locais, etc.).

Em termos de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas, os cidadãos reveem-se com níveis de comprometimento substancialmente mais baixos do que qualquer outro interveniente, contrariamente às conclusões do estudo desenvolvido a nível nacional pela equipa do OBSERVA<sup>64</sup> onde se destaca a capacidade dos inquiridos em assumirem as suas responsabilidades sobre este assunto tão preocupante. Neste questionário, reportado a 2003 e com abrangência nacional, os primeiros responsáveis na procura de soluções para as mudanças climáticas são para os cidadãos (68,7%). Em segundo lugar são apontadas as empresas e a União Europeia ambas com cerca de 66%, seguem-se os organismos internacionais e empresas, os grupos ambientalistas registam 60% de respostas, as Câmaras Municipais 58,4 %, registando-se por último o papel residual atribuído aos centros de investigação (56,7%) (Schmidt, 2003: 61).

---

<sup>64</sup> “As Alterações Climáticas no Quotidiano. Estudo Comportamental de Curta Duração” (2003).



**Quadro 2.129 Responsabilidade individual e institucional**

Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos	N	%
Elevado	203	56,2
Médio	125	34,6
Baixo	25	6,9
Nenhum	8	2,2
Não sabe/não responde	23	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que deve ter a União Europeia		
Elevado	286	80,8
Médio	62	17,5
Baixo	5	1,4
Nenhum	1	0,3
Não sabe/não responde	30	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter as empresas		
Elevado	260	72,6
Médio	81	22,6
Baixo	15	4,2
Nenhum	2	0,6
Não sabe/não responde	26	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que deve ter a ONU e outras organizações internacionais		
Elevado	265	76,6
Médio	72	20,8
Baixo	8	2,3
Nenhum	1	0,3
Não sabe/não responde	38	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que a CML deve ter		
Elevado	227	63,6
Médio	105	29,4
Baixo	23	6,4
Nenhum	2	0,6
Não sabe/não responde	27	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que a Secretaria de Estado do Ambiente deve ter		
Elevado	287	80,8
Médio	58	16,3
Baixo	9	2,5
Nenhum	1	0,3
Não sabe/não responde	29	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que as associações de defesa do quadro de vida devem ter		
Elevado	232	67,1
Médio	14	4,0
Baixo	3	0,9
Nenhum		
Não sabe/não responde	38	
Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que Universidades e centros de I&D devem ter		
Elevado	244	69,5
Médio	88	25,1
Baixo	17	4,8
Nenhum	2	0,6
Não sabe/não responde	33	

De um modo geral, nas oito modalidades de resposta do nosso questionário realizado em Lisboa, e para a categoria grau de responsabilidade elevado, são tendencialmente as mulheres quem apresenta maiores percentagens, bem como as pessoas que se situam entre os 45 aos 64 anos.

É em especial na categoria referente ao grau de responsabilidade que os cidadãos devem ter na procura de soluções para as mudanças climáticas que se destacam percentagens mais elevadas de respostas dadas por mulheres (94,7%) nas modalidades elevado/médio. Este resultado é igualmente significativo apreciando os resultados em coluna: cerca de 70% das pessoas que consideram que o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas por parte os cidadãos deve ser baixo ou nenhum são homens. Neste contexto as mulheres revelam maior empenho na participação dos cidadãos na vida pública do que os homens.

O comportamento das variáveis grupo etário e escolaridade apresenta associações estatisticamente significativas apenas quando cruzado com o grau de responsabilidade atribuída aos cidadãos. A maior frequência de respostas na categoria elevado/médio, recai sobre o grupo etário compreendido entre os 45 e os 64 anos. Por outro lado, a maior frequência de respostas que incidem sobre a categoria baixo/nenhum verifica-se na população sénior (maiores de 65 anos) e ainda nas pessoas que possuem grau de escolaridade básico. Constata-se que 60,6% das pessoas que têm nível básico de escolaridade atribuem pouca ou nenhuma responsabilidade dos cidadãos (quadro 2.132).

Voltando à apreciação do fator idade e observando as percentagens em coluna, confirma-se que o grupo etário acima dos 65 anos, reúne maior percentagem de respostas na categoria grau de responsabilidade baixo/nenhum (48,5%) relativamente ao total de respostas nessa modalidade.

**Quadro 2.130** Sexo/Grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Sexo	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
Masculino	150	23
	86,7	13,3
	45,7	69,7
Feminino	178	10
	94,7	5,3
	54,3	30,3

Nota:  $\chi^2 = 6,900$  p < 0,05 V de Cramer = 0,138

**Quadro 2.131** Grupo etário/Grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
15-29	59	4
	93,7	6,3
	18	12,1
30-44	80	7
	92	8
	24,4	21,2
45-64	107	6
	94,7	5,3
	32,6	18,2
Mais de 65	82	16
	83,7	16,3
	25,0	48,5

Nota:  $\chi^2 = 8,806$  p < 0,05 V de Cramer = 0,156

**Quadro 2.132** Grau de escolaridade/Grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
Básico	96	20
	82,8	17,2
	29,3	60,6
Secundário	104	3
	97,2	2,8
	31,7	9,1
Superior	128	10
	92,8	7,2
	39	30,3

Nota:  $\chi^2 = 14,934$ ; p = 0,001 V de Cramer = 0,203

Conforme foi apurado por João Ferreira de Almeida e José Luís Casanova a propósito do II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses Sobre o Ambiente, “A assunção do ambiente como temática de interesse coletivo na sociedade portuguesa é (...) largamente confirmada pelos dados obtidos neste inquérito” (Almeida, Ferreira et al, 2004: 267). E em Lisboa, as práticas e as representações sociais prenunciam alguma preocupação com o ambiente e com o quadro de vida ou pelo contrário vão no sentido de o agravar?

A exploração desta incerteza foi operacionalizada através da pergunta: “Estaria disponível para andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel contribuindo desse modo para o controle das mudanças climáticas em Lisboa?” Mais de metade dos inquiridos (54,9%) afirma que já utilizam esses meios de deslocação (quadro 2.133), não se verificando diferenças significativas entre mulheres e homens, com exceção da categoria “não estaria disposto” onde as mulheres apresentam um valor mais elevado (5,3%) face aos homens (3,2%). Também não se verificam diferenças relativamente à escolaridade, embora com ligeira dominância do nível superior.

Cerca de 37% das pessoas, estariam na disposição de alterarem as suas práticas e mais de metade afirmam já utilizar meios de transporte menos poluentes. Estas pessoas situam-se preferencialmente no grupo etário compreendido entre os 45 e os 64 anos. Os mais jovens (61,9%) e os mais velhos (62,8%) afirmam andar mais a pé ou de transportes públicos.

Esta prática pode dever-se a fatores de natureza económica e não tanto a aspetos relacionados com a melhoria do ambiente na cidade. É uma hipótese a explorar que não foi aprofundada nesta investigação. Entre as pessoas que não estariam dispostas a alterar os seus hábitos encontram-se os maiores de 65 anos (43,8%).

A confirmação de que estas práticas já são usuais no quotidiano é mais frequente entre as pessoas que detêm o ensino básico (41,1%) relativamente às pessoas que detêm outros níveis de ensino. Este valor decresce para 27,1% entre os que possuem o ensino secundário.

Aponta-se ainda que, ao nível das intenções, a disposição para o uso de transportes menos poluentes é maior entre as pessoas com maior grau de instrução, existindo uma progressão direta entre grau de escolaridade e maior disposição para esta mudança (básico, 24,6%, secundário 32,6% e superior 42,8%). A não disponibilidade para o usar em alternativa outros meios de deslocação ocorre com maior frequência entre as pessoas com menor escolaridade (43,8%).

A nível nacional, são os inquiridos com maior grau de instrução os mais reativos ao uso do transporte individual (Almeida et al, 2004: 287). Esta tendência não se verifica ao

nível da cidade de Lisboa, embora as disposições para o uso de transportes públicos sejam mais acentuadas entre os que possuem escolaridade mais elevada.

**Quadro 2.133** Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?

Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?	N	%
Estaria disposto	138	36,6
Já o faz	207	54,9
Não estaria disposto	32	8,5
Não sabe/Não responde	7	

**Quadro 2.134** Grupo etário/Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grupo etário	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
15-29	17	39	7
	27	61,9	11,1
	12,3	18,8	21,9
30-44	38	44	3
	44,7	51,8	3,5
	27,5	21,3	9,4
45-64	55	53	8
	47,4	45,7	6,9
	39,9	25,6	25
Mais de 65	28	71	14
	24,8	62,8	12,4
	20,3	34,3	43,8

Nota:  $\chi^2 = 20,284$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,232

**Quadro 2.135** Escolaridade/Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha)

Grau de Escolaridade	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Básico	34	85	14
	25,6	63,9	10,5
	24,6	41,1	43,8
Secundário	45	56	9
	40,9	50,9	8,2
	32,6	27,1	28,1
Superior	59	66	9
	44	49,3	6,7
	42,8	31,9	28,1

Nota:  $\chi^2 = 11,226$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,122

Em síntese, a maioria das pessoas que constituem esta amostra consideram que o clima está a mudar e que a ação humana é responsável pelas mudanças climáticas, estando muito preocupadas com o problema. Destaca-se o grupo etário dos 30 aos 49 anos com maior preocupação em relação ao ambiente. Quando questionadas sobre as causas das mudanças climáticas, cerca de 38,6% das pessoas responderam corretamente: “deve-se ao aumento da quantidade de dióxido de carbono na atmosfera”. A maior percentagem de respostas corretas recaiu sobre pessoas com níveis mais elevados de escolaridade.

No que se refere à atribuição de responsabilidades na procura de soluções para as mudanças climáticas, os inquiridos optam primeiramente por organismos internacionais e nacionais, deixando para segundo plano o exercício da responsabilidade a nível local e dos próprios cidadãos. Esta tendência contraria os resultados apurados a nível nacional (Schmidt, 2003).

É na opção de resposta referente à responsabilidade por parte dos cidadãos que se verificam associações estatisticamente significativas com as variáveis sexo, idade e escolaridade.

## 2.4 Como será Lisboa daqui a 30 anos?

Finalmente, confrontou-se os inquiridos com uma proposta de dois cenários distintos para Lisboa daqui a 30 anos. A sua construção foi inspirada por alguns indicadores referenciados no Plano Estratégico para as Alterações Climáticas em Cascais (Santos, 2010). Pretendia-se analisar as representações das pessoas face ao futuro, a partir de duas visões, sendo uma claramente mais pessimista que outra.

As opiniões dividem-se relativamente ao futuro da cidade. Para a maioria (60,4%), daqui a 30 anos Lisboa terá uma rede de transportes públicos não poluentes, e um ligeiro aumento da temperatura e redução da precipitação. Para cerca de 40%, predominarão as deslocações em transporte individual e o calor excessivo provocará doenças tropicais.

**Quadro 2.136** Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos?

Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos?	N	%
Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	195	60,4
Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais	128	39,6
Total	323	100
Não sabe/não responde	61	
Total	384	

Cerca de 70% das pessoas com um grau de instrução superior tem uma perspetiva mais otimista quanto ao futuro da cidade, e ainda os profissionais técnicos e de enquadramento (73%). Os mais pessimistas, em termos comparativos, encontram-se entre as pessoas que tem o grau de escolaridade básico (47,7%) e os operários (58,8%). Idade, situação familiar e contexto sócio-espacial não revelam associações estatisticamente significativas relativamente a estes cenários.

**Quadro 2.137** Escolaridade/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Grau de Escolaridade	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Básico	58	53
	52,3	47,7
	29,7	41,4
Secundário	54	40
	57,4	42,6
	27,7	31,3
Superior	83	35
	70,3	29,7
	42,6	27,3

$\chi^2 = 8,295$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,116

**Quadro 2.138** Categoria socioprofissional/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Categoria socioprofissional	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	16	7
	69,6	30,4
	9,1	6,1
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	81	30
	73	27,0
	46	26,1
Trabalhadores Independentes	4	5
	44,4	55,6
	2,3	4,3
Empregados Executantes	61	53
	53,5	46,5
	34,7	46,1
Operários	14	20
	41,2	58,8
	8	17,4

$\chi^2 = 16,629$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,239

O cenário mais otimista quanto ao futuro da cidade é partilhado por 68,5% das pessoas com orientação da autonomia, e o cenário mais pessimista partilhado por 62,5% de pessoas com orientação da heteronomia. A orientação da independência e da resistência não diferem substancialmente na sua partição entre otimistas e pessimistas. Observando os resultados em linha verifica-se que as pessoas com orientação da autonomia e que desenvolvem a expectativa de uma cidade com transportes públicos não poluentes e com ligeiro aumento da temperatura e redução da precipitação predominam relativamente ao total de respostas dadas (64,2%).



**Quadro 2.139** Índice de orientação social/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagem em linha)

Índice de orientações sociais	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Autonomia	124	57
	68,5	31,5
	64,2	46
Resistência	26	23
	53,1	46,9
	13,5	18,5
Independência	28	19
	59,6	40,4
	14,5	15,3
Heteronomia	15	25
	37,5	62,5
	7,8	20,2

$\chi^2 = 14,895$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,217

O gosto pelo planeamento do futuro e a apetência pela realização de projetos estão claramente associados a uma perspetiva de desenvolvimento positivo da cidade e á crença de que ocorrerão ligeiras mudanças climáticas. Como se pode observar cerca de 66,8% das pessoas que têm uma perspetiva mais otimista quanto ao futuro da cidade gostam de planear o futuro e 65,1% gostam de fazer projetos.

**Quadro 2.140** Gosta de planear o futuro?/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planear o Futuro?	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos	
	Terá uma rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Gosto muito/ Medianamente	165	82
	66,8	33,2
	85,1	64,1
Gosto pouco/ Não gosto	29	46
	38,7	61,3
	14,9	35,9

Nota:  $\chi^2 = 19,015$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,24

**Quadro 2.141** Costuma fazer projetos na sua vida?/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Costuma fazer projetos na sua vida	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos?	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Sim	168	90
	65,1	34,9
	86,2	70,3
Não	27	38
	41,5	58,5
	13,8	29,7

Nota:  $\chi^2 = 12,064$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,193

A convicção de que daqui a 30 anos Lisboa disporá de uma rede de transportes públicos não poluentes, de um ligeiro aumento da temperatura e redução da precipitação é partilhada com maior frequência pelas pessoas que se preocupam com o futuro das novas gerações. Cerca de 75% das das pessoas que revelam disponibilidade para fazer sacrifícios pelos outros têm uma visão mais otimista quanto ao futuro da cidade.

**Quadro 2.142** Gerações Futuras?/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gerações Futuras	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos?	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	144	78
	64,9	35,1
	74,6	62,4
Devemos apreciar o que conquistamos em Qualidade de Vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua Qualidade de Vida.	49	47
	51,0	49,0
	25,4	37,6

Nota:  $\chi^2 = 5,368$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,130

Por fim, são as pessoas que estão mais disponíveis para fazerem mudanças difíceis em prol do ambiente as que imaginam um cenário mais favorável para a cidade. Estes resultados manifestam-se tanto em linha (91,7%) quer em coluna (63,2%)

**Quadro 2.143** Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos?/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha)

Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos?	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/totalmente indisponível
Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	177	16
	91,7	8,3
	63,2	42,1
Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais	103	22
	82,4	17,6
	36,8	57,9

Subsiste a interrogação, poderão os resultados aqui apresentados sobre “Lisboa daqui a 30 anos” indiciar uma visão do futuro consonante com uma ética que valoriza a não só as questões ambientais a um nível local mas também valoriza a um nível global a continuação da espécie humana e o futuro da vida na terra?

A capacidade de criarmos cenários positivos para o futuro poderá certamente condicionar a nossa ação sobre esse futuro como aliás defendido por Bell e já observado por Merton (1968) a propósito das profecias que se auto realizam: se definimos as situações como reais, elas são reais em suas consequências.

### **3. Orientações sociais, reflexividade e futuro**

#### **3.1 O Tempo**

No ponto anterior destacou-se a variação na relação com o tempo com o futuro, com a sustentabilidade e as mudanças climáticas em termos de características sociais. Seguidamente vão analisar-se estas variações relativamente aos indicadores de tipo sócio-cultural como é o caso das orientações sociais.

A orientação da autonomia prevalece entre as pessoas que estão mais centradas no futuro (51%). Este valor decresce percentualmente nas categorias mais centradas no presente (34,7%) e no passado (14,4%).

Observando a orientação da resistência, verifica-se que as diferenças entre as pessoas que se centram no passado (27,9%) e no presente (26,2%) são bastante esbatidas. Por outro lado na orientação da independência verifica-se um fenómeno análogo mas agora entre as pessoas focadas no presente (42,3%) e as pessoas mais centradas no futuro (44,2%). Na orientação da heteronomia prevalecem percentagens mais elevadas na afirmação "sem projetos para o futuro a vida não tem sentido".

Analisando os dados em coluna, ou seja partindo das diferentes categorias temporais, nota-se que 59,2% das pessoas que se centram no futuro, partilham a orientação da autonomia; já no extremo oposto situam-se 11,5% de pessoas na orientação da heteronomia. De certo modo esta tendência replica-se nas restantes categorias temporais.

Fazendo uma leitura em coluna das percentagens em linha, confirma-se que a frase "sem projetos para o futuro a vida não tem sentido" é a mais escolhida pelas pessoas com orientação da autonomia.

Quando comparados os valores no âmbito das diferentes categorias temporais verifica-se que a categoria "recordar é viver e viver é recordar", apesar de minoritária, apresenta valores substancialmente mais elevados nas pessoas com orientação da autonomia, relativamente às pessoas com orientação para a resistência, independência ou heteronomia.

**Quadro 2.144** Índice de orientação social/Relação com o tempo (frequência, percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Relação com o tempo		
	Recordar é viver	Nascemos para viver intensamente o dia a dia	Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido
Autonomia	29	70	103
	14,4	34,7	51,0
	48,3	56,9	59,2
Independência	7	22	23
	13,5	42,3	44,2
	11,7	17,9	13,2
Resistência	17	16	28
	27,9	26,2	45,9
	28,3	17,9	16,1
Heteronomia	7	15	20
	16,7	35,7	47,6
	11,7	12,2	11,5

Verifica-se maior concentração de respostas tanto em linha como em coluna na categoria “sem projetos para o futuro, a vida não tem sentido”, com predominância na orientação da autonomia.

### 3.2 O Futuro

A análise do gosto pelo planejamento do futuro foi efetuada a partir de uma variável dicotomizada. Quando cruzamos o gosto pelo planejamento do futuro com o índice de orientação social, verifica-se que gostar muito ou medianamente é partilhado por 61,9% das pessoas com orientação da autonomia, em contraste com apenas 6,5% das pessoas com orientação da heteronomia. As orientações da independência e da resistência apresentam valores percentuais idênticos (16,5% e 15,1%).

As pessoas que gostam pouco ou não gostam de planejar o futuro têm maior expressão relativa nas orientações da heteronomia (60%) e da resistência (24,6 %).

A leitura em coluna dos resultados em linha confirma a maior incidência de pessoas com orientação da autonomia e o gosto pelo planejamento do futuro, quer relativamente às restantes orientações quer no âmbito da própria categoria.

**Quadro 2.145** Índice de orientação social/Gosto pelo planejamento (frequência, percentagem em linha, em coluna e em relação ao total)

Índice de orientação social	Gosta de planejar o Futuro	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Autonomia	172	36
	82,7	17,3
	61,9	40,4
Independência	42	11
	79,2	20,8
	15,1	12,4
Resistência	46	15
	75,4	24,6
	16,5	16,9
Heteronomia	18	27
	40	60
	6,5	30,3

Nota:  $\chi^2 = 37,122$ ;  $p = 0,000$  de Cramer = 0,318

A crença de que “o futuro a Deus pertence”, é acima de tudo compartilhada por quase 60% das pessoas com orientação da heteronomia e 57,1% das pessoas com orientação da resistência (quadro 2.146).

As pessoas com orientação da autonomia e da independência são as que mais discordam relativamente à crença de que o futuro está nas mãos de Deus (60,1% e 53,1%).

**Quadro 2.146** Índice de orientação social/O futuro está nas mãos de Deus? (frequência, percentagens em linha, e em coluna)

Índice de orientação social	O futuro está nas mãos de Deus	
	Concordo totalmente/ Concordo	Discordo/ Discordo totalmente
Autonomia	75	113
	39,9	60,1
	48,1	62,4
Independência	23	26
	46,9	53,1
	14,7	14,4
Resistência	32	24
	57,1	42,9
	20,5	13,3
Heteronomia	26	18
	59,1	40,9
	16,7	9,9

Nota:  $\chi^2 = 8,655$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,160

A orientação social da autonomia é a categoria que totaliza maior número de pessoas que concordam que o futuro depende de todos nós, apresentando as restantes orientações valores consideravelmente menores (quadro 2.147).

Salienta-se que a orientação da independência é a que tem menor expressão na relação com a afirmação de que o futuro depende de todos nós.

**Quadro 2.147** Índice de orientação social/O futuro depende de nós? (frequência, percentagem em linha, em coluna e em relação ao total)

Índice de orientação social	O futuro depende de todos nós?	
	Concordo totalmente/Concordo	Discordo/Discordo totalmente
Autonomia	148	52
	74	26,0
	56,5	59,8
Independência	29	20
	59,2	40,8
	11,1	23
Resistência	45	10
	81,8	18,2
	17,2	11,5
Heteronomia	40	5
	88,9	11,1
	15,3	5,7

Nota:  $\chi^2 = 12,661$ ;  $p = 0,05$  V de Cramer=0,190

A orientação social da autonomia é dominante no que respeita à preocupação com o futuro dos nossos e com o futuro dos outros: representa 62,8% das pessoas. No extremo oposto, a orientação da heteronomia: apenas 9% de pessoas que se preocupam com o futuro dos nossos familiares e com o futuro dos outros têm esta orientação.

**Quadro 2.148** Índice de orientação social/Futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Autonomia	34	174
	16,3	83,7
	39,5	62,8
Independência	14	38
	26,9	73,1
	16,3	13,7
Resistência	19	40
	32,2	67,8
	22,1	14,4
Heteronomia	19	25
	43,2	56,8
	22,1	9

Nota:  $\chi^2 = 18,118$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,223

As pessoas com orientação da autonomia não só representam percentualmente valores mais elevados quanto à preocupação com o futuro dos seus e dos outros, como também consideram que nos devemos preocupar com os problemas das próximas gerações (89,4% e 61,3%) (quadro 2.149).

A orientação da heteronomia é a mais escolhida pelas pessoas que concordam com a frase cada geração tem os seus problemas (51% e 37,1%)

**Quadro 2.149** Índice de orientação social/Problemas das próximas gerações (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Problemas das próximas gerações	
	Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	Cada geração tem os seus problemas
Autonomia	185	22
	89,4	10,6
	61,3	35,5
Independência	43	9
	82,7	17,3
	14,2	14,5
Resistência	52	8
	86,7	13,3
	17,2	12,9
Heteronomia	22	23
	48,9	51,1
	7,3	37,1

Nota:  $\chi^2 = 43,573$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,346

A preocupação com os problemas das próximas gerações está equitativamente distribuída pelas pessoas que detêm orientação da autonomia, da resistência e da independência (frequências superiores a 80% nas três orientações). Essa distribuição diminui substancialmente entre as pessoas que desenvolvem a orientação da heteronomia (48,9%). Observando agora os resultados referentes à modalidade de resposta “cada geração tem os seus problemas” verifica-se exatamente o inverso ou seja, destaca-se a



orientação da heteronomia com mais de metade de pessoas que consideram que cada geração tem os seus próprios problemas e deve ser ela a resolvê-los. As restantes orientações apresentam valores que oscilam entre os 10% e os 17%.

**Quadro 2.150** Índice de orientação social/Possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Possui algum tipo de poupança?	
	Sim	Não
Autonomia	136	72
	65,4	34,6
	59,9	51,8
Independência	39	14
	73,6	26,4
	17,2	10,1
Resistência	28	32
	46,7	53,3
	12,3	23
Heteronomia	24	21
	53,3	46,7
	10,6	15,1

Nota:  $\chi^2 = 11,455$ ;  $p = 0,01$  V de Cramer = 0,177

A apetência pela realização de projetos é partilhada pelas pessoas que desenvolvem orientação da autonomia e da independência (83% em ambas as orientações), porém observando os resultados em coluna verifica-se que o peso das pessoas que tem projetos de vida e que desenvolvem orientação da autonomia são substancialmente mais elevados (cerca de 60%), relativamente às pessoas que tem projetos e possuem orientação da independência (15%). O peso relativo das pessoas que não costumam fazer projetos de vida é maior na orientação da heteronomia (37,8%) e na orientação da resistência (26,2%).

**Quadro 2.151 Índice** de orientação social/Costuma fazer projetos na sua vida?/ (frequência, percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Costuma fazer projetos na sua vida?	
	Sim	Não
Autonomia	175	35
	83,3	16,7
	59,9	45,5
Independência	44	9
	83	17
	15,1	11,7
Resistência	45	16
	73,8	26,2,
	15,4	20,8
Heteronomia	28	17
	62,2	37,8
	9,6	22,1

Nota:  $\chi^2 = 11,584$ ;  $p < 0,01$  V de Cramer = 0,177

A mesma tendência verifica-se na intensidade com que as pessoas desenvolvem os seus projetos ou seja as pessoas que desenvolvem com mais frequência projetos a médio prazo repartem-se entre a orientação da autonomia (72,6%) e a orientação da independência (70,5%). Por outro lado as pessoas que mais raramente se situam no médio prazo detêm orientação da heteronomia e da resistência.

**Quadro 2.152** Índice de orientação social/Projetos a médio prazo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Projetos a médio prazo	
	Muita/Alguma	Pouca/Nunca
Autonomia	127	48
	72,6	27,4
	65,1	49,5
Independência	31	13
	70,5	29,5
	15,9	13,4
Resistência	24	21
	53,3	46,7
	12,3	21,6
Heteronomia	13	15
	46,4	53,6
	6,7	15,5

Nota:  $\chi^2 = 11,809$ ;  $p < 0,01$  V de Cramer = 0,201

### 3.3 A Sustentabilidade e as mudanças climáticas

A preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra mantém o mesmo padrão de respostas relativamente à preocupação com o futuro familiar e coletivo, ou seja: cerca de 94,3% das pessoas com orientação da autonomia pensam no futuro do planeta e da vida na terra com maior intensidade, valor sempre superior ao das pessoas que desenvolvem outro tipo de orientações. Prevalece junto das pessoas com orientação da heteronomia a tendência para pensarem menos no futuro do planeta e da vida na terra (26,7% e 29,3%).

**Quadro 2.153** Índice de orientação social/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Autonomia	198	12
	94,3	5,7
	60,4	29,3
Independência	46	7
	86,8	13,2
	14	17,1
Resistência	51	10
	83,6	16,4
	15,5	24,4
Heteronomia	33	12
	73,3	26,7
	10,1	29,3

Nota:  $\chi^2 = 19,177$ ;  $p = 0,000$ , V de Cramer=0,228

Quando se avalia a disponibilidade das pessoas para fazerem mudanças difíceis sabendo que podem contribuir para a melhoria do ambiente na cidade, verifica-se o mesmo padrão de respostas que encontramos no quadro anterior (2.123). As pessoas com maior disponibilidade para fazerem mudanças, detêm orientação da autonomia (90%) e as que estão menos predispostas à mudança identificam-se mais com a orientação da heronomia.

**Quadro 2.154** Índice de orientação social/disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Índice de orientação social	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/ totalmente indisponível
Autonomia	194	14
	93,3	6,7
	60,6	31,8
Independência	45	6
	88,2	11,8
	14,1	13,6
Resistência	49	11
	81,7	18,3
	15,3	25
Heteronomia	32	13
	71,1	28,9
	10,0	29,5

Nota:  $\chi^2 = 19,778$ ;  $p = 0,000$ ,  $V$  de Cramer = 0,233

Em síntese, a orientação da autonomia é a orientação social que mais se destaca quando se aprecia a sua ligação com os valores, práticas e representações sobre o futuro mais concretamente as variáveis gosto pelo planeamento, poupança, o futuro está nas mãos de todos nós, preocupação com o futuro familiar e coletivo e preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra. Salienta-se ainda que esta orientação social influencia a prática de sustentabilidade relacionada com a capacidade de promover mudanças que contribuam para a melhoria do ambiente.

Dos resultados apurados, constata-se que, apesar da maior adesão generalizada ao futuro, a intensidade com que as pessoas afirmam pensar antes tomar decisões aumenta globalmente quando passamos da adesão ao passado, para o presente e, depois, para o futuro. O centramento no passado é maior, comparativamente, nos menos reflexivos.

Conclui-se, apesar de tudo, não há associação significativa entre relação com o tempo e reflexividade.<sup>65</sup>

<sup>65</sup> Não existe relação estatisticamente significativa entre reflexividade e relação com o tempo.

**Quadro 2.155** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?/Relação com o tempo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Relação com o tempo		
	Recordar é viver	Nascemos para viver intensamente o dia a dia	Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido
Sempre/muitas vezes	48	106	144
	16,1	35,6	48,3
	75	83,5	80,9
Algumas vezes/ raramente ou nunca	16	21	34
	22,5	29,6	47,9
	25	16,5	19,1

Quem toma decisões sobre a sua vida com mais frequência são sobretudo (82%) pessoas que gostam de planear o futuro. Ao invés, entre as menos reflexivas prevalece o menor gosto pelo planeamento (52%).

**Quadro 2.156** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? Gosta de planear o futuro? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Gosta de planear o Futuro	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Sempre/muitas vezes	250	55
	82	18
	87,4	58,5
Algumas vezes/ raramente ou nunca	36	39
	48	52
	12,6	41,5

Nota:  $\chi^2 = 37,305$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,313

Apura-se, ainda, que a concordância com a afirmação de que o “futuro depende de todos nós” está principalmente associada, em termos relativos, aos que menos pensam antes de tomar decisões (86,3%). As pessoas que afirmam pensar com mais frequência antes de tomar decisões sobre a vida são aquelas que mais se preocupam com o futuro familiar e coletivo (79%). A preocupação exclusiva com os “nossos” filhos é mais acentuada,

comparativamente, entre as pessoas que raramente ou nunca tomam decisões sobre a vida (quadro 2.128).<sup>66</sup>

**Quadro 2.157** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?/O futuro depende de todos nós? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	O futuro depende de todos nós	
	Concordo totalmente/Concordo	Discordo/Discordo totalmente
Sempre/muitas vezes	206	80
	72	28
	76,6	88,9
Algumas vezes/ raramente ou nunca	63	10
	86,3	13,7
	23,4	11,1

Nota:  $\chi^2 = 6,305$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer=0,133

O mesmo se passa na preocupação com os problemas das próximas gerações. As pessoas com maior apetência pela tomada de decisões respondem mais favoravelmente a esta questão, com cerca de 86,5%. As pessoas que raramente ou nunca tomam decisões têm maior presença relativa na consideração de que cada geração deve resolver os seus próprios problemas.

**Quadro 2.158** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida/Futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes tomar decisões sobre a sua vida?	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Sempre/muitas vezes	63	237
	21	79
	71,6	82,6
Algumas vezes/ raramente ou nunca	25	50
	33,3	66,7
	28,4	17,4

Nota:  $\chi^2 = 5,082$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer=0,116

<sup>66</sup> Constata-se uma associação estatisticamente significativa nestas duas situações.

**Quadro 2.159** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida/Problemas das próximas gerações (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Problemas das próximas gerações	
	Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	Cada geração tem os seus problemas
Sempre/muitas vezes	262	41
	86,5	13,5
	83,7	65,1
Algumas vezes/ raramente ou nunca	51	22
	69,9	30,1
	16,3	34,9

Nota:  $\chi^2 = 11,630$ ;  $p = 0,001$  V de Cramer=0,176

As pessoas que mais refletem antes de tomar decisões sobre as suas vidas têm também maior apetência em fazer projetos ao longo da vida (82,7%). Este resultado verifica-se tanto na análise dos resultados em linha como em coluna.

**Quadro 2.160** Toma decisões sobre a sua vida/ Costuma fazer projetos na sua vida? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Costuma fazer projetos na sua vida	
	Sim	Não
Sempre/muitas vezes	253	53
	82,7	17,3
	84,1	65,4
Algumas vezes/ raramente ou nunca	48	28
	63,2	36,8
	15,9	34,6

Nota:  $\chi^2 = 13,886$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,191

Tal como se verificou relativamente às representações sobre o futuro familiar e coletivo, e à reflexividade, também nas representações sobre o futuro da vida na terra as pessoas que dizem refletir mais quando tomam decisões são as que mais se preocupam com essa questão (92,5%). Entre aqueles que poucas vezes ou raramente se preocupam com o futuro do planeta, 48,9% dizem refletir raramente ou nunca antes de decidir.



**Quadro 2.161** Toma decisões sobre a sua vida/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagem em linha em coluna e em relação ao total)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/ Raramente ou Nunca
Sempre/muitas vezes	283	23
	92,5	7,5
	84	51,1
Algumas vezes/ raramente ou nunca	54	22
	71,1	28,9
	16	48,9

Nota:  $\chi^2 = 26,906$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,265

Em síntese, a frequência com que se reflete antes de tomar decisões sobre a vida, aqui retomada como indicador de reflexividade, está associada ao gosto pelo planeamento do futuro, à concordância com a afirmação de que “o futuro depende de nós”, e à preocupação com o futuro familiar e coletivo e com o futuro da vida na terra.

A percentagem de inquiridos que afirmam refletir mais antes de decidir destaca-se entre aqueles que se mostram disponíveis para fazer mudanças difíceis se essas mudanças contribuíssem para a melhoria do ambiente na cidade. (quadro 2.162)

**Quadro 2.162** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa?

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa?	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/ totalmente indisponível
Sempre/muitas vezes	271	33
	89,1	10,9
	82,6	70,2
Algumas vezes/ raramente ou nunca	57	14
	80,3	19,7
	17,4	29,8

Nota:  $\chi^2 = 4,124$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,105

A reflexividade não está associada à representação social sobre a mudança do clima em Lisboa. A maioria das pessoas acha que é isso que se está a passar, independentemente do seu grau de reflexividade.

**Quadro 2.163** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?/Acha que o clima em Lisboa está a mudar? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Acha que o clima em Lisboa está a mudar?	
	Sim	Não
Sempre/muitas vezes	236	53
	81,7	18,3
	80,5	82,8
Algumas vezes/ raramente ou nunca	57	11
	83,8	16,2
	19,5	17,2

As pessoas que se preocupam mais intensamente com o fenómeno das mudanças climáticas, são sobretudo as que refletem mais antes de decidir (97%). Entre as pessoas menos preocupadas com as mudanças climáticas os menos reflexivos (47,1%) quase atingem a percentagem dos mais reflexivos.

**Quadro 2.164** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?/De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?	
	Muito/Moderadamente Preocupados	Pouco/Não devemos estar preocupados
Sempre/muitas vezes	294	9
	97	3
	81,4	52,9
Algumas vezes/ raramente ou nunca	67	8
	89,3	10,7
	18,6	47,1

Nota:  $\chi^2 = 8,291$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,148<sup>67</sup>

Quando se questionaram as pessoas acerca do grau de responsabilidade na procura de soluções para o problema das mudanças climáticas apenas se verificou uma associação estatisticamente significativa no quadro das oito possibilidades propostas. Essa relação refere-se às empresas. Cerca de 97% das pessoas que desenvolvem maiores níveis de reflexividade consideram que as empresas têm responsabilidades elevadas/médias na procura de soluções para as mudanças climáticas. Esta percentagem diminui sensivelmente

<sup>67</sup> (Uma célula tem valor inferior a 5).

quando consideramos as pessoas que refletem raras vezes antes de tomarem decisões (89,4%).

**Quadro 2.165** Pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?/Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter as empresas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter as empresas?	
	Elevado/Médio	Baixo/Nenhum
Sempre/muitas vezes	280	10
	96,6	3,4
	82,6	58,8
Algumas vezes/ raramente ou nunca	59	7
	89,4	10,6
	17,4	41,2

Nota:  $\chi^2 = 6,058$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,130<sup>68</sup>

#### 4. Relações com o tempo e com o futuro - índices

Iniciamos este ponto com a análise das possíveis ligações entre política e religião e tempo, futuro, sustentabilidade e mudanças climáticas no plano dos valores, práticas, e representações. Até que ponto o posicionamento político condiciona as representações sobre o tempo e sobre o futuro e as mudanças climáticas? Neste âmbito foram registadas escassas associações estatisticamente significativas.

**Quadro 2.166** Posicionamento político/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento Político	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Esquerda	175	18
	90,7	9,3
	71,4	52,9
Direita	70	16
	81,4	18,6
	28,6	47,1

Nota:  $\chi^2 = 4,786$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,131

<sup>68</sup> Uma célula tem valor inferior a 5%.

As pessoas que se posicionam politicamente à esquerda, expõem maior preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra (90,7%) face às que se posicionam à direita. Observando os resultados em coluna, na categoria “preocupa-se muitas vezes/algumas vezes” é notória a diferença entre as pessoas que se posicionam à esquerda (71,4%) e à direita (28,6%). Na coluna referente à opção “preocupa-se pouco ou raramente”, também prevalece o posicionamento à esquerda (52,9%) embora com valores mais aproximados aos do posicionamento à direita (47,1%).

**Quadro 2.167** Posicionamento Político/Receia que os recursos do planeta se esgotem? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento Político	Receia que os recursos do planeta se esgotem?	
	Sim	Não
Não centro	114	20
	85,1	14,9
	53,0	36,4
Centro	101	35
	74,3	25,7
	47,0	63,6

Nota:  $\chi^2 = 4,862$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,134

**Quadro 2.168** Posicionamento Político/Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento Político	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Esquerda	73	107	11
	38,2	56,0	5,8
	65,2	77,0	45,8
Direita	39	32	13
	46,4	38,1	15,5
	34,8	23,0	54,2

Nota:  $\chi^2 = 10,986$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,200

No que respeita a questões de sustentabilidade e ambiente, os inquiridos que se posicionam nos extremos da escala de posicionamento político receiam mais intensamente que os recursos do planeta se esgotem (85,1% e 53%) face aos que se posicionam no

centro. Quanto à disponibilidade para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, 56% das pessoas que se posicionam politicamente à esquerda afirmam já utilizarem os transportes públicos, e 38,1% das pessoas que se posicionam à direita dão a mesma resposta. Porém, a nível das intenções os resultados são inversos: 46,4% da direita política estariam na disposição de utilizar transportes públicos ou andarem a pé posicionam-se *versus* 38,2% na esquerda. Quanto às pessoas que não estariam nessa disposição 15,5% posicionam-se à direita e 5,8% posicionam-se à esquerda.

**Quadro 2.169** Posicionamento político/Acha que a ação humana é responsável pelas mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento político	Acha que a ação humana é responsável pelas mudanças climáticas?	
	Sim	Não
Não centro	130	3
	97,7	2,3
	51,2	23,1
Centro	124	10
	92,5	7,5
	48,8	76,9

Nota:  $\chi^2 = 3,907$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,121

**Quadro 2.170** Posicionamento político/Está mais preocupado com... (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento político	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro
Não centro	15	113
	11,7	88,3
	33,3	52,6
Centro	30	102
	22,7	77,3
	66,7	47,4

Nota:  $\chi^2 = 5,503$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,145

Acerca das representações sobre o clima evidencia-se uma pequena diferença percentual entre as pessoas que não se posicionam ao centro e que consideram a ação humana responsável pelas mudanças climáticas (97,7%) e as que se posicionam no centro (92,5%). Quanto à preocupação com o futuro mais imediato ou com o futuro longínquo,

evidencia-se uma preocupação mais premente com o futuro longínquo por parte das pessoas que se identificam com os extremos políticos (88,3%).

Os agnósticos/ateus são quem mais se preocupa com o futuro que integra familiares e outras pessoas (97%). As tomadas de posição dos católicos praticantes e dos católicos não praticantes são idênticas na preocupação com o futuro familiar e coletivo, com uma ligeira vantagem para os segundos.<sup>69</sup>

**Quadro 2.171** Posicionamento religioso/Preocupação com futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Posicionamento religioso	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Católico praticante	19	45
	29,7	70,3
	24,4	18
Católico não praticante	55	163
	25,2	74,8
	70,5	65,2
Agnóstico/Ateu	1	32
	3	97
	1,3	12,8
Outra religião	3	10
	23,1	76,9
	3,8	4

Nota:  $\chi^2 = 9,327$ ;  $p < 0,05$  de Cramer = 0,169<sup>70</sup>

Salienta-se que as variáveis respeitantes à orientação política e posicionamento religioso comportaram-se de modo relativamente independente face às práticas, valores e representações sociais referentes ao tempo, ao futuro e às mudanças climáticas, com exceção das opiniões relativas à afirmação “o futuro a Deus pertence”, e aos indicadores da preocupação com o futuro da vida na terra, e com o futuro familiar e coletivo.

No ponto 2 fizemos uma análise centrada nos valores, práticas e representações sobre tempo, futuro e mudanças climáticas e suas ligações com variáveis de natureza sociodemográfica, socioeducacional e socio profissional. Agora exploramos as ligações

<sup>69</sup> Excluiu-se da análise a categoria agnóstico /ateu por existir uma parcela com um único valor.

<sup>70</sup> Há uma célula com valor inferior a 5.

intrínsecas entre tempo, futuro e mudanças climáticas no pressuposto de que os modos de relacionamento das pessoas com o tempo condicionam não só a sua visão do futuro como também a sua representação relativamente às questões da sustentabilidade e das mudanças climáticas.

Iniciamos esta análise a partir das ligações entre tempo e futuro. O gosto pelo planeamento do futuro é partilhado por 84,9% das pessoas que se reveem na frase “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. As pessoas que gostam pouco ou não gostam de planear o futuro, optaram sobretudo pela frase “nascemos para viver intensamente o dia a dia” (37,1%).

**Quadro 2.172** Relação com o Tempo/Gosta de planear o futuro? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Gosta de planear o Futuro?	
	Gosto muito/ Medianamente	Gosto pouco/ Não gosto
Recordar é viver	36	29
	55,4	44,6
	12,8	32,6
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	93	33
	73,8	26,2
	33,1	37,1
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	152	27
	84,9	15,1
	54,1	30,3

Nota:  $\chi^2 = 23,242$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer=0,251

A afirmação “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”, reúne a maior parte das respostas na “preocupação com o futuro dos nossos e dos outros” (82,1%). Os resultados aqui expressos revelam que a categoria “recordar é viver”, mais centrada no passado, é a que reúne, em termos relativos, maior percentagem de pessoas que se preocupam exclusivamente com o futuro dos seus.

A transição do tempo passado para o presente, e depois para o futuro é acompanhada por uma preocupação crescente com o futuro familiar e coletivo.

**Quadro 2.173** Relação com o tempo/Preocupação com o Futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Recordar é viver	25	38
	39,7	60,3
	29,4	13,6
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	28	95
	22,8	77,2
	32,9	33,9
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	32	147
	17,9	82,1
	37,6	52,5

Nota:  $\chi^2 = 12,431$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,185

A preparação do futuro, aqui avaliada através da existência de algum tipo de poupança e pela apetência em fazer projetos para o futuro, apresenta um padrão de respostas idêntico após cruzamento com a variável em que se analisa a relação com o tempo. A categoria centrada no presente é a que concentra percentualmente maior número de respostas na declaração de posse de poupança (68,3%). Analisando em coluna, são, contudo, os orientados para o futuro que parecem poupar mais (48,7%).

**Quadro 2.174** Relação com o tempo/Possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Possui algum tipo de poupança?	
	Sim	Não
Recordar é viver	32	33
	49,2	50,8
	13,9	23,9
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	86	40
	68,3	31,7
	37,4	29,0
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	112	65
	63,3	36,7
	48,7	47,1

Nota:  $\chi^2 = 6,709$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,135



**Quadro 2.175** Relação com o tempo/Costuma fazer projetos na sua vida? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Costuma fazer projetos na sua vida?	
	Sim	Não
Recordar é viver	42	23
	64,6	35,4
	14,3	29,5
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	97	30
	76,4	23,6
	33,1	38,5
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	154	25
	86,0	14,0
	52,6	32,1

Nota:  $\chi^2 = 13,959$ ;  $p = 0,001$ ; V de Cramer = 0,194

Estas pessoas mais orientadas para o futuro são igualmente dominantes na realização de projetos (86%, quadro 2.175). E aqui a análise em coluna é convergente com esse resultado.

É ainda entre aqueles que valorizam a ideia de que “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”, que se verifica preocupação mais intensa com o futuro do planeta e da vida na terra (91,6%). Esta valorização vai diminuindo quando se passa para os que estão mais orientados para o presente (89%), e em seguida para os que se centram no passado (78,5%).

**Quadro 2.176** Relação com o tempo/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Recordar é viver	51	14
	78,5	21,5
	15,5	32,6
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	113	14
	89,0	11
	34,5	32,6
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	164	15
	91,6	8,4
	50	34,9

Nota:  $\chi^2 = 8,118$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,148

As pessoas centradas no presente e no futuro são aquelas que mais preocupadas se mostram com as mudanças climáticas (98,4% e 97,2%). Cerca de 53,3%, ou seja a maioria de pessoas que considera que não devermos estar muito preocupados com as mudanças climáticas valorizam sobretudo o passado.

Seguidamente exploramos as ligações entre tempo, sustentabilidade e mudanças climáticas. As representações sobre os efeitos das mudanças climáticas apresentam resultados bastante idênticos aos referentes à preocupação com as mudanças climáticas. As categorias em que se expressa maior apreensão face aos efeitos das mudanças climáticas (96% e 94,9%) coincidem com o centramento no presente e no futuro.

A análise em coluna das percentagens em linha reforça a associação entre valorização do futuro e maior intensidade de preocupação com as mudanças climáticas bem como com os seus efeitos.

**Quadro 2.177** Relação com o tempo/De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?	
	Muito/Moderadamente Preocupados	Pouco/Não devemos estar preocupados
Recordar é viver	56	8
	87,5	12,5
	15,9	53,3
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	124	2
	98,4	1,6
	35,1	13,3
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	173	5
	97,2	2,8
	49	33,3

Nota:  $\chi^2 = 14,342$ ;  $p = 0,001$  V de Cramer = 0,197<sup>71</sup>

<sup>71</sup> (existe uma célula com valor inferior a 5)

**Quadro 2.178** Relação com o tempo/Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão:(frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão:	
	Muito negativos/ Moderadamente negativos	Pouco negativos/Não serão negativos
Recordar é viver	53	8
	86,9	13,1
	15,7	36,4
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	119	5
	96	4
	35,2	22,7
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	166	9
	94,9	5,1
	49,1	40,9

Nota:  $\chi^2 = 6,435$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,134 <sup>72</sup>

A análise em coluna das percentagens em linha reforça a associação entre valorização do futuro e a maior intensidade de preocupação com as mudanças climáticas bem como os seus efeitos. Este facto pode ser constatado pelo aumento dos valores percentuais resultantes do cruzamento entre as categorias temporais e a preocupação com as mudanças climáticas e com os seus efeitos.

A disponibilidade para o uso de transportes públicos manifesta-se mais intensamente entre as pessoas que valorizam o futuro (40,9%), mas é entre os que estão mais ligados ao passado que se destacam os que já o fazem (cerca de 60%). Julga-se que esta última associação poderá dever-se a fatores económicos e ainda ao fator “idade”, uma vez que o grupo etário que mais valoriza o passado é composto por pessoas acima dos 65 anos.

A categoria temporal centrada no tempo presente apresenta valores médios nos diversos tipos de resposta.

Na leitura em coluna, são as pessoas que valorizam o tempo futuro aquelas que mais estariam dispostas a utilizar o transporte público e que mais o fazem atualmente.

<sup>72</sup> Existe uma célula com valor inferior a 5.

**Quadro 2.179** Relação com o tempo / Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Recordar é viver	15	38	10
	23,8	60,3	15,9
	11,2	19,0	33,3
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	47	67	11
	37,6	53,6	8,8
	35,1	33,5	36,7
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	72	95	9
	40,9	54	5,1
	53,7	47,5	30

Nota:  $\chi^2 = 10,707$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,121

Embora o grau de responsabilidade dos cidadãos na procura de soluções para as mudanças climáticas seja globalmente considerada como menos importante para os inquiridos relativamente à responsabilidade por parte de empresas, instituições governamentais nacionais e internacionais, e associações de defesa do quadro de vida, prevalecem ligações estatisticamente significativas deste indicador com uma série de variáveis como é o caso da relação das pessoas com o tempo. Os níveis de responsabilidade mais elevados correspondem à valorização do presente (94,4%) e do futuro (91,7%).

Na análise em coluna verifica-se que, quer nos graus mais elevados quer nos mais baixos de responsabilização dos cidadãos, predominam os que estão mais ligados ao futuro.

**Quadro 2.180** Relação com o tempo/Qual o grau de responsabilidade dos cidadãos na procura soluções para as mudanças climáticas (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Relação com o tempo	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
Recordar é viver	46	11
	80,7	19,3
	14,5	34,4
Nascemos para viver intensamente o dia a dia	118	7
	94,4	5,6
	37,1	21,9
Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido	154	14
	91,7	8,3
	48,4	43,8

Nota:  $\chi^2 = 9,098$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer=0,161

Em suma, as práticas, valores e representações sociais sobre o tempo, quando cruzadas com a orientação para o futuro, evidenciam associações significativas com o gosto pelo planeamento do futuro, o futuro familiar e coletivo, e o futuro do planeta e da vida na terra. Aquelas mesmas variáveis quando cruzadas com as opiniões sobre mudanças climáticas evidenciam associações com a valorização do futuro e a preocupação com o fenómeno das mudanças climáticas e seus efeitos, assim como com a disponibilidade para o uso de transportes públicos e com a responsabilidade dos cidadãos na procura de soluções para as mudanças climáticas.

Trata-se agora de averiguar como se relacionam entre si as variáveis que descrevem o futuro nas suas diversas dimensões: futuro pessoal, familiar e coletivo e o futuro da vida na terra.

Conforme anteriormente se constatou, as pessoas que globalmente consideram que “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido” são as que afirmam com maior frequência possuir poupanças e fazer projetos para as suas vidas.<sup>73</sup>

Aqui irá considerar-se o gosto pelo planeamento do futuro quando cruzado com as variáveis “possui algum tipo de poupança?” e “costuma fazer projetos na sua vida?” Tanto no primeiro caso como no segundo, os que mais gostam de planear o futuro são também aqueles que possuem poupanças e costumam fazer projetos.

<sup>73</sup> Sobre tempo e futuro, ver quadros 2.174 e 2.175

**Quadro 2.181** Gosta de planejar o futuro?/Possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o futuro?	Possui algum tipo de poupança?	
	Sim	Não
Gosto muito/ Medianamente	194	91
	68,1	31,9
	82,6	63,2
Gosto pouco/ Não gosto	41	53
	43,6	56,4
	17,4	36,8

Nota:  $\chi^2 = 17,941$ ;  $p=0,000$  V de Cramer=0,218

**Quadro 2.182** Gosta de planejar o futuro?/Costuma fazer projetos na sua vida? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o futuro?	Costuma fazer projetos na sua vida?	
	Sim	Não
Gosto muito/ Medianamente	260	27
	90,6	9,4
	86,4	33,3
Gosto pouco/ Não gosto	41	54
	43,2	56,8
	13,6	66,7

Nota:  $\chi^2 = 108,310$ ;  $p=0,000$ ; V de Cramer=0,532

Globalmente, o gosto pelo planejamento do futuro é acompanhado pela crescente preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra. Porém verifica-se que entre as pessoas que poucas vezes ou raramente se preocupam com o futuro da terra, não existe uma distância expressiva relativamente ao gosto pelo planejamento do futuro (51,1% gostam muito de planejar o futuro e 48,9% gostam pouco ou não gostam).

**Quadro 2.183** Gosta de planejar o futuro?/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o futuro?	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Gosto muito/ Medianamente	264	23
	92	8
	78,3	51,1
Gosto pouco/ Não gosto	73	22
	76,8	23,2
	21,7	48,9

Nota:  $\chi^2 = 15,751$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,203

A preocupação com os problemas das próximas gerações, e a disponibilidade para fazer sacrifícios pelos mais novos e para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa, aqui considerados como indicadores de sustentabilidade, apresentam resultados mais expressivos entre aqueles que possuem poupanças. Cerca de 88% consideram que devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações, 74,2% estão disponíveis para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa, e 90,9% estão disponíveis para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente na cidade.

Não deixa de ser revelante do ponto de vista sociológico a tendência para uma maior valorização das práticas de sustentabilidade quando relacionadas com o meio ambiente face às práticas mais diretamente relacionadas com os cidadãos.

**Quadro 2.184** Possui algum tipo de poupança?/Problemas das próximas gerações (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Possui algum tipo de poupança?	Problemas das próximas gerações	
	Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	Cada geração tem os seus problemas
Sim	204	28
	87,9	12,1
	65,6	43,8
Não	107	36
	74,8	25,2
	34,4	56,3

Nota:  $\chi^2 = 10,736$ ;  $p = 0,001$ ; V de Cramer = 0,169

**Quadro 2.185** Possui algum tipo de poupança?/Gerações futuras (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Possui algum tipo de poupança?	Gerações Futuras	
	Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	Devemos apreciar o que conquistamos em Qualidade de Vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua qualidade de vida.
Sim	170	59
	74,2	25,8
	65,9	52,7
Não	88	53
	62,4	37,6
	34,1	47,3

Nota:  $\chi^2 = 5,781$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,125

**Quadro 2.186** Possui algum tipo de poupança?/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Possui algum tipo de poupança?	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/ totalmente indisponível
Sim	210	21
	90,9	9,1
	64,2	44,7
Não	117	26
	81,8	18,2
	35,8	55,3

Nota:  $\chi^2 = 6,943$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,133

As preocupações com o futuro familiar e coletivo, com o futuro da vida na terra e a disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa são mais prementes entre os inquiridos que afirmam fazer projetos nas suas vidas; destes, 79,2% preocupam-se com o futuro dos seus e dos outros, 91,7% admitem que o futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas, enquanto 90,6% estão disponíveis para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa. Novamente, a preocupação mais diretamente relacionada com a preservação das gerações futuras surge menos valorizada face às mais associadas ao ambiente e à preservação da vida na terra.



A observação em coluna corrobora a tendência já mencionada de uma ligação entre a capacidade de fazer projetos e o envolvimento com o futuro familiar e coletivo, e com o futuro do planeta e da vida na terra.

**Quadro 2.187** Costuma fazer projetos na sua vida?/Futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Costuma fazer projetos na sua vida?	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Sim	62	236
	20,8	79,2
	70,5	81,7
Não	26	53
	32,9	67,1
	29,5	18,3

Nota:  $\chi^2 = 5,115$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,116

**Quadro 2.188** Costuma fazer projetos na sua vida?/Futuro da Vida na Terra (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Costuma fazer projetos na sua vida?	Futuro da Vida na Terra	
	O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas
Sim	25	275
	8,3	91,7
	61,0	80,9
Não	16	65
	19,8	80,2
	39	19,1

Nota:  $\chi^2 = 8,661$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,151

**Quadro 2.189** Costuma fazer projetos na sua vida?/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Costuma fazer projetos na sua vida?	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/ totalmente indisponível
Sim	270	28
	90,6	9,4
	81,8	59,6
Não	60	19
	75,9	24,1
	18,2	40,4

Nota:  $\chi^2 = 12,289$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,181

A pergunta “o futuro está nas mãos de quem?” apresentou associações significativas com a responsabilização das gerações relativamente ao futuro na Terra em dois casos (quadros 2.190 e 2.191). Os que acreditam que o futuro é sobretudo um problema das gerações mais novas destacam-se quer nos que acham que o futuro está nas mãos de Deus (62,5%), quer entre que acham que o futuro depende de todos nós (92,1%). O primeiro resultado é particularmente incisivo, já que os que acreditam que o futuro é problema de todas as gerações tendem a discordar de que o futuro esteja nas mãos de Deus.

Na análise em coluna não se verificam variações expressivas.

**Quadro 2.190** Futuro da vida na Terra/O futuro está nas mãos de Deus (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Futuro da Vida na Terra	O futuro está nas mãos de Deus	
	Concordo totalmente/ Concordo	Discordo/ Discordo totalmente
O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	25	15
	62,5	37,5
	15,3	8,1
O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas	138	170
	44,8	55,2
	84,7	91,9

Nota:  $\chi^2 = 4,452$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,113

Serão estas crenças relativas ao futuro da vida na terra compatíveis com a disponibilidade para se fazerem mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa? Das pessoas que estão totalmente disponíveis ou disponíveis em parte, cerca de 92,1% consideram que o futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas, sublinha-se ainda que 26,7% das pessoas que estão totalmente indisponíveis ou em disponíveis em parte, valorizam o futuro da vida na terra como sendo sobretudo um problema das gerações mais novas.

**Quadro 2.191** Futuro da vida na Terra/O futuro depende de todos nós (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Futuro da Vida na Terra	O futuro depende de todos nós	
	Concordo totalmente/Concordo	Discordo/Discordo totalmente
O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	35	3
	92,1	7,9
	12,9	3,4
O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas	236	84
	73,8	26,3
	87,1	96,6

Nota:  $\chi^2 = 6,221$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,132

Como já referido anteriormente, as pessoas têm mais facilidade em imaginar o futuro a médio prazo quando o relacionam com algo que lhes é próximo, como por exemplo o seu percurso de vida ou dos seus familiares. Será que a preocupação com o futuro da vida na terra está relacionada com a preocupação com os descendentes? Como se pode verificar, cerca de 80% das pessoas que se preocupam mais intensamente com o futuro do planeta e da vida na terra afirmam estar preocupadas com o futuro dos seus familiares e com o futuro das outras pessoas. Este valor é reforçado quando se analisa o resultado em coluna, ou seja 92% das pessoas que se preocupam com o seu futuro e com o das outras pessoas preocupam-se com maior frequência com o futuro do planeta.

**Quadro 2.192** Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?/Futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Muitas vezes/ Algumas vezes	67	266
	20,1	79,9
	76,1	92,0
Poucas/Raramente ou Nunca	21	23
	47,7	52,3
	23,9	8

Nota:  $\chi^2 = 16,554$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,210

Por fim centramo-nos nas relações entre futuro, sustentabilidade e mudanças climáticas.

É possível conciliar a preocupação com as grandes temáticas de carácter mais abstrato com a disponibilidade para se realizarem pequenas alterações no quotidiano em prol do ambiente? A resposta é positiva. A maior intensidade na preocupação com o futuro do planeta é acompanhada por maior disponibilidade para se proceder a mudanças ao nível local, conforme se pode observar no quadro abaixo.

**Quadro 2.193** Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/totalmente indisponível
Muitas vezes/ Algumas vezes	306	30
	91,1	8,9
	92,7	63,8
Poucas/Raramente ou Nunca	24	17
	58,5	41,5
	7,3	36,2

Nota:  $\chi^2 = 35,445$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,307

A disponibilidade para se fazerem sacrifícios pelas próximas gerações também é acompanhada pela disponibilidade para se fazerem mudanças difíceis que possam contribuir para a melhoria do ambiente na cidade: cerca de 92% das pessoas que estão mais disponíveis para fazer sacrifícios pelas novas gerações afirmam estar na disposição de fazer mudanças difíceis em prol do ambiente.

Constata-se por outro lado, que a indisponibilidade relativa à realização de mudanças no quotidiano é mais acentuada entre aqueles que consideram que devemos apreciar o que conquistamos em qualidade de vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua qualidade de vida (55,6%).

**Quadro 2.194** Gerações Futuras/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gerações Futuras	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/totalmente indisponível
Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	235	20
	92,2	7,8
	73	44,4
Devemos apreciar o que conquistamos em qualidade de vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua qualidade de vida.	87	25
	77,7	22,3
	27	55,6

Nota:  $\chi^2 = 15,163$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,203

Da interseção entre orientação para o futuro e representações sociais sobre as mudanças climáticas, assume especial relevância a associação entre a variável “gosto pelo planeamento do futuro”.

O gosto pelo planeamento do futuro é acompanhado, em 86,3% dos casos, pela preocupação com um futuro mais longínquo traduzida na frase “estou mais preocupado com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro”. A preocupação com o futuro próximo, imediato, traduzido pela frase “estou mais preocupado com o tempo que vai fazer no próximo verão” é, em geral, menos expressiva, e partilhada por cerca de 23% de pessoas que gostam pouco ou não gostam de planear o futuro.

**Quadro 2.195** Gosta de planejar o futuro /Está mais preocupado com: (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o futuro?	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro
Gosto muito/ Medianamente	37	234
	13,7	86,3
Gosto pouco/ Não gosto	66,1	78,5
	19	64
	22,9	77,1
	33,9	21,5

Nota:  $\chi^2 = 4,072$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,107

Quando se coloca diretamente a questão “De uma forma geral, pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?”, obtêm-se mais de 97% de respostas afirmativas, essas respostas coincidem com uma maior apetência pelo planeamento do futuro. Estes valores diminuem sensivelmente quando apreciamos a interseção entre as pessoas que menos apreciam planejar o futuro com a preocupação em relação às mudanças climáticas, cerca de 90%.

**Quadro 2.196** Gosta de planejar o Futuro/De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o Futuro	De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?	
	Muito/Moderadamente Preocupados	Pouco/Não devemos estar preocupados
Gosto muito/ Medianamente	277	8
	97,2	2,8
Gosto pouco/Não gosto	76,7	47,1
	84	9
	90,3	9,7
	23,3	52,9

Aparentemente, a disponibilidade para o uso de transportes públicos, é mais elevada entre as pessoas que gostam de planejar o futuro (40,8% relativamente a 23,7% que gostam pouco de planejar o futuro). Mas nas pessoas que afirmam já utilizar os transportes públicos

sobressaem os que tem pouca apetência para o planeamento do futuro (63,4%). Entre as pessoas que gostam pouco ou não gostam de planear o futuro têm maior peso comparativo os que não estariam na disposição de usar transportes públicos (12,9% *versus* 7,1%).

Em síntese, a disposição para o uso de transportes públicos está intensamente associada ao gosto pelo planeamento do futuro.

**Quadro 2.197** Gosta de planear o futuro?/Estaria disponível para usar transportes públicos andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planear o Futuro?	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Gosto muito/ Medianamente	115	147	20
	40,8	52,1	7,1
	83,9	71,4	62,5
Gosto pouco/ Não gosto	22	59	12
	23,7	63,4	12,9
	16,1	28,6	37,5

Nota:  $\chi^2 = 10,010$ ;  $p < 0,01$  V de Cramer = 0,163

Quanto à questão relativa à responsabilidade individual e institucional na procura de soluções para as mudanças climáticas, observa-se que o gosto de planear o futuro está claramente correlacionado com a responsabilização dos cidadãos (93,1% em linha e 78,2% em coluna). Dito de outro modo, a assunção da responsabilidade de ação sobre o devir é mais intensa entre aqueles que tem maior apetência para o seu planeamento.

**Quadro 2.198** Gosta de planejar o futuro?/Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o Futuro?	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos?	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
Gosto muito/ Medianamente	255	19
	93,1	6,9
	78,2	57,6
Gosto pouco/ Não gosto	71	14
	83,5	16,5
	21,8	42,4

Nota:  $\chi^2 = 7,068$ ;  $p < 0,01$  V de Cramer = 0,14

Tanto a preocupação com o futuro familiar e coletivo, como a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra estão associadas à preocupação com as mudanças climáticas e à responsabilização dos cidadãos na procura de soluções face ao problema.

A preocupação com os problemas das próximas gerações está presente na grande maioria pessoas que estão muito ou moderadamente preocupadas com as mudanças climáticas (84,9%). Mais de 50% das pessoas que declaram que cada geração tem os seus problemas e que devem ser elas a resolvê-los estão pouco preocupadas com a questão das mudanças climáticas.

A preocupação com o futuro do planeta é partilhada por cerca de 98% de pessoas que se preocupam com as mudanças climáticas. Esta posição é reforçada pela análise dos resultados em coluna. Verifica-se ainda que 22,7% das pessoas que raramente se preocupam com o futuro da vida na terra estão pouco preocupadas com as mudanças climáticas.



**Quadro 2.199** De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?/ Problemas das próximas gerações (frequência e percentagens em linha e em coluna)<sup>74</sup>

De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?	Problemas das próximas gerações	
	Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	Cada geração tem os seus problemas
Muito/Moderadamente Preocupados	304	54
	84,9	15,1
	97,7	85,7
Pouco/Não devemos estar preocupados	7	9
	43,8	56,3
	2,3	14,3

Nota:  $\chi^2 = 18,529$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,223

**Quadro 2.200** De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?/ Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)<sup>75</sup>

De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Muito/Moderadamente Preocupados	329	7
	97,9	2,1
	90,6	41,2
Pouco/Não devemos estar preocupados	34	10
	77,3	22,7
	9,4	58,8

Nota:  $\chi^2 = 38,798$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,320

Apurando as responsabilidades dos cidadãos face às mudanças climáticas, constata-se que 92,7% das pessoas que estão muito ou moderadamente preocupadas com as mudanças climáticas consideram que nos devemos preocupar com os problemas das

<sup>74</sup> Uma célula tem um valor inferior a 5.

<sup>75</sup> Uma célula tem um valor inferior a 5.

próximas gerações. Por outro lado cerca de 20% das pessoas que consideram que cada geração tem os seus problemas atribui um grau de responsabilidade baixo aos cidadãos na procura de soluções para as mudanças climáticas.

**Quadro 2.201** Problemas das próximas gerações/Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Problemas das próximas gerações	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos?	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações	278	22
	92,7	7,3
	86,1	66,7
Cada geração tem os seus problemas	45	11
	80,4	19,6
	13,9	33,3

$\chi^2 = 8,502$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer = 0,155

Observa-se ainda que a disponibilidade para se fazerem sacrifícios pelas próximas gerações é mais intensa entre as pessoas que julgam que os cidadãos devem ter um elevado grau de responsabilidade na procura de soluções para o problema das mudanças climáticas (73,4%). Embora não haja variação percentual entre as pessoas que estão disponíveis para fazer sacrifícios pelos outros e as pessoas que acham que cada geração tem os seus problemas (50% em ambos os casos), os resultados em coluna demonstram que existe maior peso percentual das pessoas que consideram que os cidadãos têm reduzida responsabilidade na procura de soluções para o problema das mudanças climáticas. Essas pessoas, 15,8% relativamente ao total alimentam a convicção de que devemos apreciar o que já conquistámos e deixar que os mais novos controlem o curso das suas vidas.

**Quadro 2.202** Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos?/Gerações Futuras (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos?	Gerações Futuras	
	Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa	Devemos apreciar o que conquistamos em qualidade de vida e deixar que as próximas gerações conquistem a sua qualidade de vida
Elevado/Médio	235	85
	73,4	26,6
	93,6	84,2
Baixo/Nenhum	16	16
	50,0	50,0
	6,4	15,8

Nota:  $\chi^2 = 7,810$ ;  $p = 0,05$ ; V de Cramer = 0,149

A preocupação com o futuro familiar e coletivo quando traduzida na preocupação pelo futuro dos nossos filhos e com os filhos dos outros surge associada a uma maior responsabilização dos cidadãos face à questão das mudanças climáticas (80,7%). Este resultado é reforçado pela análise em coluna onde 93,5% do total de respostas dizem precisamente respeito a essas pessoas.

**Quadro 2.203** Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos?/Futuro familiar e coletivo (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos?	Futuro familiar e coletivo	
	Preocupação com futuro dos nossos	Preocupação com futuro dos nossos e dos outros
Elevado/ Médio	62	259
	19,3	80,7
	80,5	93,5
Baixo/ Nenhum	15	18
	45,5	54,5
	19,5	6,5

Nota:  $\chi^2 = 12,013$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,184

**Quadro 2.204** Costuma fazer projetos na sua vida?/Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos

Costuma fazer projetos na sua vida	Como acha que será Lisboa daqui a 30 anos	
	Terá rede transportes públicos não poluentes. Ligeiro aumento temperatura e redução da precipitação	Deslocações em transporte individual predominantes. Calor excessivo e doenças tropicais
Sim	168	90
	65,1	34,9
	86,2	70,3
Não	27	38
	41,5	58,5
	13,8	29,7
Total	195	128
	60,4	39,6
	100	100

Nota:  $\chi^2=12,064$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,193

Fazer projetos para a vida é indiciador do empenho em se preparar o futuro. As práticas quotidianas são mais reais e imediatas do que os projetos, e algumas visam a melhoria do quadro de vida das pessoas como o caso da disponibilidade para usar transportes públicos não poluentes. Observa-se que cerca de 50,7% das pessoas que apreciam fazer projetos para as suas vidas já utilizam transportes públicos ou preferem mesmo andar a pé ou de bicicleta, seguindo-se as que estariam dispostas (41,6%). Estes resultados totalizam 92,3%, enquanto entre os que não costumam fazer projetos este total é apenas de 88,9%.

**Quadro 2.205** Costuma fazer projetos na sua vida?/Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Costuma fazer projetos na sua vida?	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Sim	123	150	23
	41,6	50,7	7,8
	89,1	72,5	71,9
Não	15	57	9
	18,5	70,4	11,1
	10,9	27,5	28,1

Nota:  $\chi^2 = 14,548$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer=0,196

Apreciando agora os resultados acerca das representações sobre o clima e a preocupação com o futuro do planeta, confirma-se que 90,8% das pessoas que mais se preocupam com o futuro do planeta e da vida na terra afirmam que o clima em Lisboa está a mudar, por outro lado 18,8% das pessoas das pessoas que raramente se preocupam com o futuro da vida na terra acham que o clima na cidade não vai mudar.

**Quadro 2.206** Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?/Acha que o clima em Lisboa está a mudar? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Acha que o clima em Lisboa está a mudar	
	Sim	Não
Muitas vezes/ Algumas vezes	268	52
	83,8	16,3
	90,8	81,3
Poucas/Raramente ou Nunca	27	12
	69,2	30,8
	9,2	18,8

$\chi^2 = 5,003$ ;  $p < 0,05$  V de Cramer=0,118

Esta preocupação com o futuro do planeta é largamente sentida não só pelas pessoas que consideram que o clima está a mudar como também por aqueles que têm a convicção que os efeitos das mudanças climáticas serão negativos, cerca de 90,5% relativamente ao total da amostra.

**Quadro 2.207** Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?/Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão: (frequência e percentagens em linha e em coluna)<sup>76</sup>

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão:	
	Muito negativos/ Moderadamente negativos	Pouco negativos/Não serão negativos
Muitas vezes/ Algumas vezes	315 96 90,5	13 4 59,1
Poucas/Raramente ou Nunca	33 78,6 9,5	9 21,4 40,9

$\chi^2 = 20,308$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,234

Apurou-se que as representações sobre o futuro, designadamente as referentes às perguntas “o gosto pelo planeamento do futuro”, “o futuro a quem pertence?”, “a preocupação com o futuro familiar e coletivo”, “a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra” estão associadas ao exercício da cidadania traduzido em níveis de responsabilidade elevados na procura de soluções para o problema das mudanças climáticas. Estas representações estão igualmente associadas, à preocupação com as mudanças climáticas e seus efeitos.

O futuro da vida na terra, quando considerado tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas, é principalmente partilhado por cerca de 94% de pessoas que consideram mais elevado o grau de responsabilidade dos cidadãos na procura de soluções para as mudanças climáticas (é também esta associação que se destaca na análise em coluna, com 92%). A menor assunção de responsabilização por parte dos cidadãos, em termos relativos, encontra-se entre os que acham que o futuro na terra é sobretudo problema das gerações mais novas (29,7% em linha e 33,3% em coluna).

<sup>76</sup> Uma célula tem valor inferior a 5.

**Quadro 2.208** Futuro da Vida na Terra / Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Futuro da Vida na Terra	Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter os cidadãos	
	Elevado/ Médio	Baixo/ Nenhum
O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	26	11
	70,3	29,7
	8	33,3
O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas	300	22
	93,2	6,8
	92,0	66,7

Nota:  $\chi^2 = 20,845$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,241

Tentou-se confirmar se as pessoas que afirmam preocupar-se mais intensamente com o futuro do planeta também se preocupam com o longo prazo, formulando, para o efeito, a questão “Está mais preocupado com o tempo que irá fazer no próximo verão ou com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro?” De facto, apreciando os resultados, verifica-se que 87,5% das pessoas que estão mais preocupadas com o futuro do planeta também se preocupam com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro. É, igualmente, entre estas duas categorias que surge a maior percentagem na leitura em coluna (93,3%). Cerca de 44,4% das respostas correspondem a uma preocupação mais imediatista, relacionando menor preocupação com o futuro do planeta e atenção centrada no tempo que irá fazer no próximo verão.

Partiu-se de pressuposto idêntico ao analisar a relação entre a pergunta “receia que os recursos do planeta se esgotem?” e as preocupações com o futuro próximo/longínquo (aqui traduzidas pela preocupação com o próximo verão ou com as mudanças climáticas que poderão ocorrer). Independentemente do receio que as pessoas afirmem ter face à escassez de recursos, é certo que estão geralmente mais preocupadas com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro. Porém verifica-se que as maiores percentagens em linha e em coluna dizem respeito à associação entre os que têm tal receio e os que estão preocupados com as mudanças climáticas (87% e 86,7% respetivamente). Cerca de 27% das pessoas que estão preocupadas com o futuro imediato, ou seja com o tempo que vai fazer no próximo verão, não receiam que os recursos se esgotem.

**Quadro 2.209** Preocupa-se com o futuro da Vida na Terra?/Está mais preocupado com: (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro
Muitas vezes/ Algumas vezes	40	280
	12,5	87,5
	71,4	93,3
Poucas/Raramente ou Nunca	16	20
	44,4	55,6
	28,6	6,7

Nota:  $\chi^2 = 24,911$ ;  $p = 0,000$ ; V de Cramer = 0,265

**Quadro 2.210** Receia que os recursos do planeta se esgotem/Está mais preocupado com: (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Receia que os recursos do planeta se esgotem	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro
Sim	38	255
	13,0	87
	73,1	86,7
Não	14	39
	26,4	73,6
	26,9	13,3

Nota:  $\chi^2 = 6,354$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,136

O receio que os recursos do planeta se esgotem é acompanhado pela maior disponibilidade em se proceder a mudanças que contribuam para a melhoria do ambiente na cidade (90,3% em linha e 84,1% em coluna).



**Quadro 2.211** Receia que os recursos do planeta se esgotem/Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Receia que os recursos do planeta se esgotem	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/totalmente indisponível
Sim	269	29
	90,3	9,7
	84,1	69,0
Não	51	13
	79,7	20,3
	15,9	31

Nota:  $\chi^2 = 5,751$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,126

Em conclusão, as pessoas que mais se preocupam com o futuro familiar e coletivo estão mais apreensivas relativamente ao futuro da vida na terra e às mudanças climáticas. Consideram ainda que a responsabilização dos cidadãos face ao problema das mudanças climáticas é elevada. A preocupação com o futuro do planeta é fonte de maior preocupação entre as pessoas que acham que o clima em Lisboa vai mudar e que os seus efeitos serão negativos.

#### 4.1 Índice de orientação prospetiva

Dando sequência à apreciação das variáveis constitutivas das representações sociais sobre tempo, futuro e mudanças climáticas, passou-se à fase de composição dessas variáveis em índices. Deste modo, e como se pode visualizar no modelo analítico, foram construídos quatro índices: índice de orientação prospetiva, índice de orientação para a sustentabilidade na sua relação com as gerações futuras, índice de sustentabilidade em relação com a preservação do ambiente, e finalmente índice de orientação em relação às mudanças climáticas. Estes índices são constituídos pelo menos por um indicador de valores e outro de práticas sociais.

O índice de orientação prospetiva foi criado com o objetivo de avaliar a capacidade dos atores sociais valorizarem e agirem sobre o futuro. Neste caso, operacionalizado nas perguntas “gosta de planear o futuro?”, “costuma fazer projetos para a vida?”, e “possui algum tipo de poupança?”

**Quadro 2.212** Gosta de planejar o Futuro?/Possui algum tipo de poupança? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Gosta de planejar o Futuro?	Possui algum tipo de poupança?	
	Sim	Não
Gosto muito/ Medianamente	194	91
	68,1	31,9
Gosto pouco/ Não gosto	82,6	63,2
	41	53
	43,6	56,4
	17,4	36,8

Nota:  $\chi^2 = 17,941$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,218

O índice de orientação prospetiva (resultante do cruzamento dos indicadores “gosto pelo planeamento do futuro” e “possui algum tipo de poupança?”) revelou associações significativas com a idade e escolaridade dos inquiridos, e ainda com a orientação social e a reflexividade (quadros 2.213, 2.214, 2.215 e 2.216).

À partida, verifica-se que em todos os grupos etários prevalece a condição “gosta de planejar o futuro e possui poupanças”, porém se adicionarmos àquela primeira categoria, a categoria “gosta de planejar e não possui poupanças”, são os mais jovens que maior gosto têm pelo planeamento independentemente da sua capacidade de poupar (82%). Muito próximo deste grupo etário está o grupo das pessoas com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos. A categoria “não gosta de planejar o futuro e não possui poupanças” tem maior expressão percentual relativa entre os maiores de 65 anos (22,1%). É também no âmbito deste grupo etário que se verificam valores mais elevados na categoria “não gosta de planejar o futuro e possui poupanças (15,9%).

**Quadro 2.213** Grupo etário/Índice de orientação prospetiva (frequência e percentagens em linha)

Grupo etário	Índice orientação prospetiva			
	Gosta de planejar o futuro e possui poupanças	Gosta de planejar o futuro e não possui poupanças	Não gosta de planejar o futuro e possui poupanças	Não gosta de planejar o futuro e não possui poupanças
15-29	34	18	7	4
	54	28,6	11,1	6,3
30-44	52	17	8	10
	59,8	19,5	9,2	11,5
45-64	69	25	8	14
	59,5	21,6	6,9	12,1
Mais de 65	39	31	18	25
	34,5	27,4	15,9	22,1

$\chi^2 = 24,422$ :  $p=0,000$  V de Cramer=0,286

À medida que se vai avançando no nível de escolaridade, maior é a percentagem de pessoas que “gosta de planejar o futuro e possui poupanças”; 73,5% dos inquiridos com nível de escolaridade superior responde desta maneira. No outro extremo, é no ensino básico que se verificam mais respostas na categoria “não gosta de planejar o futuro e não possui poupanças” (26,3%). É igualmente neste grau de ensino que as respostas “não gosta de planejar o futuro e possui poupanças” e “gosta de planejar o futuro e não possui poupanças” ocorre mais frequentemente em termos comparativos (14,3% e 30,8% respetivamente).

**Quadro 2.214** Grau de escolaridade/Índice de orientação prospetiva (frequência e percentagens em linha)

Grau de Escolaridade	Índice orientação prospetiva			
	Gosta de planejar o futuro e possui poupanças	Gosta de planejar o futuro e não possui poupanças	Não gosta de planejar o futuro e possui poupanças	Não gosta de planejar o futuro e não possui poupanças
Básico	38	41	19	35
	28,6	30,8	14,3	26,3
Secundário	56	27	14	13
	50,9	24,5	12,7	11,8
Superior	100	23	8	5
	73,5	16,9	5,9	3,7

$\chi^2 = 62,072$ :  $p=0,000$  V de Cramer=0,286

Até que ponto as orientações sociais são estruturantes da orientação para o futuro? Observa-se que as as pessoas que equilibram o interesse pelo planejamento do futuro e a prática de poupança estão maioritariamente representadas em todas as orientações sociais com exceção da orientação da heteronomia. (orientação da independência 62,3%, orientação da autonomia 58,7%, e orientação da resistência 41,7%. Cerca de 30% das pessoas que não gostam de planejar o futuro e que não detêm poupanças desenvolvem orientação da heteronomia.

A intensidade com que as pessoas tomam decisões sobre as suas vidas está claramente associada ao gosto pelo planejamento e à prática de poupança. Os resultados em linha exibem 55,4% das respostas concentradas na categoria “gosta de planejar o futuro e possui poupanças”. As pessoas que reúnem em simultâneo estas duas condições são mais reflexivas.

**Quadro 2.215** Índice de orientações sociais/Índice de orientação prospetiva (frequência e percentagens em linha)<sup>77</sup>

Índice de orientações sociais	Índice orientação prospetiva			
	Gosta de planejar o futuro e possui poupanças	Gosta de planejar o futuro e não possui poupanças	Não gosta de planejar o futuro e possui poupanças	Não gosta de planejar o futuro e não possui poupanças
Autonomia	121 58,7	50 24,3	15 7,3	20 9,7
Independência	33 62,3	9 17	6 11,3	5 9,4
Resistência	25 41,7	20 33,3	3 5	12 20
Heteronomia	11 24,4	7 15,6	13 28,9	14 31,1

$\chi^2 = 48,584$ ;  $p = 0,000$  V de Cramer = 0,211

<sup>77</sup> Uma célula tem valores inferiores a 5.

**Quadro 2.216** Reflexividade/Índice de orientação prospetiva (frequência e percentagens em linha)

Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	Índice orientação prospetiva			
	Gosta de planear o futuro e possui poupanças	Gosta de planear o futuro e não possui poupanças	Não gosta de planear o futuro e possui poupanças	Não gosta de planear o futuro e não possui poupanças
Sempre/muitas vezes	168 55,4	80 26,4	24 7,9	31 10,2
Algumas vezes/raramente ou nunca	26 35,1	10 13,5	17 23	21 28,4

$$\chi^2 = 35,497; p=0,000 \text{ V de Cramer}=0,307$$

O índice de orientação prospetiva aqui analisado surge aparentemente condicionado pela idade e pela escolaridade. Tanto as orientações sociais como a reflexividade admitem ligeiras variações neste índice.

## 4.2 Índice de sustentabilidade (gerações futuras)

A sustentabilidade, cujo significado fundamental é a preservação da continuidade da humanidade (das gerações vindouras) e da vida natural em geral, pressupõe a valorização da espécie humana e do ambiente. Embora homem e natureza sejam entidades indissociáveis, na operacionalização optou-se por distinguir a orientação para a sustentabilidade das gerações futuras, da orientação para a sustentabilidade ambiental.

A construção do índice de sustentabilidade das gerações futuras resultou da exploração analítica dos cruzamentos entre indicadores referentes às perguntas “O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas ou também da nossa?”, “Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?”, “Receia que os recursos do planeta se esgotem?”, “Estou disponível para fazer alguns sacrifícios para que as próximas gerações possam ter pelo menos uma qualidade de vida como a nossa’ *versus* ‘Devemos apreciar o que conquistámos em termos de qualidade de vida e deixar que as próximas gerações possam também conquistar as suas próprias condições de vida”, e “É membro de alguma associação de defesa do ambiente?”.

A análise das variáveis que em nosso entender melhor refletem a problemática da sustentabilidade na sua relação com as gerações futuras não foi conclusiva no que respeita à construção de índices que permitissem sustentar relações estatisticamente significativas com variáveis quer de natureza sociocultural quer com as orientações sociais. No entanto,

considerámos importante mencionar a título de exemplo este índice que nos aponta para uma ligação mais forte entre a preocupação com o futuro do planeta e a crença de que o futuro da vida na terra é um problema de todos nós.

**Quadro 2.217** Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?/Futuras gerações (frequência e percentagens em linha)

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Futuras gerações	
	O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas	O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas
Muitas vezes/ Algumas vezes	33 9,8	305 90,2
Poucas/Raramente ou Nunca	8 18,6	35 81,4

Pese embora a fraca consistência deste índice de sustentabilidade verifica-se que uma vez cruzado com a reflexividade revela resultados importantes. Cerca de 85% das pessoas mais reflexivas preocupam-se não só com o futuro do planeta como consideram que é um problema não só da nossa geração como um problema das gerações mais novas.

**Quadro 2.218** Índice de sustentabilidade (gerações futuras)/Com que frequência pensa antes de toma decisões sobre a sua vida (frequência e percentagens em linha)<sup>78</sup>

Índice de sustentabilidade (gerações futuras)	Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?	
	Sempre/ muitas vezes	Algumas vezes/ raramente ou nunca
Preocupa-se com futuro do planeta e considera-o um problema das gerações mais novas	26 78,8	7 21,2
Preocupa-se com o futuro do planeta e considera-o tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas	256 84,5	47 15,5
Não se preocupa com o futuro do planeta e considera-o sobretudo um problema das gerações mais novas	0 0	8 100
Não se preocupa com o futuro do planeta e considera-o tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas	21 60	14 40

Nota:  $\chi^2 = 44,507$ ;  $p=0,000$ ;  $V$  de Cramer= $0,343$

<sup>78</sup> Uma célula tem valores inferiores a 5.

### 4.3 Índice de sustentabilidade (preservação do ambiente)

O índice de sustentabilidade no sentido da preservação ambiental resulta do cruzamento entre as perguntas “Estaria disponível para fazer mudanças difíceis na minha vida se elas contribuíssem para a melhoria do ambiente na cidade de Lisboa?” e “Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?”

Como se pode constatar são as pessoas que mais desenvolvem práticas de sustentabilidade como por exemplo as que investem na compra de eletrodomésticos “verdes” as que demonstram no plano das representações estarem mais dispostas a fazerem mudanças difíceis com vista à melhoria do ambiente na cidade (47,3%).

**Quadro 2.119** Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuíssem para a melhoria do ambiente em Lisboa/Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros? (frequência e percentagens em linha)

Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuíssem para a melhoria do ambiente em Lisboa?	Estaria disponível para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Totalmente disponível/ disponível em parte	138 37,9	172 47,3	13 3,6
Indisponível em parte/totalmente indisponível	13 3,6	16 4,4	12 3,3

Nota:  $\chi^2=36,246$ ;  $p=0,000$ ; V de Cramer=0,316

Tal como o referido relativamente ao índice de sustentabilidade na componente da preservação das gerações futuras, também índice não revelou qualquer associação estatisticamente significativa com as variáveis de natureza sociocultural ou mesmo com as orientações sociais e com a reflexividade.

#### 4.4 Índice de sustentabilidade (mudanças climáticas)

A orientação para as mudanças climáticas prende-se com a ideia de valorizar o problema das mudanças climáticas e agir para minorar o problema. A construção do índice resultou dos cruzamentos realizados entre as perguntas “Estou mais preocupado com o tempo que vai fazer no próximo verão’ *versus* ‘Estou mais preocupado com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro”, “Acha que a ação humana é responsável pelas mudanças climáticas?” e “Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo para o controle das mudanças climáticas?”

Da análise dos diversos cruzamentos que poderiam refletir o índice de sustentabilidade na relação com as mudanças climáticas salienta-se a relação entre preocupação com o tempo que vai fazer proximamente ou com as mudanças climáticas que se irão refletir num futuro mais distante e a disponibilidade para o uso de meios de transporte públicos ou não poluentes. Cerca de metade das pessoas que já utilizam transportes públicos preocupam-se mais com o longo prazo, ou seja com as mudanças que poderão ocorrer no clima futuramente.

**Quadro 2.220** Está mais preocupado com:/Estaria disponível para usar transportes publicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?<sup>79</sup> (frequência e percentagens em linha).

Está mais preocupado com:	Estaria disponível para usar transportes publicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
O tempo que vai fazer no proximo verão?	20	27	9
	5,7	7,7	2,6
As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro?	112	168	14
	32	48	4

Nota:  $\chi^2 = 9,900$ ;  $p < 0,05$ ; V de Cramer = 0,168

<sup>79</sup> Uma célula tem um valor inferior a 5.



Os índices de sustentabilidade aqui analisados não apresentam associações estatisticamente relevantes quer com os indicadores de caracterização demográfica, socio-educacional e socio-profissional quer relativamente às orientações sociais ou à reflexividade. Este facto leva-nos a repensar criticamente o seu modo de construção.



## CONCLUSÃO

Concluimos regressando à questão de partida: afinal, a quem pertence o futuro? Esta pergunta constituiu objeto de reflexão focalizando-nos na experiência do tempo vivenciada no campo das representações sociais.

Como é que as pessoas se relacionam com o tempo? Qual o momento da cadeia temporal que as pessoas mais valorizam? Passado, presente ou futuro? Qual destes três momentos tem maior peso percentual entre os inquiridos? Os resultados apontam para a relevância das variáveis grupo etário e escolaridade na valorização do futuro. (que idades e graus escolares valorizam mais o futuro?) Partindo da ideia geral de valorização do futuro, importa investigar de que futuro se trata. Para tal observou-se o gosto pelo planeamento do futuro e pela realização de projetos a curto, médio e longo prazo. Quais foram as tendências maioritárias? Novamente a pertença a determinado grupo etário (dos 45 a os 64 anos e jovens) e a posse de um elevado nível de escolaridade confirmam uma desigual apropriação do futuro traduzido nas variáveis acima referidas. Avançando um pouco mais na análise, apurou-se que o interesse pelo futuro que envolve tanto os seus familiares como as outras pessoas é mais intenso entre as pessoas que têm entre 45 e 64 anos, que são detentoras de níveis de escolaridade mais elevados, que trabalham por conta de outrem e pelos profissionais técnicos de enquadramento. Tal como este interesse inclusivo pelo futuro, também a valorização do futuro da vida na terra surge com maior acuidade entre as pessoas que detêm maiores níveis de escolaridade e com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos.

A abordagem inicial aos modos de relacionamento das pessoas com o tempo e com o futuro completou-se com a análise dos modos de relação das pessoas com as mudanças climáticas. A escolaridade surgiu como uma variável determinante na valorização do problema das mudanças climáticas, designadamente no que toca à preocupação com as suas causas e consequências e à responsabilização pela solução dos problemas causados pelo fenómeno.

Uma primeira aproximação à análise dos dados permitiu-nos salientar a importância da escolaridade bem como da etapa da vida em que os inquiridos estão, na forma como as pessoas se relacionam com o tempo e com o futuro. Julga-se que estas variáveis (idade e escolaridade) constituem-se como diferenciadoras da relação que as pessoas estabelecem com o futuro.

Recapitemos alguns dos principais resultados da análise realizada, sustentada nas hipóteses de trabalho.

A hipótese geral de base deste trabalho é a de que a orientação para o futuro varia com as posições sociais, nas suas dimensões sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional. Esta hipótese geral foi especificada em várias hipóteses secundárias que passamos em revista.

Confirma-se, desde logo, que a orientação prospetiva é independente do género, ou seja o género não é diferenciador da orientação prospetiva. A expectativa de que a propensão para o pensamento prospetivo aumentasse à medida que a idade avança, não se verifica; pelo contrário, a orientação prospetiva é mais intensa entre os jovens, que revelam maior apetência pelo planeamento do futuro, embora não possuam poupanças, e decresce com o avançar da idade. As pessoas maiores de 65 anos não estão predispostas a planear o futuro independentemente de possuírem ou não poupanças.

Não foi possível verificar a hipótese de que a orientação prospetiva varia com a categoria socioprofissional. Julga-se que a dimensão da amostra poderá ter impedido chegar a qualquer conclusão.<sup>80</sup>

Confirmou-se, entretanto, que, de facto, a níveis de escolaridade mais diferenciados corresponde maior apetência pelo planeamento e práticas de poupança mais acentuadas.

A orientação para a sustentabilidade, na aceção de preservação das gerações futuras, é independente do género.

Esperava-se que quanto maior o nível etário maior a orientação para a sustentabilidade enquanto preservação das gerações futuras. Esta hipótese não se verifica pois a preocupação com o futuro da terra não é mais acentuada entre as pessoas mais velhas; pelo contrário, destaca-se o grupo etário dos 30 aos 44 anos como o mais comprometido com o devir das gerações futuras. À medida que se avança na idade a preocupação é menos intensa. Resultado equivalente se verifica quanto ao futuro da vida na terra ser sobretudo um problema das gerações mais novas ou ser tanto um problema da nossa geração como das mais novas. Os seniores consideram que o futuro da vida na terra é acima de tudo um problema dos mais novos.

A hipótese de que a orientação para a sustentabilidade enquanto preservação das gerações futuras é mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade confirma-se, uma vez que níveis superiores de escolaridade correspondem a maior preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra, e à convicção de que o futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas.

---

<sup>80</sup> A tipologia das categorias socioprofissionais que foi tida como referência implicou uma grande fragmentação dos resultados.

Não se confirmou, entretanto, associação relevante entre categorias socioprofissionais e orientação para a sustentabilidade na aceção referida.

Quanto à orientação para a sustentabilidade agora na dimensão de preservação do ambiente, esta é independente do género mas dependente do nível etário. Na verdade, confirma-se que a disponibilidade para a compra de eletrodomésticos mais dispendiosos e “amigos do ambiente” é mais intensa entre os jovens. Porém, ao nível das práticas, são as pessoas que se situam entre os 30 e 44 anos e entre os 45 anos e os 64 anos que se destacam, sendo a disposição para a compra de eletrodomésticos nas condições referidas menos acentuada entre os seniores. Quanto à disponibilidade para as pessoas fazerem mudanças difíceis que pudessem contribuir para a melhoria do ambiente em Lisboa, esta não apresenta qualquer associação com o grupo etário.

A hipótese de que a orientação para a sustentabilidade na aceção de preservação do ambiente é mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade confirma-se nos dois indicadores utilizados. De facto, as pessoas que detêm níveis de escolaridade mais elevados estão mais predispostas a fazer mudanças difíceis se estas contribuírem para melhorar o ambiente na cidade. As pessoas com este perfil educacional apresentam também maior disponibilidade para comprar eletrodomésticos que consomem menos energia, estando mesmo predispostas a pagar um preço mais elevado por estes.

A variação na orientação para a sustentabilidade enquanto preservação do ambiente com a categoria socioprofissional não se confirma.

Confirmou-se que a orientação para a sustentabilidade na sua relação com as mudanças climáticas é independente do género, e só depende parcialmente do nível etário. A utilização de transportes públicos ou a prática de andar a pé ou de bicicleta é mais frequente entre os jovens e entre os mais velhos.

A expectativa de que esta dimensão da orientação para a sustentabilidade seja mais acentuada quanto maior for o nível de escolaridade só é parcialmente confirmada na disposição para o uso de transportes não poluentes por parte das pessoas com habilitações mais elevadas, e não exibe variação significativa com a categoria socioprofissional.

Em suma, tanto a orientação prospetiva como a orientação para a sustentabilidade na sua relação com as gerações futuras, com a preservação do ambiente e com as mudanças climáticas são relativamente independentes do género, da categoria socioprofissional mas claramente dependentes da idade e da escolaridade.

Existirão outros fatores que interferem na relação que as pessoas estabelecem com o tempo, o futuro e as mudanças climáticas? Indo novamente ao encontro do modelo de análise proposto e ao contexto teórico que o informa sustentamos a tese de que as

representações sobre o tempo, sobre o futuro e sobre as mudanças climáticas são diretamente influenciadas pelas orientações sociais e pela reflexividade.

Assim, pretendemos apurar se as orientações sociais e a reflexividade são estruturantes da orientação prospetiva, da orientação para a sustentabilidade na relação com as gerações futuras e com a preservação do ambiente, e da orientação relativa às mudanças climáticas.

A hipótese de que a orientação para o futuro (orientação prospetiva e orientação para a sustentabilidade) é diretamente influenciada pelas orientações sociais e pelo grau de reflexividade das pessoas apenas se confirma relativamente à orientação prospetiva, podendo adiantar-se que o gosto pelo planeamento do futuro é mais frequente entre as pessoas que expressam as orientações da independência e da autonomia, ou seja, entre os próactivos.

A orientação prospetiva também está associada à reflexividade, verificando-se que as pessoas que desenvolvem maiores níveis de reflexividade apresentam maior apetência pelo planeamento do futuro.

Esta hipótese também se confirma relativamente à orientação para a sustentabilidade na relação com as gerações futuras. Isto significa que as pessoas que afirmam refletir com mais frequência sobre a vida estão mais apreensivas quanto ao futuro do planeta considerando-o um problema não só da nossa geração como também das gerações mais novas.

Como se expôs anteriormente, os índices de orientação prospetiva e de orientação para a sustentabilidade resultam do quadro de valores, práticas e representações sobre o tempo, o futuro e as mudanças climáticas. Nesse sentido, se estes índices são diretamente influenciados pelas orientações sociais e pela reflexividade também os valores, práticas e representações sociais que estão na sua origem o são.

Esta análise particular, indicador a indicador, permitiu, realmente, confirmar que o gosto pelo planeamento do futuro, as crenças de que o futuro está nas mãos de todos nós e de que o futuro a Deus pertence, assim como a preocupação com o futuro dos nossos familiares das outras pessoas e com o futuro da vida na terra estão correlacionadas com as orientações sociais e a reflexividade. Já as opiniões sobre as mudanças climáticas parecem não variar significativamente nem com as orientações sociais nem com a reflexividade.

Avaliámos, ainda, em que medida a orientação para o futuro, em termos genéricos, se associa ao posicionamento político ou religioso. Observámos que alguns indicadores tais como: a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra e a preocupação com o futuro familiar e coletivo apresentam ligeiras variações com o posicionamento político e religioso. Isto é; verificou-se que a preocupação com o futuro da vida na terra é mais intensa

entre as pessoas que se posicionam na esquerda política e a preocupação com o futuro familiar e coletivo é mais acentuada entre os agnósticos.

Não se verificou qualquer associação entre posicionamento político e orientação prospetiva. No entanto, dada a percentagem de não-respostas na questão referente ao posicionamento político (27,3%), não se pode afirmar com segurança que não existe tal associação. Para se chegar a uma conclusão segura seria necessário aprofundar um pouco mais a análise.

Também não se verificou qualquer ligação significativa entre orientação prospetiva e posicionamento religioso. Os dados recolhidos não suportam esta hipótese de trabalho.

A orientação para a sustentabilidade enquanto preservação das gerações futuras parece não ser influenciada pelo posicionamento político ou religioso. E não se verificou qualquer ligação entre posicionamento político ou religioso, e orientação para a sustentabilidade na aceção de preservação do ambiente.

De acordo com os dados aqui tratados, também não se pode concluir que exista alguma associação entre orientação para a sustentabilidade na sua relação com as mudanças climáticas e posicionamento político ou religioso.

A partir da análise de correspondências múltiplas criámos uma tipologia sobre o modo de relação das pessoas com o tempo: relação de expectativa, de pragmatismo, de desapego e de concretização. Concluimos que as variáveis sexo, grupo etário, escolaridade e categoria socioprofissional surgem como elementos diferenciadores no âmbito desta tipologia. Além disso constatámos que estes tipos de relação são influenciados pelas orientações sociais e pela reflexividade.

Finalmente identificaram-se padrões associados à grande questão de partida: a quem pertence o futuro? Definiram-se modalidades de representação do futuro, constituídas em quatro *clusters*: sociocentros, providencialistas, passivos e disruptivos. Concluimos que as variáveis sexo, idade e escolaridade determinam os modos de representação do futuro. A reflexividade revelou-se estruturante destes modos de representação.

A título exploratório trabalhamos a pergunta: como será Lisboa daqui a 30 anos? Concluimos que os cenários mais otimistas são partilhados por pessoas que possuem um grau de instrução superior, situam-se entre os profissionais técnicos e de enquadramento e detêm orientação da autonomia.

O gosto pelo planeamento do futuro, a apetência pela realização de projetos, a disponibilidade para se fazerem mudanças difíceis em prole do ambiente e a preocupação com o futuro das novas gerações estão claramente associados a uma perspetiva de desenvolvimento positivo da cidade e á crença de que ocorrerão ligeiras mudanças climáticas.

Os resultados aqui expostos constituem um ponto de partida para novas questões.

A reflexão e a ação sobre o futuro na sua relação com a problemática ambiental não estão ainda consolidadas. Veja-se a título de exemplo a diminuta participação das pessoas em associações de defesa do quadro de vida, em organizações não-governamentais ou em movimentos ecologistas. A passividade das pessoas relativamente á questão ambiental já havia sido observada por Almeida (2004).

Sabe-se que os efeitos das mudanças climáticas não são imediatamente perceptíveis, e mesmo quando já são sentidos alguns indícios é preferível pensar-se no tempo que vai fazer no próximo verão do que nas mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro. A que se deve este facto? Não sendo imediatamente visíveis os impactos das mudanças climáticas, as preocupações podem arrastar-se para o futuro. Nestas circunstâncias, as mudanças climáticas, não tendo impacto imediato na vida das pessoas, não são consideradas relevantes nas suas consequências. Tal facto não impede que ao nível discursivo as pessoas demonstrem interesse pelo problema e pela sua resolução. Esta perspetiva, defendida por Giddens (2009b), é partilhada por nós no âmbito da presente investigação.

Como criar, então, nas pessoas o interesse pelo futuro enquanto motor de ação coletiva, sabendo de antemão que, sem o seu contributo, o esforço das organizações é insuficiente para levar as mudanças a bom termo?

Foi por diversas ocasiões salientada a importância da escolaridade na formação da orientação prospetiva e da orientação para a sustentabilidade, excelente pretexto para se desenvolver o *habitus* da sustentabilidade entre as gerações mais jovens, como aliás foi sublinhado por Karol e Trevor (2005). A possibilidade de reflexão sobre o futuro apresenta-se como uma oportunidade para impedirmos que sucedam coisas sem a nossa interferência.

O projeto de tese inicial previa uma dupla abordagem ao nosso objeto de estudo: conhecer o ponto de vista dos indivíduos e o ponto de vista das instituições sobre o futuro, implicando uma estratégia de investigação que conciliaria duas componentes, uma quantitativa e outra qualitativa.

Inicialmente, recolhemos informação suplementar (que não foi aqui analisada) relativa a atores institucionais, como por exemplo instituições não-governamentais com sede em Lisboa e centradas na temática nacional das mudanças climáticas, e organizações governamentais também sediadas em Lisboa, cuja missão envolve objetivos como a orientação para o planeamento, a prospetiva e a definição de políticas relativas ao ambiente, especialmente focadas em mudanças climáticas. Foi igualmente recolhida informação de enquadramento geral do tema, como programas de governo e legislação sobre ambiente.



Ao mesmo tempo, decorria a elaboração e lançamento do questionário e o tratamento dos resultados. Os resultados do questionário revelaram-se tão absorventes e profícuos que o alongamento no seu tratamento não possibilitou a concretização da dupla abordagem do tema conforme inicialmente previsto.

Ficou, assim, por desenvolver a investigação em profundidade acerca da orientação para o futuro presente nos atores institucionais, nomeadamente entre os seus responsáveis, quer enquanto representantes dessa instituição, quer como representantes de uma categoria socioprofissional particular, que engloba dirigentes e profissionais técnicos de enquadramento.

No que respeita à atual investigação, de natureza quantitativa, consideramos que seria bastante enriquecida se fosse completada com uma abordagem de cariz qualitativo. A análise em extensividade pode cair em automatismos explicativos que convém evitar, principalmente quando estão em causa conceitos com elevado nível de abstração como é o caso dos conceitos de “tempo” e de “futuro”.

A referida abordagem do ponto de vista institucional abrirá certamente novas perspetivas de análise acerca da orientação para o futuro e relativamente às mudanças climáticas. Independentemente do benefício para o desenvolvimento de uma sociologia do tempo e do futuro em prosseguirmos com esta abordagem, julgamos que seria prioritário “esgotar” a atual investigação recorrendo à elaboração de entrevistas semiestruturadas para aprofundarmos o modo como as pessoas vivenciam e refletem sobre o tempo e sobre o futuro num contexto em que as preocupações com a sustentabilidade e com as mudanças climáticas indiciam novas formas de exercício de cidadania.

Com o processo de investigação que por agora se finaliza, espera-se poder contribuir para a discussão sobre a importância de uma sociologia do tempo e do futuro no atual contexto da ciência retomando e devolvendo a questão: a quem pertence afinal o futuro? O futuro está nas mãos de Deus? Dos políticos? Dos cientistas? Depende das leis da natureza? Das grandes empresas? Do ponto de vista sociológico o futuro está sobretudo nas mãos das pessoas que o valorizam e que agem sobre ele. Essas pessoas exibem disposições igualitárias e pró-ativas e são mais reflexivas, consideram que o futuro depende de circunstâncias concretas ditadas pelos contextos sociais, gostam de planear e interessam-se pelas gerações mais novas.

O futuro está nas mãos das pessoas que se preocupam com o longo prazo, com as mudanças climáticas e seus efeitos. Que estão dispostos a fazer sacrifícios em prole da melhoria do ambiente e imaginam um cenário favorável para Lisboa daqui a 30 anos.

Aprendemos ao longo desta investigação que a ausência de ação sobre a realidade futura traz consequências. A problemática das mudanças climáticas é disso um exemplo e

leva-nos a refletir se o futuro não estará também nas mãos de quem olha criticamente para as consequências dos “futuros passados” e por isso mesmo age no sentido da preservação da espécie humana e da natureza?

## Bibliografia

- Adam, Barbara (1990), *Time and social theory*, Cambridge, Polity Press.
- Adam, Barbara (1995), *Timewatch: the social analysis of time*, Cambridge, Polity Press.
- Adam, Barbara (1998), *Timescapes of modernity: the environment and invisible hazards*, London, Routledge.
- Adam, Barbara, Ulrich Beck, Jocost Van Loon (2000), *The risk society and beyond: critical issues for social theory- Critical Issues for Social Theory*, London, Sage publications.
- Adam, Barbara (2004a), "Memory of Futures", *KronoScope*, 4 (2), pp. 298-315.
- Adam, Barbara (2004b), *A Social Theory Exploration of Responsibility for Long Term Futures*, Cardiff, Cardiff University School of Social Sciences.
- Adam, Barbara (2004c), *Of metaphors, morals and memories: reflections on socioenvironmental action from a temporal perspective*, Cardiff, Cardiff University School of Social Sciences.
- Adam, Barbara (2005), "The Future in Max Weber's Methodological Writings", *Economic and Science Research Council (ESRC)*, pp. 1-14.
- Adam, Barbara (2010a), "Future Matters: Challenge for Social Theory and Social Inquiry", *Cultura e Comunicazione*, 1, pp. 47-55.
- Adam, Barbara (2010b), "History of the future: Paradoxes and challenges", *Rethinking History*, 14 (3), Cardiff University, pp. 361-378.
- Adam, Barbara (2011), "Wendell Bell and the sociology of the future: Challenges past, present and future", *Futures*, 43, pp. 590-595.
- Archer, Margaret (2003), *Structure, Agency and the Internal Conversation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Archer, Margaret (2011), "Riflessività", *Sociologia e Politiche Sociali*, 14 (1), pp. 109-229.
- Areosa, João (2008), "O risco no âmbito da teoria social", comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008.
- Areosa, João (2010), "O risco nas ciências sociais: uma visão crítica ao paradigma dominante", *Revista Angolana de Sociologia* (5) e (6), pp. 11-33.
- Aguiar, R., F.D. Santos (2007), "Alterações Climáticas: Estratégias de Mitigação em Portugal. Um exercício de Prospetiva para Portugal em 2070", Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- Agência Portuguesa do Ambiente. Disponível em: <http://www.apambiente.pt>, consultado ao longo de 2013.
- Alcoforado M.J., A. Lopes, H. Andrade, J. Vasconcelos, R. Vieira (2005), *Orientações climáticas para o planeamento e o ordenamento em Lisboa*. Área de Investigação em Geo-Ecologia, 4, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.
- Alcoforado M.J., H. Andrade, A. Lopes, S. Oliveira (2007), "A ilha de calor de Lisboa. Aquisição de dados e primeiros resultados estatísticos para aplicação ao ordenamento urbano", *Geophilia - O Sentir e os Sentidos da Geografia*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, pp. 593-612.
- Alcoforado M.J., H. Andrade, A. Lopes (2010), "Clima e ordenamento urbano na escala microclimática: o exemplo do bairro de Telheiras em Lisboa", Figueiredo *et al.* (eds.), *Clima e Recursos Naturais*, Instituto Politécnico de Bragança, pp. 43-82.
- Aligica, Paul Dragos (2011), "A critical realist image of the future Wendell Bell's contribution to the foundations of futures studies", *Futures*, 43, pp. 610-617.

- Almeida, João Ferreira de (1973), "Illich, Ivan, Libertar o futuro", *Análise Social*, X (1), 37 pp. 178-179.
- Almeida, João Ferreira de, Madureira Pinto (1982), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- Almeida João Ferreira de, (1984), *Temas e conceitos nas teorias da estratificação social*. *Análise Social*. Vol. XX (81-82), 2.º-3.º, 167-190.
- Almeida, João Ferreira de (1990), "*Valores e representações sociais*", *Portugal, os próximos 20 anos* (Vol. VIII), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, João Ferreira de, Villaverde Cabral, Machado Pais (1990a), "Valores nos anos 90: romantismo ou pragmatismo?" (As Noites de Sociologia), *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 8, pp. 174-188.
- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, Firmino da Costa, Fernando Machado, Isabel Nicolau, Elisabeth Reis, (1994), colaboração de Natália Alves e José Luís Casanova. *Exclusão Social. Fatores e tipos de pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta Editora: (2ª edição).
- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Machado, Isabel Nicolau, Elisabeth Reis (1994), *Exclusão Social. Fatores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras: Celta Editora: (2ª edição).
- Almeida, João Ferreira de, José Casanova, António Firmino da Costa e outros (2000), *Os portugueses e o ambiente: Inquérito nacional às representações e práticas dos portugueses sobre o ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, João Ferreira de, José Casanova, António Firmino da Costa e outros (2004), *Os portugueses e o ambiente: II inquérito nacional às representações e práticas dos portugueses sobre o ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, Isabel, Fernanda Eugénio (2006) *Culturas jovens. Novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro, ZaharEditor Ltda.
- Araujo, Emília (2000), "Do sentido do tempo ou da impossibilidade de sentido" comunicação apresentada no *IV Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Coimbra – Faculdade de Economia - 17 a 29 de abril de 2000.
- Araujo, Emília (2005), "Understanding the PhD as a Phase in Time", *Time & Society*, London, Sage, 14, (2/3), pp. 191-211.
- Araujo, Emília (2012), "As Identidades e a Política dos Tempos Sociais" comunicação apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Porto – Faculdade de Letras-Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 19 a 22 de junho de 2012.
- Araújo Emília, Arcília Barreto (2013) "A importância do tempo no desenvolvimento: esboço de uma problemática", *Configurações*, 11 pp. 161-174.
- Archer, Margaret (2003), *Structure, agency and the internal conversation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Archer, Margaret (2011), *Reflexivity. Sociologia e politiche sociale*, 14 (1), pp. 209-229.
- Armstrong, J. Scott (2001), *Principles of Forecasting: A Handbook for Researchers and Practitioners*, Kluwer.
- Aron, Raimond (1987), *As etapas do pensamento sociológico*, São Paulo, Martins Fontes.
- Aspers, P. (2007), "Nietzsche's Sociology", *Sociological Forum*, Blackwell Publishing, Ltd. 22 (4), pp. 474-499.

- Atlas Climatológico de Portugal Continental 1971-2000: Temperatura do ar e Precipitação. Versão Digital*, Instituto de Meteorologia, I. P., 2009.
- Attali, Jacques (2007), *Breve História do Futuro*, Lisboa, Dom Quixote.
- Alvarenga, António, Paulo Carvalho (2007), *Escola Francesa de Prospetiva no Contexto dos Futures Studies - Da "Comissão do Ano 2000" às Ferramentas de Michel Godet*, Lisboa, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional-Departamento de Prospetiva e Planeamento.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk society: Towards a new modernity*, London, Sage.
- Beck, Ulrich, Anthony Giddens, Scott Lash (1997), *Modernização reflexiva*, São Paulo, UNESP.
- Bell, Daniel (1973), *The coming of post-industrial society: A venture in social forecasting*, New York, Basic Books.
- Bell, W, James A. Mau (1971), *The sociology of the future: theory, cases and Annotated bibliography*, Russell, Sage Foundation.
- Bell, Wendell (1997), "The Purposes of futures studies", *The Futurist*, Nov- Dec, pp. 42-45.
- Bell, Wendell (1998), Making People Responsible: The Possible, The Probable, and the Preferable", *American Behavioral Scientist*, 42, pp. 323 -339.
- Bell, Wendell (2002), "A community of futurists and the state of the futures field", *Futures*, 34, pp. 235-247.
- Bell, Wendell (2003), *Foundations of futures studies. History, purposes and knowledge. Human science for a new era* (Vol. I), New Brunswick, Transaction Publishers.
- Bell, Wendell (2004a), *Foundations of futures studies. Values, Objectivity, and Good Society. Human science for a new era* (Vol.II), New Brunswick, Transaction Publishers.
- Bell (2004), "Humanity's Common Values Seeking a Positive Future", *The Futurist, Set-Out. pp 30-36*.
- Bell, Wendell (2004b), "Futuring: The Exploration of the Future", *The Futurist, Nov- Dec, pp. 56-57*.
- Bell, Wendell (2005), "Creativity, skepticism, and visioning the future", *Futures* (37), pp. 429-432.
- Bell, Wendell (2006), "Eleonora Masini on the empowerment of women", *Futures* (38), pp. 1179-1186.
- Binkley, S. (2009), "Governmentality, temporality and practice: From the individualization of risk to the contradictory movements of the soul", *Time Society*, (18), pp. 86-105.
- Bishop Peter, Andy Hines, Terry Collins (2007), "The current state of scenario development: an overview of techniques", *Foresight*, 9, 1, pp. 5-25.
- Boudon, Raymond (1977), *Effets Pervers Et Ordre Social*, Paris, Press Universitaires de France.
- Boudon, Raymond (1990), *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim.
- Boudon, R. e P. Lazarsfeld (1965), *Le Vocabulaire des Sciences Sociales*, Paris, Mouton.
- Bollag, Burton (2004), "Can God See the Future?", *Chronicle of Higher Education*, 51
- Bonny, Ives (2004), *Sociologie du Temps Présent: Modernité Avancée ou Post –Modernité*, Paris, Armacid, Colin.
- Bourdieu, P. (1979), *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.
- Bourdieu, P. (1994), *Raisons Pratiques. Sur la Théorie de l'Action*, Paris, Seuil.
- Bourdieu, P. (1998), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2002), *Esboço de uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2004), *Para uma sociologia da ciência*, Lisboa, Edições 70.

- Burns Tom, Helena Flam (2000), *Sistemas de Regras Sociais. Teoria e Aplicações*, Oeiras, Celta Editora.
- Burns Tom, M, Carson, D. Calvo (2009), *Paradigms in public policy*. Frankfurt, Peter Lang GmbH.
- Burns Tom, Helena Flam (2000), *Sistemas de Regras Sociais: Teoria e Aplicações*, Oeiras, Celta Editora.
- Burns, Tom, Nora Machado (2010), "Technology, complexity and risk. A social systems perspective on the discourses and regulation of the hazards of sociotechnical systems", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 62, pp 97-131.
- Brier, David J. (2005), "Marking the future: a review of time horizons", *Futures*, 37, pp. 833-848.
- Brito, Cesar de, Jean Philippe. Lucas-Leclan. Valéry & Perrin. François (2005), *L'investissement socialement responsable*, Paris, Economica.
- Brymann, Alan, Duncan Cramer (1992), *Análise de Dados em Ciências Sociais. Introdução às Técnicas Utilizando o SPSS*, Oeiras, Celta Editora.
- Broome John (2008). "A Ética das Alterações Climáticas". *Scientific American*, 74 pp.1-5.
- Cabral, Vilaverde (2001), "Prática religiosa e atitudes sociais dos portugueses numa perspectiva comparada", em José Machado Pais, Vilaverde Cabral e Jorge Vala (orgs.), *Religião e Bioética*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais.
- Caetano, Ana (2011) Para uma Análise Sociológica da Reflexividade Individual, *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 66, pp. 157- 174.
- Callejo, J. (2011), "La dialéctica temporal de la observación empírica en las ciencias de la sociedad". *EMPIRIA-Revista de metodología de ciencias sociales*, (23), 137-161.
- Caney, S. (2009), "Climate change and the future: discounting for time, wealth and risk", *Journal of Social Philosophy*, Wiley Periodicals, Inc., 40 (2), pp. 163-186.
- Caetano, A. (2011), "Para uma análise sociológica da reflexividade individual", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 66, pp. 157-174.
- Carmo, Renato (2006), *Contributos Para uma Sociologia do Espaço- Tempo*, Oeiras, Celta Editora.
- Carrascal, O. N., M. G. Londoño (2009), "Representaciones sociales del habitante de la calle", *Universitas Psychologica*, 9 (2), pp. 345-355.
- Carneiro, R. (1990), "Educação e emprego em Portugal: Uma leitura de modernização", *Portugal os próximos 20 anos* (Vol. V), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carvalho, Helena (2004), *Análise Multivariada de Dados Qualitativos. Utilização da Homals com o SPSS*, Lisboa, Edições Silabo, Lda.
- Carvalho, Helena (2008), *Análise Multivariada de Dados Qualitativos. Utilização da análise de correspondências múltiplas com o SPSS*, Lisboa, Edições Silabo, Lda.
- Castells, Manuel (2007), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura O Poder da Identidade*, Volume II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel (2011), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*, Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (4ª edição).
- Castree, Noel (2010), "The paradoxical Professor Giddens. The Politics of Climate Change", *The Sociological Review*, 58 (1), pp. 156-162.
- Casanova, José Luís (1993), *Posições e Disposições - Trajetórias Sociais e Recomposição do Habitus*, Lisboa, ISCTE, dissertação de mestrado.
- Casanova, José Luís (1995a), "A 'teoria da prática' - uma prática menos teorizada?", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 17, pp. 61-73.

- Casanova, José Luís (1995b), "Uma avaliação conceptual do 'habitus', *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 18, pp. 45-68.
- Casanova, José. Luís (2004), *Naturezas sociais, diversidade e orientações sociais na sociedade portuguesa*. Oeiras, Celta Editora.
- Catton, R. (2009), "Understanding humanity's damaged future", *Sociological Inquiry*, 79 (4), pp. 509-522.
- Cecchetto, S. (2007), "Una ética de cara al futuro? Derechos humanos y responsabilidades de la generación presente frente a las generaciones por venir", *Andamios-Revista de investigación social*, 3 (6), pp. 61-80.
- Censos (2011), Resultados Provisórios. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- Coates, Joseph F., Jennifer Jarratt (1989), *What Futurists Believe*, World Future Society, Maryland EUA.
- Condorcet, (1908), *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*, s.n, Paris.
- Cornish, Edward (2004), *Futuring: The Exploration of the Future*, World Future Society, Maryland EUA.
- Costa, António Firmino (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais Da Identidade Cultural*. Oeiras, Celta Editora.
- Craveiro, João (1994), "Ambiente urbano: desigualdades e constrangimentos na cidade de Lisboa", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 15 pp. 113-122.
- Craveiro, João (2004), "Coastal tourism, environment, and sustainable local development", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 45 pp. 1-6.
- Cruz, Manuel Braga (2008), *Teorias sociológicas: Os fundadores e os clássicos (Antologia de textos)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cwerner (2000) Research note: the chronopolitan idea: time, belonging and globalization. *Time & Society*, 9, (2/3), pp. 331-345.
- D'Hainaut, Louis (1990), *Conceitos e Métodos da Estatística- Uma variável a uma dimensão*, I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- D'Hainaut, Louis (1990), *Conceitos e Métodos da Estatística- Duas ou três variáveis segundo duas ou três dimensões*, II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Davidson, J. Debra (2008), "The Environment And A Globalizing Sociology", *Canadian Journal of Sociology*, 33 (3), pp. 631-656.
- Denton, M. A., C. L. Kemp, S. French, A. Gafni, A. Joshi, C. J. Rosenthal, S. Davies (2004), "Reflexive planning for later life", *Canadian Journal on Aging*, (23), Supplement, pp. S71- S82.
- Dores, A (1994), "A mudança e as mudanças: discussão de algumas leituras da pós-modernidade", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 16, pp. 173-183.
- Dornan, Jennifer (2002), "Agency and Archaeology: Past, Present, and Future Directions", *Journal of Archaeological Method and Theory*, (9), 4, pp. 303-329.
- Dow Jones Indexes (2011), *Dow Jones Sustainability Indexes Annual Review*, Disponível em: <http://press.djindexes.com/index.php/>
- Durkheim, Émile (1995), textos transcritos em Manuel Braga da Cruz, *Teorias Sociológicas. (Antologia de textos)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Durkheim, Émile (2002), *As Formas Elementares da Vida Religiosa: O sistema Totémico na Austrália*, Oeiras, Celta Editora.

- Elias, Norbert (1993), *Time: An Essay*, Oxford UK & Cambridge, USA, Blackwell Publishers.
- Eisenstadt, S. N. (2001), "Modernidades múltiplas", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 35, pp. 139-163.
- Elder-Vass, D. (2007), "Reconciling Archer and Bourdieu in an emergentist theory of action. Sociological Theory", *Sociological Theory*, 25 (4), December, pp. 325-346.
- Ekberg, M. (2007), "The parameters of the risk society: A review and exploration", *Current Sociology*, 55 (3), pp. 343-366.
- Engelke, M (2009), "Reading and Time: Two approaches to the materiality of scripture", *Ethnos. Routledge Journals, Taylor and Francis*, 74 (2), pp. 151-174.
- Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico (2007), (coordenação), Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Departamento de Prospetiva e Planeamento e Relações Internacionais e Agência Portuguesa do Ambiente, Disponível em: [http://www.cnel.gov.pt/document/ENDS-PIENDS\\_2015.pdf](http://www.cnel.gov.pt/document/ENDS-PIENDS_2015.pdf), consultado ao longo de 2013.
- Fahey, Liam, Robert M. Randall, John Wiley (1997), *Learning from the Future: Competitive Foresight Scenarios*, edition Liam Fahey, Robert M. Randall.
- Fernandes, António (2002), "Níveis de confiança e sociedade de risco", comunicação apresentada ao Colóquio Internacional *Terrorismo e ordem mundial*, realizado entre 7 e 12 de abril, na Universidade dos Açores.
- Ferreira, J. M. (1990), "Posição de Portugal no mundo", *Portugal, os próximos 20 anos*, IV, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, Vítor Matias (1987), *A Cidade de Lisboa: de Capital do Império a Centro da Metrópole*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Ferreira, Vítor Matias (coord.), Walter Rodrigues, José Luís Casanova (1990), *Prospetiva de um Futuro Incerto- relatório de pesquisa*, INICT e CET/ISCTE, Lisboa.
- Ferreira, Vítor Matias (1992), "Observatório Prospetivo da Metrópole de Lisboa: Notas para a Criação de um Dispositivo de Observação Prospetiva", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, pp. 173-185.
- Ferreira, Vítor Matias, José Luís Casanova e Alexandra Castro (coords.) (2000), *Condição Social, Ambiente Urbano e Qualidade de Vida na Metrópole de Lisboa -Relatório de Pesquisa*, Lisboa, OBSERVA/ISCTE.
- Figuères, Charles (2011), "Exploiter les ressources naturelles sans oublier les generations futures: deux alternatives à l'actualisation", *INRA Sciences Sociales- Recherches en Économie et Sociologie Rurales*, 2-3- Décembre, pp. 1-4.
- Figueiredo, E. (1990), "*Conflito de gerações: Conflito de valores*", *Portugal, os próximos 20 anos*, II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Figueiredo, Elisabete, Teresa Fidélis "No meu quintal, não!", Contributos para uma análise dos movimentos ambientais de raiz popular em Portugal, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 65 (1974-1994), pp. 151-173.
- Fisher, K., J. Robinson (2011), "Daily life in 23 countries", (Springer) 101, pp. 295-304.
- Fortuna, Carlos (2002), "Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, pp. 123-148.



- Garcia-Mira, R., J. Romy, J. E. Real (2005), "Temporal and spatial dimensions in the perception of environmental problems: An investigation of the concept of environmental hyperopia", *International Journal of Psychology*, Psychology Press, 40 pp 5-10.
- Gaspar, Jorge (1990), "Ocupação e organização do espaço: Retrospectiva e tendências", *Portugal, os próximos 20 anos*, I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gaspar, Jorge (1990), "Ocupação e organização do espaço: Uma prospetiva", *Portugal, os próximos 20 anos*, VI, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, Anthony (1988), "Moderno e pós-moderno: definições e interpretações sociológicas", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 4, pp. 238- 251.
- Giddens, Anthony (1997), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000a), *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000b), *A Dualidade da Estrutura - Agência e Estrutura*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2009a), *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, Anthony (2009b), *The politics of climate change*. Cambridge: Polity Press.
- Godet, M. (1993), *Manual de prospetiva estratégica: Da antecipação à ação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Godet, M. (2001), *Creating Futures: Scenario Planning as a Strategic Management Tool*, Economica. Brookings diffusion.
- Gorbis, M. (2010), "Foresight to insight to action: imaginative forecasting helps shape a brighter future. Generations", *Journal of the American Society on Aging*, 34 (3), pp. 12-13.
- Gordon, J. Theodore (2011), "Wendell Bell and his contribution to the field of future", *Futures*, 42, pp. 571-577.
- Glenn, Jerome and Ted Gordon (2003), *Futures Research Methodology*, Version 2.0, Millennium Project.
- Guerra, Isabel, F. Caria, Dulce Moura, Margarida Perestrelo, Teresa Costa Pinto (1999), *A Baixa Pombalina: Diagnóstico, prospetiva e estratégia de atores*, Oeiras, Celta Editora.
- Guerra, Isabel (2000), "O Planeamento Estratégico das Cidades: Organização do Espaço e Ação Coletiva", *Cidades: Comunidades e Territórios*, Centro de Estudos Territoriais, pp. 37-55.
- Guerra, Isabel (2002), *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação. O Planeamento em Ciências Sociais*, Cascais, PRINCIPIA- Publicações Universitárias e Científicas.
- Gurvitch, George (1964) *The spectrum of social time*, Reidel.
- Haluza-Delay, R. and D. J. Davidson (2008), The environment and a globalizing sociology. *Canadian Journal of Sociology*, 33 (3), pp. 631-655.
- Hamel, Gary (1996), *Competing for the Future*, C. K. Prahalad, Harvard.
- Hansen, Xavier (2004), "Back to the Future: The Origins and Return of Sociology as the Scientific Study of Societal Development", Paper presented at the annual meeting of the *American Sociological Association*, Hilton San Francisco & Renaissance Park 55 Hotel, Aug 14 2004, San Francisco, CA.
- Herbert, Ian e Alan Coad (2009), "Back to the future: New potential for structuration theory in management accounting research?", *Management Accounting Research*, 20, pp. 177-192.
- Hines, Andy, Peter Bishop (2006), *Thinking about the Future: Guidelines for Strategic Foresight*, Washington, Social Technologies LLC.

- Hirose, A. (2007), "The emergent sociological temporalities: A metatheoretical examination", *Management Review*, 26, pp. 1-3.
- Horrens, V., T. Smits, J. A. Shepperd (2008), "Comparative optimism in the spontaneous generation of future life-events". *British Journal of Social Psychology. The British Psychological Society*, 47, pp. 441-451.
- Hughes, Barry and Evan Hillenbrand (2006), *Exploring and Shaping International Futures*, Colorado, USA, Paradigm Publishers.
- Inayatullah, S. (1996), "What futurists think: Stories, methods and visions of the future", *Futures*, 28, pp. 509-694.
- Innerarity, Daniel (2011), *O Futuro e os Seus Inimigos*, Alfragide, Portugal, Teorema.
- Jones, C. (2012), "Think big", *New Zealand Sociology, SAANZ Plenary*, 27 (1), pp. 87-103.
- Jouvenel, Bertrand (1967), *The Art of Conjecture*, New York, Basic Books.
- Karol, Justin, Gale Trevor (2005), "Bourdieu's Social Theory and Sustainability: What is 'Environmental Capital'?" *Accessed online, 204(04)*, 2010.
- Koselleck, R. (2004), *Futures Past on the Semantics of Historical Time*, New York, Columbia, University Press.
- Kurian, George, Molitor Thomas, T.T. Graham (1996), (Ed.) *Encyclopedia of the Future*, New York: Simon and Schuster Macmillan.
- Lasén, Amparo (2000), *A contratiempo. Un estudio de las temporalidades juveniles*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Lash, Scott, Bronislaw Szerszynski e Brian Wynne (1996), *Risk, Environment and Modernity: Towards a New Ecology*, London, Sage Publications Ltd.
- Lazarsfeld, P. (1958), "Evidence and inference in social research", *Daedalus*, 87, 4, pp. 99-130.
- Leccardi, C. (2005), "Por um novo significado do futuro. Mudança Social, jovens e tempo", *Tempo Social*, 17 (2), pp. 36 -57.
- Levitas, Ruth (2010), "Back to the Future: Wells, sociology, utopia and method", *The Sociological Review*, Oxford, Blackwell Publishing Inc., 58 (4), pp. 531-547.
- Lima, Luísa, Manuel, Villaverde, Jorge Vala, Alice, Ramos (2002), *Ambiente e Desenvolvimento*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Lisboa.
- Lima, Luísa, Manuel, Villaverde, Jorge Vala, Alice, Ramos (2003), *Atitudes Sociais dos Portugueses. Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Lisboa.
- Lima, Marinús Pires de (1972), "O Inquérito sociológico: Problemas de Metodologia", *Análise Social*, IX (35-36), pp. 493-856
- Lombardo, Thomas (2006), *Contemporary Futurist Thought*, AuthorHouse.
- Lozada, N. P. (2006), "Acerca del tiempo en la sociología de Alfred Schutz", *Sociológica*, 60, pp. 287-294.
- Luhmann, Niklas (1982), *The Differentiation of Society*, New York, Columbia University Press.
- Luhmann, Niklas (1993), *Risk: A Sociological Theory*, Berlin, New York, Walter de Gruyter.
- Macedo, Marta, Marta Pinto, Pedro Macedo, Margarida Silva (2012), *Agenda 21 Local em Portugal*, Grupo de Estudos Ambientais, Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa.

- Machado, Fernando Luis (2012), "Generators of sociological production in Portugal: an empirically illustrated interpretation", *Portuguese Journal of Social Science*, Intellect, Vol. 11 (1), pp. 15-29.
- Maffesoli M. (2006), "Postmodernidad, Las criptas de la vida", *Cuaderno Venezolano de Sociología*. Espacio Abierto, 15 (1 e 2), pp. 391-402.
- Malerba, Jurandir (1989), Ensaio sobre o Tempo em Norbert Elias. *Estudos Históricas*, 14, pp. 300-304.
- Marques, Soromenho (1993), "O problema da decisão em política de ambiente", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 36, pp. 27-40.
- Mateus, Sandra (2002), "Futuros prováveis. Um olhar sociológico sobre os projetos de futuro no 9º ano", *Sociologia Problemas e Práticas*, 39, pp. 117-149.
- Martinez, G. (1999), "Future Studies and Sociological Theory: a Symbiotical Relationship?" *International Review of Sociology*. 7 (3), pp. 321-324.
- Martinez, Luís, Aristides Ferreira (2008), *Análise de Dados com o SPSS- Primeiros Passos*, Lisboa, Escolar Editora.
- Marsh, R. M. (2010), "Merton's sociology 215-216 Course", *Springer Science*, 41, pp. 99-114.
- Marx, Karl (1995), textos transcritos em Manuel Braga da Cruz, Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de textos), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Masini, Eleonora (1993), *Why Futures Studies?*, London, Grey Seal Books.
- Masini, Eleonora (1999), *Rethinking Future Studies*, Ziauddin Sardar (Ed.), Rescuing All Our Futures: The Future of Future Studies. Praeger
- Masini, Eleonora (2000), "Futures research and sociological analysis", *The international handbook of sociology*, Thousand Oaks London, Stella R. Quah and Arnaud Sales, Sage (Eds.), pp. 491-505.
- Masini, Eleonora (2001), "New Challenges for futures studies", *Futures* 33 (7) pp. 637-647.
- Masini, E. (2011), "Wendell Bell, the scholar and the human being: His way of looking towards the future", *Futures*, 43, pp. 565-570.
- Meadows, Dennis, Donella Meadows et. al (1972), *The Limits to Growth*, New York, Universe Books.
- Meadows, Donella et. al (1992), *Beyond the Limits*, Chelsea Green.
- Meadows, Dennis, Donella Meadows et al, (1992), *Beyond the Limits*, Toronto, McClelland & Stewart.
- Membrado, M. (2010), "Les expériences temporelles des personnes âgées: des temp différents?", *Enfances, Familles, Générations- Revue, Internationale de recherche et de Transfert*, (13), pp.1-20.
- Mendes, José Manuel e Alexandre Oliveira Tavares (2011), "Da vulnerabilidade social aos perigos naturais e tecnológicos em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 93, pp 95- 128.
- Merton, Robert (1968), *Sociologia. Teoria e Estrutura*, São Paulo, Mestre Jou.
- Merton, Robert (1996), *On social structure and science*. Chicago, Chicago University Press.
- Mira, Ricardo, Eulogio Real, José Romay (2005), "Temporal and spacial dimensions in the perception of environmental problems: An investigation of the concept of environmental hyperopia", *International Journal of Psychology*, 40 (1), pp 5-10.
- MISP – Climate Change: Mitigation Strategies In Portugal. Modelo de Prospetiva para Emissões de Gases com Efeito de Estufa em Portugal (2007), Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em [http://www.siam.fc.ul.pt/MISP\\_Relatorio/MISP%202.2%20Relat%F3rio%20Final%20-%20cen%E1rios%20de%20refer%EAnCIA.pdf](http://www.siam.fc.ul.pt/MISP_Relatorio/MISP%202.2%20Relat%F3rio%20Final%20-%20cen%E1rios%20de%20refer%EAnCIA.pdf).
- Moreira, Hugo (2011), *Análise Neurosociológica da percepção musical: Exploração das interdependências entre conceitos sociológicos e atividade do córtex cerebral na percepção*

- musical*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de informação, Lisboa IUL/ISCTE.
- Mouzelis, Nicos (2008), *Modern and postmodern social theorizing*, New York, Cambridge University Press.
- Molnar, J. J. (2010), "Climate change and societal response: Livelihoods, Communities and the Environmen", *Rural Societal Society*, 75 (1), pp. 1-16.
- Mozzicafreddo, Juan (1987), "Pós-modernismo e estado-providência", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 3 pp. 12-19.
- Mozzicafreddo, Juan (1997), *Estado-Providência e Cidadania em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Mustapha, N. H. N., Aziz, A. A., (2011), Sustainability and intergenerational equity with varying discount rate: the case of renewable resource. *OIDA International Journal of Sustainable Development*, 2 (12), pp. 19-28.
- Narum, D. (1993), "International cooperation on global warming and the rights of future generations", *Policy Sciences*, Kluwer Academic Publishers, (26), pp. 21-40.
- Nave, Joaquim Gil (2000), *The Politics of Environmental Groups in Portugal: a Case-Study on Institutional Contexts and Communication Processes of Environmental Collective Action*, Florença.
- Nazareth, M. (1990), "Unidade e diversidade da demografia portuguesa no final do século XX", *Portugal, os próximos 20 anos*, III, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nickel, P. M. (2012), "Sociology of the future: Aspiration", *New Zealand Sociology*, Saanz Plenary, 47 (1), pp. 70-74.
- Nordstrom, C. (2008), "Prelude. An accountability, Written in the year 2018", *Social Analysis*, 52 (2), pp. 1-11.
- Nunes, Arriscado e Marisa Matias (2003), "Controvérsia científica e conflitos ambientais em Portugal: O caso da coincineração de resíduos industriais perigosos", *Revista Critica de Ciências Sociais*, 65, pp. 129-150.
- Ogilvy, James A. (2002), *Creating Better Futures: Scenario Planning as a Tool for a Better Tomorrow*, Oxford University Press.
- Olson, R. L. (1995), "Sustainability as a Social Vision", *Journal of social issues*, 51 (4), pp.15-35.
- O'rand, A. and Ellis, R. A. (1974), "Social Class and Social Time Perspective", *Social Forces*, 53 (1), pp. 53-62.
- Paehlke, R. (2001), Environmental politics, sustainability and social science, *Environmental Politics*. 10 (4), pp. 1-22.
- Pais, José Machado (1998), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Pais, José Machado, Manuel Villaverde Cabral e Jorge Vala (orgs.) (2001), "O que explica a religião dos Portugueses? Um ensaio de análise tipológica", em Machado Pais, Villaverde Cabral e Jorge Vala (orgs), *Religião e Bioética*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado (2007), "Cotidiano e reflexividade", *Educação & Sociedade*, 28, (98), pp 23-46 Campinas.
- Pais, Paulo (coord) (2011), "Projeções Demográficas", *Revisão do Plano Diretor Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa. Direção Municipal de Planeamento, Reabilitação e Gestão Urbanística.
- Pareto, V. (1981), *Manuel d'économie politique*, Genève, Librairie Droz.

- Pease, K. Farrell, G. (2011), "Climate change and crime", *Springer*, pp. 149-162.
- PECSAC (2009), *Alterações Climáticas - Sintra. Plano Estratégico do Concelho de Sintra face às Alterações Climáticas*. Relatório executivo e Integrador. F. Duarte Santos e R. Aguiar (Editores). Câmara Municipal de Sintra, Sintra pp. ISBN: 978-989-96193-0-2.
- Perestrelo, Margarida (2000), Prospetiva: "Planeamento Estratégico e Avaliação." Comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia. *Sociedade Portuguesa: Passados Recentes e Futuros Próximos*, 17 a 19 de abril de 2000, Coimbra.
- Perestrelo, Margarida (1996), "Estratégias de atores: prospetiva e avaliação", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 22, pp. 81-94.
- Pestana, Maria Helena, e João Nunes Gageiro (2005), *Descobrimo a Regressão com a Complementaridade do SPSS*, Lisboa, Edições Silabo.
- Pestana, Maria Helena, e João Nunes Gageiro (2008), *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS*, Lisboa, Edições Silabo.
- Petersen, John L. (1997), "The Wild Cards in Our Future Surprises: Preparing for the Improbable", *The Futurist*, July-August.
- Petrella, R. (1990), "Reflexões sobre o futuro de Portugal e da Europa", *Portugal, os próximos 20 anos*, VII, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinto, Madureira (org), Augusto Silva (1986), *Metodologia das ciências sociais*. Porto, Edições Afrontamento
- Pires, Rui (1998), "A teoria da estruturação de Anthony Giddens: apresentação e bibliografia", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 4.
- Pires, Rui (2007), "Árvores conceptuais. Uma reconstituição multidimensional dos conceitos de ação e de estrutura", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53, pp. 11-50.
- Pires, Rui (1987) "Diferença e Progresso: A Tipologia Tradicional/Moderno Na Sociologia Do Desenvolvimento Sociologia", *Problemas e Práticas*, 87 (3), pp. 149-162.
- Plano de Implementação da Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (2007), Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico (coordenação). Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Departamento de Prospetiva e Planeamento e Relações Internacionais e Agência Portuguesa do Ambiente. [http://www.cnel.gov.pt/document/ENDS-PIENDS\\_2015.pdf](http://www.cnel.gov.pt/document/ENDS-PIENDS_2015.pdf) (consultado em 16/02/2011).
- Presti, Alberto (1996), "Futures research and complexity: A critical analysis from the perspective of social science", *Futures*, 28, 10, pp. 891-902.
- Presti, Alberto (1999), "The logical Exchange between futures studies and social sciences", *International Review of Sociology*, 9 (3), pp. 311-320.
- Programa das Nações Unidas para o Ambiente PNUMA (2011), Rumo a uma economia verde. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza – Síntese para Tomadores de Decisão.
- Quijano, Aníbal (2001), "El regreso del futuro y las cuestiones del conocimiento", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 61, pp. 63-77.
- Quivy, R. e L.V. Campenhoudt (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva
- Raizer, Leandro (2011), "Anthony Giddens e as políticas da mudança climática", *Sociologias*, 13 (26) pp. 364-369.
- Ralston, Bill, Ian Wilson (2006), *The Scenario Planning Handbook*, Thomason.

- Reuter, Thomas (2009), "Faith in the future: Climate change at the World Parliament of Religions", *Anthropological Society*, Soapbox Forum, pp. 260-265.
- Ribeiro, Félix (coord.) (1997), *Prospetiva e Cenários- Uma Breve Introdução Metodológica*, Lisboa, Departamento de Prospetiva e Planeamento da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional- Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território.
- Ribeiro, Félix (2005), *Diagnóstico e Prospetiva dos Locais: Uma Breve Exploração do Caso da Área Metropolitana de Lisboa*, Departamento de Prospetiva e Planeamento. Disponível em [http://www.dpp.pt/pages/files/diagnóstico\\_prospetiva\\_locais.pdf](http://www.dpp.pt/pages/files/diagnóstico_prospetiva_locais.pdf).
- Ribeiro, Félix, Paulo Carvalho (2006), *Futuros Alternativos para Portugal no Horizonte 2015. Simulação de um Processo Interativo de Cenarização*, Oeiras, INA.
- Robinson, J., Godbey, G. (2005), "Time in our hands", *The Futurist*. Set- Oct, pp. 18-22.
- Roussel, Louis (1992), "O futuro da família", *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 11, pp. 165-179.
- Salum, Brasílio Jr. (2005), "O futuro das ciências sociais: a sociologia em questão", *Sociologia Problemas e Práticas*, 48, pp. 19-26.
- Santos, Filipe Duarte e Ricardo Aguiar (2007), *Climate Change: Mitigation Strategies In Portugal. Modelo de Prospetiva para Emissões de Gases com Efeito de Estufa em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santana, Paula (2010), "A Cidade e a Saúde", *Análise Social*, XLV (1), pp. 184-187.
- Santos, Filipe Duarte, K. Forbes, R. Moita (Editores) (2001), *Mudança Climática em Portugal. Cenários, Impactes e medidas de adaptação-* SIAM. Project, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, Filipe Duarte (2006), "Problemática das Alterações Climáticas no início do século XXI", in F.D. Santos e P. Miranda (editores), *Alterações Climáticas em Portugal. Cenários, Impactes e Medidas de Adaptação – Projeto SIAM II*, Gradiva, Lisboa, pp. 17-43.
- Santos, Filipe. M.J. Cruz (Editores), *PECAC (2010). Plano Estratégico de Cascais face às Alterações Climáticas. Relatório Executivo e Integrador*, Câmara Municipal de Cascais.
- Santos, Filipe Duarte (2011), "Os desafios do desenvolvimento sustentável", *Partilhar o Futuro*, Coleção Calouste Gulbenkian do Ambiente, Esfera do Caos, pp.119 -135.
- Santos, Filipe Duarte (2012), *Alterações Globais. Os desafios e os riscos presentes e futuros*. Lisboa, Fundação Manuel dos Santos.
- Saragoça, José (2010), *Governo Eletrónico Local: Diagnóstico Sociológico, Estratégia de Atores e Futuros Possíveis para o Distrito de Évora*, Portugal, Tese de Doutoramento.
- Sartore Marina de Souza (2012), "A sociologia dos índices de sustentabilidade", *Tempo Social*, 24, (2), pp. 169-187.
- Schmidt, Luísa, Maria Inês Mansinho (1994), "A emergência do ambiente nas ciências sociais: análise de um inventário bibliográfico", *Análise Social*, Vol. XXIX (1.º-2.º) 125-126, pp. 441-481.
- Schmidt, Luísa, Aida Valadas (1996), "Questões ambientais – conhecimentos, preocupações e sensibilidades", *Análise Social*, Vol. XXXI (1.º), 135, pp. 205-227.
- Schmidt, Luísa (1999), "Sociologia do ambiente: genealogia de uma dupla emergência", *Análise Social*, Vol. XXXIV.150, pp. 175-210.
- Schmidt, Luísa, (2000), "Portugal Ambiental, Casos & Causas", *Análise Social*, Vol. XXXV 154-155, pp. 456-458.

- Schmidt, Luísa e N. Joaquim (2003), “As alterações Climáticas no Quotidiano. Estudo Comportamental de Curta Duração”, Lisboa.
- Schmidt, Luísa, Delicado, Ana et al (2013), “Change in the way we live and plan the coast: stakeholders discussions on future scenarios and adaptation strategies”, *Journal of Coastal Research*, 65, pp. 1033-1038.
- Schutz, Alfred (1979), *Fenomenologia e Relações Sociais*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Schwartz Peter (1996), *The Art of the Long View: Planning for the Future in an Uncertain World*, Doubleday.
- Schwartz, Peter (2003), *Inevitable Surprises: Thinking Ahead in a Time of Turbulence*, Gotham/Penguin.
- Shabani, F., L. Kumar, S. Taylor, (2012), *Climate Change Impacts on the Future Distribution of Date Palms: A modeling exercise using CLIMEX, PLoS I One*, 7 (10), 1-13.
- Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (2001) (orgs.), *Metodologia das ciências sociais*, Porto, Afrontamento.
- Silva, Graça da (2010), “Incorporação Crescente das Preocupações Ambientais e de Sustentabilidade no Planeamento e Gestão Urbanas\_SD25”, Departamento de Prospetiva e Planeamento e Relações Internacionais Projeto “Horizon Scanning DPP”.
- Slawinski, Natalie, Pratima Bansal (2012), “A Matter of Time: The Temporal Perspectives of Organizational Responses to Climate Change”, *Organisation Studies*, Sage, pp.1538-1561.
- Slaughter, Richard (1995), *The Foresight Principle: Cultural Recovery in the 21st Century*, Praeger Adamantine.
- Slaughter, Richard (1996), “The Knowledge Base of Future Studies as an Evolving Process”, *Futures*. 28 (9).
- Slaughter, Richard (2005), *The Knowledge Base of Futures Studies*, Foresight International. Professional Edition, CD-ROM.
- Sorokin, A. Pitirim, Robert Merton (1937), “Social Time: A Methodological And Functional Analysis”, *The American Journal of Sociology*, 5 (XLII), pp.615-629.
- Stevenson, Tony (2006), “Eleonora Masini: Nurturing visions of the future”, *Futures*, 38, pp. 1146-1157.
- Swartz, David (2008), “Bringing Bourdieu’s master concepts into organizational analysis”, *Theor Sociology* 37 pp. 45-52.
- Sweetman, P. (2003), “Twenty first century dis-ease? Habitual reflexivity or the reflexive habitus”, *The Sociological Review*, pp. 528-549.
- Szlechter, D. (2009), “Tiempo y disciplina en gerentes de empresas trasnacionales en Buenos Aires”, *Revista Ciencias Sociales*, (125), pp. 141-150.
- Taleb, Nassim Nicholas (2007), *The Black Swan: The Impact of the Highly Improbable*, Random House.
- Tavares, Alexandre Oliveira, José Manuel Mendes e Eduardo Basto (2003), “Perceção dos riscos naturais e tecnológicos, confiança institucional e preparação para situações de emergência: O caso de Portugal continental”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 93, pp. 167-193.
- Threadgold, Steven e Pam Nilan (2009), “Reflexivity of Contemporary Youth, Risk and Cultural Capital”, *Current Sociology*, 57, (1), pp. 47-68.
- Tocqueville, Alexis de (1981), *De la démocratie en Amérique*, Paris, Flammarion.

- Tocqueville, Alexis de (1995), textos transcritos em Manuel Braga da Cruz, Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de textos), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Toffler, Alain (1970), *Future shock*, New York, Random House.
- Toffler, Alain (1980), *The third wave*, New York, Bantam.
- Tough, Allen (1995), "A message from future generations", *The Futurist*, 29, (2) pp. 30-32.
- Touraine, Alain (1970), *A sociedade pós-industrial*, Lisboa, Moraes Editores.
- Touraine, A. (1994), *Crítica da Modernidade*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Turner, Bryan (2002), *Teoria Social*, Algés, Difel 82, Difusão Editorial.
- Urry, J. (2008), *Travel change, climate and complex futures. The British journal of sociology Oxford*. Blackwell Publishing Ltd., 59 (2), 261-279.
- Vala, Jorge, Villaverde Cabral e Alice Ramos (2003), *Atitudes Sociais dos Portugueses. Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Viegas, José Manuel, Firmino da Costa (orgs.) (1998), "Introdução" em José Viegas e Firmino da Costa (org.), *Portugal, Que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp. 1-16.
- Young, Nathan e Eric Dugas (2011), "Representations of Climate change in Canadian National Print Media: the Banalization of Global Warming", *Canadian Sociological Association*, 48 (1), pp. 1-22.
- Wallerstein, I (1984), *The Politics of the World Economy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Weber, Max (1994,1992), *Economía y Sociedad*, México, Fondo de Cultura Económica.
- Weber, Max (1971), *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Weber, Max (1979), *O político e o cientista*, Lisboa, Presença.
- Weber, Max (1983), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Lisboa, Editorial Presença.
- Weber, Max (1995), textos transcritos em Manuel Braga da Cruz, Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de textos), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wajcman, J. (2008), "Life in the fast lane? Towards a sociology of technology and time", *The British Journal of Sociology*, 59 (1) pp. 59-77.
- White, R. (2011), "Climate change, uncertain futures and the sociology of youth", *Youth studies Australia* 30 (3), pp. 13-18.
- Wilenius, M. (1999), "Tales of transition: Future Studies and Sociological Explanation", *International Review of Sociology*, 9 (3), pp. 373-385.



## **Anexos**

<b>Anexo A</b>	Questionário.....	II
<b>Anexo B</b>	População residente segundo o nível de escolaridade mais elevado completo.....	VII
<b>Anexo C</b>	Quadros complementares à caracterização social.....	VIII

## **Anexos**

**Anexo A** Questionário.....II

**Anexo B** População residente segundo o nível de escolaridade mais elevado completo..... VII

**Anexo C** Quadros complementares à caracterização social.....VIII

Este questionário faz parte de uma pequena investigação no âmbito do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE-IUL, sobre as opiniões dos lisboetas sobre questões sociais e ambientais. Agradecemos pelo tempo que irá despende a responder às nossas questões.

**P1 Sexo**

Masculino	1
Feminino	2

**P2 Idade** \_\_\_\_\_ anos

**P4 Onde nasceu?**

Concelho	1
Freguesia	2
Não responde	99

**P6 Qual o grau de escolaridade que completou?**

Nenhum	1
1º Ciclo do ensino básico (4ª classe)	2
2º Ciclo do ensino básico (5º e 6º ano do preparatório)	3
3º Ciclo do ensino básico (9ª ano / 5º ano do liceu)	4
Secundário (12ºano / 7º liceu, comercio ou formação feminina)	5
Superior	6
Não sabe/ Não responde	99

**P8 Qual é a sua profissão principal? (actual ou última no caso de não estar a trabalhar).**

Forças armadas	1
Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas.	2
Especialistas das profissões intelectuais e científicas.	3
Técnicos e profissionais de nível profissional	4
Pessoal administrativo e similar	5
Pessoal dos serviços e vendedores	6
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	7
Operários e artífices e trabalhadores similares	8
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	9
Trabalhadores não qualificados	10
Não sabe/ Não responde	99

**P3 Situação Conjugal**

Vive actualmente em situação conjugal (casado/ união de facto)	1
Não vive actualmente em situação conjugal mas já viveu	2
Nunca viveu em situação conjugal	3
Não responde	99

**P5 Onde reside actualmente?**

Concelho	1
Freguesia	2
Não responde	99

**P7 Qual é a sua condição perante o trabalho?**

Exerce uma profissão	1
Ocupa-se das tarefas do lar	2
Estudante	3
Reformado(a) / Pré-reformado(a)	4
Desempregado(a)	5
Outra situação	6
Não sabe/ Não responde	99

**P9 Qual é/era a designação da sua profissão principal?**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**P10 Qual a sua situação nessa profissão? (actual ou última)**

Patrão por conta própria com menos de 10 empregados.	1
Patrão por conta própria com mais de 10 empregados.	2
Trabalhador por conta de outrem.	3
Trabalhador por conta própria.	4
Não sabe/ Não responde	99

**P11 A organização para quem trabalha ou trabalhou na última profissão, pertence a qual dos seguintes tipos?**

Governo central ou local	1
Empresa do Estado	2
Empresa do sector privado	3
Outra. Qual?	4
Não sabe/ Não responde	99

**P12 Diga-nos por favor como se posiciona politicamente?**

Extrema-esquerda	Esquerda	Centro Esquerda	Centro Direita	Direita	Extrema-direita
1	2	3	4	5	6

Não sabe /Não responde 99

**P13 Diga-nos por favor como se classifica em relação à religião?**

Católica Praticante	1
Católica não Praticante	2
Outra religião. Qual?	4
Não sabe / Não responde	99

**Orientações Sociais**

**P14 Diga-nos por favor entre as duas afirmações qual a que melhor define a sua maneira de ser e de pensar?**

É certo que as pessoas são diferentes umas das outras. Mas é sempre possível diminuir as desigualdades sociais entre elas.	1
Ou	
É certo que as pessoas são diferentes umas das outras e as desigualdades sociais entre elas são inevitáveis.	2
Não sabe/Não responde	99

**P15 Diga-nos por favor entre as duas afirmações qual a que melhor define a sua maneira de ser e de pensar?**

A nossa posição na sociedade depende sobretudo de termos objectivos na vida e de nos esforçarmos por os atingir.	1
Ou	
Por mais que façamos, a nossa posição na sociedade depende sobretudo de coisas que não podemos controlar.	2
Não sabe/Não responde	99

**Reflexividade**

**P16 Diga-nos por favor, com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?**

Sempre	1
Muitas vezes	2
Algumas vezes	3
Raramente ou nunca	4
Não sabe/ Não responde	99

**Relação com o tempo**

**P17 Diga – nos por favor com que frase se identifica mais.**

Recordar é viver e viver é recordar	1
Nascemos para viver intensamente o dia-a-dia	2
Sem projectos para o futuro a vida não tem sentido	3
Não sabe / Não responde	99

**Futuro**

**P18 Diga - nos por favor em que medida gosta de planear e preparar o futuro?**

Gosto muito	1
Gosto medianamente	2
Gosto pouco	3
Não gosto	4
Não sabe/ Não responde	99

**P19 Diga-nos por favor em que medida concorda ou discorda com:**

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo Totalmente	Não sabe Não responde	
O Futuro está nas mãos dos cientistas	1	2	3	4	99	19.1
O Futuro está nas mãos das instituições financeiras	1	2	3	4	99	19.2
O Futuro está nas mãos de Deus	1	2	3	4	99	19.3
O Futuro está nas mãos dos políticos	1	2	3	4	99	19.4
O Futuro está nas mãos de todos nós	1	2	3	4	99	19.5
O Futuro está nas mãos das grandes empresas	1	2	3	4	99	19.6
O Futuro depende das leis da natureza.	1	2	3	4	99	19.7
Outro, qual?	1	2	3	4	99	19.8

**P20 Diga-nos por favor com qual das afirmações melhor se identifica.**

Devemos preocupar – nos com o futuro dos nossos filhos e netos e deixar que os outros cuidem dos seus.

Ou

Devemos preocupar-nos com o futuro dos nossos filhos e netos e com os das outras pessoas.

Não sabe/Não responde

**P21 Possui algum tipo de poupança?**

Sim

Não

Não sabe / Não responde

**P22 Se sim, que tipos de poupanças?**

Conta bancária

Investimentos

Fundos de pensões privadas

Fundos de pensões do estado

Propriedades

Plano Poupança Reforma

Não sabe / Não responde

**P23 Diga-nos por favor com qual das afirmações melhor se identifica.**

Devemos preocupar-nos com os problemas das próximas gerações.

Ou

Cada geração tem os seus problemas e deve ser ela a resolvê-los.

Não sabe/Não responde

**P24 Costuma fazer projectos na sua vida?**

Sim

Não

Não sabe / Não responde

**P25 Se sim, com que frequência faz projectos?**

	Muita	Alguma	Pouca	Nunca	n/s n/r	
Longo Prazo (20/30 anos)	1	2	3	4	99	25.1
Médio Prazo (5 anos)	1	2	3	4	99	25.2
Curto Prazo (até 1 ano)	1	2	3	4	99	25.3

**P26 Esses projectos são:**

Projectos sobretudo individuais

Projectos envolvendo familiares

Não sabe / Não responde

**Sustentabilidade e ambiente**

**P27 Diga-nos por favor com que frase melhor se identifica:**

Estou disponível para fazer sacrifícios para que as próximas gerações possam ter uma qualidade de vida como a nossa.

Ou

Devemos apreciar o que conquistámos em qualidade de vida e deixar que as próximas gerações possam também conquistar a sua qualidade de vida

Não sabe/Não responde

**P28 Preocupa -se com o futuro do planeta e da vida na terra?**

Muitas vezes

Algumas vezes

Poucas vezes

Raramente ou nunca

Não sabe/ Não responde

**P29 Diga-nos por favor com qual das afirmações melhor se identifica.**

O futuro da vida na terra é sobretudo um problema das gerações mais novas. 

1
---

  
Ou  
O futuro da vida na terra é tanto um problema da nossa geração como das gerações mais novas. 

2
---

  
Não sabe/Não responde 

99
----

**P32 É membro de algum grupo cujo objectivo principal seja preservar ou proteger o ambiente?**

Sim 

1
---

  
Não 

2
---

  
Não sabe / Não responde 

99
----

**P30 Receia que os recursos naturais do planeta se esgotem?**

Sim 

1
---

  
Não 

2
---

  
Não sabe / Não responde 

99
----

**P31 Qual o seu grau de disponibilidade para fazer mudanças difíceis na sua vida se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa?**

Totalmente disponível 

1
---

  
Disponível em parte 

2
---

  
Indisponível em parte 

3
---

  
Totalmente indisponível 

4
---

  
Não sabe/ Não responde 

99
----

**P33 Estaria disponível para comprar electrodomésticos que consomem menos energia embora um pouco mais caros?**

Estaria disposto 

1
---

  
Já o faz 

2
---

  
Não estaria disposto 

3
---

  
Não sabe/ Não responde 

99
----

**Mudanças Climáticas**

**P34 Acha que o clima em Lisboa está a mudar?**

Sim 

1
---

  
Não 

2
---

  
Não sabe / Não responde 

99
----

Não sabe / Não responde 

99
----

**P35 Está mais preocupado com:**

O tempo que vai fazer no próximo verão 

1
---

  
Ou  
As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro 

2
---

  
Não sabe/Não responde 

99
----

**P38 Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão?**

Muito negativos 

1
---

  
Medianamente negativos 

2
---

  
Pouco negativos 

3
---

  
Não serão negativos 

4
---

  
Não sabe/ Não responde 

99
----

**P36 Acha que a acção humana é responsável pelas mudanças climáticas?**

Sim 

1
---

  
Não 

2
---

  
Não sabe / Não responde 

99
----

**P39 Na sua opinião, qual lhe parece ser a causa mais directa das mudanças climáticas?**

**P37 De uma forma geral considera que:**

Devemos estar muito preocupados com as mudanças climáticas 

1
---

  
Devemos estar moderadamente preocupados com as mudanças climáticas 

2
---

  
Devemos estar pouco preocupados com as mudanças climáticas 

3
---

  
Não devemos estar preocupados com as mudanças climáticas. 

4
---

Diminuição da camada de ozono na atmosfera 

1
---

  
Alterações na actividade solar 

2
---

  
Aumento da quantidade de dióxido de carbono na atmosfera 

3
---

  
Grandes erupções vulcânicas 

4
---

  
Não sabe/Não responde 

99
----

**P40 Qual o grau de responsabilidade na procura de soluções para as mudanças climáticas que devem ter:**

	Elevado	Médio	Baixo	Nenhum	Não sabe/ Não responde	
Cidadãos	1	2	3	4	99	40.1
União Europeia	1	2	3	4	99	40.2
Empresas	1	2	3	4	99	40.3
ONU/outras org. Internacionais	1	2	3	4	99	40.4
Câmara Municipal Lisboa	1	2	3	4	99	40.5
Sec. Estado Ambiente	1	2	3	4	99	40.6
Associações Defesa Q. Vida	1	2	3	4	99	40.7
Universidades e Centros Investigação	1	2	3	4	99	40.8

**P41 Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo para o controle das mudanças climáticas em Lisboa?**

Estaria disposto	1
Já o faz	2
Não estaria disposto	3
Não sabe/ Não responde	99

**P42 Como acha que Lisboa será daqui a 30 anos?**

Terá uma boa rede de transportes públicos não poluentes	
Haverá um ligeiro aumento da temperatura e redução da precipitação	1
Ou	
As deslocações em transporte individual serão predominantes.	
Haverá ondas de calor excessivo provocando doenças tropicais.	2
Não sabe/ Não responde	99

**Muito obrigado pela sua colaboração!**

**Novembro de 2011**

**Anexo B** População residente segundo o nível de escolaridade mais elevado completo por sexos, 2011

Local de residência (à data dos Censos 2011)	Nível de escolaridade mais elevado completo	População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Nível de escolaridade mais elevado completo; Decenal			População residente (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Nível de escolaridade mais elevado completo; Decenal		
		HM	H	M	HM	H	M
		N.º	N.º	N.º	%	%	%
Portugal	Total	10562178	5046600	5515578	100	47,78	52,22
	Nenhum	1999754	867850	1131904	18,93	8,22	10,72
	Básico - 1.º ciclo	2688308	1293408	1394900	25,45	12,25	13,21
	Básico - 2.º ciclo	1412580	769232	643348	13,37	7,28	6,09
	Básico - 3.º ciclo	1716970	899270	817700	16,26	8,51	7,74
	Secundário e pós secundário	1499824	726435	773389	14,20	6,88	7,32
	Superior	1244742	490405	754337	11,78	4,64	7,14
Lisboa (AML)	Total	2821876	1334605	1487271	100,00	47,29	52,71
	Nenhum	474077	212097	261980	16,80	7,52	9,28
	Básico - 1.º ciclo	587392	265901	321491	20,82	9,42	11,39
	Básico - 2.º ciclo	318909	170235	148674	11,30	6,03	5,27
	Básico - 3.º ciclo	486881	251313	235568	17,25	8,91	8,35
	Secundário e pós secundário	488344	240281	248063	17,31	8,51	8,79
	Superior	466273	194778	271495	16,52	6,90	9,62
Lisboa	Total	547733	250874	296859	100,00	45,80	54,20
	Nenhum	82038	35026	47012	14,98	6,39	8,58
	Básico - 1.º ciclo	107156	45072	62084	19,56	8,23	11,33
	Básico - 2.º ciclo	49333	25154	24179	9,01	4,59	4,41
	Básico - 3.º ciclo	74782	36592	38190	13,65	6,68	6,97
	Secundário e pós secundário	86011	42936	43075	15,70	7,84	7,86
	Superior	148413	66094	82319	27,10	12,07	15,03

Fonte: INE, Censos 2011



## Anexo C Análise de Dados – Caracterização social

**Quadro 01** Sexo e Local de nascimento (frequência, percentagem em linha, em coluna e em relação ao total)

Sexo	Onde nasceu	
	Nasceu em Lisboa	Nasceu fora de Lisboa
Masculino	101	84
	54,6	45,4
	46,1	50,9
	26,3	21,9
Feminino	118	81
	59,3	40,7
	53,9	49,1
	30,7	21,1

**Quadro 02** Tipologia de freguesia e Grau de escolaridade (frequência e percentagem em linha)

Tipologia de freguesia	Grau de escolaridade				
	Até 1.º Ciclo do ensino básico	2.º Ciclo do ensino básico	3.º Ciclo do ensino básico	Secundário	Superior
Urbana	37	22	38	95	110
	12,3	7,3	12,6	31,5	36,4
Semi urbana	8	2	2	3	7
	36,4	9,1	9,1	13,6	31,8
Rural	14	3	7	4	9
	37,8	8,1	18,9	10,8	24,3
Não aplicável	0	0	0	9	14
	0	0	0	39,1	60,9

**Quadro 03** Sexo e Condição perante o trabalho (frequência, percentagem em linha)

Sexo	Condição perante o trabalho				
	Exerce uma profissão	Ocupa-se das tarefas do lar	Estudante	Reformado ou pré-reformado	Desempregado
Masculino	101	0	16	61	7
	54,6	0	8,6	33	3,8
Feminino	109	6	16	62	6
	54,8	3	8	31,2	3

**Quadro 04** Grupo etário e Condição perante o trabalho (frequência e percentagem em linha)

Grupo etário	Condição perante o trabalho				
	Exerce uma profissão	Ocupa-se das tarefas do lar	Estudante	Reformado ou pré-reformado	Desempregado
15-29	30	0	31	0	3
	47	0	48	0	5
30-44	78	1	1	1	7
	89	1	1	1	8
45-64	102	0	0	13	3
	86	0	0	11	3
> 65	0	5	0	109	0
	0	4	0	96	0

**Quadro 05** Sexo e profissão principal (percentagem em linha)

Sexo	Qual a sua profissão principal <sup>81</sup>										Não se aplica
	FA	QSAPDQSE	EPIC	TPNI	PA	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ	
Masculino	2	7	44	26	34	19	1	19	8	9	16
	1,1	3,8	23,8	14,1	18,4	10,3	0,5	10,3	4,3	4,9	8,6
Feminino	1	3	55	21	45	19	0	11	4	19	21
	0,5	1,5	27,6	10,6	22,6	9,5	0	5,5	2	9,5	10,6

**Quadro 06** Grupo etário e profissão principal (percentagem em linha)

Grupo etário	Qual a sua profissão principal <sup>82</sup>										Não se aplica
	FA	QSAPDQSE	EPLIC	TPNI	PA	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ	
15-29	0	0	7	4	9	6	0	2	1	4	31
	0	0	10,9	6,3	14,1	9,4	0	3,1	1,6	6,3	48,4
30-44	1	3	37	8	17	13	0	3	1	4	1
	1,1	3,4	42	9,1	19,3	14,8	0	3,4	1,1	4,5	1,1
45-64	1	5	40	22	27	13	1	6	1	2	0
	0,8	4,2	33,9	18,6	22,9	11	0,8	5,1	0,8	1,7	0
mais de 65	1	2	15	13	26	6	0	19	9	18	5
	0,9	1,8	13,2	11,4	22,8	5,3	0	16,7	7,9	15,8	4,4

<sup>81</sup> FA- Forças Armadas, QSAPDQSE- Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas, EPIC - Especialistas das profissões intelectuais e científicas, TPNI -Técnicos e profissionais de nível intermédio, PA - Pessoal administrativo, PSV - Pessoal dos serviços e vendedores, ATQAP - Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas, OATS - Operários e artífices e trabalhadores similares, OIMTM - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem, TNQ - Trabalhadores não qualificados

<sup>82</sup> Idem

**Quadro 06** Grau de escolaridade e profissão principal (percentagens em linha)

Grau de Escolaridade	Qual a sua profissão principal <sup>83</sup>									
	FA	QSAPDQSE	EPILC	TPNI	PA	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ
Básico	0	0	0	10	28	25	0	28	12	25
	0	0	0	7,8	21,9	19,5	0	21,9	9,4	19,5
Secundário	0	0	4	20	41	12	1	2	0	3
	0	0	4,8	24,1	49,4	14,5	1,2	2,4	0	3,6
Superior	3	10	95	17	10	1	0	0	0	0
	2,2	7,4	69,9	12,5	7,4	7	0	0	0	0

**Quadro 07** Grau de escolaridade e situação na profissão (percentagens em linha)

Grau de Escolaridade	Situação na profissão			
	Patrão conta própria com menos 10 empregados	Patrão conta própria com mais 10 empregados	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta própria
Básico	3	1	115	9
	2,3	0,8	89,8	7
Secundário	0	0	77	6
	0	0	92,8	7,2
Superior	6	3	117	10
	4,4	2,2	86	7,4

<sup>83</sup> Idem

**Quadro 08** Grupo etário e situação na profissão (percentagens em linha)

Grupo etário	Situação na profissão			
	Patrão conta própria menos 10 empregados	Patrão conta própria mais 10 empregados	Trabalhador conta outrem	Trabalhador conta própria
15-29	0	0	29	4
	0	0	87,9	12,1
30-44	5	1	74	7
	5,7	1,1	85,1	8
45-64	3	2	104	9
	2,5	1,7	88,1	7,6
mais de 65	1	1	102	5
	0,9	0,9	93,6	4,6

**Quadro 09** Sexo e Situação na Profissão (percentagens em linha)

Sexo	Situação na profissão			
	Patrão conta própria menos 10 empregados	Patrão conta própria mais 10 empregados	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta própria
Masculino	6	3	145	15
	3,6	1,8	85,8	8,9
Feminino	3	1	164	10
	1,7	0,6	92,1	5,6

**Quadro 10** Sexo e tipologia da organização onde trabalha (percentagens em coluna)

Sexo	Tipologia da organização onde trabalha				Total
	Governo central ou local	Empresa do estado	Empresa do sector privado	outra	
Masculino	52	14	99	4	169
	46,0	34,1	52,7	80,0	48,7
Feminino	61	27	89	1	178
	54,0	65,9	47,3	20,0	51,3